

Maria de Lurdes dos Santos Ferreira

2º Ciclo de Estudos em Linguística

**CONTRIBUTOS PARA UMA DEFINIÇÃO DE PALAVRA  
FONOLÓGICA**

2012

Orientador: Prof. Doutor João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

Classificação: Ciclo de estudos

Dissertação

Versão definitiva



## *Índice*

Índice de Quadros .....	v
Índice de Figuras .....	vi
Resumo .....	vii
Abstract .....	viii
Agradecimentos .....	ix
Introdução .....	2
1. Objeto de estudo .....	6
2. Objetivos .....	7
3. Plano do trabalho .....	8
I. PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	10
I. CAPÍTULO - CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PALAVRA PROSÓDICA .....	12
0. Introdução.....	14
1. Quadro teórico .....	15
2. Características da palavra prosódica .....	18
2.1. Condição de minimalidade .....	19
2.2. Domínio da silabificação .....	23
2.3. Domínio de restrições fonotáticas .....	29
2.4. Domínio da atribuição do acento .....	34
2.4.1. Acentuação em Português .....	35
2.4.2. Acentuação em Espanhol.....	38
2.4.3. Acentuação em Francês .....	39
2.4.4. Acentuação em Inglês .....	40
2.4.5. Acentuação em Alemão.....	41
2.5. Domínio de aplicação de regras e processos fonológicos .....	42
2.5.1. Indicadores alofónicos .....	43
2.5.2. Harmonização vocálica (Metafonia) .....	43
2.5.3. Outros processos fonológicos .....	45
2.5.3.1. Neutralização das vogais átonas.....	45
2.5.3.2. Neutralização da vogal média baixa.....	46
2.5.3.3. Desvozeamento de consoantes fricativas.....	46
2.5.3.4. Obstrução glotal .....	46

2.5.3.5. Realização do grafema <i>ch</i> como palatal ou velar em alemão.....	47
2.5.3.6. Semivocalização.....	47
2.5.3.7. Ditongação de vogais médias acentuadas .....	47
3. Conclusão .....	48
<b>II. CAPÍTULO - ESTATUTO FONOLÓGICOS DE ALGUMAS ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS COMPLEXAS .....</b>	<b>50</b>
0. Introdução.....	52
1. Grupo Clítico .....	53
1.1. Características gerais dos clíticos .....	53
1.2. Subclasses do clítico .....	56
1.3. Relação entre o clítico e o hospedeiro.....	58
1.4. Processos fonológicos que motivam o constituinte prosódico – Grupo Clítico.....	62
2. Grupo de Palavra Prosódica .....	64
2.1. Mesóclise.....	64
2.2. Palavras derivadas com afixos independentes da base.....	67
2.2.1. Características gerais dos afixos .....	67
2.2. 1.1. Algumas particularidades dos prefixos.....	69
2.2.1.2. Algumas particularidades dos sufixos .....	73
2.2.1.2.1. Algumas particularidades do sufixo <i>–mente</i> .....	74
2.2.1.2.2. Algumas particularidades do sufixo <i>–zinho</i> .....	75
2.3. Palavras compostas .....	78
2.3.1. Características gerais dos compostos .....	78
2.3.2. Tipos de compostos .....	82
3. Conclusão .....	88
<b>II. PARTE - ESTUDO EXPERIMENTAL .....</b>	<b>90</b>
<b>III. CAPÍTULO – METODOLOGIA .....</b>	<b>92</b>
0. Introdução.....	94
1. Objetivos do estudo.....	94
2. Metodologia.....	97
<b>IV. CAPÍTULO – RESULTADOS .....</b>	<b>108</b>
0. Introdução.....	110
1. Apresentação de Resultados .....	110
1.1. Análise da associação entre clítico e palavra.....	111
1.1.1. Associação entre clítico e nome .....	112
1.1.1.1. Análise do desempenho dos grupos .....	112

1.1.1.2. Comparação entre o desempenho dos grupos .....	113
1.1.2. Associação entre clítico e verbo.....	115
1.1.2.1. Análise do desempenho dos grupos .....	115
1.1.2.2. Comparação entre o desempenho dos grupos .....	116
2. Análise da associação entre afixo e palavra, entre radicais ou entre palavras.....	117
2.1. Análise do desempenho dos grupos .....	117
2.2. Comparação entre o desempenho dos grupos .....	119
3. Síntese dos Resultados .....	121
V. CAPÍTULO - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	122
0. Introdução.....	124
1. Análise dos dados por grupo .....	125
1.1. Associação entre clítico e palavra prosódica .....	125
1.1.1. Associação entre clítico e nome ou adjetivo.....	125
1.1.2. Associação entre clítico ou palavra gramatical e verbo.....	133
1.2. Associação entre afixo e palavra, entre palavras ou entre radicais .....	137
1.2.1. Associação entre afixo e palavra.....	137
1.2.2. Associação entre radicais ou entre palavras.....	141
1.3. Outras hipersegmentações .....	143
CONCLUSÕES .....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	154
ANEXOS .....	180
ANEXO A .....	182
Anexo A1. Tabela de referência .....	184
Anexo A2 - Análise comparativa de resultados referentes aos grupos A1, A2, B, C1 e C2 .....	185
Anexo A3 - Análise comparativa de resultados referentes aos grupos D, E, F e G .....	186
Anexo A4 - Análise comparativa de resultados referentes aos grupos H1, H2, I, J, L, M e N .....	187
Anexo A5 – Quadro Síntese das segmentações inesperadas. ....	188
ANEXO B .....	189
Anexo B1 – Intervalos de Confiança para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por <i>sexo</i> .....	192
Anexo B2 – Medidas descritivas para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por <i>sexo</i> .....	192
Anexo B3 – Análise do fator <i>sexo</i> para os grupos A1, A2, B, C1 e C2.....	193
Anexo B4 – Intervalos de Confiança para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por <i>sexo</i> .....	194
Anexo B5 – Medidas descritivas para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por <i>sexo</i> .....	194
Anexo B6 – Análise do fator <i>sexo</i> para os grupos D, E1, E2, F e G.....	195
Anexo B7 – Intervalos de Confiança para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por <i>sexo</i> ...	196

Anexo B8 – Medidas descritivas para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por <i>sexo</i> .....	196
Anexo B9 – Análise do fator <i>sexo</i> para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N .....	197
ANEXO C .....	199
Anexo C1 – Intervalos de Confiança para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por <i>tipo de escola</i> .....	202
Anexo C2 – Teste para a homogeneidade da variância .....	202
Anexo C3 – Medidas descritivas para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por <i>tipo de escola</i> .....	203
Anexo C4 – Análise do fator <i>tipo de escola</i> para os grupos A1, A2, B, C1 e C2 .....	204
Anexo C5 – Intervalos de Confiança para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por <i>tipo de escola</i> .....	205
Anexo C6 – Teste para a homogeneidade da variância .....	205
Anexo C7 – Medidas descritivas para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por <i>tipo de escola</i> ...	206
Anexo C8 – Análise do fator <i>tipo de escola</i> para os grupos D, E1, E2, F.....	207
Anexo C9 – Intervalos de Confiança para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por <i>tipo de escola</i> .....	208
Anexo C10 – Teste para a homogeneidade da variância.....	208
Anexo C11 – Medidas descritivas para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por <i>tipo de escola</i> .....	209
Anexo C12 – Análise do fator <i>tipo de escola</i> para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N .....	210

## *Índice de Quadros*

Quadro 1– Síntese das características da palavra nas línguas em estudo .....	49
Quadro 2 - Distribuição da população do estudo .....	97
Quadro 3 - Dados em estudo nos diferentes grupos .....	102
Quadro 4 - Valores absolutos e respetiva percentagem para os grupos A1, A2, B, C1 e C2. ....	112
Quadro 5 – Percentagem média para os grupos A1, A2, B, C1 e C2.....	113
Quadro 6 - Análise de resultados referentes aos grupos A1, A2, B, C1 e C2 .....	114
Quadro 7 - Valores absolutos e respetiva percentagem para os grupos D, E1, E2, F e G.....	115
Quadro 8 - Percentagem média para os grupos D, E1, E2, F e G .....	116
Quadro 9 - Análise de resultados referentes aos grupos D, E1, E2, F e G. ....	116
Quadro 10 - Valores absolutos e respetiva percentagem para o grupo J.....	118
Quadro 11 - Valores absolutos e respetiva percentagem para os grupos H1, H2, I, L, M e N. .....	118
Quadro 13 - Análise da existência de isomorfia entre palavra morfológica e palavra prosódica (grupos H1, H2, I, L, M e N). ....	119
Quadro 12 - Percentagem média para os grupos H1, H2, I, L, M e N. ....	119
Quadro 14 - Percentagem média para o grupo J .....	120
Quadro 15 - Análise da inexistência de isomorfia entre palavra morfológica e palavra prosódica (grupo J).....	120
Quadro 16 - Síntese dos resultados por grupo. ....	121

## *Índice de Figuras*

Figura 1 - Intervalos de Confiança para os diferentes testes dos grupos A1, A2, B, C1 e C2.....	112
Figura 2 -Intervalos de Confiança para o desempenho global por grupo (A1, A2, B, C1 e C2)..	113
Figura 3 - Intervalos de Confiança para os diferentes testes dos grupos D, E1, E2, F e G. ...	115
Figura 4 - Intervalos de Confiança para o desempenho global por grupo (D, E1, E2, F e G).	116
Figura 5 - Intervalos de Confiança para os diferentes testes dos grupos H1, H2, I, J, L, M e N..	118
Figura 6 - Intervalos de Confiança para o desempenho global por grupo (H1, H2, I, J, L, M e N).....	119



## ***Resumo***

A noção de *palavra* foi objeto de análise por várias áreas da linguística, apresentando em cada uma dessas áreas características diferentes. O nosso objeto de estudo circunscreve-se à noção de *palavra prosódica*.

O estudo desenvolvido visa estabelecer indicadores que permitam delimitar a *palavra* em fonologia. A busca de indicadores implicou uma divisão deste estudo em duas partes: uma teórica e outra prática. Na primeira, identificamos os indicadores referidos e verificamos a eficácia dos mesmos em cinco línguas europeias. Na segunda apresentamos um estudo experimental, no qual procuramos verificar que conceito de palavra existe numa criança, com cinco anos, antes de esta iniciar a aprendizagem da escrita e se esse conceito é influenciado por variáveis sociais.

Do nosso estudo destaca-se a seguinte conclusão: a noção de palavra prosódica difere da palavra gráfica, sendo os limites da primeira estabelecidos pela conjunção de diferentes indicadores – condição de minimalidade, silabificação, restrições fonotáticas, acento, regras e processos fonológicos – e motivados por questões rítmicas.

Entendemos que o presente trabalho poderá contribuir para uma definição de *palavra prosódica* em Português Europeu.

## *Abstract*

The notion of word has been analyzed by several fields of linguistics, having in each of these areas different characteristics. The object of our study is limited to the notion of phonological word.

This study aims at establishing indicators that allow us to define the word in phonology. The search for indicators led to a division of this work into two parts: one theoretical and another practical. In the first part, we identified the indicators and checked their efficacy in five European languages. In the second part, we presented an experimental study in which we sought to verify if a five-year-old child has the concept of word before learning how to write and if this concept is influenced by any social variables.

From our study we draw the following conclusion: the notion of phonological word differs from the written word, its boundaries are defined by the combination of different indicators - minimality condition, syllabification, phonotactic constraints, stress, phonological rules and processes- and are also motivated by rhythmic issues.

We believe this work can be a contribution to a definition of the phonological word in European Portuguese.

## *Agradecimentos*

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Doutor João Veloso por todo o apoio que me prestou, pelas orientações e referências bibliográficas que me disponibilizou e, especialmente, pela disponibilidade e paciência com que acompanhou este longo percurso de três anos.

Agradeço aos meus pais e aos meus irmãos, pelas mais diversas e indispensáveis formas de apoio que me deram, as quais tornaram possível a realização deste trabalho.

Agradeço às educadoras e às crianças da E. B. 1 / J. I. de Susão, integrada no Agrupamento Vertical *Vallis Longus*, e do Infantário *Jardim da Joana* que se disponibilizaram para participar neste estudo e àqueles que me ajudaram a entrar em contacto com os informantes.

Agradeço ao amigo Duarte Pinto a disponibilidade e o contributo para a realização da parte experimental deste trabalho.

Agradeço ao Gabinete de Estatística, Modelação e Aplicações Computacionais do Centro de Matemática da Universidade do Porto (GEMAC/CMUP), que efetuou a análise estatística deste trabalho.

Agradeço ainda aos Professores Leda Bisol, Luiz Carlos Schwindt, Ana Paula Cunha que amavelmente me facultaram alguma da bibliografia.

Agradeço à Ana Margarida Silva, ao Francisco Saraiva Fino e à Maria Isabel Henriques o carinho e o apoio manifestado em diferentes momentos deste trabalho.

Finalmente, a minha gratidão a todos os colegas e amigos que, com o seu interesse e a sua presença amiga, me acompanharam em todos os momentos desta dissertação.



# **INTRODUÇÃO**



A fala é um contínuo sonoro<sup>1</sup>, cuja segmentação é o produto de uma reflexão, da qual podem resultar diferentes unidades de análise. A segmentação desse contínuo sonoro em unidades gramaticais tem sido objeto de estudo e, embora existam sugestões acústicas e fonológicas que identificam um segmento, estas revelam-se reduzidas e variáveis na identificação dos limites das diferentes unidades gramaticais (Weber, 2000a). Seleccionamos para o nosso estudo uma dessas unidades – a palavra, assumida, por grande parte dos linguistas ocidentais até ao final do século XVIII, como a mais pequena unidade linguística, que apresenta uma realização, simultaneamente, fónica e significativa (Ducrot e Todorov, 1973:213).

Assim, a definição mais comum é a que distingue a palavra como forma livre mínima que pode ser isolada no discurso (Palmer, 1936; Jakobson, 1963; Chao, 1968; Bloomfield, 1970; Hyman, 1978). Para tal noção contribuíram alguns fatores essenciais: uma espécie de evidência empírica da palavra, uma tradição gráfica solidamente estabelecida, fenómenos de pronúncia incontestáveis, sândi externo. Se, no domínio da escrita, a noção de palavra parece fácil de estabelecer, já no domínio da fala surgem inúmeros problemas na determinação dos limites dessa unidade<sup>2</sup>, decorrentes da inexistência de uma correspondência isomórfica entre a linguagem oral e a escrita, isto é, há fenómenos fonológicos que não são transferidos para a escrita (Lyons, 1981: 98).

Já Ullman (1951:18) sublinhara a distinção entre a língua oral e a escrita, destacando o facto de existirem falantes de uma língua que não dominam a escrita, mas de não ser possível dominar a escrita sem falar uma determinada língua. Assim, poderemos ser confrontados com noções de palavra diferentes nas duas realizações da linguagem humana. Entendendo a palavra como a unidade mínima de significado, Ullman (idem:23-24) sublinha a inexistência de uma definição única e exaustiva para o termo, embora este pareça um elemento facilmente identificável pelo falante de uma língua. Na realidade, essa “entidade intuitivamente percebida” (Borba, 2003: 145) pode ser entendida como uma sequência de sons, como um elemento gramatical ou como unidade de significado. No entanto, independentemente da noção adotada, o problema da independência continuará a impor-se.

---

<sup>1</sup> Embora a fala apresente numerosas descontinuidades, estas não correspondem normalmente às fronteiras de palavra, mas são sobretudo induzidas pelas propriedades intrínsecas de sons elementares, tipicamente os

<sup>2</sup> Estas dificuldades de definição levaram alguns autores a sublinhar que apenas no domínio da escrita se poderia definir o conceito de palavra (Kocourek, 2001), não podendo, por isso, ser considerado uma unidade linguística (Potter, 1957:78).

Uma das dificuldades na identificação da palavra no domínio oral decorre de esta perder, muitas vezes, parte da sua identidade. Assim, no discurso normal, há palavras que se concatenam com outras, mantendo ou não parte da sua independência. A mesma palavra pode ainda realizar-se foneticamente de modo diferente de acordo com o contexto em que se insere. Outras vezes assistimos a fenómenos de ressilabificação. Estes fenómenos revelam que a palavra não é uma unidade fonética da fala; no entanto, o falante de uma língua parece reter, mesmo assim, a sua identidade. Atendendo a esta capacidade, Cruz (1987:319) defende que a noção de palavra tem de partir “do reconhecimento de que a sua representação mais comum e mais simples, aquela que se apresenta simultaneamente como uma realidade na consciência comum dos falantes de uma língua e que constitui a unidade de tratamento lexicográfico – a palavra gráfica –, nem sempre corresponde à unidade de funcionamento da língua. Os limites daquela, não coincidindo sistematicamente com os da palavra gráfica ou da palavra morfológica, podem situar-se aquém (unidades de significação menores, os *monemas*<sup>3</sup>) ou além (unidades lexicais formadas por várias palavras gráficas, tradicionalmente designadas por *palavras compostas*) dos limites da palavra gráfica”. Cruz (1987) sublinha ainda a ambiguidade da noção de palavra e a dificuldade que suscita quer a nível da sua definição quer na determinação do lugar a ocupar na análise linguística.

As dificuldades na determinação dos limites da palavra e a impossibilidade de estabelecer critérios<sup>4</sup> que identifiquem essa unidade não invalidam, no entanto, que a palavra seja considerada uma unidade natural e incontestável da linguagem (Krámský, 1969).

Em suma, a literatura parece sublinhar a dificuldade na definição de palavra, no domínio oral. No entanto, essa dificuldade parece residir apenas no plano teórico e formal. Na realidade, vários estudos demonstram que os falantes de uma língua identificam intuitivamente entidades linguísticas enquanto palavras da sua língua, sendo esta escrita ou não, sendo esse conhecimento mais extenso do que aquele que têm de outras estruturas gramaticais (Robins, 1993: 184). Essa constatação leva Robins (idem: 185) a sugerir que tal facto resulta de um conhecimento intuitivo do falante, sujeito a critérios e regras linguísticas, que necessitam de ser explicitadas e sistematizadas.

---

<sup>3</sup> “O monema não é nem de ordem fónica nem de ordem semântica: representa um certo tipo de escolha operada pelo sujeito falante no decurso de um ato de enunciação. O monema constitui, entre as escolhas que são determinadas diretamente pelo conteúdo da mensagem a comunicar, a escolha elementar (impossível de analisar em escolhas mais simples).” (Ducrot e Todorov, 1973: 215).

<sup>4</sup> Segundo Martinet (1991: 112), “ao termo palavra correspondem necessariamente em cada língua tipos particulares de relações sintagmáticas se, entre os factos que levam a considerar esse tipo de unidades, distinguirmos por um lado os traços fónicos, demarcativos ou culminativos, por outro, os traços formais de separabilidade e de amálgama, por outro ainda, as indicações que a semântica pode fornecer”.



Essa sistematização começou a ser realizada por estudos mais recentes, nomeadamente, no domínio da Fonologia Prosódica. De acordo com Nespor e Vogel (1986: 6), apesar de a fala se apresentar como um contínuo sonoro, é possível segmentar esse contínuo em constituintes fonológicos, que se apresentam como contextos propícios à aplicação de regras específicas.

Esta dificuldade na definição de *palavra*, conceito, como já referimos, aparentemente fácil para o falante mas problemático para os linguistas, justifica o surgimento deste trabalho. Pretendemos que este seja mais um contributo para a sistematização e clarificação desse conceito intuitivo que um qualquer falante parece ter de *palavra*.

## 1. Objeto de estudo

Já referimos que o objeto de estudo deste trabalho seria o conceito de palavra em português europeu.

O conceito tem sido problematizado e estudado por várias áreas da linguística. Diferentes teorias e autores procuraram determinar princípios universais que permitissem definir palavra como unidade linguística. Mattoso Câmara Jr (1998: 34) distingue palavra prosódica, que corresponde a uma “divisão espontânea na cadeia de emissão vocal”<sup>5</sup>, de palavra formal ou mórfica, que corresponde à individualização desse segmento fónico em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. Embora o autor admita que há uma certa correspondência entre as duas entidades, sublinha que elas não coincidem sempre e rigorosamente.

Mediante a diversidade de conceitos, que correspondem a diferentes realidades da *palavra*, consideramos, como Martinet (1966: 53), que é do enunciado oral que se deve partir para compreender a verdadeira natureza da linguagem humana. Assim, neste trabalho, circunscrevemos o nosso estudo à palavra prosódica, entendida não só como uma divisão espontânea na cadeia de emissão vocal, mas também como uma sequência de sons, organizados hierarquicamente, de acordo com princípios e regras que os identificam como uma unidade.

Apesar das dificuldades que a delimitação da palavra prosódica coloca, entendemos, como Mattoso Câmara Jr. (1973:80), que há nas línguas em geral certas peculiaridades que exercem uma função delimitativa. Dessas peculiaridades, neste trabalho entendidas como

---

<sup>5</sup> Esta definição não corresponde à aceção moderna de palavra prosódica.

indicadores dos limites de palavra, que têm sido enunciadas em diferentes estudos, destacamos, aqui, a restrição de minimalidade, a palavra como domínio de aplicação das restrições fonotáticas, da silabificação, da acentuação e de regras e processos fonológicos. Em conjunto, e de forma diferente, os indicadores referidos contribuem para a identificação dos limites da palavra prosódica.

Assim, partindo destes indicadores, consideramos, preliminarmente, que os limites da palavra prosódica, quando não coincidem com os da palavra gráfica, podem situar-se aquém (unidades de significação menor, como alguns prefixos - *pré-* - ou sufixos - *-mente*) ou além (unidades lexicais formadas por várias palavras gráficas, tradicionalmente designadas por palavras compostas – *guarda-chuva*) da mesma (Cruz, 1987: 319). De acordo com Nespor e Vogel (1986), a palavra prosódica seria um constituinte da hierarquia prosódica, situado imediatamente acima do pé e imediatamente abaixo do grupo clítico. Este constituinte não equivale necessariamente aos constituintes da hierarquia morfossintática: ele pode ser menor, igual ou maior do que o elemento terminal de uma árvore sintática, dependendo da língua em estudo.

É precisamente a partir dos pressupostos da fonologia prosódica que procuraremos enquadrar o nosso estudo, explicitando os casos onde não existe isomorfia entre a palavra morfológica e a palavra prosódica. Assim, a partir dos indicadores enunciados, procuraremos analisar o estatuto de alguns afixos e dos constituintes de uma palavra composta, de modo a verificar a possibilidade de a palavra prosódica ser menor do que a morfológica. Da mesma forma, analisaremos o estatuto dos clíticos e a sua relação com o hospedeiro, atendendo à possibilidade de a palavra prosódica ser maior do que a morfológica.

## **2. Objetivos**

Como indicamos no ponto 1, a definição dos limites da palavra prosódica tem sido objeto de estudo de diferentes teorias linguísticas e diversos autores se preocuparam em identificar indicadores desses limites. O nosso trabalho pretende constituir mais um contributo para a definição do conceito de palavra prosódica, a partir de indicadores claros e, tendencialmente, universais. Assim, o nosso primeiro objetivo é procurar determinar os indicadores referidos.

Esse primeiro objetivo é concretizado a partir de leituras diversas, que nos permitem verificar se cada indicador por si é suficiente para a identificação do conceito de palavra

prosódica. Atendendo a que os indicadores selecionados devem apresentar um caráter universal, procuramos testá-los em cinco línguas europeias - português, espanhol, francês, inglês e alemão -, distribuídas por dois grupos - línguas românicas e línguas germânicas. À seleção das línguas presidiu igualmente o intuito de verificar se os grupos de línguas apresentam conceitos diferentes de palavra prosódica<sup>6</sup>. Apesar de as línguas indicadas apresentarem características fonológicas e morfológicas diferentes, procuraremos encontrar indicadores que sejam válidos nas cinco línguas em estudo.

Essa busca de indicadores comuns implica, igualmente, um afastamento da palavra gráfica. Manteremos, neste trabalho, esse afastamento, uma vez que procuramos um conceito intuitivo e não uma segmentação convencional ou arbitrária da frase, como foi definida por Potter (1957:78). Assim, e como terceiro objetivo, pretendemos verificar que conceito de palavra existe numa criança, com cinco anos, antes de esta iniciar a aprendizagem da escrita.

### **3. Plano do trabalho**

Com estes objetivos e após uma breve introdução, estruturamos o trabalho em duas partes.

Na primeira parte, constituída por dois capítulos, faz-se o enquadramento teórico do nosso estudo. No primeiro capítulo, indicamos diferentes processos que possibilitam a segmentação do contínuo sonoro em unidades que designamos por *palavras* e aplicamo-los às cinco línguas europeias selecionadas, de modo a verificar se os mesmos indicadores apresentavam igual pertinência nas cinco línguas em estudo. No segundo capítulo analisamos estruturas que no português europeu causam dificuldades de análise, nomeadamente as sequências entre clítico ou palavra gramatical e palavra lexical, algumas palavras derivadas e alguns compostos.

Na segunda parte do nosso trabalho, constituída por três capítulos, apresentamos o estudo experimental, a partir do qual procuramos testar a perceção que as crianças têm das estruturas em estudo, antes da aprendizagem da escrita. Assim, começaremos por apresentar os procedimentos metodológicos efetuados para a recolha e tratamento dos dados do nosso estudo experimental (Capítulo 3). Seguidamente, apresentamos os resultados obtidos por

---

<sup>6</sup> Segundo Moreno (1997: 19), a silabificação sempre foi usada para distinguir línguas do grupo germânico (Inglês, Holandês, etc.), em que aquela é sensível à estrutura morfológica, das línguas do grupo românico, as quais permitiam a “silabificação através da frase”. Para o autor, essa diferença resulta da existência de dois tipos de silabificação: uma aplicada no domínio da palavra prosódica (universal) e outra aplicada pós-lexicalmente – a ressilabificação -, depois de aplicada a primeira (específica de certas línguas).

grupo de análise (Capítulo 4). Na discussão de resultados (Capítulo 5), procuramos clarificar o significado das segmentações efetuadas pelas crianças.

Por fim, no último capítulo, procuraremos sintetizar as principais conclusões deste estudo e apontar possíveis rumos futuros de investigação.

Este trabalho apresenta ainda três anexos. No Anexo A reunimos algumas tabelas de referência e com dados estatísticos referentes ao estudo experimental.

O estudo estatístico pressupõe que a amostra é homogênea, ou seja, os resultados não diferem de acordo com o sexo dos sujeitos ou o estabelecimento de ensino de onde provêm. Essa homogeneidade foi devidamente testada através do programa SPSS. Assim, no Anexo B, apresentamos o estudo dos resultados da distribuição da amostra por sexo e, no Anexo C, o estudo dos resultados da distribuição da amostra por estabelecimento de ensino. Os estudos em anexo são constituídos por um conjunto de tabelas e gráficos, acompanhados de uma breve análise inicial.

# **I. PARTE**

## **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## **I. CAPÍTULO**

# **CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PALAVRA PROSÓDICA**





## 0. Introdução

De acordo com Martinet (1966:40), no uso corrente das línguas de cultura contemporânea, encontramos o termo “palavra”, que, no discurso oral ou no discurso escrito, designa um segmento que pode ser separado do seu contexto pela pronúncia isolada ou através de espaços em branco, sendo-lhe atribuída uma significação ou uma função específica. Esta noção parece coincidir com a tendência de entender o conceito de palavra como um dos conceitos mais acessíveis aos falantes sem conhecimentos específicos de linguística (Chao, 1975: 71).

Essa facilidade é, no entanto, aparente e implica, antes de mais, uma distinção mais clara entre dois domínios: o oral e o escrito. Existe, **por assim dizer**, uma noção intuitiva de palavra, principalmente para os falantes de uma língua com sistema gráfico. Na escrita, a palavra é geralmente definida como uma sequência de letras não interrompida por espaços em branco (Booij, 2007: 281). No discurso oral, em contrapartida, o isolamento de palavras é dificultado pela ausência de marcadores inequívocos, tais como as pausas silenciosas. No entanto, supõe-se que os falantes adultos mediante um estímulo fonético ativem todos os itens lexicais compatíveis com a informação recebida, realizando uma completa descodificação do contínuo sonoro. A investigação nesta área identificou alguns fenómenos que podem ser utilizados pelos falantes para isolar palavras. E, embora esses processos impliquem uma aprendizagem, as crianças parecem fazer desde cedo uso dos mesmos (Christophe, Gout, Peperkamp e Morgan, 2003: 586). Esses processos isoladamente não permitem uma correta segmentação, mas a sua interação facilita o processo de aquisição do léxico.

Neste capítulo procuraremos analisar alguns dos elementos que contribuem para a definição da palavra como unidade fonológica. Começaremos por fazer uma breve abordagem dos conceitos que serão ponto de partida para o nosso estudo. Depois, procederemos a uma análise de cinco indicadores da palavra prosódica, que correspondem a cinco domínios: **o de restrições de minimalidade; o de silabificação; o de restrições fonotáticas; o de atribuição do acento; o de aplicação de regras e processos fonológicos**. Estudaremos a manifestação desses indicadores em cinco línguas europeias, nomeadamente em português, espanhol, francês, inglês e alemão. As línguas aqui estudadas apresentam características diferentes, o que pode implicar uma importância diferente dos indicadores em estudo. Tradicionalmente, as referidas línguas são distribuídas por **duas famílias – línguas românicas** (português, espanhol

e francês) e as línguas germânicas (inglês e alemão). Manteremos provisoriamente esta divisão e procuraremos identificar se essa classificação influencia o conceito de palavra.

## 1. Quadro teórico

Começaremos por recordar o principal pressuposto que se encontra na base deste trabalho: o falante de uma língua tem um conhecimento intuitivo das estruturas linguísticas e esse conhecimento intuitivo permite-lhe não só gerar estruturas linguísticas bem formadas como fazer juízos de valor sobre essas estruturas (Chomsky, 1999: 243). Ao linguista cabe a tarefa de explicitar essa gramática implícita. Neste estudo, procuraremos assim explicitar esse conhecimento intuitivo, nomeando os indicadores que determinam a designação de *palavra* a uma determinada sequência de sons.

O nosso estudo desenvolve-se, essencialmente, no quadro teórico da fonologia prosódica. De acordo com a referida teoria (Nespor e Vogel, 1986: 6), a fala é um contínuo sonoro, cuja segmentação mental em unidades de significado implica conhecimentos linguísticos. A fonologia prosódica apresenta-se assim como uma teoria que organiza esse contínuo sonoro numa série de constituintes fonológicos organizados hierarquicamente, os quais formam contextos para a aplicação de regras fonológicas (ibidem). Esta teoria implica ainda, de acordo com as autoras nomeadas, a interação entre diferentes domínios.

Por oposição às representações lineares da fonologia generativa, as representações da fonologia prosódica consistem num conjunto de unidades fonológicas organizadas hierarquicamente. Estas unidades, definidas a partir de um conjunto de regras com informação proveniente das diferentes componentes da gramática, são agrupadas em estruturas hierárquicas, de acordo com os seguintes princípios (id:7):

- i. Princípio 1: cada unidade da hierarquia prosódica é composta por uma ou mais unidades da categoria mais baixa;
- ii. Princípio 2: cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii. Princípio 3: os constituintes são estruturas n-árias;
- iv. Princípio 4: a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor de forte (s) e a todos os demais o valor de fraco (w).

Se os dois primeiros princípios são, de acordo com as autoras, incontroversos, dado que a teoria em que se apoiam permite um número virtualmente ilimitado de estruturas possíveis, os últimos dois distanciam-se daquilo que era defendido pela mesma teoria. No início, a teoria defendia a existência de estruturas binárias, mas estas apenas admitiam relações de um mesmo nível. Tornou-se, por isso, necessário admitir estruturas n-árias, que permitissem a construção de outras estruturas com uma profundidade ilimitada. Além disso, a estrutura binária não apresenta sempre motivação fonológica e não permite um agrupamento correto das diferentes unidades. No que se refere ao último princípio, as autoras sublinham que este só se aplica se os valores em análise forem universais<sup>7</sup> (id:8-11).

Os princípios referidos, que são universais, estão integrados na *Strict Layer Hypothesis* (Hipótese do Nível Restrito), segundo a qual um dado constituinte da hierarquia prosódica só pode dominar um constituinte de um nível imediatamente inferior ao seu (Selkirk, 1984: 34-39).

No âmbito deste quadro teórico, a língua organiza-se segundo uma hierarquia que pode ser parcialmente representada no esquema em (1):

(1)

PrWd

Ft

$\sigma$

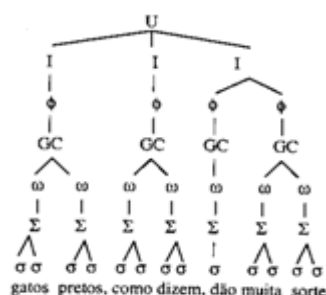
$\mu$

(McCarthy e Prince, 2003:3)<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Alguns princípios que determinam os valores de forte e fraco são universais, enquanto outros são específicos para uma dada língua. Para analisar estes últimos será necessário recorrer a um sistema mais complexo (id.:11).

<sup>8</sup> Este esquema corresponde à parte final da árvore que representa a estrutura prosódica de uma frase do português ilustrada em (a) (Vigário, 2007: 674):

(a)



De acordo com o esquema, as unidades prosódicas seriam a mora ( $\mu$ ), a sílaba ( $\sigma$ ), o pé (Ft) e a palavra prosódica (PrWd). A mora é, nesta perspectiva, a menor unidade prosódica. A mora, começando o nível mais baixo, serve para determinar o peso da sílaba. Uma sílaba leve apresenta uma mora [ $\sigma_\mu$ ]; e uma pesada, duas [ $\sigma_{\mu\mu}$ ]. A sílaba não se agrupa diretamente com outras sílabas para formar uma palavra, mas apresenta-se como a unidade que liga dois níveis: o da mora e o do pé. O pé métrico (Ft) consiste na combinação de duas ou mais sílabas estabelecendo uma relação de dominância, de tal modo que uma se constitui como cabeça (sílaba forte) e se faz acompanhar por sílabas mais fracas, as quais domina. Ele apresenta constituintes que podem ser binários, ternários ou ilimitados; podem ser construídos da esquerda para a direita ou, ao contrário, da direita para a esquerda e podem ser iterativos, **ou seja**, constroem-se pés sucessivos ou não, dependendo do algoritmo de cada língua.

O agrupamento de sílabas num pé métrico está sujeito a várias restrições, embora as línguas pareçam apresentar tendencialmente pés binários (de duas sílabas) ou pés não agrupados (que consistem num número indeterminado de sílabas). As línguas com pés binários podem igualmente apresentar pés ternários ou pés degenerados (pés com uma única mora), constituindo estes, no entanto, elementos marcados (Nespor e Vogel, 1986: 83).

Este constituinte – o pé métrico – assume grande relevância na atribuição do acento, uma vez que permite determinar as posições de sílabas acentuadas e não acentuadas no interior da palavra. Hayes (1995:2) propõe a existência de apenas três tipos de pés métricos, necessariamente binários: pé trocaico silábico; pé trocaico moraico e pé jâmbico. O pé trocaico silábico não é sensível ao peso da sílaba e tem proeminência à esquerda, o que implica que a palavra tenha a penúltima sílaba forte. O pé trocaico moraico e o jâmbico são sensíveis ao peso silábico; logo, se existe uma sílaba pesada, essa atrai o acento, sendo que o pé trocaico moraico tem proeminência à esquerda e o pé jâmbico à direita. Esses pés são necessariamente binários. Assim, se restar uma sílaba na palavra, esta não recebe um pé métrico ou recebe um pé degenerado, se a língua aceitar pés degenerados.

Da hierarquia prosódica e da binaridade do pé deriva a noção de palavra prosódica. De acordo com a hierarquia referida, cada palavra prosódica contém pelo menos um pé. A binaridade do pé implica, como já referimos, que cada pé deve apresentar no mínimo duas moras ou ser dissilábico<sup>9</sup>. Como consequência, cada palavra prosódica tem de ser bimoraica,

---

<sup>9</sup> Cada sílaba pode conter uma (se for leve) ou duas (se for pesada) moras (Salidis e Johnson, 1997: 3).

em línguas sensíveis à quantidade, ou dissilábica, em línguas não sensíveis à quantidade<sup>10</sup>. Deste modo, a restrição de palavra mínima decorre da exigência gramatical de que uma dada unidade morfológica, muitas vezes um radical ou uma palavra morfológica, tem de constituir fonologicamente uma palavra prosódica.

Tendo em conta o conceito de pé métrico e a sua relação com a palavra, poderão ser enunciadas as seguintes propriedades da palavra prosódica (McCarthy & Prince, 2003: 4):

- i. Economia: marcada pela inexistência de uma restrição de palavra mínima em qualquer língua. As restrições de minimalidade da palavra resultam da combinação de dois requisitos, a hierarquia prosódica e a binaridade do pé métrico;
- ii. Papel da Quantidade: a natureza da palavra prosódica menor é determinada, em qualquer língua pela sua prosódia, dissilábica se for sensível à quantidade ou bimoraica se não for<sup>11</sup>;
- iii. Não restrição de pé jâmbico mínimo: embora o pé jâmbico apresente uma sílaba breve seguida de uma longa, nenhuma língua pode ter como restrição essa constituição. Mesmo numa língua que apresentasse prosódia jâmbica, a palavra prosódica mínima seria um pé jâmbico mínimo, que consistiria em qualquer jâmbico que apresentasse um pé binário;
- iv. Restrição de minimalidade: a restrição de palavra mínima pode implicar processos de aumento ou bloquear truncação.

A partir dos pressupostos expostos e de estudos realizados sobre o tema no âmbito de outras teorias, procuraremos reunir elementos que contribuam para uma definição do conceito de *palavra prosódica*.

## 2. Características da palavra prosódica

Já circunscrevemos, neste capítulo, o objeto do nosso estudo à palavra prosódica e, a partir da literatura sobre o tema, são vários os indicadores que auxiliam a delimitar esse segmento que denominamos por *palavra*. Encontram-se entre esses indicadores a restrição de minimalidade, a silabificação, as restrições fonotáticas, o acento, algumas regras e processos fonológicos, que serão analisados neste capítulo e aplicados às cinco línguas em estudo.

---

<sup>10</sup> Na constituição dos pés é necessário levar em conta o peso silábico, que permite distinguir entre línguas sensíveis à quantidade, nas quais o peso silábico determina a constituição do pé, e línguas não sensíveis à quantidade, nas quais o peso silábico é irrelevante (Nespor e Vogel, 1986: 83).

<sup>11</sup> Collischonn (2005: 140) distingue o pé trocaico, pé com proeminência inicial (sendo dissilábico se ignorar a estrutura interna das sílabas ou moraico se considerar o peso silábico) e pé jâmbico, pé com proeminência final.

## 2.1. Condição de minimalidade

Jakobson (1971) constata que o formato silábico CV é o mais frequente universalmente, sendo o menos marcado. Nesta sequência, a palavra menos marcada seria aquela que duplicasse o formato silábico nomeado, **ou seja**, a que apresentasse o formato silábico CVCV<sup>12</sup>. As suas conclusões foram desenvolvidas Mc Carthy (1998), segundo os princípios da teoria prosódica, enunciados por Nespor & Vogel (1986: 7).

Tal como já havia sido referido por Jakobson (1971: 543), outros estudos de aquisição demonstraram que as primeiras palavras de uma criança apresentam a estrutura de um pé binário. Demuth (2001:7) defende que o processo de aquisição obedece a uma hierarquia: a criança adquire primeiro palavras prosódicas monossilábicas de estrutura CV, depois pés dissilábicos, pés bimoraicos e por fim palavras com dois pés. Apesar de este modelo parecer generalizado, a autora sublinha que podem ocorrer diferenças na aquisição dependentes da língua estudada, uma vez que as línguas apresentam restrições diferentes (id.: 25).

No grupo das línguas estudadas neste trabalho, encontramos algumas, como o alemão ou o inglês, que apresentam restrições de minimalidade, e outras, como o português, o espanhol e o francês, em que essas restrições parecem estar ausentes.

Na língua portuguesa, de acordo com Vigário (2003b:158-9), a inexistência de uma restrição de minimalidade implica que nem a extensão nem a estrutura silábica constituam critérios para identificar uma dada sequência de sons enquanto palavra. Acresce a esse facto a inexistência de processos fonológicos nessa língua que impeçam palavras monossilábicas de terminarem em vogal, **ou seja**, que sejam pés degenerados. Ocorre inclusive **o processo contrário: há processos fonológicos que contribuem para que a glide e a consoante em coda ocorram à superfície como vogal**<sup>13</sup>. Perspetiva idêntica defendem Bisol (2000:17), que afirma que “a menor palavra do português é constituída de apenas uma sílaba sem coda”, e Collischonn (2005:141), para quem “o português admite pés degenerados”, **ou seja**, pés com uma única mora. Assim, poderemos afirmar que a maior parte das palavras do português se

---

<sup>12</sup> Partindo de estudos de aquisição da linguagem, Jakobson (1971: 541) concluiu que as primeiras unidades linguísticas significativas no discurso infantil eram constituídas pela polaridade entre a consoante ideal e a vogal ideal. A sequência consoante – vogal parece ser compulsiva, tendo em conta que a ordem mais natural da produção de sons seria a abertura da boca seguida pelo seu fechamento. A reduplicação da sequência CV, na produção dos vocábulos iniciais, parece resultar de uma intenção do progenitor em levar a criança a distinguir entre o seu balbuciar instintivo e a comunicação intencional (id: 542-3).

<sup>13</sup> Essa constatação é reiterada por Veloso (2008), num artigo onde o autor analisa a tendência, na evolução diacrónica da língua portuguesa, para apagar a coda silábica, mesmo quando esta corresponde ao final de palavra, como ocorre com o apagamento do segmento /n/ no processo de evolução das palavras oriundas do latim e do grego ou com o apagamento das oclusivas sonoras no final de nomes bíblicos hebraicos.

caracteriza pela presença de um pé binário mais à direita, constituído por duas sílabas leves (*casa, cortina, borboleta*) ou por uma sílaba pesada e outra leve (*carta, bandeira, rebelde*). Poderemos igualmente encontrar alguns monossílabos tónicos de sílaba pesada, que corresponderiam a palavras bimoraicas (como, por exemplo, *três, dor, mês, sol, pai, cruz*). No entanto, Bisol (2000:17) relembra a existência de monossílabos tónicos de sílaba leve, que não satisfazem a condição de minimalidade (todas as palavras aqui incluídas apresentam formato silábico CV, podendo a vogal ser média baixa – *pé, dó, fé, pó, só, nó* -, baixa – *chá, pá, má, cá, fá, lá* -, ou alta – *mi* (nota musical), *si* (nota musical), *nu, ti* (pronome), *tu* (pronome)). A autora acrescenta ainda que não há nenhum recurso de alongamento para satisfazer o requisito das duas moras, nem se regista a aplicação de processos fonológicos para evitar o surgimento de palavras com uma sílaba só e leve (*ibidem*). No entanto, a raridade de palavras monossilábicas impele Booij (2004: 176) a defender que o português europeu respeita o requisito de palavra mínima em palavras prosódicas, sendo este violado por um número limitado de palavras lexicais.

Esta contradição parece ser esclarecida num estudo sobre a oralização de acrónimos, no qual Veloso (2007a) sugere que existe uma restrição de palavra mínima, sendo que esta depende do número de segmentos da palavra e não do peso silábico como se verifica em outras línguas. Assim, a palavra em português apresentaria, no mínimo, três segmentos ou duas sílabas.

Em relação ao espanhol, apesar da inexistência de um estudo estatístico do léxico desta língua, Lipski (1997: 563) considera que os pés monomoraicos parecem ser não só tolerados como preferidos, facto que explicaria a coexistência de palavras como *casa* e palavras como *casta*. A condição de minimalidade parece não se aplicar nesta língua. Essa não é, no entanto, a tese defendida por Piñeros (2000), segundo a qual, em virtude da preferência por pés trocaicos, as palavras espanholas tendem, num processo de truncação, a preservar os segmentos correspondentes ao pé acentuado. A forma truncada preserva o pé binário, simplificando toda a coda ramificada à exceção da que apresenta um segmento nasal ou acrescentando um segmento vocálico para formar uma nova sílaba, como poderemos verificar em nomes como *Anselmo* - [an.(sél.mo)]<sub>PWD</sub> -, que, num processo de truncação apresentariam formas como [(çé.mo)]<sub>PWD</sub> . Outro exemplo que permite constatar essa preservação do pé acentuado é a truncação possível para o nome *Beatriz* - [be.a.(trís)]<sub>PWD</sub> . Esse processo pode ter como resultado a introdução de uma vogal epentética que origina uma nova sílaba e permite igualmente simplificar a estrutura marcada do pé, como acontece em [(bí.çe)]<sub>PWD</sub> . A

forma truncada pode ainda apresentar a estrutura de uma sílaba pesada, como [(tís)]<sub>PWD</sub>, uma vez que a consoante em coda contribui com uma mora, o pé é bimoraico, embora seja monossilábico. A restrição de palavra mínima, neste caso, é respeitada no nível moraico.

Pensado (1999: 4468) defende, no entanto, que a truncção, em espanhol, consiste na redução da palavra a uma estrutura dissilábica e paroxítônica correspondente às duas primeiras sílabas da base: *colegio* / *cole*. Se a segunda sílaba da palavra terminar em consoante *-r*, *-l* ou *-n*, esta pode ou não ser preservada: *Asunción* / *Asu(n)*. Às palavras truncadas podem, depois, ser adicionados sufixos.

Ao contrário do que se referiu para o espanhol, é afirmação corrente na literatura a inexistência de uma condição de minimalidade no francês (Peperkamp & Dupoux, 2002), dado que, nesta língua, a palavra pode ser constituída por uma sílaba leve, como, por exemplo, *eau* [o] ou *feu* [fø]<sup>14</sup>. No entanto, há estudos que indiciam o contrário. Num estudo sobre a apócope de nomes próprios, Plénat e Huerta (2006) verificaram que as formas reduzidas apresentavam estruturas muito diversificadas. Para um nome como *Dominique*, surgiam formas como *Domi* ou *Dodo*, reduções que preservavam a condição de minimalidade da palavra. Apesar de um número muito reduzido, surgiram igualmente formas como *Dom* e *Do*, para as quais os autores do estudo dizem não ter ainda explicação. Sendo a tendência geral para a seleção da forma não marcada, esta parece não constituir justificação suficiente, tendendo os autores a associar as escolhas a um critério subjetivo.

Num estudo anterior, Plénat e Roché (2003) analisaram diferentes processos de formação de palavras e verificaram que acrónimos com três ou mais segmentos eram organizados em sílabas e pronunciados como palavras, mas tal não acontecia com os que apenas apresentavam dois segmentos, mesmo quando constituíam uma sílaba bem formada. Os autores do estudo associam os resultados à existência de uma restrição de minimalidade, optando pela caracterização da palavra mínima como dissilábica ou bimoraica, o que explicaria a opção por soletrar os exemplos dados em *BU* [be.y] e a silabificação em *CEVU* [se.vy]. A partir de uma análise destes acrónimos e de dados relacionados com a derivação de palavras, os autores destacam as exceções (alguns acrónimos são monossilábicos) e a escassez de dados, não excluindo a restrição de minimalidade para a palavra no francês<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Tais vocábulos derivam, historicamente, de palavras dissilábicas, nomeadamente de *aigue* e de *fadude*, que constituem pés dissilábicos (Godefroy, 1982).

<sup>15</sup> Num estudo anterior sobre a leitura de acrónimos, Plénat (1993) concluíra que a oralização das siglas obedecia a constrangimentos prosódicos que impunham um mínimo de duas moras ou um máximo de duas sílabas mais uma, implicando uma alternância entre ataque e rima.



Uma outra característica interessante de alguns acrônimos, em francês, é a possibilidade de estes servirem de base para outros processos morfológicos como a derivação, visível na forma: *cégétiste* - alguém pertencente à *CGT* - Confederação Geral de Trabalho (Aronoff e Fudeman, 2005: 115).

A restrição de minimalidade parece estar presente em inglês. Booij (2007: 158) defende que uma palavra prosódica, nesta língua, tem de ter no mínimo uma vogal plena, **ou seja**, uma vogal não reduzida. Essa restrição implica que palavras de formato CV e com uma única mora estejam ausentes do vocabulário lexical inglês (em dialetos que admitem o alongamento das vogais baixas, *Pa* e *Ma* apresentam vogais longas). Assim todas as palavras lexicais apresentam pelo menos duas moras. Exemplo dessa restrição é a flexão de verbos irregulares, nos quais o desaparecimento da terminação regular *-ed* é compensado pela adição de *-t* ou *-d*, sendo a forma resultante uma sílaba pesada (McCarthy e Prince, 2001: 303 – nota 5), como o confirmam os exemplos seguintes: *told*; *lost*. Hammond (1996) acrescenta ainda que para preservar a noção de binaridade do pé nas palavras prosódicas em inglês pode ser necessário ajustar a silabificação. De acordo com o autor (1996:108), a restrição de binaridade do pé é inviolável, o que implica uma alteração da estrutura silábica. Assim, uma palavra como *panic* apresentaria a seguinte estrutura: [pan]ic.

A despeito do referido no parágrafo anterior, os sistemas que impõem restrições de minimalidade admitem tipicamente desvios no vocabulário não lexical, o que explica a existência de clíticos com apenas uma mora, como *a* ou *the* (Kenstowicz, 1994: 640)<sup>16</sup>.

Num estudo semelhante ao de Plénat e Huerta (2006), McCarthy e Prince (2001: 288) demonstraram que a truncção de nomes próprios em inglês respeita a restrição de minimalidade, uma vez que a forma resultante é sempre uma sílaba bimoraica, como se constata nos exemplos seguintes: *Alfred* – *Al*, *Alf*, *Alfie*; *Edward* – *Ed*, *Eddie*. Essa restrição estende-se à constituição do pé métrico, que deve ser sempre uma sílaba pesada.

Em relação ao alemão, é possível verificar que a palavra mínima é bimoraica. Esta restrição está bem patente na construção do participípio passado dos verbos. Assim, se a base verbal for constituída por um só pé métrico, é-lhe acrescentada a partícula *ge*, como podemos verificar em: *suchen* – *gesucht*; *versuchen* – *versucht*. Como verificamos, em *versucht* não se acrescenta a partícula *ge*, uma vez que a palavra já satisfaz a condição de minimalidade. A inserção desta partícula obedece a dois critérios:

---

<sup>16</sup> De acordo com o mesmo autor (1994:642) esses elementos oriundos de classes não lexicais, como os pronomes, preposições e partículas gramaticais, não recebem acento e tendem a associar-se a itens lexicais adjacentes, onde podem (embora não precisem) estar sujeitos à regra cíclica de atribuição do acento.

- i. apenas ocorre para formar o particípio de um verbo;
- ii. só pode ser unida a uma base com um único pé (Wiese, 1996: 92).

Wiese (1996: 62-3) assinala igualmente a truncação de nomes, como processo peculiar no alemão, dado que reduz nomes de qualquer extensão a uma base dissilábica, em que a primeira sílaba é acentuada e a segunda termina invariavelmente com o segmento /i/, como está patente nos exemplos seguintes: *Professioneller* – *Profi* ou *Bundesdeutscher* – *Bundi*. Perante estes e outros exemplos de truncação de nomes<sup>17</sup>, Wiese (idem: 64) intui que o pé dissilábico parece ser a estrutura mais comum, para as crianças, na assimilação de palavras mais longas e complexas.

O processo de truncação pode surgir associado a uma determinada terminação. Em inglês, à forma truncada junta-se *-y* ou *-ie*, como, por exemplo, *Becky* a partir de *Rebecca*; *commie* de *communist*. Em alemão, os nomes truncados podem terminar em *-i*, *-e* ou *-o*, daí resultando formas como *Andi* de *Andéas*; *Wolle* de *Wolfgang*; *Realo* de *Realist* (Booij, 2007: 21).

Da análise realizada sobressai uma tendência para a classificação da palavra mínima como bimoraica ou dissilábica, nas línguas em estudo, registando-se, no entanto, algumas exceções em que essa restrição não parece influir na criação de novos vocábulos. Em relação ao português, encontramos dados e opiniões contraditórias. Se, por um lado, encontramos palavras lexicais constituídas por uma sílaba simples aberta, por outro, essas palavras, pelo seu número reduzido, poderão ser entendidas como exceções.

## 2.2. Domínio da silabificação

A palavra prosódica é o domínio da silabificação (Booij, 2007:161). Laeuffer (1995: 119) distingue dois tipos de línguas em relação ao referido domínio. Por um lado, encontramos línguas de acento fixo, nas quais a constituição morfológica das palavras não interfere ou não é proeminente na atribuição do acento, a silabificação ocorre no domínio da palavra. Pelo contrário, em línguas em que a estrutura morfológica é relevante na atribuição do acento, a silabificação tende a circunscrever-se ao morfema.

Defende igualmente que silabificação não pode ser aplicada através dos membros de um composto, muito menos entre as palavras de uma frase. Esta última possibilidade sempre foi

---

<sup>17</sup> O autor nomeia ainda as possibilidades de truncação do nome *Elisabeth* em *Eli*, *Lisa* e *Sabeth* ou em *Else(a)*, *Liese*, *Libeth*, *Elsbeth*, *Liesbeth*, bem como de outros nomes como *Vater* e *Mutter*, que dão respetivamente *Vati* e *Mutti*.

usada para distinguir línguas do grupo germânico (como o inglês ou o alemão) das línguas do grupo românico, as quais permitiam a ressilabificação (Lyche e Girard, 1995: 206; Moreno, 1997:19).

Apesar do referido no parágrafo anterior, em qualquer língua, o verdadeiro domínio da silabificação é a palavra prosódica, podendo ser usada como teste para a delimitação da mesma. No entanto, no espanhol, no português e no francês encontramos dois tipos de silabificação:

- i. a que se aplica no domínio da palavra prosódica (universal) – silabificação lexical;
- ii. a ressilabificação, específica a certas línguas (aplicada sempre pós-lexicalmente, depois que a silabificação essencial já foi aplicada no nível da palavra prosódica) – silabificação pós-lexical.

De acordo com Peperkamp (1999:5), a ressilabificação implica uma reestruturação prosódica, de modo a que todas as sílabas fiquem sob o domínio de uma palavra prosódica, o que não implica que as duas estruturas se transformem numa única palavra prosódica. Assim, a ressilabificação pós-lexical permite a formação de palavras prosódicas pós-lexicais, que diferem minimamente das palavras prosódicas lexicais das quais derivam. Podemos então concluir que as sílabas se adequam no interior das palavras prosódicas, quer lexical quer pós-lexicalmente<sup>18</sup>.

Verifiquemos, no entanto, com mais pormenor como se processa a silabificação nas línguas em estudo.

Mateus e Andrade (2000) propõem um conjunto de regras de silabificação lexical, denominadas por algoritmo de silabificação, que implica a associação a um núcleo de todos os segmentos com um traço [-cons], que não sejam precedidos por outro segmento [-cons]; a associação de todos os [+cons] que imediatamente precedem o núcleo a um ataque, ao qual pode ser associado outro segmento [+cons], desde que a associação respeite os princípios de sonoridade e de dissemelhança; a associação de um elemento [+cons] flutuante à coda da rima precedente.

As regras enunciadas não impedem, contudo, a existência de núcleos e ataques vazios. Mateus e Andrade (1998) defendem que, quando uma sílaba exibe apenas uma rima no nível fonético, essa rima será associada a uma árvore silábica com ataque vazio, o que explica o diferenciado comportamento de vogais não acentuadas em posição inicial. Assim, as vogais

---

<sup>18</sup> De acordo com a autora, uma estrutura como “bar aperto” apresentaria uma estrutura lexical - (bar)<sub>PW</sub>(aperto)<sub>PW</sub> – e uma estrutura pós-lexical - (ba)<sub>PW</sub> (ra.per.to)<sub>PW</sub>.

subjacentes /e/ e /ɛ/ quando não acentuadas em português europeu são foneticamente [i] entre consoantes ou em final de palavra. No início da palavra, no entanto, a vogal [i] não existe, ocorrendo esta vogal como [i] (*elefante* ou *educador*), [i] ou [e] (*ermida* ou *ervilha*), [e] ou [ɛ] (*erguer* ou *herbanário*). A mesma alternância se pode verificar com as vogais subjacentes /o/ e /ɔ/, que ocorrem como /u/ em todos os contextos exceto em posição inicial de palavra (*ordinário* ou *ostentar*).

Além das características enunciadas, acresce ainda o facto de as consoantes em coda poderem ocorrer como ataque da palavra seguinte, permitindo, desta forma, uma ressilabificação (Vigário, 2003b: 72; Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1064), como acontece, por exemplo, numa sequência como: *líder amado* → *li.de.ra.ma.do*.

A par desta constatação, regista-se uma prática sistemática das aféreses, das síncope e das apócope vocálicas, o que faz com que o português se distinga, fortemente, **das duas outras línguas românicas do sul – o espanhol e o francês** (Almeida, 2005: 617).

Em relação ao espanhol, há estudos que indiciam a preferência pelo preenchimento do ataque em detrimento da coda, o que pode ser explicado facilmente se atendermos às três regras básicas de silabificação enunciadas em Shepherd (2003: 11-2), que implicam que uma consoante situada entre duas vogais seja sempre ataque da segunda vogal (VCV → V.CV); que um cluster no interior da palavra possa apresentar dois tipos de silabificação: V.CCV ou VC.CV (se as consoantes em questão puderem constituir ataque em início de palavra, como em *hablo* → [á.βlo]; *alto* → [á.t̪o]); VC.CCV ou VCC.CV (se a condição enunciada não se verificar, como em *ancla* → [án.kla]; *perspicaz* → [pers.pi.kás]).

Essa preferência pelo preenchimento do ataque explica o processo de ressilabificação diferenciado: a sequência *tienes alas* poderia ser ressilabificada como *tiene salas*; mas uma sequência como *club lindo* seria sempre silabificada como [klúB.lín.do] e nunca como [klú.βlín.do] (id.:15). A ressilabificação satisfaz assim, de acordo com Shepherd (2003:26), a restrição em relação à coda silábica, mas não se verifica se o ataque da palavra seguinte já se encontrar preenchido. Essa preferência também se verifica nas alterações provocadas pela presença de um prefixo (ibidem) como no par de palavras: *estético* → es.t̪é.t̪i.co, *antiestético* → an.t̪jes.t̪é.t̪i.co.

Em espanhol, a junção de um sufixo a uma raiz respeita normalmente a estrutura CV, **o que equivale a dizer que**, na maioria dos casos, se associa um sufixo iniciado por vogal a uma raiz terminada em consoante, implicando quer ressilabificação quer alterações na acentuação

(Pensado, 1999:4452). Este facto constitui um bom exemplo de que a silabificação não respeita a estrutura morfológica da palavra, aplicando-se ciclicamente após o acréscimo de cada sufixo. Assim, por exemplo, uma sequência nasal-glide é bem formada no nível silábico (*nuevo, nuez, nieve*) e, de acordo com o princípio da maximização do ataque, um segmento (y) interno ao vocábulo é silabificado com a vogal nasal que o segue, não com a que o precede: *manual* → [ma] [nual]. A mesma sequência não sofre, no entanto, a mesma silabificação, quando ocorre em vocábulos adjacentes, como se comprova pela ocorrência de assimilação nasal em *un huevo* [uɲweβo] e *un hielo* [uɲjelo], a qual não ocorre em *nuevo* [nweβo] nem em *nieto* [njeto] (Nespor & Vogel, 1986: 70). As diferenças registadas mostram a diferença entre a silabificação lexical e a pós-lexical.

A ressilabificação ocorre igualmente entre palavras, implicando ora um processo de contração de vogais (*otra amiga* → ó.tra.mí.ga) ou de consoantes homólogas que ocorram no limite de duas palavras (*las salas* [la-sá-las]), ora de ditongação (*mi edad* → mje.ďá(ɔ)), ou mesmo tritongação (*inopia humana* → i.no.pjau.ma.na)<sup>19</sup>. Este processo permite uma segmentação semelhante à que ocorre no interior da palavra, como se observa em: *alelado* – [a]<sub>σ</sub>[le]<sub>σ</sub>[la]<sub>σ</sub>[ďo]<sub>σ</sub> e *al helado* – [a]<sub>σ</sub>[le]<sub>σ</sub>[la]<sub>σ</sub>[ďo]<sub>σ</sub> (Nespor e Vogel, 1986: 68).

Outra particularidade da silabificação do espanhol é observada na adaptação de palavras estrangeiras. Nesta língua, o formato silábico implica a existência de uma vogal. Quando esta não está presente, os espanhóis acrescentam uma vogal epentética. Assim, uma palavra como *splin*, sofreria o referido processo em espanhol – *esplin* (Kenstowicz, 1994: 271).

Em relação ao francês, prolifera a ideia de impossibilidade da delimitação da palavra prosódica. Essa ideia assenta num conjunto de características da língua, sendo uma delas a do domínio da silabificação.

Laeufer (1995: 110-111) analisou alguns dados do francês e concluiu que, contrariamente ao que acontece com as línguas germânicas estudadas neste trabalho, a silabificação não respeita a estrutura morfológica, pelo que as consoantes finais da base silabificam com o sufixo, quer este seja iniciado por vogal quer por consoante. Os dados

---

<sup>19</sup> Santamaría Busto (2007: 967) indica este tipo de ressilabificação (que denomina sinalefa) como uma das características da língua espanhola. A sinalefa corresponde à tendência natural do espanhol para unir as palavras devido à proximidade de produção articulatória que têm os sons vocálicos fronteiriços, ou seja, é a realização monossilábica das vogais finais de uma palavra e das iniciais da seguinte, dependendo da velocidade da fala, da tonicidade e da aproximação do timbre das vogais envolvidas.

seguintes mostram a silabificação de palavras com sufixos iniciados por vogal: [[papet]ier] - [papə.'tje]; [[nag]eur] - [na.'žœr]; [[maîtr]esse] - [mɛ.'tres].

Podemos constatar que houve ressilabificação em exemplos como [fõ.'dra] ([[fond]ra]), pois não se regista o alongamento da vogal nasal, como seria suposto se fosse aplicada a regra fonológica que implica o alongamento de uma vogal antes de consoantes fricativas e /r/ tautossilábicas e antes de qualquer consoante que anteceda uma vogal nasal. Podemos igualmente verificar que em [papə.'tri] ([[papete]rie]) não ocorre a transformação da vogal semifechada /ə/ na vogal semiaberta /ɛ/ que, segundo as regras fonológicas do francês, se verifica antes de consoantes tautossilábicas.

Registam-se, nesta língua, dificuldades na delimitação do sufixo, uma vez que um mesmo sufixo pode apresentar variantes, que podem consistir no acrescento de uma vogal de ligação (*tion / ation, ture / ature*), na natureza da vogal de ligação (*ation / ition, iteur / ateur*), na natureza da consoante de ligação do sufixo em relação à sequência fonológica do radical (*tion / sion / ssion*)<sup>20</sup>.

Para Martinet (1966:47), se o francês não possuísse uma tradição escrita da língua, um qualquer estudioso de linguística, oriundo de outro continente, apresentaria dificuldades na segmentação do contínuo sonoro, podendo mesmo considerar uma sequência com “*jleluidonne*” como uma única palavra. A explicação deste facto revela que, nesta língua, as regras de silabificação se aplicam do mesmo modo à palavra e ao grupo clítico, mas não se aplicam para lá desse nível (Lyche e Girard, 1995: 208). Comprovam esta afirmação pares de frases como: *un as authentique* e *un assaut tentant*; *Je suis le premier avis* e *Je suis le premier ravi*. Mais arrojada é a opinião de Booij (1984:272), que defende que a palavra prosódica, nesta língua, se assemelha à frase fonológica, como o comprova o seguinte exemplo: *quelle table?* [kɛtabl] ou [kɛtab].

Nos exemplos transcritos, poderá haver ambiguidade em determinados contextos, que poderá ser atenuada com recurso a uma diferente entoação. Essa ambiguidade resulta precisamente do facto de a silabificação não se restringir ao domínio da palavra<sup>21</sup>.

Passemos agora à análise da silabificação nas línguas germânicas. Em inglês, o domínio da silabificação corresponde ao radical e aos afixos adjacentes, **ou seja**, os afixos não neutros

---

<sup>20</sup> Ao contrário do que registamos nas restantes línguas analisadas, em francês, não é possível o apagamento de um sufixo numa estrutura de coordenação, o que torna agramatical uma estrutura como: *lent mais surement* (Vigário e Frota, 2002: 255).

<sup>21</sup> Laeuffer (1995:103) sublinha que, ao contrário de outras línguas, a silabificação no francês não respeita a estrutura morfológica. O domínio da silabificação lexical é a palavra.

(afixos de Classe I). A silabificação de *brookite* é [brook]<sub>o</sub>[ite]<sub>o</sub> e não \*[broo]<sub>o</sub>[kite]<sub>o</sub>. Esta silabificação justifica-se por a consoante oclusiva não ser aspirada, facto que se observaria se a referida consoante constituísse ataque da sílaba seguinte (Nespor e Vogel, 1986: 62).

Ainda no que respeita ao inglês, Nespor e Vogel (id: 64) defendem que a silabificação coincide em geral com os limites do morfema, acrescentando que aquela é sensível a certos aspetos da estrutura morfológica. Para as autoras, no caso do inglês, em particular, o domínio da silabificação corresponde à soma de um radical com qualquer sufixo não-neutro adjacente. Ela não se aplica através do limite entre um radical e um afixo neutro, ou entre dois afixos neutros, como verificamos em *sleeplessness* → [sleep] [less] [ness], mas nunca \*[slee] [ple] [ssness].

Esta análise vem de encontro à de Laeuffer (1995: 101) que acrescenta que a estrutura silábica pode ser ajustada pós-lexicalmente quando a um morfema é acrescentado um sufixo iniciado por vogal, quer esta seja acentuada como em *stylish* ([[styl]ish] - [ 'staj̥.lɪʃ]) ou não seja como em *grotesque* ([[grot]esque] - [gro. 'tʰɛsk]), mas o mesmo não acontece quando os sufixos são iniciados por consoante<sup>22</sup>, como em *shapeless* ([[shape]less] - [ 'ʃeɪp̥ . lɪs]).

Essa parece ser a opinião veiculada por Booij (2007: 155), que distingue dois tipos de sufixos, os que implicam um processo de ressilabificação e os que o impedem. Assim, sufixos como *-er* formam uma sílaba com a consoante precedente: [be:.kəɹ], enquanto outros formam o seu próprio domínio de silabificação, como, por exemplo, *-less* em ['hɛlp.lɪs]. O mesmo se parece verificar no alemão, como facilmente constataremos a partir dos exemplos: [[Weis]ung] - ['vaj̥.zuŋ]; [[freud]ig] - ['froɪ.dɪç]; [[les]end] - ['le:.zənt].

Uma evidência de que a silabificação referida é a correta reside na não aplicação da regra de dessonorização da consoante em final de palavra em alemão - *Weisung* ['vaj̥.zuŋ] / \*['vaj̥s.ʊŋ]; da velarização do *l* em final de sílaba em inglês - *stylish* ['staj̥.lɪʃ] / \*['staj̥t̪.lɪʃ]; da vocalização do *r* em inglês e alemão - *starry* ['sta:.ɹɪ] / \*['sta:.ɪ]; *sphärisch* ['sfɛ:.ɹɪʃ] / \*['sfɛ:ɐ̯.ɪʃ]; da aspiração da oclusiva final indicando que esta inicia nova sílaba, como o demonstram os seguintes exemplos em inglês e alemão, respetivamente: *grotesque* [gro.'tʰɛsk]; *Fabrikant* [fabɪ.'kʰant].

---

<sup>22</sup> Esta diferença justifica-a o autor em virtude de um sufixo iniciado por consoante ser um padrão não marcado e o iniciado por vogal ser marcado.

Em alemão, os afixos podem implicar um processo de ressilabificação. Tal é o caso de morfemas gramaticais, como /-en/ que ocorrem no infinitivo dos verbos, terminações correspondentes à declinação de caso (como /-es/ do genitivo). Assim, um vocábulo como *feld* - [fɛld], quando lhe é acrescentado um morfema “es”, sofre um processo de ressilabificação, como podemos verificar: [fɛl] [d+ɛs] (Keil, 2001: 4). Neste exemplo, o morfema gramatical liga-se à última consoante do radical, formando uma sílaba e evitando a aplicação da regra da dessonorização das consoantes finais.

Estes casos não são, no entanto, muito comuns nesta língua, circunscrevendo-se a morfemas gramaticais indicadores do infinitivo verbal ou da declinação de caso ou a sufixos como /-ʊŋ/. Braches (1987: 39) explica que este processo de ressilabificação se ajusta à tendência nesta língua para o preenchimento do ataque, manifestada, por exemplo, na obstrução glotal verificada antes de vogais iniciais. Assim, quando um sufixo iniciado por vogal é adicionado a um radical, há um processo de ressilabificação, de modo a preencher o ataque dessa sílaba, como se verifica em: *Hund* – *Hun.de*.

Ao contrário do que constatamos para os sufixos, em alemão, os prefixos constituem, no geral, o seu próprio domínio de silabificação, registando algumas exceções. Encontram-se entre estas últimas os prefixos *her-*, *hin-* e *vor-*, os quais, quando combinados com preposições, podem ressilabificar-se, como o demonstram as formas [he'ran], [hi'naus] e [fo'ran] e a assimilação do prefixo *in-* nas seguintes ocorrências *illegal*, *irregular*, *impotent* (Wiese, 1996: 66).

Como o indicaram Lyche e Girard (1995: 206) e Moreno (1997: 25), o processo de ressilabificação parece, na realidade, ocorrer nas cinco línguas em estudo, embora abranja domínios diferentes. No inglês e no alemão, circunscrevem-se ao domínio da palavra com alguns dos seus afixos<sup>23</sup>; já nas restantes línguas – português, espanhol e francês – pode ocorrer entre palavras.

### 2.3. Domínio de restrições fonotáticas

Já neste trabalho definimos a fala como um contínuo sonoro. Não obstante, um falante de uma língua consegue intuitivamente segmentar esse contínuo sonoro em unidades

---

<sup>23</sup> No entanto, é importante relembrar a existência de dois tipos de afixos – os que implicam um processo de ressilabificação e os que formam o seu próprio domínio de silabificação.



gramaticais. Assim sendo, torna-se importante identificar o tipo de conhecimento linguístico<sup>24</sup> que torna possível essa segmentação e que influencia o processamento linguístico ao longo da vida (Whalen e Dell, 2006: 2371).

De acordo com a teoria generativa, a competência de um falante inclui o conhecimento da fonotática da sua língua, **ou seja**, um conjunto de generalizações emergentes, que definem os segmentos passíveis de ocorrer em determinado lugar de uma palavra, uma vez que o sistema fonológico de qualquer língua impõe restrições às combinações e à ocorrência de sons numa palavra (Langacker, 1972: 37; Hyman, 1978:447), **ou seja**, uma espécie de gramática fonológica que descreve a ordem dos segmentos fonéticos (Vitevitch e Luce, 1999: 375). Assim, a competência fonotática é entendida como uma propriedade emergente do léxico mental (Frisch, 2001).

Os princípios que delimitam as combinações consonânticas possíveis em *clusters*<sup>25</sup>, de vogais em sequências vocálicas, e as dependências mútuas de vogais e consoantes são denominados restrições fonotáticas (Gussmann & Szymanec, 2000: 427). Ser o domínio de restrições fonotáticas<sup>26</sup> é uma das características essenciais da palavra prosódica (Booij, 1999b; Bisol, 2007), pelo que as mesmas restrições podem não se aplicar ao morfema (Booij, 1999b: 50) ou à sílaba (Booij, 1984: 251)<sup>27</sup>.

Embora as restrições fonotáticas locais e a frequência de padrões de palavras possam ser suficientes para reconstituir padrões mal formados (Calderone, Celata e Herreros, 2008), o seu conhecimento não implica, no entanto, um processamento mais rápido. Se é verdade que a experiência de Weber (2000a) demonstrou que os falantes, perante um discurso que misture palavras e sequências sem sentido, identificam mais facilmente as palavras que respeitam as restrições fonotáticas da sua língua; outros estudos nesta área demonstraram que palavras ou sequências de padrões fonotáticos frequentes numa língua são processados mais lentamente do que palavras ou sequências de padrões fonotáticos pouco frequentes ou impossíveis. Tal

---

<sup>24</sup> Shipman & Zue (1982) sublinham a importância de uma descrição fonotática da língua no reconhecimento de palavras. A produção de programas de reconhecimento da fala implica um conhecimento profundo do sistema linguístico, nomeadamente das combinações de sons possíveis numa determinada língua.

<sup>25</sup> Segundo Lowenstamm (1999), as restrições das referidas combinações dependem da sua ocorrência na margem esquerda ou direita das palavras e do respeito do princípio de sonoridade (a escala de sonoridade é a seguinte: consoantes oclusivas < fricativas < nasais < líquidas < semivogais < vogais).

<sup>26</sup> Muitos autores (Firth, 1937:44; Jakobson, 1963:167; Troubetzkoy, 1964:292; Martinet, 1991:112; Booij, 1999b) destacam a importância dos fonemas como elementos demarcativos.

<sup>27</sup> Registam-se, no final da palavra, enfraquecimento ou apagamento de segmentos motivados por condições morfossintáticas (Harris, 2009). Esta possibilidade impele Fox (2002: 358) a contestar as restrições fonotáticas como motivo de inclusão da palavra prosódica na hierarquia prosódica. De acordo com o autor, embora o domínio de ocorrência de processos fonológicos e as unidades da hierarquia prosódica tendam a confluir, essa identificação não é obrigatória.

contradição explica-se pelo facto de a competição ser menor com sequências invulgares do que com sequências muito frequentes (Vitevitch & Luce, 1999:402).

Em relação ao português, Viana (1973) apresenta um estudo descritivo bastante completo das restrições fonotáticas. De acordo com o autor, poderiam ocorrer em posição inicial todas as vogais orais acentuadas, as vogais nasais, algumas vogais átonas (à exceção de [i]), os ditongos orais (à exceção de *ei*) e todas as consoantes, excetuando o [r], [ʎ] e [ɲ]. Relativamente às palatais enunciadas, Viana (id.: 14) sublinha que [ʎ] somente ocorre em início de palavra na forma dativa da 3ª pessoa do singular do pronome pessoal ou em alguns empréstimos do espanhol, como *lhano*, ou de outras línguas como *lhama* (Bisol, 2007). Iniciada por [ɲ], o mesmo autor nomeia somente o arcaísmo *nhafete*<sup>28</sup>, mas Bisol (2007) acrescenta *nhoque*. Mateus (2003: 995; 2004: 18) enuncia ainda restrições de ocorrência de segmentos em final de palavra: as consoantes que podem ocupar tal posição são [r], [ʃ] e [tʃ], as vogais átonas são [ɐ], [i] e [u] e as vogais tónicas [a], [ɛ] e [ɔ]. No entanto, as alterações produzidas pela ressilabificação podem dar origem a palavras prosódicas iniciadas por [ʎ], [ɲ] ou [r]. É isso que podemos observar em sequências como: *malha original* – (ma)<sub>ω</sub>([ʎ]original)<sub>ω</sub>; *tenho ainda* – (te)<sub>ω</sub>([ɲ]ainda)<sub>ω</sub>; *ver amigos* (ve)<sub>ω</sub>([r]amigos)<sub>ω</sub>, formadas no nível pós-lexical (Vigário, 2003b: 160).

Em relação ao espanhol, podemos assinalar a inexistência de sinais fonemáticos positivos simples, uma vez que nenhum fonema aparece exclusivamente na posição inicial ou final da palavra, no entanto, encontramos indicadores complexos (Alarcos Llorach, 1971: 206). Nesta língua, registamos vários encontros entre arquifonemas e fonemas que apenas ocorrem nos limites de palavras e permitem assim demarcar fronteira entre as mesmas (como, por exemplo, D'p ou D'ɾ) ou variantes de fonemas que ocorrem nos limites de palavra (como a variante [y̞] e as combinações [z'w], [ɲ'w], [i'w], [o'ɯ]). Booij (1984:251) assinala ainda a impossibilidade de ocorrer a sequência [ns] em final de palavra. Além disso, poderemos nomear os fonemas /ɲ/ e /ç/ e as variantes [j] e [w] como sinais demarcativos negativos, uma vez que nunca podem indicar término de palavra. Por fim, encontramos grupos de fonemas que apenas ocorrem no interior da palavra, como a sequência de /l/ e /i/ bem como de /y/ e /i/.

---

<sup>28</sup> Silva (1844) nomeia, além do referido, outros arcaísmos iniciadas pelas palatais nomeadas, a saber *lhama*, *lhânêza*, *lhàno*, *lhi* (op. cit.: 247) e *nhum*, *nhũa*, *nha*, *nho*, *nhas*, *nhos* (op. cit.:381). Estas quatro últimas formas são uma variante do artigo, que era assim escrito quando ocorria após a preposição “em”.

Atendendo às restrições fonotáticas, Pensado (1999) considera que os prefixos<sup>29</sup> são normalmente facilmente delimitáveis, uma vez que, ao contrário dos sufixos, não se fundem com a base. Esta característica favorece o aparecimento de estruturas fonotáticas anómalas no interior da palavra, nomeadamente antes de líquidas – *sub.rayar*; *sob.lunar*; antes de /j/ ou /w/ – *en.yesar*, *dês.huesar*; antes de vogal – *ad.herir*. Podem ainda ocorrer consoantes geminadas, nomeadamente as sequências *b-b* (*b-v*), *l-l*, *n-n*, *r-r* e, em alguns casos, *s-s*, ou grupos consonânticos que não existem no interior do morfema: *conllevar*, *abjurar*, *abnegado*, *adjudicar*, *subyugar*. Para acomodar as consoantes dentro da estrutura silábica, surgem processos fonológicos como o enfraquecimento de consoantes finais de sílaba [derratiΘár], a assimilação da sonoridade de consoantes finais de uma sílaba pelo ataque da sílaba seguinte (*deshuesar* - [dezwesár]); assimilação do ponto de articulação das nasais (*enyesar* - [enjesar]), o enfraquecimento de consoantes implosivas (*subrayar* - [suβ.ra.jár]); o reforço das semiconsoantes iniciais de sílaba [dez.ywe.sár].

Já o francês não tolera mais grupos de consoantes no interior de uma frase que os que tolera no interior da palavra. Para os evitar o falante francês recorre à inserção de [ə] entre os encontros consonânticos não permitidos (Bloomfield, id.: 171). Na mesma língua, a sequência de vogal nasal + m (*un marin*) assinala uma fronteira de palavra (Troubetzkoy, op. cit.: 297).

Em relação ao inglês, poderemos encontrar uma sequência obstruinte-líquida em início de palavra, mas não são admitidas sequências de oclusivas nem sequências de obstruinte-nasal. O conhecimento fonotático de um falante natural do inglês permite-lhe ainda reconhecer palavras impossíveis na sua língua, como, por exemplo “*vnuk*”, uma vez que esta viola regras fonotáticas (Lowenstamm, 1999). O mesmo falante saberia que uma sequência de três consoantes na mesma palavra implicaria que a primeira fosse um /s/ e a segunda uma das obstruintes /p/, /t/ ou /k/ (Huttenlocher & Zue, 1983:172). Ainda a respeito das restrições fonotáticas do inglês, está bloqueada a ocorrência de [h], [mb] e [ts]<sup>30</sup> em final de palavra, bem como a de [z], [tl], [ŋ] e [mb] em início (Sapir, 1921; Bloomfield, 1970: 171; Langacker, 1972).

---

<sup>29</sup> Pensado (1999: 4997) exclui da designação de prefixo alguns elementos de origem greco-latina, de acordo com três critérios – distribuição, forma e função: possibilidade de ocorrência à direita ou à esquerda da base: *filosoviético* / *bibliófilo*; *grafomanía* / *reprografia*; ocorrência de variações alofónicas dependente da posição que ocupam em relação à base; constituição como núcleo de palavra.

<sup>30</sup> A este respeito, Sapir (1921) assinala a diferença entre o inglês e o alemão, no que concerne à possibilidade deste segmento, em alemão, ocorrer em vários lugares da palavra (Zeit, Katze, Platz), não podendo por esse facto ser um marcador do limite da palavra.

Por seu turno, a ocorrência dos grupos de consoantes *ʃiʃ, šč, vt, tsv, ststr, θs, δz, sθ, zδ, čl, čs, šs, sš, dz* e das consoantes dobradas como *nn, tt, bb* indicam que entre eles há uma fronteira de palavra (Bloomfield, *ibidem*; Troubetzkoy, 1964: 300), como poderemos verificar, por exemplo, em *rash child*. Essas restrições não se aplicam, no entanto, às palavras compostas (*stove-top*). Ainda, no que respeita ao inglês, Troubetzkoy refere (*ibidem*) a oposição entre uma variante clara e uma variante sombra do *l* como função delimitativa. Desta forma, em inglês, a realização “sombra” do fonema *l* significa que entre este e a vogal seguinte há um limite de palavra. Assim, o referido fonema em *we learn* [wiɫə:n] é claro, mas não o é em *will earn* [wiɫə:n].

Troubetzkoy (id.: 297) nomeia ainda a existência de grupos de fonemas que somente ocorrem **no limite entre duas palavras (final da primeira e início da segunda)**. Em alemão, ocorrem os seguintes casos: consoante + h (*ein Haus; der Hals; verhindern; Wahrheit*); nasal + líquida (*anliegen; einreden; irrtümlich; umringen*)<sup>31</sup>. O alemão é, de acordo com o autor, uma língua onde proliferam signos demarcativos, assinalando como exemplo o encontro entre os seguintes sons: *nm, pm, km, tzm, fm, mw, mg, mch, mlz, nb, np, ng, nf, nw, pw, pfw, fw, chw, spf, schpf, schz, ssch, fp, fk, fch, chf, chp, chk*. As restrições fonotáticas impossibilitam a ocorrência de consoantes geminadas no interior da palavra<sup>32</sup>. No entanto, a sua presença é gramatical em palavras como *Schrifttum, fehllos* ou *glaubbar*, **ou seja**, não ocorre a degeminação, o que se deve ao facto de as mesmas apresentarem a seguinte estrutura prosódica: [Schrift]<sub>w</sub>[tum]<sub>w</sub>; [fehl]<sub>w</sub>[los]<sub>w</sub>; [glaub]<sub>w</sub>[bar]<sub>w</sub>.

Como verificamos nos parágrafos anteriores, as línguas aqui estudadas apresentam diferentes restrições na ordenação e combinação de fonemas, as quais podem fornecer indícios dos limites da palavra. Essas restrições parecem ser mais marcadas no alemão do que nas restantes línguas, não se justificando neste domínio a distinção entre línguas românicas e línguas germânicas.

<sup>31</sup> Troubetzkoy (id.: 310) refere que, em alemão, a sequência vogal posterior seguida de *g* palatal – como em *zugestehen* – sinaliza a existência de fronteira de morfema entre os dois sons; mas a sequência vogal posterior seguida de *g* velar – como em *suche* ou *sage* – indica a não existência da fronteira nomeada. O mesmo autor (idem: 311) defende que, em alemão todos os sinais que marcam fronteira de palavra são igualmente válidos para a marcação de fronteira de morfema.

<sup>32</sup> As restrições fonotáticas do alemão implicam o respeito pelo princípio da sonoridade. Assim, não podem ocorrer sequências como coronal-coronal e labial-labial, embora ocorram as africadas como /ts/, /pf/ e muitas combinações com a líquida /r/. No geral, é necessário observar-se uma distância mínima de sonoridade, que é 2, mas registam-se exceções, especialmente em nomes de localidades (Schwäbisch Gmund [ʃve:.bɪʃ gmunt]). Adicionalmente a consoante [ʃ] pode acrescentar-se como ataque, tal como ocorre [s] em inglês. Todos os segmentos não agrupados à sílaba, após a maximização do ataque e a adjunção de [ʃ], torna-se parte da rima (Keil, 2001: 3).

## 2.4. Domínio da atribuição do acento

A acentuação pode ser definida como a culminação de um destaque prosódico. Foneticamente, esse destaque pode ser realizado de várias formas: por um reforço expiratório, por uma elevação da altura musical, por alongamento, por uma articulação mais nítida e mais enérgica das vogais ou das consoantes envolvidas (Troubetzkoy, 1964: 221). De acordo com Garde (1968:74), o acento assume um papel importante como delimitador de unidades gramaticais intermédias entre a frase e o morfema, **ou seja**, as palavras (unidades acentuais). Se a unidade acentual for representação da unidade mínima, então numa língua como o alemão poderemos ainda encontrar um grupo acentual.

Garde (id.:5) distribui as línguas por dois grupos: línguas de acento fixo, quando o acento recai sempre sobre uma sílaba determinada da palavra, tendo como referência o princípio ou o término da palavra, e línguas de acento livre, onde nenhuma regra fixa o acento num determinado lugar da palavra. A consideração do acento como traço distintivo é questionada pelo linguista (id.: 9), defendendo que essa função está dependente do conhecimento que o falante tem do limite da palavra. Sendo esse limite conhecido, o acento não assumiria um valor distintivo, podendo assumi-lo quando o limite é impreciso. Assim essa função distintiva apresenta uma função contrastiva<sup>33</sup>: a presença de uma sílaba acentuada implica necessariamente que todas as outras não o sejam. Esta função é fonologicamente essencial para as línguas de acentuação livre, uma vez que sendo essa culminação única e não ocorrendo sempre no mesmo lugar permite a existência de palavras que se distingam apenas pela localização do acento. Neste contexto, o acento tem por função atribuir uma marca formal a uma unidade gramatical, que corresponde à palavra, intermédia entre a unidade mínima que é o morfema e a unidade máxima que se identifica com a frase<sup>34</sup>.

Tal como Garde, outros autores estabelecem uma ligação estreita entre acento e palavra, admitindo-o inclusive como critério para definição de palavra (Anderson, 1965; Bauer, 2000: 251; Bisol, 2004 e 2005a; Bloomfield, 1970: 172; Chao, 1968: 53; Jouannet, 1985: 39; Sapir, 1921: 39). Um estudo de Peperkamp, Dupoux e Sebastián-Gálles (1999) revelou que a

---

<sup>33</sup> Garde (1968:10) distingue entre função contrastiva e função distintiva: “On appelle d’ordinaire *opposition* les rapports existant entre deux unités différentes concurrentes sur le plan paradigmatic, et *contrastes* les rapports entre deux unités différents voisinant sur le plan syntagmatic. »

<sup>34</sup> Garde (1968:22-23) distingue unidades significativas (gramaticais) de unidades não significativas (fonológicas). Ao primeiro grupo pertencem a frase, a palavra e o morfema e ao segundo a sílaba, o fonema e o traço distintivo. A noção de palavra aparece intimamente associada ao acento, não podendo existir numa língua sem acento.

capacidade de os falantes distinguirem palavras que difiram somente no lugar ocupado pelo acento na mesma está dependente das características da língua materna<sup>35</sup>, **ou seja**, o acento não assume um papel distintivo em línguas de acento fixo mas pode assumi-lo em línguas de acento livre.

Das línguas que são objeto de estudo neste trabalho, pertencem ao primeiro grupo referido por Garde o francês e ao segundo as restantes línguas em estudo.

#### **2.4.1.Acentuação em Português**

Em português, a unidade acentual corresponde, em geral, àquilo que vulgarmente se designa por ‘palavra’, acompanhado, se for caso disso, pelos seus clíticos (Barbosa, 1965: 216, 1994: 133). É comum afirmar-se que o acento em português está sujeito à restrição da ‘Janela de Três Sílabas’, **ou seja**, o acento tem de incidir numa das três últimas sílabas da palavra, porque “se passasse para trás, a pronúncia das sílabas que se lhe seguissem seria tão veloz e precipitada, que umas atropelariam as outras, como se pode ver por experiência” (Barbosa, 2004: 98).

Mateus (1982: 220), no entanto, advoga que o acento é sensível à estrutura morfológica das palavras. **Em todas as categorias sintáticas**, o acento incide na última vogal do radical (**nos nomes, nos adjetivos e em algumas formas verbais**) ou **do tema** (**nas restantes formas verbais**). Registam-se, no entanto, exceções: algumas palavras, cuja última vogal se encontra marcada no léxico como não acentuável, são acentuadas na penúltima vogal do radical (Mateus et al., 2003: 1051).

Mateus e Andrade (2000: 119) assumem a existência de dois sistemas acentuais diferentes: o sistema acentual verbal e o não verbal<sup>36</sup>. Esta ideia surge desenvolvida em Pereira (1999: 96) que apresenta a seguinte fundamentação para a divisão referida: a localização do acento verbal não depende do radical mas das características acentuais dos

---

<sup>35</sup> Este estudo envolveu falantes naturais do francês e falantes naturais do espanhol. O primeiro grupo não revelou sensibilidade às alterações provocadas pela deslocação do acento, mas o contrário se verificou em relação ao segundo grupo.

<sup>36</sup> Os autores (id.:119) referem que a diferença entre esses dois sistemas reside nas características dos morfemas derivacionais nos dois sistemas: alguns morfemas parecem ser imunes ao acento no sistema nominal, mas não o são no sistema verbal. Por exemplo, o morfema *-ic* apresenta comportamento diverso na formação de nome - *fábrica* - e de verbo - *fabriça*.

morfemas flexionais; cada tempo e cada modo verbal apresentam um padrão acentual característico, que não admite variação<sup>37</sup>.

No que concerne ao sistema verbal, Pereira (id.) advoga que o domínio de atribuição do acento é a palavra, uma vez que o acento verbal pode afetar quer a vogal temática quer certos morfemas de tempo-modo-aspeto. Assim, as diferenças no comportamento acentual dos diferentes tempos verbais advêm do facto de a acentuação ser determinada pela estrutura morfológica da forma verbal. Assim, nos Tempos do Presente, o acento incide sempre na última vogal temática ou na vogal do radical, no caso de a temática ter sido suprimida; nos Tempos do Passado, a incidência do acento ocorre na vogal temática; nos Tempos do Futuro é acentuada sempre a primeira vogal do sufixo<sup>38</sup> (Mateus et al., 2003: 1054). Desta forma, as regras da atribuição do acento verbal são regras lexicais não-cíclicas, aplicadas uma única vez, após a inserção de todos os morfemas flexionais e antecedidas pela regra de supressão da vogal temática (Pereira, 1999:192).

A acentuação verbal apresenta as seguintes regularidades (idem:191):

- i. as formas do Futuro do Indicativo e do Condicional recebem acento nos morfemas de tempo-modo-aspeto;
- ii. o acento incide sobre a vogal temática sempre que esta é seguida de um morfema de tempo-modo-aspeto;
- iii. quando não se observa nenhum dos casos anteriores, o acento afeta a penúltima sílaba da palavra morfológica.

Neste sistema de acentuação, a autora (idem: 185) distingue o Futuro do Indicativo e o Condicional dos restantes tempos e modos, cuja natureza complexa reflete a origem e evolução histórica destas formas. Em relação ao Futuro, as formas latinas foram substituídas por uma perífrase constituída pelo Infinitivo do verbo *a conjugar* e pelo Presente do Indicativo do verbo *habere*; apesar de não existir no latim, criou-se o Condicional à semelhança da

---

<sup>37</sup> A autora relembra que a cliticização pronominal das formas verbais permite a colocação do acento à esquerda da antepenúltima sílaba, violando, ao nível de superfície, a restrição da Janela de Três Sílabas (id.: 175). Os clíticos serão objeto de estudo mais pormenorizado no capítulo II.

<sup>38</sup> Os diferentes tempos verbais estão agrupados, de acordo com as mesmas autoras (id.: 1053) nos três Tempos aqui referidos da seguinte forma: os Tempos do Presente incluem o Presente do Indicativo, o Presente do Conjuntivo, o Imperativo, o Gerúndio, o Infinitivo não flexionado, o Infinitivo flexionado; os Tempos do Passado englobam o Imperfeito do Indicativo, o Perfeito do Indicativo, o Mais-que-perfeito do Indicativo, o Imperfeito do Conjuntivo, o Futuro do Conjuntivo, o Particípio Passado; os Tempos do Futuro agrupam o Futuro do Indicativo e o Condicional.

mesma estrutura, substituindo o Presente pelo Imperfeito do Indicativo do mesmo verbo<sup>39</sup> (Pereira, 1999: 163; Mateus e Andrade, 2000:115).

Regista-se, por isso, igualmente uma diferença no comportamento acentual destes tempos: a sílaba acentuada faz parte do morfema de tempo, modo e aspeto, encontrando-se, no caso do Futuro, na última ou na penúltima posição relativamente a limite direito da palavra e, no Condicional, na penúltima ou na antepenúltima (Pereira, id.:164).

Em relação ao segundo sistema, a condição da Janela de Três Sílabas nunca é violada. De acordo com a análise de Pereira (1999), poderemos enunciar algumas regras no que concerne à acentuação de formas não verbais do português:

- i. o acento não é sensível ao peso silábico;
- ii. o acento principal está sempre limitado a uma das três últimas sílabas da palavra;
- iii. no padrão normal, a sílaba acentuada é a última sílaba do radical derivacional (as marcas flexionais não influenciam a atribuição do acento);
- iv. nos padrões marcados, a sílaba acentuada é a penúltima ou a antepenúltima do radical derivacional .

Para Mateus et al. (2003: 1052), a acentuação das formas não verbais obedece a uma regra geral, que determina que os nomes e adjetivos sejam acentuados na última vogal do radical. Há, no entanto, uma exceção: se a última vogal estiver marcada como não-acentuável no léxico, acentua-se a penúltima vogal do radical.

Assim, a regra do acento não verbal opera no nível lexical, após a aplicação dos processos morfológicos lexicais e das regras cíclicas e antes da inserção do marcador de classe.

Além do acento principal – atribuído na componente lexical-, pode assinalar-se, em português, a existência de uma acentuação secundária – atribuída a nível pós-lexical, pois tem em conta processo como a supressão de vogais átonas e permite a variação decorrente do contexto fónico ou de circunstâncias aleatórias. Assim, palavras com os sufixos *-mente* e com *-z-avaliativo*, os compostos e certas palavras com prefixos possuem acento secundário, dado que mantêm a sílaba acentuada das formas de base (em virtude de não se registar a redução das vogais acentuadas), embora na palavra o acento predominante seja o que se situa mais à direita. Dado que este acento decorre da estrutura morfológica das palavras, é denominado

---

<sup>39</sup> De acordo com Pereira, “a natureza complexa da representação de base destas formas é legitimada sincronicamente pelo fenómeno da mesóclise: os clíticos pronominais não são inseridos à sua direita, como acontece com todos os outros tempos / modos, mas no seu interior” (idem: 164). A mesóclise será analisada, com mais pormenor, no capítulo II.



acento secundário morfológico (Pereira, 1999: capítulo 5; Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1058).

### 2.4.2. Acentuação em Espanhol

À semelhança do que alguns autores propõem para o português, a Real Academia Espanhola (1999) distingue quatro grupos de palavra, de acordo com a sua acentuação: as agudas ou oxítonas (palavra polissilábicas, cuja sílaba tónica seja a última sílaba da palavra), as graves ou paroxítonas (palavras cuja penúltima sílaba é tónica), esdrúxulas ou proparoxítonas (palavras cuja antepenúltima sílaba é tónica) e as sobresdrúxulas (palavras cuja sílaba tónica recai antes da antepenúltima sílaba). Por esse facto, o acento em espanhol dificilmente se assume como elemento demarcador da palavra, uma vez que o número de sílabas desta não é previsível (Anderson, 1965; Tobarra, 2005). Esta ideia é reforçada por Franch e Blecua (1998: 439), que reconhecendo a restrição da ‘Janela das Três Sílabas’ para o espanhol nomeiam a existência de palavras com duplo acento de intensidade e a condicionante histórica do acento<sup>40</sup>. Pensado (1999: 4441) defende que, nesta língua, cada palavra apresenta um único acento, à exceção de certos composto (*fútbol-sala*), dos advérbios construídos com o sufixo *-mente* (*cómodamente*) e as sequências de palavra tónica e pronomes enclíticos quando a combinação resulta numa sobresdrúxula (*póngaseló*).

Apesar de se tratar de uma língua de acento livre, o acento pode assumir um carácter distintivo, **ou seja**, há alguns esquemas acentuais que podem apresentar carácter significativo e permitir a distinção de sequências idênticas de fonemas. Tal sucede, por exemplo, em *tomo* e *tomó*. De acordo com Tobarra (2005), um só fonema vocálico /o/ ocorre nas duas palavras, em posição final, que apenas se distingue no acento, que adquire valor distintivo.

Ao contrário do que é defendido pela Real Academia Espanhola, este autor apenas defende três padrões de acentuação, conforme o acento seja atribuído à última, penúltima ou antepenúltima sílaba da palavra. O acento só é atribuído a uma sílaba anterior à antepenúltima em verbos com clíticos, pelo que Tobarra (idem) considera ser inadequada a denominação de sobresdrúxulas a essas palavras (ver nota 37).

O respeito pela Janela das Três Sílabas é reforçado por Roca (1992: 271-2), que demonstra que o acento pode ser deslocado se recair numa sílaba anterior à antepenúltima.

---

<sup>40</sup> A colocação do acento em espanhol segue as normas de acentuação do étimo latino. Em latim, o acento caía na penúltima sílaba se esta tivesse uma vogal longa ou terminasse em consoante, caso contrário recebia o acento a antepenúltima sílaba (havendo mais de duas sílabas). Era raro acentuar a última sílaba.

Para comprovar a sua teoria, o autor nomeia o deslocamento do acento em palavras derivadas contendo o sufixo *-ico*: *ciclo* – *cíclico*; *órgano* – *orgânico*. No primeiro exemplo, com o acréscimo do sufixo, a vogal acentuada não sofre alteração, já no segundo exemplo o acento desloca-se para a direita, de modo a respeitar a restrição nomeada.

Algumas regras simples podem ser enunciadas para a acentuação de nomes: as palavras terminadas em vogal são acentuadas na penúltima sílaba, já as terminadas em consoante o são tendencialmente na última. Há ainda um número excecional de palavras acentuadas na antepenúltima sílaba (Cruttenden, 1997:14).

Em relação ao acento verbal, e como bem definiu Roca (id.:276), a acentuação é fixa no domínio do paradigma<sup>41</sup>, dependendo da estrutura morfológica. Desta forma, o acento pode localizar-se na vogal temática, no morfema flexional ou na última sílaba. Assim, localiza-se na vogal temática nos tempos do imperfeito, no morfema lexical no futuro e no condicional e na penúltima ou na última<sup>42</sup> sílaba no presente (id.:282).

### 2.4.3. Acentuação em Francês

Diferente parece ser o caso do francês. Nesta língua, o acento tem sido tradicionalmente descrito como um acento de duração, caracterizado pelo alongamento da última vogal plena, acompanhado igualmente por um movimento tonal<sup>43</sup>. Embora a localização desse acento seja determinada morfológicamente, o seu domínio é o grupo de palavras que constitui uma unidade de sentido, podendo uma palavra perder o seu acento quando não ocupa a posição final de um grupo prosódico (Nakata e Meynadier, 2008).

De acordo com Bally (1965: 204), no entanto, a palavra apresenta normalmente um acento na última sílaba qualquer que seja a sua constituição sintagmática. Um prefixo é sempre átono e o radical torna-se átono quando se liga a um sufixo. Tal significa que, para os franceses, a palavra é uma unidade compacta, onde os elementos se excluem perante o radical.

Esta constatação vem ao encontro das ideias defendidas por Garde (1968:99), para quem o francês é uma língua de acento fixo, recaindo este na última sílaba da palavra, admitindo, no entanto, que as palavras podem perder o seu acento de acordo com a posição que assumirem na frase. Cruttenden (1997:14) sublinha que o acento nesta língua tende a marcar a última

---

<sup>41</sup> Esta parece ser uma característica das línguas românicas, à exceção do francês que o autor considera ser uma língua que não apresenta acentuação na palavra (Roca, 1992:276).

<sup>42</sup> Acentua-se a última sílaba na segunda pessoa do plural (Roca, 2006: 240).

<sup>43</sup> O acento tonal é um acento de altura que consiste em destacar uma parte da palavra por uma elevação do som fundamental (Dubois et al., 1993: 589-90).

sílaba de um grupo de palavras, delimitando um grupo e não uma palavra<sup>44</sup>. Walker (1975:887) formula uma regra para a atribuição do acento na língua nomeada:  $V \rightarrow [+ \text{stress}] / \_\_ C_0 (\dot{\imath} C_0) \#$ .

Assim, de acordo com o autor, o acento é atribuído à última vogal da palavra, salvo se esta for um shwa, sendo nesse caso atribuído à penúltima vogal, como se constata nos exemplos: *parti* [parti]; *hiver* [ivé: r]; *est* [est]; *première* [prəmjë: r(ə)].

Tratando-se de uma língua de acento fixo, este não tem para os falantes um valor distintivo, **ou seja**, não existem em francês palavras que se distingam somente em virtude da colocação do acento, por esse facto os falantes mostram-se incapazes de distinguir palavras que apenas difiram na colocação do acento (Peperkamp, Dupoux e Sebastián-Gallés, 1999).

#### 2.4.4. Acentuação em Inglês

Frisch (2001: 37-8) relembra que, no inglês, o acento recai no início da palavra. No entanto, as palavras com quatro sílabas apresentam acentuação primária na terceira sílaba e acentuação secundária na sílaba inicial. Talvez tenha sido esse facto que motivou que Martinet (1966: 48) a considerar que, na língua referida, o acento não se relaciona com os limites de palavra, mas a sua presença num determinado ponto da cadeia sonora sinalizava a presença de uma unidade significativa, correspondendo, muitas vezes, ao que normalmente se designa como palavra. Katamba (1989:224) afirma mesmo que o acento, em inglês, não é parte integrante da vogal. Em várias palavras dissilábicas, a localização do acento depende do facto de a palavra estar a ser utilizada como nome - *'project* - ou como verbo - *pro'ject*.

Cruttenden (1997:14) defende que o acento em inglês tem uma função distintiva e não delimitativa<sup>45</sup>, formulando algumas regras que permitem determinar a atribuição do acento. Na sua análise, indica como não acentuados os verbos auxiliares, pronomes pessoais, preposições e algumas conjunções (idem 17). Em relação às restantes palavras, começa por estabelecer dois grupos: radicais e afixos. No que concerne aos radicais, subdivide o grupo, distinguindo os verbos e adjetivos (em que o acento é atribuído à última sílaba, exceto se esta apresentar uma vogal breve e for uma sílaba aberta ou fechada por uma consoante simples, sendo nesse caso atribuído à penúltima, como se verifica em *reláte*) dos nomes (em que a

<sup>44</sup> Nas palavras francesas, pronunciadas isoladamente e sem movimento afetivo, o acento recai na última sílaba na vogal pronunciada. No contínuo sonoro, o acento recai na última sílaba na vogal pronunciada de um grupo acentual (Grevisse, 1980: 67).

<sup>45</sup> Esta não é a opinião de Aronoff (1985: 40), que assinala a existência de uma regra de encurtamento da vogal de qualquer sílaba acentuada que se encontre a três ou mais sílabas do limite direito da palavra.

presença de uma vogal longa atrai o acento em palavras dissilábicas, como acontece em *catárrh*; nas que apresentam mais de duas sílabas e terminam em vogal longa, o acento pode opcionalmente cair na antepenúltima sílaba como em *ánecdote*; caso a última sílaba apresente uma vogal breve, esta é considerada extramétrica e são aplicadas as regras definidas para os verbos e adjetivos, como em *élephant*).

De acordo com o mesmo autor (idem: 16), os sufixos podem influenciar a acentuação de três formas diferentes. Sufixos como *-ment* ou *-ly*, não alteram a acentuação do radical, mas implicam uma alteração na acentuação da palavra ( *fulfíl* / *fulfílment*; *úsual* / *úsually*). Outros, como *-ic* ou *-ity*, implicam uma alteração na acentuação do radical (*ecónomy* / *económic*; *cúrious* / *curiósity*). Há ainda um terceiro grupo que sendo acentuados fazem recair sobre si o acento da palavra (*limit* / *limitation*).

Garde (1969: 121) refere que nesta língua os afixos de origem não inglesa apresentam um comportamento constante, independente da raiz a que se liguem: uns são sempre acentuados e outros nunca o são.

#### 2.4.5. Acentuação em Alemão

O alemão é, de acordo com Garde (1968:68), uma língua de acento livre. O acento recai na raiz ou na vogal do radical. Além disso, a maioria das raízes são monossílabos, com rima ramificada - *'Haus*, *'hell* -, ou apresentam uma segunda sílaba não acentuada - *'sicher*, *'Keller* - (Braches, 1987: 31). Há, no entanto, palavras que apresentam uma vogal longa na segunda sílaba, tornando-se esta pesada e recebendo, por isso, um acento secundário - *'Her,zog*; *'Hei,rat* ; *'Ur,laub* (id.: 27).

O mesmo acontece com sufixos que apresentem vogais longas ou ditongos como *-los*, *-heit*, *-sam*. Estes sufixos apresentam uma sílaba pesada, apresentam características de palavra e formam uma palavra prosódica - *'lang,sam* ; *'Reich,tum* ; *'Echt,heit* (Wiese, 1996: 278). Os sufixos formam normalmente uma única palavra com o radical e atraem o acento principal, como acontece com *-ei*, *-ier(en)*, *-ät* (id.: 49) .

Numa palavra como *ruhig*, o sufixo *-ig* liga-se ao radical - *Ruh(e)*, formando uma única palavra prosódica. A palavra continua a ter duas sílabas. Já em *einsam*, o sufixo *-sam* apresenta a constituição de uma sílaba pesada, é acentuado, e a palavra à qual se une apresenta as mesmas características. Apesar de a construção resultante ter igualmente duas

sílabas, agora há duas palavras prosódicas. Já a flexão não acarreta qualquer alteração nas palavras, mesmo quando se trata da flexão em grau, como nos adjetivos.

Da mesma forma, em alemão, encontramos prefixos que são acentuados e atraem o acento de palavra como *auf-* em *'Aufgang*, outros que são sempre inacentuados como *be-* em *be'deuten* e outros que podem ser ou não acentuados como *un-* em *'unmenschlich* ou *un'menschlich* (Braches, 1987: 37-8).

A palavra prosódica, em alemão, é constituída por um ou dois pés trocaicos com proeminência à direita. Se à esquerda for constituído novo pé ou se existirem outras sílabas, pode constituir novo pé à esquerda. Nesse caso, sobre o pé mais à direita recai o acento principal, e ao outro é atribuído um acento secundário. Além disso, uma sílaba pode ser associada diretamente à palavra prosódica, o que ocorre, por exemplo, com sílabas iniciais átonas (*Kamel* e *Girrafe* são exemplo disso): *Kamel* - /ka'me:l/, cuja organização prosódica é [Ka[mel]<sub>F</sub>]<sub>PW</sub> e *Girrafe* - /gi'ɪʁafa/, com a seguinte organização prosódica: [Gi[raffe]<sub>F</sub>]<sub>PW</sub>.

Nas palavras compostas, sobre a palavra prosódica mais à esquerda recai o acento principal, e a que se encontra à direita comporta o acento secundário. Disso mesmo encontramos exemplo em *Handtuch* - /'hanttu:x/, como poderemos observar pela sua organização prosódica: [[[Hand]<sub>F</sub>]<sub>PW</sub>[tuch]<sub>F</sub>]<sub>PW</sub>]<sub>PW</sub>.

A diferença entre o alemão e o francês reside no facto de no alemão o acento se associar à raiz, independentemente da função sintática por esta desempenhada. Já no francês um radical pode perder a sua autonomia sintática, quando forma uma palavra composta, podendo perder o seu acento em consequência dessa associação. Por exemplo, em *Sterbebett* os dois morfemas radicais conservam a sua acentuação; já em *lit de mort*, morfologicamente um composto, forma-se uma unidade acentual, recaindo o acento na última sílaba (Garde, id.: 75).

Este último exemplo sublinha, mais uma vez, a distinção entre os dois grupos aqui indicados – línguas de acento fixo e línguas de acento livre, permitindo concluir que o acento pode ser um indicador dos limites da palavra no primeiro grupo, mas não no segundo.

## 2.5. Domínio de aplicação de regras e processos fonológicos

A palavra prosódica ainda é o domínio de aplicação de fenómenos fonológicos e segmentais de diferentes tipos (Trask, 1996: 275; Dai, 1998: 104; Peperkamp, 1999; Mateus, Frota e Vigário, 2003:1061).

Nas cinco línguas em estudo ocorrem um conjunto de regras que contribuem para a delimitação da palavra prosódica, sendo que a mais nomeada pelos linguistas a harmonização vocálica. No entanto, podemos referir um conjunto vasto de outras regras, a saber: indicadores alofónicos, neutralização da vogal média baixa e das vogais átonas, dessonorização de consoantes fricativas, obstrução glotal, semivocalização, ditongação de vogais médias acentuadas, sonorização intervocálica da sibilante, apagamento de vogais.

Em seguida, analisaremos a ocorrência de algumas dessas regras nas línguas em estudo.

### 2.5.1. Indicadores alofónicos

Os fonemas têm diferentes realizações dependendo da sua distribuição nas palavras ou sílabas. Algumas dessas realizações ocorrem exclusivamente no domínio da palavra, contribuindo para a delimitação do seu domínio.

Em inglês, /t/ e /r/ em “*night rates*” diferem dos que se realizam em “*nitrates*” (nomeadamente, /t/ é aspirado e retrofletido em “*nitrates*” mas não é aspirado, nem glotalizado em “*night rates*”; /r/ é vozeado em “*nitrates*” mas não o é em “*night rates*”); tais diferenças podem ser utilizadas para identificar limites de palavra. (Christophe, Gout, Peperkamp e Morgan, 2003).

No espanhol, há duas formas alomórficas para o artigo definido, feminino, singular: *la*, que ocorre na maioria dos casos, e *el*, que ocorre somente quando a palavra seguinte se inicia com um /a/ acentuado, como facilmente verificamos nos exemplos: *la armadura*, *la avenida*, *el ama*, *el alma*. A regra da substituição de *la* por *el* é uma regra cíclica do domínio da palavra prosódica do espanhol. Embora se apresente como um afixo cíclico, o artigo não implica apagamento do acento (Halle & Vergnaud, 1990: 93-4).

### 2.5.2. Harmonização vocálica (Metafonia)

A harmonização vocálica é um processo de assimilação total ou parcial entre duas vogais não contínuas, **ou seja**, é a mudança do timbre de uma vogal pretónica para se harmonizar com a vogal tónica ou com a palavra (Mattoso Câmara Jr., 2007:166).

No alemão, quando a vogal do radical harmoniza com o sufixo, origina um processo conhecido como *metafonia*, assimilação caracterizada pela modificação do timbre de uma vogal sob a influência de uma outra vogal não contígua situada na mesma palavra. Essa

alteração é simbolizada na escrita pelo trema (Umlaut). Exemplo dessa alteração encontramos na formação do plural em nomes como *Gast*, que apresenta a forma flexionada *Gäste*, em que o trema indica a anteriorização da vogal (Booij, 2007: 37; Neveu, 2007: 201). A mesma alteração pode ocorrer com sufixos derivacionais como *-lich* na formação de adjetivos como *väterlich* (Booij, 2007: 264).

Em francês, uma sílaba aberta não final uma vogal baixa, seguida por uma sílaba como vogal menos baixa, torna-se menos baixa. Este processo ocorre com mais frequência nas vogais não arredondadas /e/ e /ɛ/ do que nas arredondadas posteriores /ø/ e /œ/. Exemplos dessa transformação ocorre entre *fête* /ɛ/ e *fêtée* /e/, mas não em *fêtard* /ɛ/. O mesmo sucede entre *beugle* /œ/ e *beugle* /ø/ não se verificando em *beuglement* /œ/ (Casagrande, 1984:89).

Este processo ocorre igualmente em português nos verbos que apresentam [e], [ɛ], [o], [ɔ] como última vogal do radical. Nestes verbos, verifica-se na alternância de altura da última vogal do radical dos verbos quando é acentuada, **ou seja**, as vogais baixas, médias e altas acentuadas ocorrem nas formas em que a vogal temática foi suprimida. Esta alternância resulta da projeção do traço de altura da vogal temática sobre a vogal do radical acentuada. A vogal que sofre assimilação apresenta, no entanto, **duas restrições: não pode ser alta e não pode ser baixa.**

Mateus (2003: 1024) sublinha que o processo descrito ocorre na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo e nas primeira, segunda e terceira pessoas do singular e terceira do plural do Conjuntivo. Nessas formas verbais, o sufixo que se segue à vogal temática é uma vogal, pelo que a vogal temática e a posição que lhe está associada na estrutura subjacente são suprimidas. Em consequência o traço de altura da vogal temática torna-se um segmento flutuante e projeta-se na vogal do radical. Assim, num verbo como *levar*, obtemos as formas *l[é]vo*, *l[é]ve*, *l[é]ves*, *l[é]ve* e *l[é]vem*. No entanto, em *v[í]ro* ou *f[ú]ro*, a aplicação dessa alternância daria formas agramaticais (\*v[é]ro ou \*f[ó]ro). Interessa ainda sublinhar que a vogal do radical assimila apenas o traço de altura, mantendo os valores do traço [recuado] e [arredondado]<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> [e], [ɛ] e [i] são [-recuadas] e [-arredondadas]; [o], [ɔ], [u] são [+recuadas] e [+arredondadas].

### 2.5.3. Outros processos fonológicos

Neste item referiremos brevemente diferentes processos que, em cada língua, contribuem para delimitar a noção de palavra.

#### 2.5.3.1. Neutralização das vogais átonas

Em português, as vogais átonas estão sujeitas à modificação de timbre pela aplicação de regras gerais do vocalismo átono, **ou seja**, há uma elevação de todas as vogais fonológicas quando não acentuadas. Assim, /a/, [+baixa], realiza-se como [-baixa]; /e, ε, o, ɔ/ realizam-se como [+altas]; /e, ε/ realizam-se ainda como [+recuadas]. O processo de neutralização implica o desaparecimento de diferenças entre algumas vogais, pela aplicação de regras fonológicas (Mateus, 2003: 1012).

Verificamos este processo em derivações como *b[ε]lo* – *b[i]leza*; *c[a]sa* – *c[ɐ]sinha*. Em *b[i]leza* e *c[ɐ]sinha*, as vogais /a/ e /ε/ sofreram um processo de elevação e de recuo, **ou seja**, realizam-se como [-baixa] e [+recuadas], respetivamente, porque não são acentuadas.

Além da exceção indicada em 2.5.3.2., não se aplica a regra de neutralização das vogais átonas nas vogais de ditongos decrescentes (como em *b[ai]rrista*, *al[oi]rada* *end[ew]sar*) e quando as vogais átonas se encontram em início absoluto de palavra (como verificamos em *olhar* [o] / [ɔ], *ermida* [e] / [i] ou *elefante* [i]) (Mateus, id.: 1014)<sup>47</sup>.

Constituem ainda exceção a esta regra as palavras que integram os sufixos iniciados por –z, denominados z-avaliativos, e o sufixo –mente, uma vez que a vogal acentuada de base conserva as suas características apesar de não ter o acento principal, como se verifica em *devagarzinho* [a], *florzita* [o], *fácilmente* [a], *belamente* [ε], *fortemente* [ɔ] (id.: 1015). Estas palavras, que apresentam uma estrutura prosódica própria, serão objeto de estudo no Capítulo II.

---

<sup>47</sup> De acordo com a mesma autora (id.: 1015), há ainda um conjunto de palavras – *invásor* [a], *relator* [a], *redação* [a], *protetor* [ε], *absorver* [ɔ], *pregar* [ε], *córrar* [ɔ], *aquecer* [ε], *adotar* [ɔ] - que constituem exceções à regra assinalada em 2.5.3.1. A causa destas exceções é histórica e não analisável a nível sincrónico. São palavras marcadas no nível lexical, nas respetivas formas de base.



### 2.5.3.2. Neutralização da vogal média baixa

Em português, a neutralização de altura das vogais átonas em sílaba final terminada em /l/ ou /r/, vogais que ocorrem sempre como baixas, é um processo que ocorre no domínio da palavra (Mateus, 2004: 18).

Este processo pode verificar-se em palavras como *açúcar* [a], *caráter* [ɛ], *possível* [ɛ]. Nos exemplos as vogais átonas não manifestam alteração em relação às acentuadas por pertencerem a sílabas terminadas nas consoantes referidas, contexto que impede a alteração do timbre. Trata-se aqui de uma exceção à aplicação das regras de neutralização das vogais átonas, referida no item anterior (Mateus, 2003: 1013).

### 2.5.3.3. Desvozeamento de consoantes fricativas

Em alemão, todas as consoantes fricativas sofrem um processo de desvozeamento quando ocorrem em final de uma palavra (Gussmann, 2002: 145; Booij, 2007: 32). Assim, as consoantes fricativas apresentam sempre o traço [-voz] quando ocorrem em final de palavra, mas são [+voz] em outro contexto. Os pares seguintes ilustram essa alteração: *Lo*[p] - *Lo*[b]es; *Ra*[t] - *Ra*[d]es; *Sar*[k] - *Sär*[g]e; *akti*[f] - *akti*[v]e; *Gra*[s] - *Grä*[z]er; *oran*[ʃ]e - *Oran*[ʒ]e (Wiese, 1996). Este processo também ocorre entre membros de um composto, como em *Hal*[pj]ahr; *Flu*[kr]ekord; *Wil*[te]nde; *Hau*[sai]ngang, facto que demonstra que cada um desses membros é uma palavra prosódica.

Este processo ocorre igualmente no inglês, na fronteira de palavras, estando dependente do contexto. Assim, uma fricativa sonora mantém a sonoridade se for seguida de uma consoante sonora, mas perde-a se a consoante for surda (Spencer, 1996: 49), como se pode verificar nos exemplos: *five before* [faɪvbɪfɔ:] mas *five past* [faɪfpa:st]; *love declared* [lʌvdɪkle:d] mas *love to go* [lʌftəgou].

### 2.5.3.4. Obstrução glotal

A oclusiva glotal, som característico do alemão e que não existe em português, é um fonema que se realiza com uma pequena interrupção da corrente de ar, seguida por um súbito relaxamento da glote.

Em alemão, a obstrução glotal marca o início de um pé e preenche um ataque vazio, impedindo a ressilabificação. Este processo ocorre entre palavras (*Haus und Hof* \*[<sub>h</sub>hau-zun<sup>h</sup>dho:f] / [<sub>h</sub>hau-zund<sup>h</sup>ho:f]), entre elementos de um composto (farb-echt [farbʔext]) e entre prefixo e radical (Booij, 2001: 340).

#### 2.5.3.5. Realização do grafema *ch* como palatal ou velar em alemão

Troubetzkoy (1964: 310) assinala que a combinação de vogal posterior com palatal sinaliza a fronteira de um morfema, mas o mesmo não ocorre na sequência de vogal posterior com uma consoante velar. Em «*machen*», o *ch* é velar, indicando que não assinala limite de morfema; mas em *Mamachen*, o *ch* é palatal porque inicia um novo morfema, nomeadamente o sufixo diminutivo *-chen* (Alarcos Llorach, 1971: 105).

#### 2.5.3.6. Semivocalização

Em francês, há uma regra de semivocalização das vogais [i], [y], [u], que se aplica quando estas se encontram na fronteira de morfema, mas não se aplicam na fronteira de palavra. Do mesmo modo, a regra da epêntese do [j] ([ ] → [j] /i\_V) não se aplica se a vogal [i] se encontrar em contexto de final de palavra. Assim, na sequência *il rit* [ilri], não ocorre a semivocalização do [i], assinalando o final de palavra, acontecendo o inverso em *vous riez* [vurje] ou [vurije]. Neste último exemplo, pode ainda aplicar-se a regra de epêntese (Lyche et Girard, 1995 :210).

#### 2.5.3.7. Ditongação de vogais médias acentuadas

Em espanhol, há uma regra de ditongação que se aplica a algumas vogais médias acentuadas, que se pode verificar em algumas formas verbais, como as que se seguem: *pensámos* (1 pl.) - *piénso* (1 sg.); *venímos* (1 pl.) - *viéne* (3 sg.); *soltámos* (1 pl.) - *suélto* (1 sg.); *olémos* (1 pl.) - *huéle* (3 sg.).

No entanto, há outras formas em que a vogal sofre ditongação, mesmo não sendo acentuada, como: *buenísimo*; *pueblíto*; *adiestrár*.

Para explicar estas ocorrências, Harris (1969, 125-126) propõe que a regra de atribuição do acento principal se aplique ciclicamente. As vogais que estão sujeitas à atribuição cíclica

do acento formam ditongos. No entanto, o acento que é atribuído antes do último ciclo não se manifesta. Para explicar este facto, Harris propõe uma regra que elimina todo o acento, à exceção do primário atribuído mais à direita.

Numa teoria cíclica, esta última regra torna-se desnecessária, uma vez que é condição irrevogável que nenhuma das regras geradas no ciclo anterior se manifesta. Nesta perspetiva a regra de ditongação enunciada deve ser associada a um ciclo e ocorre após a regra de atribuição do acento principal (Halle e Vergnaud, 1990).

A palavra prosódica é, como pudemos verificar neste subcapítulo, domínio de aplicação regras fonológicas. A ocorrência das regras e processos referidos, bem como de outros que aqui não foram descritos, são mais um indicador da existência da palavra prosódica como unidade linguística.

### **3. Conclusão**

Neste primeiro capítulo procuramos reunir alguns indicadores dos limites da “palavra”, aqui entendida como unidade fonológica, identificada intuitivamente por um falante de uma língua. O nosso objetivo é determinar o conhecimento intuitivo, que se encontra na base dessa identificação.

A partir do quadro teórico da fonologia prosódica e de conceitos básicos de outras teorias, analisamos cinco indicadores dos limites da palavra prosódica: a restrição de minimalidade, a silabificação, as restrições fonotáticas, o acento, algumas regras e processos fonológicos. O estudo que efetuamos permite-nos concluir que, embora a eficácia destes indicadores dependa da língua em estudo, a sua conjugação pode constituir um contributo importante para a delimitação da unidade prosódica que denominamos por “palavra”.

Num primeiro momento, será relevante enunciarmos que, no que concerne ao **objeto de estudo deste trabalho – a palavra prosódica**, não parece pertinente a tradicional divisão entre línguas românicas e línguas germânicas. Apesar da escassez dos dados, os indicadores dos limites de palavra parecem resultar de características específicas de cada língua, independentemente do grupo a que pertencem, conforme podemos constatar a partir do Quadro 1.

Línguas		Características da palavra prosódica
LÍNGUAS ROMÂNICAS	Português	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem restrições de minimalidade</li> <li>• Silabificação entre radical e alguns afixos e entre palavras</li> <li>• Restrições fonotáticas no início e no término das palavras</li> <li>• Acento determinado morfológicamente</li> <li>• Metafonia</li> </ul>
	Espanhol	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem restrições de minimalidade, embora com preferência por pés trocaicos</li> <li>• Silabificação entre radical e alguns afixos e entre palavras</li> <li>• Restrições de encontros entre arquifonemas e fonemas nos limites de palavras</li> <li>• Acento determinado morfológicamente</li> <li>• Indicadores alofônicos</li> </ul>
	Francês	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem restrições de minimalidade</li> <li>• Silabificação ao nível do sintagma fonológico</li> <li>• Restrições de encontros consonânticos, evitados pela inserção de [ə]</li> <li>• Acento na última sílaba da palavra ou grupo prosódico</li> <li>• Harmonização vocálica</li> </ul>
LÍNGUAS GERMÂNICAS	Inglês	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavra mínima é bimoraica</li> <li>• Silabificação entre radical e afixos adjacentes</li> <li>• Restrições de encontros consonânticos em limite de palavras, mas não nos compostos</li> <li>• Acento com função distintiva e não delimitativa</li> <li>• Indicadores alofônicos</li> </ul>
	Alemão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavra mínima é bimoraica.</li> <li>• Silabificação entre radical e afixos adjacentes</li> <li>• Encontros consonânticos como indicadores do limite de palavras</li> <li>• Acento determinado morfológicamente (associado à raiz)</li> <li>• Harmonização vocálica</li> </ul>

**Quadro 1– Síntese das características da palavra nas línguas em estudo**

A partir das características enunciadas, procederemos a uma análise de alguns elementos linguísticos, que indiciam a inexistência de isomorfia entre a palavra gráfica e a palavra prosódica.

## **II. CAPÍTULO**

# **ESTATUTO FONOLÓGICOS DE ALGUMAS ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS COMPLEXAS**



## 0. Introdução

Analizamos, no capítulo anterior, a existência de diferentes indicadores que podem contribuir para determinar os limites de uma palavra. Nesse sentido, relembramos as características da palavra no português europeu:

- i. não apresenta restrições de minimalidade;
- ii. é domínio de silabificação, mas pode sofrer alterações, num processo pós-lexical, que implique ressilabificação;
- iii. é domínio de restrições fonotáticas (as restrições aplicadas à palavra podem não se aplicar aos clíticos ou a outros morfemas);
- iv. é domínio de atribuição de acento, o que implica que cada palavra possua um único acento;
- v. é domínio da aplicação de processos fonológicos, como a neutralização da vogal média baixa e das vogais átonas.

No capítulo anterior centramo-nos na Palavra Prosódica e nas suas características. Neste capítulo centrar-nos-emos nas estruturas que, de acordo com diferentes estudos realizados neste domínio, apresentam apenas parte das características nomeadas.

Assim, encontramos estruturas inacentuadas (clíticos); estruturas que não respeitam as restrições fonotáticas da língua (alguns clíticos); estruturas com dois acentos (mesóclise e alguns compostos); estruturas cuja acentuação não respeita aparentemente a Janela das Três Sílabas (mesóclise); estruturas que apresentam uma autonomia fonológica, mas que são morfologicamente dependentes (alguns afixos). Estas estruturas impulsionaram diferentes estudos sobre a estrutura prosódica do Português Europeu e motivaram a proposta de dois níveis acima da Palavra Prosódica:

- i. o Grupo Clítico;
- ii. o Grupo de Palavra Prosódica.

O **Grupo Clítico** é constituído pela palavra prosódica e pelos seus clíticos, quer se encontrem na margem esquerda (próclise), quer estejam na margem direita (ênclise) daquela (Nespor e Vogel, 1986).

O **Grupo de Palavra Prosódica**, uma noção recente e que não é consensualmente aceite pelos fonólogos, é construído por mais de uma palavra prosódica, sendo que uma domina a(s) outra(s). Este constituinte inclui palavras derivadas com sufixos que formam domínios de acento lexical independentes da sua base, palavras derivadas com prefixos acentuados, compostos morfológicos, compostos morfossintáticos, alguns compostos sintáticos, estruturas mesoclíticas, siglas, sequências de letras, sequências de letras e números e certas sequências de numerais e nomes (Vigário, 2007: 683).

A nossa análise centrar-se-á, neste capítulo, nas características destes dois constituintes. Começaremos por analisar a constituição do **Grupo Clítico** e os fenómenos fonológicos que motivam a sua independência como constituinte prosódico. Num segundo momento, analisaremos o **Grupo de Palavra Prosódica**, mas centrar-nos-emos apenas nas seguintes estruturas: estruturas mesoclíticas, palavras derivadas com sufixos que formam domínios de acento lexical independentes da sua base, palavras derivadas com prefixos acentuados, compostos morfológicos, compostos morfossintáticos.

A análise das estruturas assinaladas terá como ponto de partida as características da palavra que foram indicadas no capítulo anterior e centrar-se-á em estruturas testadas no estudo experimental.

## 1. Grupo Clítico

Para Hayes (1989: 207), o Grupo Clítico é constituído por uma palavra prosódica e pelos seus clíticos, agrupados no mesmo constituinte sintático. Para definir este constituinte, torna-se importante estabelecer as características dos elementos que o compõem: a palavra prosódica – caracterizada no capítulo I - e o clítico. Assim, enumeraremos, em primeiro lugar, as características gerais dos clíticos e a sua distribuição em diferentes subclasses; depois, analisaremos a relação que o clítico estabelece com o seu hospedeiro – palavra prosódica à qual se associa – e os processos fonológicos que ocorrem no interior da nova estrutura que se forma.

### 1.1. Características gerais dos clíticos

Muitas línguas apresentam elementos que exibem características das palavras independentes e características dos afixos, em especial dos flexionais. Algumas propriedades têm sido apresentadas para descrever os clíticos, nomeadamente, o serem maioritariamente



monossilábicos, o pertencerem a classes de palavras fechadas e a impossibilidade de aparecerem isoladamente. Estas características mostram-se, no entanto, insuficientes, uma vez que encontramos clíticos dissilábicos em português; algumas palavras pertencentes a classes fechadas não podem ser classificadas como clíticas; algumas preposições e conjunções, apesar de serem palavras prosódicas, não podem aparecer isoladamente (Vigário, 2003b: 174-5). Há, no entanto, propriedades essenciais que distinguem os clíticos das palavras lexicais: apresentarem-se como constituintes sintáticos, com alguma liberdade de movimentação na frase, pertencerem à classe das palavras funcionais e serem sempre inacentuados (Vigário, 2003b: 174). A esta última característica devem a designação de clíticos<sup>48</sup>. Os clíticos não têm, portanto, estatuto de vocábulo fonológico<sup>49</sup> (Mattoso Câmara Jr., 1972: 27). A ausência de acento implica uma outra característica: a sua associação a um hospedeiro (Barrie, 2000: 7).

Nesse sentido, Booij (2007: 166) define clíticos como “pequenas palavras” de classes não lexicais como pronomes e determinantes<sup>50</sup>, que se associam a um hospedeiro, com o qual formam uma estrutura prosódica. Os clíticos diferem ainda das palavras prosódicas por poderem ser menores do que um pé binário, sendo que em muitas línguas a palavra prosódica deve ser minimamente bimoraica. Ao contrário das palavras prosódicas, os clíticos violam restrições fonotáticas<sup>51</sup>, o que seria mais um argumento para diferenciar os clíticos das palavras prosódicas (Peperkamp, 1997).

Zwicky e Pullum (1983: 504-5) enumeram algumas características que possibilitam uma mais precisa definição de clítico:

- i. O clítico pode virtualmente associar-se a palavras de qualquer categoria sintática;
- ii. A combinação entre clítico e seu hospedeiro depende de algumas condições, como a estrutura sintática, as propriedades fonológicas e a categoria do hospedeiro e acentuação frásica;

---

<sup>48</sup> Anderson (2005:2) define clíticos como pequenas palavras inacentuadas – “Clitics are little words that lack accent of their own”.

<sup>49</sup> Esse facto é sublinhado por outro aspeto: pessoas que não dominam o sistema de escrita português e os copistas medievais escrevem *olivro*, *sefala*, *falase*, sem espaço em branco, adotando um critério fonológico, que não é autorizado pelas convenções atualmente vigentes da ortografia portuguesa (Mattoso Câmara Jr, 1998:36).

<sup>50</sup> A associação do clítico a categorias não lexicais é questionada por Inkelas (1990: 234), demonstrando que algumas palavras plenas do inglês podem apresentar formas reduzidas inacentuadas, que seriam clíticos. Essa opinião vem ao encontro da de Anderson (2005:26), que inclui na categoria de clíticos as formas reduzidas dos verbos auxiliares em inglês.

<sup>51</sup> Em português, o fonema /ʎ/ não ocorre em início de palavras, mas ocorre no clítico *lhe*.

- iii. Não ocorrem idiossincrasias morfofonológicas ou semânticas no interior do grupo clítico;
- iv. No que respeita a regras sintáticas, o grupo clítico não é considerado como uma unidade;
- v. Um clítico pode associar-se a um grupo clítico.

É ainda Zwicky (1985: 286-7) que coloca em causa a designação de clítico como elemento não acentuado, acrescentando outras características que mais fielmente permitirão a distinção entre clítico e palavra. Assim, torna-se relevante referir que o clítico forma com uma palavra uma unidade prosódica, constituindo uma estrutura prosódica, no interior da qual operam as regras de sandhi interno, de acentuação e da harmonização vocálica.

Por sua vez, Anderson (2005: 45) defende a inexistência de uma propriedade [ $\pm$  Clítico] específica para estes elementos, mas a sua distinção far-se-ia em função de uma dimensão no domínio da fonologia. Os clíticos são deficientes em termos prosódicos, uma vez que não apresentam a estrutura de uma palavra prosódica no momento em que se associam a uma estrutura sintática. Essa deficiência prosódica resulta do facto de o clítico ser constituído por uma sílaba, mas não formar um pé métrico, sendo, por isso, necessária a sua incorporação numa palavra prosódica ou num outro constituinte da estrutura prosódica, no domínio da fonologia pós-lexical. No entanto, uma sequência de dois clíticos pode constituir um pé métrico, introduzindo, desta forma, alterações na acentuação (id.: 43)<sup>52</sup>.

Essa dependência dos clíticos implicou que alguns autores, na opinião de Nespor e Vogel (1986: 145), os associassem à palavra prosódica, quando são considerados similares aos afixos, ou à frase fonológica, quando são considerados similares a palavras independentes. No entanto, as mesmas autoras registam casos em que o clítico não pertence a nenhuma dessas categorias, indicando a existência de fenómenos específicos que apenas ocorrem entre clítico e palavra prosódica, facto que justificava a presença de um outro constituinte na estrutura prosódica que abrangesse esses casos, denominado *Grupo Clítico*. Acresce ainda que a relação entre clítico e hospedeiro apresenta características diferentes, dependendo da natureza dos dois constituintes<sup>53</sup>. A inclusão deste constituinte na hierarquia

---

<sup>52</sup> Anderson (2005:43) refere-se a exemplos do grego, indicando que quando dois clíticos se seguem a uma palavra prosódica, se formam dois pés dissilábicos, mantendo-se o acento do primeiro pé, como acontece em [ðósemúto].

<sup>53</sup> “A Clitic Group is constructed by combining a nonclitic word with any suitable adjacent clitics. ‘Suitable’ here refers to the notion that some clitics are lexically specified to attach in only one direction.” (Anderson, 2005: 43)

prosódica não tem, no entanto, sido pacífica. A existência do clítico não implica, por si só, que seja admitido o grupo clítico na hierarquia prosódica. Para que tal fosse possível, tornava-se necessário que o grupo clítico fosse domínio exclusivo de regras fonológicas em todas as línguas. No entanto, embora isso se verifique em línguas como o português, o mesmo não acontece no que concerne, por exemplo, à língua inglesa (Fragoso, 2009: 101)<sup>54</sup>.

Assumindo a ausência de argumentos consistentes para a inclusão do grupo clítico na estrutura prosódica, Anderson (2005:44) defende que a relação entre clítico e hospedeiro se explica facilmente recorrendo à assunção de que a estrutura referida pode ser organizada a nível lexical, a nível pós-lexical ou em ambos. Nesta perspectiva, a análise dos clíticos implica o reconhecimento de dois tipos de palavras: as que derivam da morfologia e as que apenas existem depois de terminado o processo sintático. Este tipo de análise implica a divisão do processo de estruturação das palavras em duas componentes: a morfologia e a clitização pós-sintática (Sadock, 1991: 51).

No nosso estudo procuraremos explicitar a pertinência deste constituinte prosódico, referindo os processos fonológicos que apenas ocorrem no domínio do Grupo Clítico.

## 1.2. Subclasses do clítico

As palavras funcionais apresentam, como assinalamos, propriedades diferentes das palavras lexicais (Selkirk, 1995:440). Segundo Bisol (2000: 19), os clíticos não respeitam os requisitos básicos da palavra prosódica, dado que não formam pés bimoraicos e não apresentam acento. Assim, e de acordo com a mesma autora (2005a), os clíticos apresentam as seguintes propriedades universais: (i) são átonos, (ii) são formas dependentes e (iii) pertencem a diferentes classes morfológicas.

Atendendo ainda à característica essencial do clítico – ser átono –, Vigário (2003b: 180) distingue clíticos de palavras funcionais acentuadas. Assim, considera palavras funcionais acentuadas algumas preposições (*após, até, desde, sobre*), alguns pronomes pessoais (*ele(s), ela(s), nós, nosso(s), nossa(s)*), algumas conjunções (*logo, embora, caso, conforme*), o quantificador *todos*, os pronomes *quem* e *onde*.

---

<sup>54</sup> Para Hayes (1989: 209), o grupo clítico é domínio das regras de palatalização e de sandhi no inglês. Para Bisol (2005a), o grupo clítico é domínio da regra de elisão da vogal /e/, além de ser o menor domínio para a regra de elisão da vogal /a/ no português brasileiro.

No que respeita ao grupo dos clíticos, a autora divide-o ainda em monossilábicos e dissilábicos. Pertencem ao primeiro subgrupo<sup>55</sup> algumas preposições (*a, de, por, com, em*), os artigos definidos<sup>56</sup>, alguns pronomes pessoais (*me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, os, a, as*), algumas conjunções (*e, mas, ou*), o pronome (*que*). Inserem-se no segundo subgrupo a preposição ou conjunção *para*, a contração *pelo(s)/a(s)*, o quantificador ou pronome *cada*, o complementador *porque* (cf. Bisol, 2004:1).

Vigário (2003b: 182) estabelece uma correspondência entre os clíticos em português e as subclasses indicadas por Zwicky (1977)<sup>57</sup>. Assim, de acordo com a autora, poderemos encontrar as seguintes subclasses em Português Europeu:

- i. clíticos especiais: os pronomes pessoais inacentuados apresentam uma distribuição especial;
- ii. clíticos adjuntos: as palavras funcionais com *schwa* ou [ə] como única vogal são inacentuadas e, por isso, são consideradas palavras dependentes;
- iii. clíticos simples: as restantes palavras funcionais inacentuadas.

Esta divisão parece igualmente ser motivada pela classe gramatical a que pertence o clítico, uma vez que esta influencia a posição que o clítico assume em relação ao hospedeiro.

---

<sup>55</sup> Bisol (2005b) acrescenta ainda os artigos indefinidos *um* e *uma*. Vigário (2003b: 179) admite a possibilidade de os referidos artigos poderem ser considerados inacentuados, mas ser difícil diferenciar o seu comportamento do das palavras acentuadas.

<sup>56</sup> Há, em português, uma conexão particular entre as formas do artigo definido e os pronomes clíticos átonos, que historicamente provêm do acusativo do demonstrativo latino *ille, illa, illud*. “Para a terceira pessoa não possuía o latim nenhum pronome especial, recorria por isso a alguns dos demonstrativos, *hic, iste, ipse, is, idem*, ou *ille*; o latim vulgar empregou de preferência no masculino *ille*, que se acha representado em português por *ele* e *el*, que divergem entre si apenas em o primeiro conservar o *e* final, que no segundo, ainda em uso no povo, que *lhe* dá para plural *eis*, caiu, devido a próclise (...)” (Nunes, 1989:237). O mesmo autor (id:251) sublinha a inexistência de artigos no latim, sendo utilizado com a mesma função destes, nomeadamente designar pessoa ou coisa conhecida por todos, os demonstrativos *ille* e *ipse*. No acusativo, *ille* evoluiu regularmente para *elo* e *ela*, formas que pelo seu carácter proclítico passaram para *lo* e *la*. “Sucedida, porém, que na fala, em que soavam como se constituíssem um vocábulo único a palavra e o *lo* ou *la* que a precedia ou seguia, frequentemente estes se achavam entre vogais e, como em tais casos o génio da língua repelia o *-l*, daí a sua transformação posterior em *o* ou *a*” (id: 252).

<sup>57</sup> Zwicky (1977) propõe a distinção de três subclasses de clíticos: os simples (definidos como morfemas livres que, quando inacentuados, podem apresentar uma forma reduzida fonologicamente e dependente de um hospedeiro); os especiais (formas dependentes inacentuadas que surgem como variantes de formas livres acentuadas, com o mesmo significado e fonologicamente semelhantes; não se tratam, no entanto, de formas comutativas, podendo, pelo contrário, ocorrer na mesma frase); os adjuntos (morfemas dependentes e inacentuados, que podem ser associados a palavras de diferentes classes morfológicas).

### 1.3. Relação entre o clítico e o hospedeiro

Enquanto forma dependente, o clítico pode associar-se ao elemento linguístico que o antecede - enclíticos - ou ao que o segue – proclíticos (Halpern, 2001: 101)<sup>58</sup>. De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1970: 62), os primeiros corresponderiam a uma sílaba postônica última de um vocábulo, enquanto os segundos a sílabas pretônicas. A diferença entre enclíticos e proclíticos mostra-se igualmente no grau de conexão: os enclíticos (como os sufixos) apresentam uma maior ligação com o hospedeiro do que os proclíticos (como os prefixos), os quais normalmente apresentam uma maior independência em relação ao hospedeiro (Vigário, 2003b: 18). Línguas como o português admitem ainda uma terceira opção – a mesóclise, quando o clítico ocorre no interior do hospedeiro (Brito, Duarte e Matos, 2003:831)<sup>59</sup>.

Um clítico, no sentido fonológico restrito, ou seja, uma palavra sem acentuação e não apresentando qualquer outra particularidade, não necessita de ter consequências sintáticas. É esse o caso, por exemplo, das preposições que regem o sintagma preposicional. Contrapondo a esta definição de clítico, as línguas românicas apresentam uma classe de pronomes inacentuados e que implicam uma redistribuição dos constituintes frásicos. Esta constatação mostra que, embora comportando-se todos como palavras dependentes fonologicamente, alguns clíticos são considerados como pertencentes à palavra prosódica, quando se assemelham a afixos, outros à frase fonológica, quando se assemelham a palavras independentes (Fragoso, 2009: 103-4).

De acordo com Selkirk (1995), a relação referida pode apresentar diferentes configurações, podendo os clíticos assumir diferentes designações: clíticos livres, clíticos internos e clíticos afixais<sup>60</sup> e apresentam as seguintes estruturas:

- i. Clítico livre:  $(fnc(lex)_{PWd})_{PPh}$ ;
- ii. Clítico interno:  $((fnclex)_{PWd})_{PPh}$ ;
- iii. Clítico afixal:  $((fnc(lex)_{PWd})_{PWd})_{PPh}$ .

Ainda no que se refere à relação que estabelecem com o hospedeiro, Vigário (2003b:188) refere que os proclíticos e os enclíticos apresentam estruturas diferentes. Assim,

<sup>58</sup> A associação entre clítico e hospedeiro pode ser apenas motivada fonologicamente, mas há igualmente situações em que a motivação é sintática, ou seja, depende da estrutura sintática em que clítico e hospedeiro se integram (Anderson, 2005: 55).

<sup>59</sup> A mesóclise implica uma estrutura prosódica diferente e será analisada no ponto 2.1. deste capítulo.

<sup>60</sup> Para clarificar estes conceitos, podemos estabelecer a seguinte correspondência entre as subclasses indicadas por Zwicky (1977) e as indicadas por Selkirk (1995): clíticos simples são clíticos livres; clíticos especiais são clíticos internos; clíticos adjuntos são clíticos afixais.

de acordo com a autora, os proclíticos apresentariam uma estrutura de adjunção; enquanto os enclíticos apresentariam uma estrutura de incorporação. Desta forma, a relação entre o enclítico e o hospedeiro parece ser mais estreita do que a estabelecida entre o proclítico e o hospedeiro.

A distinção entre os diferentes clíticos não se circunscreve ao facto de pertencerem a diferentes classes gramaticais, mas alarga-se à sua preferência pela ênclise ou pela próclise. Neste sentido, **as preposições e os artigos** são preferencialmente proclíticos enquanto os pronomes pessoais enclíticos (Vigário, 2003b: 188). A este respeito, Vigário assinala duas regras - a regra de apagamento da vogal arredondada (regra que apenas ocorre em final de palavra prosódica) e **degeminação silábica** (apagamento opcional da consoante e da vogal da primeira de duas sílabas semelhantes, quando a primeira, sílaba final de uma palavra prosódica, é átona e a segunda se encontra em início de palavra), para mostrar que os artigos e as preposições não se comportam como enclíticos, **ou seja**, que não incorporam na palavra prosódica que os precede. Assim, a não ocorrência do processo de apagamento da vogal arredondada - *gosto do artigo* [w] / \*0 - e a degeminação silábica - *ele entende de tudo* [didi] / [di] - mostram que a preposição não está incorporada na palavra anterior.

Vigário (2003b: 196) concluiu que as preposições e os artigos estabeleceriam uma relação preferencial com o hospedeiro à sua direita, preferindo a próclise. Além disso, como proclíticas, não afetam a realização da vogal inicial de uma palavra prosódica, quando se trata de uma vogal não central e não alta. Esse comportamento verifica-se igualmente em clíticos pronominais que surjam em posição pré-verbal, **ou seja**, que se apresentem como proclíticos.

Diferente é o comportamento dos **clíticos pronominais**, entendidos como preferencialmente enclíticos. Começaremos por analisar os processos fonológicos que ocorrem na sequência de dois clíticos pronominais. Vigário (1998: 586) nomeia a queda da consoante dos pronomes clíticos dativos *nos* e *vos* quando é seguida por um clítico na forma acusativa *lo(s)/la(s)*. Isso mesmo verificamos em “*deste-no-lo*” ou “*dou-vo-la*”, mas não em “*\*dou-lhe-lo*”. A queda de consoante ocorre ainda na sequência entre formas verbais e clíticos pronominais dativos, quando ambos se encontram na primeira e segunda pessoas do plural (*damo-nos* ou *damo-vos*), não ocorrendo se o verbo estiver conjugado na primeira, segunda ou terceira pessoas do singular, mesmo que sejam seguidas do mesmo clítico (*pus-nos* ou *faz-nos*). Da mesma forma, não verificamos a sua ocorrência se o clítico utilizado estiver na segunda ou terceira pessoa do singular ou na terceira do plural (*damos-te*, *damos-lhe*, *damos-lhes*). Este é, de acordo com a autora, um processo idiossincrático, dado que as sequências de

consoante em coda seguida de consoante em ataque ser bem formada em português, quer no interior da palavra (*asno*, *esventrar*), quer entre palavras (*belas luvas*, *pires novo*).

A sequência entre verbo e alguns clíticos pronominais em posição enclítica, nomeadamente os referentes à 3ª pessoa, não reflexos, com função de complemento direto - *o*, *a*, *os* e *as* - implica igualmente a ocorrência de processos fonológicos como a epêntese de /n/ como ataque do clítico, quando o verbo termina em nasal – *os rapazes partiram-nos* - ou a transformação da fricativa alveolar ou pós-alveolar ou da rótica dos verbos ou outros clíticos em /l/, quando são seguidos de um clítico iniciado em vogal – *ele fê-lo* (Barrie, 2000: 41-2; Luís, 2001). Estas formas coocorrem com formas onde essas alterações não se verificam (*partiu-o* ou *fazia-o*). Estas variações não são explicáveis através de regras fonológicas gerais da língua, pois envolvem informação de natureza morfossintática. Na realidade, estas transformações ocorrem antes de clítico acusativo, como em *dá-lo*, mas não ocorrem quando o clítico se encontra no caso dativo (Vigário, 1999a: 586; Monachesi, 2004:63), como em *dar-nos*.

De acordo com Vigário (2003b: 187), quando o verbo é seguido por um clítico pronominal, a vogal final da forma verbal não se comporta como uma vogal em final de palavra. Por sua vez, o clítico pronominal assume o comportamento de uma sílaba final de palavra prosódica, demonstrando que estamos perante uma estrutura de incorporação, facto que se comprova pela aplicação da regra de semivocalização e pelo não apagamento da vogal não recuada final. No entanto, esse comportamento não implica que a sequência nomeada se insira no mesmo nível prosódico que uma palavra prosódica, uma vez a presença do clítico não bloqueia o aparecimento de glide nasal, não desencadeia a regra de dissimilação de vogais não recuadas, seguidas de consoante palatal, nem desencadeia a regra de ditongação (Mateus, 1975: 31; Vigário, 1999b: 225).

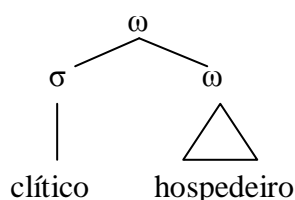
Ao contrário de Vigário, Crysmann (2001) defende que as palavras se encontram apenas parcialmente prosodizadas no nível lexical, podendo ser integradas posteriormente com a palavra seguinte. Assim, as palavras não teriam o seu processo de silabificação concluído, de modo a que os segmentos finais poderiam silabificar com a palavra seguinte. O autor estabelece ainda uma distinção entre os clíticos não pronominais e os pronomes clíticos. Os clíticos não pronominais, como signos lexicais, são adjuntas prosodicamente à palavra prosódica seguinte, com a qual não estabelece uma verdadeira relação prosódica. A sua variante reduzida só é selecionada se a palavra seguinte começar por vogal, uma vez que as palavras iniciadas por consoante já têm o ataque especificado. Os pronomes apresentam um

comportamento semelhante, não sendo especificados em relação às propriedades prosódicas, as quais seriam determinadas pelo esquema morfológico, sujeito, por seu turno, à posição do clítico em relação ao hospedeiro. Desta forma, em posição proclítica, estabelecem ligação com a palavra à sua direita, apresentando características semelhantes às das palavras funcionais; em posição enclítica, as suas características aproximem-se das do seu hospedeiro.

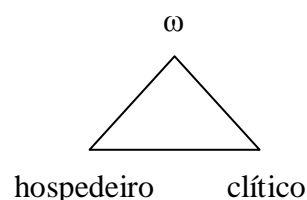
Luís (2001: 170) defende ainda que as regularidades observadas nos pronomes os aproximam dos afixos. A ordem fixa dos clíticos na frase e as restrições de coocorrência não advêm de princípios gerais da sintaxe. Do mesmo modo, as alterações morfofonológicas que ocorrem no interior do grupo formado por clítico e hospedeiro não derivam de regras fonológicas. O verbo está sujeito a alomorfa do radical e não pode separar-se do enclítico.

A distinção entre os clíticos não se circunscreve à classe gramatical a que pertencem, mas mostra-se igualmente na relação que estabelecem com o seu hospedeiro. Neste sentido, parece-nos importante sublinhar duas ideias: **os artigos e as preposições assumem-se como proclíticos, estabelecendo, com o seu hospedeiro, uma estrutura de adjunção, como ilustrado em (2); os pronomes pessoais<sup>61</sup>, enquanto enclíticos, formam com o hospedeiro uma estrutura de incorporação, como em (3).**

(2)



(3)



(Vigário, 2003b: 203, 193)

Este caráter afixal dos clíticos aproxima os proclíticos das características dos prefixos e os enclíticos das dos sufixos. Neste sentido, Luís (2004: 350) defende que os pronomes enclíticos são genuínos sufixos verbais, que se apresentam, no radical, como elementos exteriores ou como elementos flexionais. Por sua vez, os proclíticos constituem prefixos frásicos. Como sufixos verbais, os clíticos referidos podem ser inseridos na posição final ou

<sup>61</sup> De acordo com Duarte, Matos e Faria (1995: 134), a ênclise é a estrutura padrão do português europeu; a próclise apenas ocorre por exigência de um operador, que implica movimento do clítico; a mesóclise substitui a ênclise quando o verbo se encontra no futuro do indicativo ou no condicional.



internamente no verbo; como afixos frásicos, os proclíticos são gerados na morfologia, mas colocados na sintaxe. As características dos afixos serão analisadas no ponto 2 deste capítulo.

#### 1.4. Processos fonológicos que motivam o constituinte prosódico – Grupo Clítico

Para Bisol (2005b), o clítico é anexado via silabificação ao hospedeiro, uma palavra que já possui estrutura prosódica, que se reestrutura para formar com o clítico um novo constituinte prosódico: a palavra prosódica pós-lexical, que aqui designamos por grupo clítico. Há diferentes processos fonológicos que atestam a dependência do clítico face a um hospedeiro. A autora nomeia como evidências dessa característica as seguintes: a **insensibilidade do clítico à restrição das três janelas; a mobilidade (no caso dos clíticos pronominais) na frase; a sensibilidade às regras pós-lexicais** (Bisol, 2000: 25). A autora foca-se nesta última característica para demonstrar que o clítico forma com o seu hospedeiro um grupo prosódico – o grupo clítico ou a palavra prosódica pós-lexical – e esse grupo seria a menor unidade prosódica da componente pós-lexical (id.:27). A prosodização do clítico junto ao hospedeiro processa-se, pois, no domínio pós-lexical, sem informação de categoria morfológica ou de função sintática, tornando iguais sequências como: *te dizer, dizer-lhe, de noite, com calma, de tardezinha, em surdina*.<sup>62</sup>

Procederemos, seguidamente, à enumeração dos processos que ocorrem no interior do constituinte prosódico nomeado em português europeu:

##### I. Insensibilidade do clítico à restrição da Janela das Três Sílabas

Verificamos, no ponto 2.4.1. do capítulo I, que a janela de atribuição do acento se reduz sempre às três sílabas finais da palavra prosódica (Mateus e D'Andrade, 2000; Mateus et al., 2003), não existindo, por isso, palavras acentuadas para além da terceira sílaba a contar do limite direito daquelas. No entanto, a associação de clíticos pronominais a formas verbais implica a subida do acento além da antepenúltima sílaba, nomeadamente à quarta (*cantávamos-te*) e à quinta (*cantávamo-vo-lo*), ou seja, dependência fonológica do clítico implica a ocorrência de formas que violam a Janela das Três Sílabas. Alguns autores (Mateus e Andrade, 2000: 116; Pereira, 1999: 122; Vigário, 1999b:224) defendem que esta violação é

---

<sup>62</sup> A linguista relembra que a Fonologia Lexical tem por pressuposto a Condição de *Bracketing*, condição de apagamento de parênteses internos, que atua ao finalizar das operações de cada componente, seja lexical seja sintático, deixando sem informações morfológicas ou sintáticas o componente pós-lexical em que se dá a prosodização do clítico (Bisol, 2005b).

apenas aparente, dado que a colocação dos clíticos é pós-lexical, não influenciando a atribuição do acento. Outros, no entanto, defendem que estruturas como as referidas correspondem a unidades mais extensas do que a palavra prosódica, unidades situadas num nível intermédio entre o nomeado e o sintagma fonológico (Veloso, 2012: 3; Vigário, 2007: 679).

Assim, essas estruturas correspondem ao grupo clítico – nível intermédio entre a palavra prosódica e o sintagma fonológico. Esse constituinte acolhe diretamente no seu interior uma palavra prosódica e os seus clíticos, facto possível devido ao enfraquecimento mínimo da Hipótese do Nível Restrito (Veloso, id.: 7-8). De acordo com Veloso (id.: 9), estas estruturas de acento proparoxítono – as combinações de uma forma verbal acentuada com um ou mais clíticos – são uma evidência do comportamento prosódico distinto das referidas estruturas, “o que sustenta justamente a necessidade de um correspondente constituinte autónomo na hierarquia prosódica”.

## II. Mobilidade na frase

A mobilidade na frase apenas se verifica em relação aos clíticos pronominais, com função de complemento direto ou indireto, os quais, como já verificámos, podem ser proclíticos ou enclíticos. Essa mobilidade é motivada, por vezes, por restrições sintáticas – o imperativo prefere a ênclise enquanto a negativa e as orações subordinadas preferem a posição proclítica do pronome (Bisol, 2000: 10; Vigário, 2003b: 131).

## III. Sensibilidade às regras pós-lexicais

### i. Semivocalização

Este processo fonológico ocorre apenas no domínio da palavra prosódica e poderemos constatá-lo em: *que adorou* [j]; *e animais* [j] ; *do autor* [w] (Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1064).

O estatuto de clítico das palavras referidas, sublinhado pela ocorrência da semivocalização (ocorre em *de abertura* [j]/0, mas não em *ataque agressivo* \*[j]/0), é corroborado pelo facto de não sofrerem elisão da vogal redonda final (*no anterior* [w]/\*0) como acontece com palavras prosódicas - *ano anterior* [w]/0 - (Vigário, 2003b: 177).

### ii. Elisão de /e/

O grupo clítico seria igualmente o domínio exclusivo da elisão de /e/ ou da fusão que ocorre no pós-léxico entre as palavras funcionais: *do* (de+o>do); *desse* (de+esse>desse); *neste*

(em+este>neste); *dele* (de+ele>dele); *daquele* (de+aquele>daquele). Abrangendo a regra de elisão apenas domínios prosódicos do pós-léxico, este seria um argumento seguro para a tese defendida por Bisol (2000:29). Luís (2001: 169) defende ainda que o grupo formado por uma sequência de clíticos não pode ser desfeito e que a ordem dos clíticos no interior do grupo é rígida, propriedades que indiciam que uma sequência de clíticos deve ser analisada como uma unidade autónoma.

A insensibilidade à restrição da Janela das Três Sílabas, a mobilidade na frase e a sensibilidade a regras pós-lexicais justificariam a existência de um constituinte acima da palavra prosódica. Este constituinte, que apenas apresenta um acento fonológico, encontraria-se num nível intermédio entre a palavra prosódica e o sintagma fonológico.

## 2. Grupo de Palavra Prosódica

Como já referimos, este constituinte é construído por duas ou mais palavras prosódicas, sendo que uma – nomeadamente a palavra prosódica situada mais à direita do constituinte (Vigário, 2003b: 265) - domina as restantes. Além disso, este constituinte caracteriza-se por apresentar diferentes propriedades prosódicas, tais como: **presença de diferentes níveis de acento; bloqueio de processos fonológicos de apagamento de vogal; apagamento sob identidade; truncação.**

Nas estruturas que selecionamos para análise – *mesóclise, palavras associadas a afixos acentuados e compostos* -, procuraremos encontrar as propriedades prosódicas nomeadas, de modo a justificarmos a sua integração neste constituinte.

### 2.1. Mesóclise

Além da próclise e da ênclise, o português admite ainda uma outra forma de associação entre o clítico e o verbo. Em vários estudos do português, a mesóclise surge analisada como consistindo numa forma verbal flexionada no futuro e no condicional quebrada pela introdução de um pronome clítico (Vigário, 1999a: 590). A presença de marcas flexionais (o elemento à direita destas construções apresenta a flexão do futuro e do condicional) a seguir à cliticização é um processo invulgar nas línguas, tendo motivado, por isso, vários estudos. De acordo com Pereira (id: 186), a introdução do clítico no interior das formas verbais evidencia o carácter perifrástico da sua origem. Estas construções seriam derivações históricas de uma

construção analítica envolvendo um verbo infinitivo e o auxiliar *haver*<sup>63</sup>. Nos dois tempos em análise, a base verbal deixou de ser portadora de acento e, consequentemente, a vogal temática sofreu redução vocálica, o que impeliu Vigário (1999a: 591) a defender que a forma auxiliar havia sido reanalisada como afixo flexional lexicalizado.

Assim, quer Vigário (2003b: 152) quer Pereira (1999: 188) assumem a coexistência de duas formas para o Futuro e para o Condicional: uma sintética e outra analítica.

Na forma sintética, as formas do auxiliar *haver* foram reanalisadas como afixos flexionais. Atendendo à sua aparente estrutura afixal, Pereira (id: 186) regista que as formas do afixo flexional *-haver* não podem ocorrer isoladamente, tendo forçosamente de se juntar a uma palavra, como acontece nas formas sintéticas. Nessas formas, o acento incide numa sílaba do morfema tempo-modo-aspeto (*cantarei* [kẽta'ɾɐj]; *vencerás* [vẽsi'ɾaʃ]; *puniremos* [puni'remuʃ], no caso do Futuro; *cantaria* [kẽtɐ'ɾiɐ]; *vencerias* [vẽsi'ɾiɐʃ]; *puniríamos* [puniɾ'iẽmuʃ], no caso do Condicional). A autora propõe as seguintes representações: /kaNt+a]r+a+s/ para as formas do Futuro e /kaNt+a]r+i a+s/ para as formas do Condicional. Estas formas apresentam apenas um acento, pelo que não encontramos uma fronteira antes do morfema tempo-modo-aspeto.

Na forma analítica, as formas do verbo *-haver* comportam-se como palavras prosódicas, sendo portadoras de acento, o que implica que as formas resultantes sejam portadoras de dois acentos (*cantar-te-ei* [kẽ,tartĩ'ɐj]; *vencê-lo-ás* [vẽ,selu'aʃ]; *punir-te-emos* [pu,nirtĩ'ẽmuʃ], no caso do Futuro; *cantar-te-ia* [kẽ,tartĩ'iɐ]; *vencê-lo-ias* [vẽ,selu'iɐʃ]; *punir-te-íamos* [pu,nirtĩ'iẽmuʃ], no caso do Condicional) e que se registre a inclusão de uma fronteira de palavra nas representações das formas do Futuro (/kaNt+a]r#a+s/) e do Condicional (/kaNt+a]r#i a+s/).

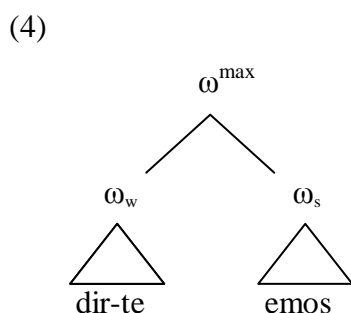
Relembrando que a construção perifrástica envolvia uma forma verbal infinitiva, Pereira (id.:187) regista ainda a preferência de alguns verbos irregulares, como *refazer* ou *satisfazer*, que apresentam alomorfa do radical nas formas sintéticas de Futuro e Condicional (*refarei* e *refaria*; *satisfarei* e *satisfaria*), pelas formas regulares do Infinitivo no processo de cliticização (*refazê-lo-ei* e *refazê-lo-ia*; *satisfazer-te-ás* e *satisfazer-te-ias*). Vigário (1999a: 591) acrescenta que essa tendência indicia a não existência de uma coincidência formal entre

---

<sup>63</sup> Mateus e Andrade (2000:81) defendem que em Português, como na generalidade das línguas românicas, o Futuro do Indicativo e o Condicional substituem uma construção perifrástica, constituída por um verbo principal e o verbo latino *habere* (e.g. *partire habeo* ou *habebam*). Algumas das formas verbais do auxiliar são completamente integradas na forma do novo verbo (tal é o caso das formas *hei*, *hás* e *há*), outras perderam os segmentos que precedem a vogal acentuada (como aconteceu com *havemos* – [ɐvémuʃ] → [émuʃ]).

o verbo flexionado com ou sem clítico. Além do indicador nomeado, a autora expõe ainda outras diferenças: a existência de um acento secundário nas formas mesoclíticas; a ausência do acento e a ocorrência de redução obrigatória nas formas sem mesóclise. Esta constatação leva a autora a apresentar uma nova proposta de análise: a forma *–haver* seria tratada na componente lexical como uma palavra, mas na componente sintática teria de se juntar a uma forma flexionada para formar uma construção, que seria reanalisada como uma única palavra através de um mecanismo de incorporação sintática. Assim, a autora propõe a coexistência de duas formas, uma sintética e outra analítica, de Futuro e Condicional, sendo que a sintética, percebida como resultado de um processo de amálgama, possuiria apenas um acento e a analítica, que consistiria na forma cliticizada, possuiria dois acentos (Pereira, id: 188; Vigário, id: 593). A ocorrência destas duas formas induz Vigário (2003b: 149) à conclusão de que o clítico se associa à forma infinitiva do verbo e não à forma verbal flexionada.

Relativamente à estrutura prosódica das estruturas com mesóclise, Vigário (2003b: 244-6) assinala, a par da presença de dois acentos (*falAr-te-Ei*) e a não aplicação de redução vocálica na forma do infinitivo do verbo, o comportamento atípico da vogal final do pronome pessoal, uma vez que não ocorre o apagamento dessa vogal, mas sofre ditongação (*dar-me-ás* [j]/\*0), como acontece com os proclíticos. Da mesma forma, não se aplica a regra de apagamento da vogal central (*achá-la-ia* [ɐ]/\*0), nem da vogal redonda (*percebê-lo-emos* [w]/\*0), processo que ocorre, normalmente, com enclíticos. Assim, há indicadores da existência de uma fronteira de palavra no interior da forma verbal. Por outro lado, a forma mesoclítica mostra características de um composto: o apagamento da vogal central aplica-se quando esta ocorre no final da forma verbal (*achá-la-ia engraçada* [ɐ]/0). Dadas as características assinaladas, a autora propõe a seguinte representação prosódica (id.: 247):



A estrutura proposta em (4) é a mesma que a autora propõe para os compostos.

## 2.2. Palavras derivadas com afixos independentes da base

### 2.2.1. Características gerais dos afixos

Associamos, no subcapítulo anterior, a relação entre clítico e seu hospedeiro à relação existente entre base e afixo. Assim, à semelhança do que acontece entre o clítico e o hospedeiro, parecem existir diferentes formas de um afixo se associar a uma base, definidas pelo grau de dependência do afixo.

Esta análise seria linear se os mecanismos de formação não gerassem, por vezes, as formas inesperadas, ou a formação de novos itens não alterasse o seu significado ou forma de base (Aronoff, 1985: 18). As palavras, uma vez formadas, persistem e alteram-se, assumem idiossincrasias, de tal modo que um algoritmo simples e geral deixa de ser o seu gerador.

Esses mecanismos de formação interferem, de acordo com Inkelas (1990: 81), nos domínios morfológico e prosódico de modo diferenciado. Esse facto implica que os radicais sejam formas independentes nos dois domínios, as raízes sejam dependentes apenas no morfológico, mas os afixos nos dois. Essa dependência dos afixos traduz-se na rigidez e na seletividade a que obedece a sua agregação à base e na ausência acento próprio<sup>64</sup>. A estas características, Anderson (2005: 33) acrescenta a facilidade com que surgem formas idiossincráticas da associação de um afixo a uma base e a sua independência face a regras sintáticas.

Podemos, resumidamente, referir que, contrariamente ao que acontece com o afixo, a palavra é domínio de processos fonológicos, é livre, apresenta acento próprio e pode ser afetada por regras sintáticas. Por sua vez, os afixos apresentam maiores restrições de associação, a qual se efetua de acordo com uma ordem rígida (Anderson, 2005: 9-10).

Apesar das características enunciadas, há afixos que, formando um pé métrico, podem transformar-se em palavras independentes, uma vez que obedecem à restrição de morfemas lexicais, que consiste em apresentarem uma vogal acentuada (Booij, 1999a: 69). Esta característica justifica a distinção entre afixos primários, que formam uma palavra prosódica com o morfema precedente, e afixos secundários, que constituem uma palavra prosódica por si só (Kiparsky, 1983; Booij, 2001:340). Os afixos primários podem receber o acento primário ou implicar a deslocação do acento nas palavras-base (Katamba, 1989: 238). Os afixos secundários recebem acento secundário e apresentam ainda duas outras características: são

---

<sup>64</sup> É esta igualmente a perspetiva de Zwicky (1977), para quem morfemas não acentuados são afixos.

domínio de silabificação autónomo e podem ser omitidos numa sequência de coordenação (Aronoff e Fudeman, 2005:78; Booij, 2007: 164; Laeuffer, 1995:101). Os afixos secundários não alteram a acentuação da palavra a que se associam, o que é outro indicador da existência de uma fronteira de palavra entre estes dois constituintes.

Acrescem à distinção acima referida as constatações de linguistas acerca de alguns afixos do alemão. Assim, verificaram que alguns afixos<sup>65</sup> ocorriam quer como forma presa e dependente quer como forma livre e autónoma. As características desses afixos transformam-nos numa categoria intermédia situada entre os radicais e os afixos. Esta categoria, designada por afixoide<sup>66</sup>, corresponderia, diacronicamente, a uma fase de transição, que sincronicamente seria identificada por três características principais: a sua crescente produtividade; a sua decrescente especificidade semântica; uma ligação formal e etimológica com um radical (uma forma livre) existente (Hacken, 2000:355).

A associação de um afixo a uma base pode realizar-se de diferentes formas. Conforme se antepõe a essa base, a ela se segue ou nela se intercala é designado por prefixo, sufixo e infixos, respetivamente.

Neste trabalho centraremos a nossa análise em alguns prefixos e sufixos do português. Schwindt (2000: 17) defende que prefixos e sufixos são elementos semelhantes, no sentido de que ambos são morfemas derivacionais presos à base com que se relacionam, distinguindo-se por se anexarem, respetivamente, antes e depois dessa base. Villalva (2003: 942) desenvolve um pouco mais essa distinção, identificando os seguintes itens:

- i. A junção de um sufixo determina a categoria sintática de uma palavra, enquanto o prefixo não interfere na determinação dessa categoria.
- ii. Os sufixos, ao contrário dos prefixos, determinam o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e morfossemânticas da palavra.
- iii. Os prefixos podem coocorrer em posições adjacentes, não sucedendo o mesmo com o sufixo.

---

<sup>65</sup> Vocábulos como *Zeug* e *frei*, em alemão, ocorriam quer como forma livre quer como forma presa em vocábulos como *Flugzeug* ou *fehlerfrei*. Em inglês eram indicados *dom* e *hood* como apresentando as mesmas características (Hacken, 2000: 355).

<sup>66</sup> A introdução deste termo parece estar circunscrita à linguística alemã das décadas de 70 e 80, raramente sendo utilizado fora desse contexto (Hacken, *idem ibidem*). A sua referência parece-nos, no entanto, pertinente, porque as características destes afixos se aproximam do sufixo *-mente*, como posteriormente referiremos.

No entanto, a constatação de que alguns prefixos apresentariam características próprias dos sufixos e alguns sufixos se comportavam como prefixos motivou a conclusão de que as características nomeadas não eram atribuíveis à posição ocupada pelo afixo, mas à função que este desempenha na estrutura da palavra. Assim, Villava (id: 943) propõe a distinção entre afixos derivacionais, que exibiriam todas as propriedades enumeradas para os sufixos, e afixos modificadores, que apresentariam as atribuídas aos prefixos. Atendendo às características nomeadas, a autora distingue dois processos: a derivação e a modificação.

Por razões metodológicas, manteremos, neste trabalho, a distinção entre prefixos e sufixos, sublinhando em cada item as características derivacionais ou modificadoras que os mesmos exibirem.

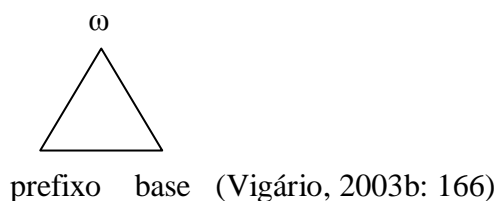
## 2.2. 1.1. Algumas particularidades dos prefixos

Tal como observamos para outras línguas no capítulo anterior, vários autores defendem a existência de dois grupos de prefixos, sendo o acento o indício da sua autonomia. Assim, os prefixos que apresentam acento próprio formam um pé métrico, comportando-se como membros de palavras composta. Já os outros são anexados a uma base morfológica. Este último grupo pode subdividir-se entre aqueles que integram a palavra prosódica no primeiro nível da componente lexical, não alterando estruturas prosódicas prévias, e outros, que por não necessitarem ligação direta à base morfológica, integram mais tardiamente a palavra prosódica (Bisol, 2000:14).

De acordo com Schwindt (2008:392), do ponto de vista prosódico, os prefixos podem assumir diferentes relações com a palavra à qual se associam:

- i. constituem uma sílaba átona à esquerda de outras sílabas, formando com estas uma só palavra prosódica, num mecanismo de incorporação - **prefixos incorporados**, como na forma *inscrito*, representada na seguinte estrutura:

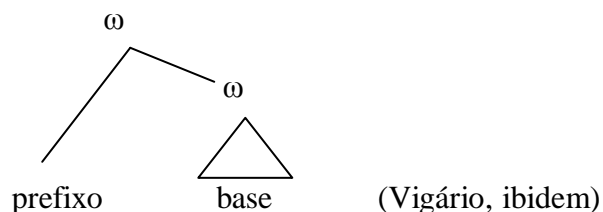
(5)





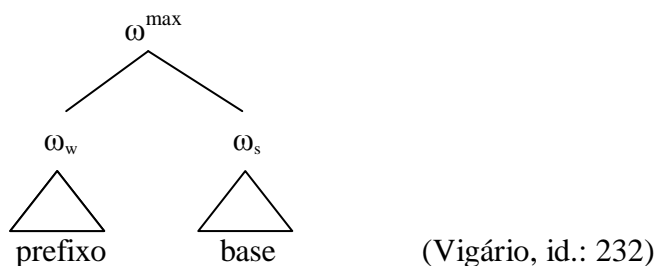
- ii. são uma sílaba átona à esquerda de uma palavra prosódica, com a qual formam uma palavra prosódica recursiva, num mecanismo de adjunção - **prefixos adjuntos**, como na forma *desatado*, representada na seguinte estrutura:

(6)



- iii. são uma palavra prosódica formada por uma ou duas sílabas, relacionando-se com outra palavra, com a qual formam uma palavra prosódica recursiva, num mecanismo de composição prosódica - **prefixos composicionais**<sup>67</sup>, como na forma *pré-escola*, representada na seguinte estrutura:

(7)



Schwindt (2000: 77) sublinha, além disso, que muitos dos prefixos incorporados no português eram preposições latinas, cuja maioria tivera origem em advérbios. Muitas dessas preposições passaram para o português, ora sem modificação de forma (*ante*, *contra*, *de*, *per*), ora alteradas (*ad* > *a*, *post* > *pós*, *cum* > *com*, *inter* > *entre*, *sine* > *sem*, *trans* > *trás*, *pro* > *por*, *secundum* > *segundo*, *in* > *em*, *sub* > *sob/so*, *super* > *sobre*).

As mesmas formas são, além de preposições, prefixos, alguns mantendo mesmo a sua forma primitiva. Essa é igualmente a opinião de Mattoso Câmara Jr. (2007:246), que associa o prefixo à variante presa das preposições. A sua adjunção a uma palavra cria uma nova

<sup>67</sup> O mesmo autor defende que os prefixos incorporados só conservam limite morfológico em relação à base, mas prefixos adjuntos e compostos, por outro lado, têm estruturas morfológica e prosódica delimitadas. Schwindt (2008) propõe, para os prefixos composicionais, a seguinte estrutura:  $[[\sigma(\sigma)]_{PW} [\sigma \dots]_{PW}]_{PW}$ . Esta proposta implica a violação do princípio de exaustividade e do princípio de recursividade. Vigário (2003b), ao admitir a inserção do Grupo de Palavra Prosódica num nível intermédio entre a Palavra Prosódica e o Sintagma Fonológico, oferece uma estrutura adequada para a análise desses prefixos, sem recurso à violação dos princípios nomeados.

significação externa para esta, que sendo um radical pode apresentar três formas: é uma forma livre; é uma forma livre numa estrutura variante; é uma forma presa, mas constitui a base de duas palavras<sup>68</sup>.

Vigário (2003b: 167) refere as regras que demonstram a não incorporação de alguns prefixos na base incluem o fortalecimento inicial de /r/ (*rerubricar* [R]), a não redução da vogal em posição inicial (*reorganizar* [o] / [ɔ] / \*[u]), a variedade dos traços de altura que caracteriza as vogais iniciais e a atribuição de acento enfático. Acresce aos processos fonológicos indicados a não aplicação da centralização da vogal heterossilábica /e/ (*reeditar* [e] / [i] / \*[i]). Essa não inclusão na base não constitui, contudo, motivo suficiente para a classificação desses prefixos como palavras prosódicas.

Os prefixos indicados, além de não possuírem acento próprio, apresentam [i] como única vogal (*refazer* [i]; *desfazer* [i]) e a mesma pode sofrer um processo de semivocalização se a base for iniciada por outra vogal (*readaptar* [j]; *realojar* [j]).

Apesar de não constituírem uma palavra prosódica, os prefixos referidos não se incorporam na palavra prosódica que domina a base, uma vez que nunca alteram a acentuação. Vigário (2003b: 170) conclui, por isso, que esses prefixos são adjuntos à palavra prosódica que inclui a base a que se ligam.

Há, no entanto, outros prefixos, que apresentam características e estruturas diferentes, denominados por **composicionais** (*pré-acental*; *pós-moderno*; *pró-comunista*). Schwindt (2000: 103) indica dois requisitos para que tais prefixos possam apresentar o estatuto de palavra prosódica: “que formem pés isoladamente e que não possuam mais do que um acento primário”. Esses prefixos são monossilábicos tónicos e bimoraicos, pelo que respeitam os requisitos de palavra prosódica.

A presença do acento, nos exemplos dados, é confirmada pela não aplicação ao prefixo dos processos de elevação e centralização do vocalismo átono (Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1062). Além da acentuação, a neutralização do grau de altura das vogais não-altas em sílabas

---

<sup>68</sup> Estas observações motivam, para Nespor e Vogel (1986:127), a distinção entre o processo sincrónico e o diacrónico da prefixação. De acordo com as autoras (id:127), que se reportam a dados do italiano, perante palavras com prefixos de origem grega ou latina, o falante não teria percepção do processo diacrónico e, consequentemente, consideraria essa construção como uma única palavra prosódica e não como uma palavra derivada. Schwindt (2000: 67-8) reafirma a ideia de que muitos dos prefixos não permitem uma identificação sincrónica por se encontrarem já integrados em formas lexicalizadas.

átonas finais fechadas por /r/<sup>69</sup> demonstra que os prefixos apresentam estatuto de palavra prosódica (*int[ɛ]rcultural*; *hip[ɛ]rmotivado*; *sup[ɛ]rprático*).

Como alguns autores registaram<sup>70</sup>, outro processo que permite diagnosticar o estatuto de palavra prosódica é a possibilidade de apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas. Para que esse processo se aplique é necessário que não só a unidade que é apagada mas também a unidade que permanece na estrutura coordenada correspondam a palavras prosódicas autónomas, como se verifica em: (*pré*)<sub>ω</sub> (*tónicas*)<sub>ω</sub> e (*pós*)<sub>ω</sub> (*tónicas*)<sub>ω</sub> > (*pré*)<sub>ω</sub> e (*pós*)<sub>ω</sub> (*tónicas*)<sub>ω</sub> (Vigário, 2003a: 416).

Podemos sustentar estas observações recorrendo a alguns dos diagnósticos para a identificação da palavra prosódica no Português: cada um dos termos coordenados em apresenta dois acentos de palavra (os prefixos *pré* e *pós* e a base *tónicas* são acentuados); as vogais acentuadas de cada palavra prosódica não sofrem os processos de elevação e centralização do vocalismo átono (*p[ɔ]s-*, *pr[ɛ]-*, *t[ɔ]nicas*).

Esse processo apagamento não se aplica, no entanto, se, em cada palavra, um dos membros não corresponder a uma palavra prosódica: (*des*(~~*fez*~~)<sub>ω</sub>)<sub>ω</sub> e (*re*(*fez*)<sub>ω</sub>)<sub>ω</sub> > \*(*des*)<sub>ω</sub> e (*refez*)<sub>ω</sub>. É o caso deste exemplo, onde a única vogal dos prefixos *re-* e *des-* é um schwa.

Há ainda outras situações a analisar. Observemos os exemplos:

- a. \**um torneio* (*intra*)<sub>ω</sub> (~~*naeional*~~)<sub>ω</sub> e (*int*[i]*r*)<sub>ω</sub> (*nacional*)<sub>ω</sub>
- b. *diversidade* (*intra*)<sub>ω</sub> (~~*linguística*~~)<sub>ω</sub> ou (*int*[ɛ]*r*)<sub>ω</sub> (*linguística*)<sub>ω</sub>

A diferença entre os dois exemplos apresentados resulta das características da vogal átona não-alta final de *inter*. Só se a referida vogal apresentar uma realização baixa, pode ser apagada numa estrutura de coordenação. Em (b), *inter* é uma palavra prosódica, mas não tem esse estatuto em (a), daí a agramaticalidade do exemplo. Em (a), *inter* é um prefixo adjunto, mas em (b) é um prefixo composicional.

<sup>69</sup> Este é um processo fonológico lexical que ocorre na palavra prosódica, como descrevemos no ponto 2.5.3.2. do capítulo I.

<sup>70</sup> Das línguas abordadas, neste estudo, regista-se este processo no alemão (Wiese, 1996: 70); no francês (Vigário e Frota, 2002: 255) e no espanhol (Hualde, 2005: 228).

### 2.2.1.2. Algumas particularidades dos sufixos

Ao contrário dos prefixos, os sufixos determinam a categoria sintática da palavra, bem como o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e morfossemânticas relevantes (Villalva, 2003:942). Assim, o sentido da palavra derivada é parcialmente determinado pelo morfema funcional que é afixado à base<sup>71</sup>.

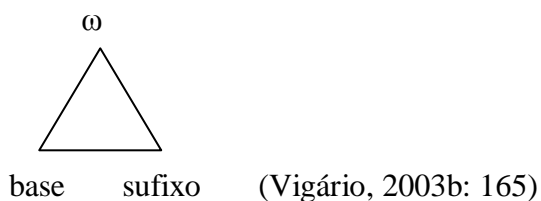
Mattoso Câmara Jr. (1970: 64) defende que o sufixo, além de determinar a categoria do derivado, recebe, normalmente o acento. No entanto, se analisarmos diferentes sufixos, verificamos que estes apresentam comportamentos diferenciados. Assim, há sufixos - como /-vel/ - que não provocam alteração do lugar do acento, ou seja, este mantém-se sobre a vogal temática como ocorre na palavra primitiva. Tal se verifica em *inacreditável* ou *incrível*. Outros sufixos - como é o caso, por exemplo, do sufixo /-ico/, que é utilizado para formar adjetivos proparoxítonos - podem manter a acentuação da base (*alfabeto* - *alfabético*), fazer recuar (*categoria* - *categórico*) ou avançar (*símbolo* - *simbólico*) o acento.

Estas alterações de acentuação foram analisadas por Pereira (1999: 128-9), que demonstra que a regra de base se mantém: o domínio de atribuição do acento continua a ser o radical, mas acrescenta que se trata do radical derivacional, definido como um dos constituintes da palavra, que pode conter uma ou mais raízes.

As palavras derivadas são igualmente acentuadas na última sílaba do radical derivacional, independentemente do número de constituintes do mesmo, como podemos verificar pelos exemplos: *pessegueiro*; *pessegueirinho*; *maioria*; *dentuça*; *tolice*; *credibilidade*; *olival*; *sensatez*; *macacão*; *regador*; *corpanzil*; *familiar*.

Estas características mostram que os sufixos incorporam na palavra prosódica que domina a sua base, constituindo uma única palavra prosódica, conforme a estrutura prosódica proposta por Vigário (2003b: 165), apresentada em (8):

(8)



<sup>71</sup> De acordo com Figueiredo Silva e Mioto (2009:3), o significado de ‘armário para guardar roupas’ que *roupeiro* apresenta deve ser creditado ao sufixo *-eiro*.

Tal como observamos para os prefixos, também se registam exemplos de sufixos que parecem ser autónomos em relação à base. A base, como constituinte preso, categorizado como radical ou como tema, que se apresenta como não autónomo alojado no interior do produto derivacional, não é sensível a propriedades de concordância. Apenas o derivado pode apresentar propriedades flexionais de número, género, de tempo ou modo. Em português, essas marcas encontram-se em adjacência à direita do radical nominal ou do tema verbal (Rio-Torto, 2006). No entanto, há palavras, em português, que parecem não respeitar essas características, nomeadamente as palavras derivadas que apresentam os sufixos *-zinho* e *-mente*, que serão analisados em seguida.

### 2.2.1.2.1. Algumas particularidades do sufixo *-mente*

Cintra (1993: 74) destaca a singularidade de, num sistema tão rico como o dos afixos derivacionais do português, ocorrer apenas um sufixo adverbial e de este ser o único caso de ocorrência de um só sufixo. Na realidade, este tem sido um assunto controverso.

Câmara (1970: 70) considera *-mente* uma forma livre, referindo a manutenção do acento por parte do adjetivo e a consequente ocorrência de vogais abertas em posição pré-tónica<sup>72</sup>, bem como a seleção da desinência de feminino para concordar com o sufixo. Cintra (id.:75) defende que a ocorrência de vogais abertas em posição pré-tónica aproxima as palavras referidas (*claramente*; *regiamente*; *vivamente*; *livremente*) de um padrão acentual característico de compostos (*passatempo*; *vitória-régia*) ou sequências de palavras (*clara voz*; *viva voz*; *livre curso*).

A particularidade de *-mente* exigir flexão de género impede-o, de acordo com Cintra (id.: 79), de ser considerado sufixo derivacional, uma vez que violaria as regras morfológicas básicas, de acordo com as quais os sufixos flexionais de género e número ocorrem sempre segundo esta ordem e após os derivacionais, no final da palavra; como se constata no exemplo: *livr - inh - o - s*. Quando acrescentamos o sufixo *-mente*, os sufixos flexionais não ocorrem no final da palavra, como podemos verificar em *sadi - a - mente*.

O autor relembra ainda que a seleção da forma feminina do adjetivo decorre de uma regra de concordância, uma vez que *-mente* advém do ablativo singular do nome feminino

---

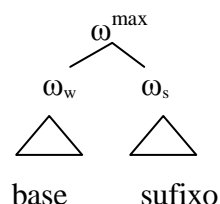
<sup>72</sup> De acordo com Villalva (2003: 949), estes são derivados em que a vogal tónica da forma de base fica imune aos efeitos do vocalismo átono.

latino *mens, mentis*<sup>73</sup>. Os advérbios em *–mente* apresentariam uma flexão interna, impositiva e específica, de género, marcada com [-masculino], o que justifica a agramaticalidade das formas como *\*generosamente*; *\*bommente* ; *\*vãomente* (Rio-Torto, 2006).

Além disso, a forma *–mente* pode ser apagada numa estrutura de coordenação, ou seja, goza o privilégio sintático de fatorizar (Cintra, id.: 76; Vigário, 2003a; Villalva, 2003:950): *Ele falou clara e abertamente*.

As características assinaladas indicam que *–mente* não é um sufixo adverbial, já que não apresenta quaisquer características de sufixo (Cintra, ibidem), sendo antes um vocábulo fonológico independente, que apresentaria a representação prosódica, ilustrada em (9):

(9)



(Vigário, 2003b: 227)

#### 2.2.1.2.2. Algumas particularidades do sufixo *–zinho*

Outro sufixo que merece análise detalhada é *–zinho*. Andrade (1994: 46) defende que as formas sufixais com [z], como *–zinho* ou *–zito*, não manifestam a verdadeira forma do sufixo. Pelo contrário, os seus derivados conservam a individualidade fonética e morfológica da palavra primitiva, apresentando duas vezes marca do género (*vermelhozinho* / *vermelhazinha*) e do número (*cãozinho* / *cãezinhos*). Esta marcação dupla de género e de número não se manifesta quando as formas sufixais não apresentam [z] (*professorinho* / *professorinha*), o que indica que as formas z-avaliativas determinam a classe temática da forma onde se integram, por concordância com o valor de género da forma de base e de acordo com a sua realização não marcada (*professorzinho* / *professorazinha*), ou seja, tema em –o para formas masculinas e tema em –a para as formas femininas (Villalva, 2000: 321).

<sup>73</sup> Booij (2007: 171) defende que se trata de um caso de alomorfia: o sufixo associa-se a forma feminina do adjetivo porque deriva da forma do ablativo do nome latino *mens*, cujo género era feminino e requeria, por isso, que o adjetivo se apresentasse igualmente no género feminino. A esse respeito ver igualmente Hualde (2005: 228) para o espanhol. Esta associação remete para a evolução diacrónica das línguas, constituindo esse dinamismo uma dificuldade para uma definição do conceito de “palavra” (Bodmer, 1960: 36).

Villalva (1998) assinala ainda outro contraste entre os dois tipos de sufixação avaliativa, nomeadamente o que ocorre nos nomes masculinos de tema em –a: *pijaminha* / *pijamazinho*; *probleminha* / *problemazinho*.

Nas formas avaliativas o índice temático presente é o da forma de base. Nas formas z-avaliativas, verificamos que o índice temático se encontra na forma de base, mas o índice temático da nova palavra é definido por concordância e realizado de acordo com o caso não-marcado no Português: tema em –o para o masculino.

Outra particularidade se observa nas palavras formadas por sufixação z-avaliativa: a presença de duas marcas de plural. Algumas palavras, apesar de não exibirem a realização fonética do sufixo do plural, mostram a forma do tema que é exclusiva do plural, como observamos em: *flores* (*flor*) / *florezinhas* (*florzinha*); *caracóis* (*caracol*) / *caracoizinhos* (*caracolzinho*); *leões* (*leão*) / *leõezinhos* (*leãozinho*); *pões* (*pão*) / *põezinhos* (*pãozinho*).

De acordo com Villalva (2008:167-8), estes exemplos indicam que o sufixo z-avaliativo se associa a formas flexionadas. O sufixo de flexão de base não é realizado foneticamente é por razões de natureza fonológica, relacionadas com a degeminação de consoantes muito próximas, i.e., [ʒ] e [z]: [[*flores*]<sub>N</sub> *zinhas*]<sub>N</sub>; [[*caracóis*]<sub>N</sub> *zinhos*]<sub>N</sub>; [[*leões*]<sub>N</sub> *zinhos*]<sub>N</sub>; [[*pães*]<sub>N</sub> *zinhos*]<sub>N</sub>.

Por fim, tal como acontece com o sufixo *-mente*, também nestes exemplos a forma de base exhibe duas sílabas e permanece imune aos efeitos do vocalismo átono (*bolazinha* – *b[ɔ]lazinha*). Estas constatações levam Andrade (1996) à conclusão de que os sufixos *–inho*, *–ito*, *–ete* e *–ão* aumentativo, quando têm [z], se encontram separados da palavra primitiva pela fronteira #.

Lee (1999) defende que, dadas as características acima referidas, *–inho* é um sufixo, isto é, um elemento que faz parte de um processo derivacional, enquanto que *–zinho* é considerado como um elemento que faz parte de um composto, ou seja, é considerado palavra prosódica. Os referidos sufixos apresentam restrições de seleção. Assim, *–inho* associa-se a radicais de nomes temáticos, terminados em /a/, /o/ ou /e/ átonos (*casa* - *casinha* [kɛzɨɲɐ]; *livro* - *livrinho* [livrɨɲu]; *pente* - *pentinho* [pɛtɨɲu]; *papel* – *papelinho* [pɛpɨlɨɲu]). Já os nomes terminados em /ɾ/, /l/ e /s/ associam-se preferencialmente a diminutivos com *z*, embora admitam outros (*amor* - *amorzinho* [ɐmorzɨɲu]; *animal* - *animalzinho* [ɐnimátzɨɲu]; *papel* - *papelzinho* [pɛpɛtɨzɨɲu]). É de assinalar a dupla marcação do plural no diminutivo com *z*. Por fim, os radicais acabados em vogal ou ditongo, orais ou nasais, só aceitam diminutivos com *z* (*café* -

*cafézinho* [kəfɛzĩnu]; *som - sonzinho* [sõzĩnu]; *chapéu - chapéuzinho* [ʃɛpɛwzĩnu]) (Mateus e Andrade, 2000: 103).

Em nomes temáticos, terminados em /a/, /o/ ou /e/ átonos, a forma *-inho* é anexada a um radical, implicando a ressilabificação e alterando o acento. Nos restantes exemplos, a forma *-zinho* apresenta autonomia em relação à base, constituindo um domínio de silabificação e de acentuação autónomo. Uma análise comparativa das formas *papelzinho* [pɛpɛtʃĩnu] e *papelinho* [pɛpĩlĩnu] permite-nos ainda constatar uma outra particularidade. A presença do [z] impede a aplicação da regra de neutralização das vogais átonas, cujo domínio é a palavra prosódica. Assim, as palavras deste tipo funcionariam como verdadeiras palavras compostas, recebendo mais do que um acento (Andrade, 1994: 46). Essa é igualmente a conclusão de Faggion (2006) que realça a diferença entre estes dois sufixos, explicitando que *-inho* se associa a um radical e mantém o seu acento, modificando o acento tónico da palavra e *-zinho* se associa a uma base e assinala a presença de dois acentos tónicos na forma resultante.

Há vários casos em que a seleção do sufixo depende dos gostos ou dos hábitos linguísticos dos falantes. Formas como *dinheirinho* e *dinheirozinho* podem coexistir. O uso preferencial, no entanto, parece estar dependente de dois fatores: o número de sílabas da forma de base (os sufixos avaliativos são preferidos por bases com um menor número de sílabas) e o universo semântico a que essas formas pertencem (os sufixos avaliativos ocorrem mais no vocabulário ligado ao quotidiano). Apenas se regista uma restrição: os sufixos avaliativos não podem juntar-se a palavras atemáticas, daí as formas *\*caféinho*, *\*ladraãoinho* ou *\*cacauinho* serem agramaticais (Villalva, 2003: 960).

Rio-Torto (2006) acrescenta que os restantes casos de z-derivação apresentam uma base opaca à flexão interna, encontrando-se a marca de número apenas na fronteira direita do derivado, tendo escopo sobre a totalidade, como o verificamos em *papelada(s)* - *\*papeizadas* ou *canzoada(s)* - *\*cãezoadas*.

Estas formas, como *-zinho* ou *-mente*, são denominadas como afixoides ou semiafixos, uma forma que se encontra entre a base e os afixos (Hacken, 2000: 355). À semelhança do que verificamos em relação a alguns prefixos, alguns sufixos demonstram independência prosódica em relação à base à qual se associam. Hacken (id. ibidem) lembra que, diacronicamente, estes elementos poderão ser entendidos como uma classe de transição entre radical e afixo. Sincronicamente, destacam-se pela sua crescente produtividade, pela diluição

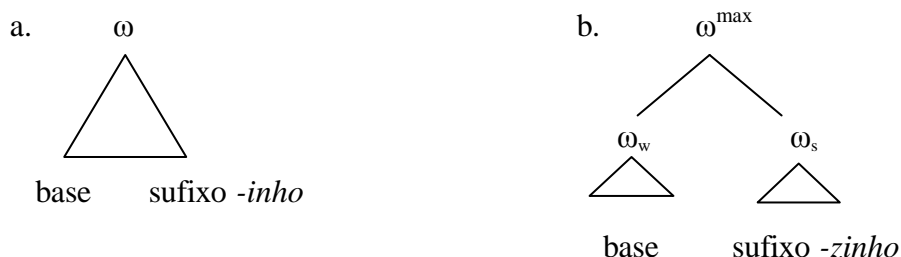


da sua especificidade semântica e pela ligação etimológica e formal a um radical livre. Os dois primeiros critérios aproximam-no de um radical, o último dos afixos.

Outra é, no entanto, a interpretação de Bisol (2010:83) ao defender *-inho* como o afixo diminutivo mais frequente do português, que se reveste de *z* epentético para satisfazer os requisitos da organização estrutural. Partindo dos pressupostos da teoria da Otimidade, a autora explica a epêntese de *z* como forma de evitar o hiato, sublinhando que a mesma é fiel ao traço do input e à estrutura silábica de base e preserva o acento marcado.

Para concluir, queremos reforçar a ideia de que, tal como indicamos para os prefixos, existem dois tipos de sufixos, ilustrados nas estruturas em (10): a. um associa-se a um radical, formando com este uma unidade fonológica; b. o outro associa-se a uma palavra, mantendo um certo grau de independência, marcado por uma acentuação própria e possibilitando a flexão interna. As palavras que resultam da associação a este último tipo de afixos parecem apresentar algumas características que as aproximam dos compostos.

(10)



## 2.3. Palavras compostas

### 2.3.1. Características gerais dos compostos

Em muitas línguas, um dos processos mais produtivos de formação de palavras é a composição, que consiste na concatenação de dois ou mais radicais ou palavras. Nos casos mais simples, a composição consiste na combinação de duas palavras, sendo que uma modifica o significado da outra, que corresponde à cabeça<sup>74</sup> do composto. Este tipo de compostos apresenta uma estrutura binária (Booij, 2007:75)<sup>75</sup>. A produtividade deste processo

<sup>74</sup> A noção de cabeça é uma noção sintática. Na sintaxe, cada constituinte apresenta uma cabeça e é a categoria sintática da cabeça que determina a categoria do constituinte. A mesma noção foi aplicada em morfologia, na análise das palavras derivadas, onde a categoria sintática do sufixo determinava a categoria da palavra derivada.

<sup>75</sup> São exemplo dessa estrutura palavras como *Rotlicht* em alemão.

advém da sua transparência e versatilidade, uma vez que, segundo Booij (idem ibidem), quando se formam novos compostos, o falante já conhece o seu significado, necessitando somente de estabelecer a relação semântica entre as partes.

Uma das características mais marcantes do processo de composição é a possibilidade de ser aplicado recursivamente, daí resultando formas muito longas. Para a análise destas formas, assume particular relevância a noção de “cabeça”. Em línguas germânicas, essa função é, normalmente, exercida pelo constituinte que se encontra à direita. Tendo por base a noção de cabeça, Fabb (2001:66) distingue três tipos de palavras compostas: compostos endocêntricos, em que um dos elementos constitui a cabeça; compostos exocêntricos, nenhum dos elementos assume especial relevância ou dependência em relação ao outro; compostos coordenados ou apositivos, em que os dois elementos partilham a função de cabeça. O mesmo autor (id: 68) nomeia outros tipos de compostos: os sintéticos ou verbais, os incorporados e os repetitivos. Os compostos sintéticos ou verbais apresentam como cabeça uma palavra derivada (constituída por um verbo e um sufixo); os incorporados, que se distinguem dos compostos por apresentar restrições semânticas; compostos por repetição ou reduplicação, em que cada parte do composto corresponde a uma palavra independente.

Apesar das características indicadas, nem sempre é fácil determinar se estamos perante um processo de composição ou de derivação. A distinção tradicional é, na realidade, muito simples e foi claramente resumida por Booij (2005): a composição consiste na combinação de dois ou mais lexemas enquanto a derivação se caracteriza pela adição de um afixo a um lexema. Além dessa característica, Lee (1997) acrescenta outras: os compostos podem apresentar dois acentos, enquanto as palavras não-derivadas e grande parte das derivadas apresentam só um; os compostos podem ter flexões entre constituintes (ou palavras) ou mesmo flexionar mais do que uma vez (*homens-rãs*) e algumas palavras derivadas também, mas as palavras comuns não podem; os compostos, diferentemente dos vocábulos derivados, caracterizam-se somente como categorias lexicais [+N]: Nome, Adjetivo, Advérbio. Os compostos exibem ainda outras particularidades, como permitirem a formação de diminutivos através do acréscimo de um sufixo entre os constituintes (*guardinha-noturno*). Como facilmente verificamos, algumas das características indicadas para os compostos ocorrem igualmente em algumas palavras derivadas, como a dupla acentuação ou a dupla flexão em número.

Acresce ainda, em línguas como o português, uma outra dificuldade, uma vez que há elementos linguísticos que ocorrem quer como afixos quer como palavras. Tal acontece, por

exemplo, com algumas preposições em português. Booij (idem), defendendo que palavras gramaticais - como preposições - podem ser lexemas, questiona se em tais casos se trata de um processo de derivação ou de composição.

Outro contributo importante para o esclarecimento da noção de composto é o de Sandmann (1990:6). Este autor começa por distinguir composto de grupo sintático fixo, entendido este último como grupo de palavras que, muitas vezes, pode ser fixo e estar armazenado no léxico e memorizado como tal pelos falantes<sup>76</sup>. O autor nomeia alguns critérios que permitem identificar um grupo de palavras como sendo um composto e que passaremos a enumerar:

- a. Critério semântico: num composto, o significado do conjunto das palavras não é previsível, ou seja, não corresponde à soma do significado das partes. O composto implica um isolamento semântico. É esse isolamento que permite distinguir a expressão *copo de leite* da palavra *copo-de-leite*. Se a primeira expressão pode ser parafraseada por “um copo com leite”, a segunda designa uma flor, cuja designação deve à cor e à semelhança do formato da flor com um copo. No primeiro caso, o significado é previsível, pois corresponde à soma dos significados das partes. Já no segundo, trata-se de um significado metafórico, que implica que o falante conheça a flor; como o todo não corresponde à soma do significado das partes, estamos perante um isolamento semântico. Assim, as expressões apresentariam estruturas diferente, conforme propomos em (11):

(11)

*copo-de-leite*: ((copo)<sub>ω</sub> (de (leite)<sub>ω</sub>)<sub>GC</sub>)<sub>GPP</sub>

*copo de leite*: ((copo)<sub>ω</sub> (de (leite)<sub>ω</sub>)<sub>GC</sub>)<sub>φ</sub>

A partir de um critério semântico, Lee (1997) propõe a distinção entre compostos endocêntricos<sup>77</sup>, cujo significado do composto se relaciona com o significado dos constituintes, e compostos exocêntricos, cujo significado é determinado por metáfora ou metonímia. Através do critério semântico, torna-se difícil, no entanto, distinguir entre compostos lexicais e compostos pós-lexicais, ou seja, há compostos endocêntricos lexicais (*ferrovia*) e pós-lexicais (*bar restaurante*); da mesma forma, encontramos compostos exocêntricos lexicais (*puxa-saco*) e pós-lexicais (*boa-vida*).

<sup>76</sup> Este grupo sintático tem, em Villalva (2003:979), a designação de expressões sintáticas lexicalizadas.

<sup>77</sup> Aqui as noções de endocêntrico e exocêntrico afastam-se da noção de Fabb (2001: 66), porque o âmbito de análise é diferente. Lee refere-se a uma noção semântica e Fabb a uma noção sintática.

- b. Critério sintático: Um composto é determinável apenas como um todo, sendo que não há possibilidade de construir uma estrutura coordenada. Assim, um composto como “*guarda-joias*” não pode ocorrer numa estrutura como \*“(guarda-joias e relógios)”. Esse tipo de estrutura ocorre num grupo sintático, como o atestam a gramaticalidade de “*há amores perfeitos e imperfeitos*”, mas não ocorre quando estamos perante uma expressão sintática lexicalizada, como verificamos pela agramaticalidade de \*“(há amores-perfeitos e imperfeitos)”. Concluimos, portanto, que o critério sintático permite distinguir um composto de um grupo sintático, mas é insuficiente para o distinguir de um grupo sintático lexicalizado.
- c. Critério fonológico: Este critério torna-se particularmente importante para distinguir o grupo sintático dos compostos de origem grega ou latina, uma vez que, fonologicamente o primeiro elemento dos compostos é átono, perdendo o estatuto de vocábulo, como poderemos verificar em *patologia*<sup>78</sup>. No entanto, este critério não permite distinguir grupo sintático dos compostos morfossintáticos, como podemos constatar no par “*copo-de-leite*” e “*copo de leite*”.
- d. Critério morfológico: Tal como o anterior, o critério morfológico só permite realmente distinguir um tipo de compostos do grupo sintático. Trata-se, mais uma vez, dos compostos de origem grega ou latina, nos quais apenas um dos elementos – o último – sofre flexão em género e número. Há igualmente outros compostos que, dada a classe gramatical a que pertencem os seus constituintes, apenas um dos constituintes apresenta flexão. É, por exemplo, o caso de *guarda-chuva(s)*. Compostos como “*trabalhador-estudante*”, em que os dois constituintes recebem flexão de número – “*trabalhadores-estudantes*”, não se distinguem do grupo sintático – “*trabalhadores e estudantes*”.

Sandmann (1990: 17) concluiu que “a palavra composta constitui uma nova unidade lexical” e que a sua definição implica, por um lado, critérios fonológicos, morfológicos e sintáticos e, por outro, o critério semântico. Sobressai da sua análise a existência de diferentes tipos de compostos, que implicam estruturas e critérios específicos.

Partindo de alguns desses critérios procuraremos, seguidamente, indicar os tipos e as características dos compostos em português.

---

<sup>78</sup> Veloso e Martins (2011) questionam a classificação deste tipo de estruturas como compostos, uma vez que consideram que estruturas como “*patologia*” perderam a sua composicionalidade. Esse aspeto será analisado no ponto 2.3.2. deste capítulo.

### 2.3.2. Tipos de compostos

Silva (2010:81) indica a existência em português de dois tipos de compostos: os que exibem dois ou mais acentos primários, isto é, a atribuição do acento incide sobre cada um dos elementos, de modo que cada um constitui uma palavra prosódica independente; os que apresentam apenas um acento primário e, em geral, sofreram ajustes fonológicos na sua constituição, ou seja, os seus componentes encontram-se fundidos, de modo a constituírem uma única palavra, ou seja, perderam a sua estrutura composicional.

Esta constatação já havia sido referida por Lee (1997), que distingue compostos lexicais, que funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas, e compostos pós-lexicais, considerados "pseudo-compostos", pois são palavras sintáticas reanalisadas que permitem os processos morfológicos entre seus constituintes. Assim, de acordo com Lee (1997), no composto pós-lexical, ao contrário do que ocorre no lexical, o morfema de plural aparece mais de uma vez (*surdos-mudos*), dependendo da estrutura interna de composto (que será discutida mais adiante) e ocorre entre os constituintes do composto (*fins de semana*).

Os compostos lexicais poderiam apresentar três tipos de estruturas: o primeiro é formado por dois substantivos e sempre apresenta a sequência constituída, nos termos da gramática tradicional, de determinante (DT) + determinado (DM); o segundo, constituído por dois adjetivos, apresenta uma estrutura do tipo: [Adjetivo]<sub>Radical</sub> + o]<sub>Adj.</sub> + Adj; o terceiro é muito produtivo e é formado pela junção de verbo e de nome.

Os compostos pós-lexicais apresentam, de acordo com o mesmo autor, uma sequência entre os constituintes contrária à dos compostos lexicais - determinado + determinante - e formam-se na componente pós-lexical. Embora constituam uma unidade semântica, cada constituinte deste composto funciona de forma independente nas operações morfológicas. Este tipo de compostos pode apresentar as seguintes estruturas: a primeira é formada por dois nomes, que podem ou não ser intercalados por uma preposição; a segunda, por um nome seguido por um adjetivo; a terceira, por dois adjetivos; a última, pela sequência adjetivo seguido de nome. Este último tipo apresenta a sequência de determinante + determinado, como o composto lexical, mas cada um dos seus constituintes funciona como palavra independente nas operações morfológicas.

Os critérios indicados não são, no entanto, suficientes para uma análise dos diferentes tipos de compostos em português, que, de acordo com Rio-Torto e Ribeiro (2011), podem

dividir-se em três grupos: os **compostos morfológicos**, os **compostos morfossintáticos** e os **compostos frásicos ou sintáticos**.

Os **compostos morfológicos** são constituídos por dois radicais simples ou por um radical simples e um radical derivado, unidos por uma vogal de ligação, que é tipicamente -*i*,<sup>79</sup> quando o segundo constituinte é de origem latina, e -*o* nas restantes situações. Assim, são de origem latina os compostos *taquicardia*, *herbicida* e *fusiforme*; já *hemograma* e *cardiopatia*, por exemplo, são de origem grega. Esta vogal é um constituinte autónomo e ocupa uma posição própria na estrutura dos compostos, tendo como exclusiva função delimitar os radicais. Essa função justifica, de acordo com Villava (2003: 975), a preservação da vogal de ligação -*o* dos efeitos de vocalismo átono (*antrop[ɔ]mórfico*, *claustr[ɔ]fóbico*). No então, a mesma vogal sofre os efeitos do vocalismo átono quando os compostos são lexicalizados (*aut[u]móvel*, *bibli[u]teca*)

A vogal de ligação é um resíduo de um marcador casual nos compostos do latim e do grego antigo, mas não ocorre nos casos em que o radical da direita se inicia por vogal, independentemente da sua etimologia (*[neur][ilem]<sub>[+gr]</sub>a*; *[acut][ângul]<sub>[+lat]</sub>o*). Booij (2007:88) interpreta a utilização da vogal de ligação como alomorfia do radical, ou seja, a possibilidade de um radical apresentar mais do que uma forma fonológica, sendo a seleção do alomorfe determinado pelo contexto morfofonológico<sup>80</sup>.

Villalva (1998, 2003:972) acrescenta que pelo menos um dos radicais não é autónomo, ou seja, não é marcado por propriedades flexionais. Neste tipo de compostos a flexão atua sobre o composto na sua totalidade, e não sobre os seus constituintes internos, ou seja, num composto como *taquicardia* apenas o segundo elemento apresenta marcas de plural: *taquicardias*. Além disso, esses compostos morfológicos constituem um único domínio de atribuição de acento, incidindo este na vogal de ligação ou na vogal final do primeiro radical (*autónomo* [awtónumu]). Nestes compostos, ocorrem igualmente outros processos fonológicos, como a redução vocálica (*fotografia* [futugrɛfɿɐ]; *telégrafo* [tɛlɛgrɛfu]) ou semivocalização (*biólogo* [biólugu] / [bjólugu]). Além disso, o primeiro membro do composto pode apresentar diferentes realizações fonológicas (*helicóptero* [elikóptiru] / [ilikóptiru]) (Vigário, 2003b: 233). Se a ocorrência destes fenómenos parece indicar a perda de

---

<sup>79</sup> Registam-se, no entanto, exceções: em *gasoducto* e *oleoducto*, a vogal de ligação é -*o*, apesar de -*ducto* ser de origem latina.

<sup>80</sup> Há, no entanto, alguns casos em que a vogal de ligação -*o* precede um radical de origem latina (*genocídio*) e a vogal de ligação -*i* precede um radical de origem grega (*velocímetro*). Registam-se ainda casos em que nenhuma vogal está presente (*caligrafia*). Estes são, no entanto, casos residuais (Villalva, 2003:977).

composicionalidade, a ocorrência de truncamento nas respectivas formas indicia, de acordo com Villalva (2008: 59), a consciência que o falante tem da estrutura das mesmas, dado que a truncação preserva o primeiro radical e a vogal de ligação (por exemplo, em *foto*). Esse argumento é, no entanto, contestado por Veloso e Martins (2011: 572), para quem a possibilidade de truncamento resulta, antes de mais, da estrutura prosódica e rítmica da língua. Para os autores (id.: 563), estes compostos, também designados por compostos eruditos, perderam a sua composicionalidade em português – sofreram processos de lexicalização. De acordo com os autores (id.: 568), a perda de composicionalidade revela-se igualmente na limitação quantitativa, no facto de a disponibilidade de a informação etimológica depender de uma experiência cultural particular e em não serem um processo produtivo no português.

Essa é também a opinião de Booij (2007: 86), que lhes atribui a designação de neoclássicos. Na realidade, os radicais foram combinados com outros para formarem lexemas que não existiam na língua de origem e integraram o léxico de várias línguas europeias, que os utilizam em diferentes áreas científicas e jurídicas.

Estes radicais podem estabelecer entre si uma relação de modificação ou de coordenação. Quando apresentam uma estrutura de modificação, são formas de núcleo à direita. Assim, *tecnocracia* e *pirotecnia*, que partilham o mesmo radical *tecn*, demonstram que a posição ocupada pelo radical é determinante para a interpretação da palavra (*tecnocracia* = ‘poder da técnica’; *pirotecnia* = ‘arte do fogo’).

Alguns compostos morfológicos, que são sempre formas adjetivais, apresentam uma estrutura ambígua, no que respeita à sua interpretação. A relação entre os diferentes termos coordenados é sempre uma relação equivalente (*acordo luso-brasileiro* – acordo entre portugueses e brasileiros e brasileiros e portugueses; *cidadão luso-brasileiro* – cidadão que é cumulativamente português e brasileiro).

Ao contrário de Villalva (id.), Vigário (2003b: 234) defende que, em português, este tipo de compostos pode apresentar uma estrutura que compreenda um radical e uma palavra<sup>81</sup>. As características que comprovam essa estrutura são processos como a presença de dois acentos, não se verificar redução vocálica ou semivocalização em nenhuma das formas do composto, nem haver alteração na altura da vogal quando esta ocorre em situação inicial; o abaixamento da vogal final em sílaba terminada em /r/. Tais processos ocorrem no limite

---

<sup>81</sup> Booij (2007: 86) defende que alguns destes radicais foram já combinados com palavras de uma língua europeia, como, por exemplo, *teleshopping*.

direito da palavra prosódica, o que demonstra que o primeiro radical é uma palavra prosódica (*fotomontagem* [fótɔmõtázɐj]; *autoadmiração* [áwtɔɐdmirɐsãw]; *biomédico* [bíɔmédiku]; *teleconferência* [télekõfirẽsjɐ]; *inforjovem* [íɔrʒóvẽj]<sup>82</sup>; *heliporto* [élipórtu]).

Estes compostos contrastam, de acordo com Vigário (id.: 235), com os enunciados por Villalva (1998). Desta forma, Vigário assume que as diferenças prosódicas registadas entre os exemplos resultam das diferentes estruturas morfológicas associadas aos mesmos. Assim, no primeiro tipo de compostos morfológicos, o segundo membro do composto não corresponde a uma palavra, pelo que os mesmos se formam a partir da concatenação de radicais. Já no segundo tipo de compostos morfológicos, o segundo membro corresponde a uma palavra, pelo que estamos perante a concatenação de um radical com uma palavra.

Os compostos morfológicos não permitem estabelecer uma correlação entre as estruturas morfológicas e as estruturas fonológicas. Como foi sublinhado por Vigário (id.: 234), em português, encontramos palavras como *poligâmico*, que inclui duas palavras prosódicas ((*poli*)<sub>w</sub>(*gâmico*)<sub>w</sub>), no entanto, *gâmico* não é uma palavra independente, pelo que o estatuto fonológico deste componente não apresenta correlação com o seu estatuto morfológico.

Assim, constatamos que os compostos morfológicos apresentam dois tipos de estruturas prosódicas:

- i. uma palavra prosódica com dois radicais: (*fotografia*)<sub>w</sub>;
- ii. cada palavra prosódica é composta por um radical (podendo incluir um sufixo): (*foto*)<sub>w</sub>(*composição*)<sub>w</sub>.

A diferença entre os dois tipos enunciados é igualmente constada a possibilidade de apagamento de um dos constituintes numa estrutura de coordenação. Esse apagamento, de acordo com Vigário (2003b: 252) produz estruturas agramaticais nas estruturas que formam apenas uma palavra prosódica (\**mono-* e *biografia*); mas corresponde a estruturas gramaticais quando resultam em mais do que uma palavra prosódica (*auto* e *heteroavaliação*).

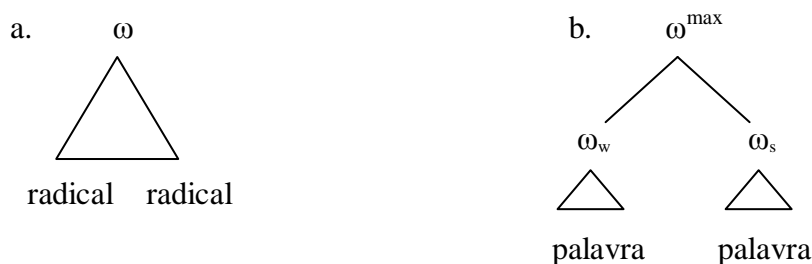
Atendendo às características dos compostos morfológicos e partindo das representações prosódicas propostas por Vigário (2003b), poderemos indicar dois tipos de estruturas prosódicas, uma para os compostos morfológicos lexicalizados, que agregam dois radicais de origem grega ou latina (12a), e outra os compostos morfológicos, constituídos por um radical e uma palavra (12b):

---

<sup>82</sup> Observe-se, neste exemplo, a neutralização do grau de altura das vogais não-altas em sílabas átonas finais fechadas por /r/, que implica a realização baixa da vogal, quando essa sequência vogal-vibrante se encontra em posição final em certos compostos, marcando uma fronteira de palavra.



(12)



A partir das estruturas propostas, verificamos que a estrutura proposta em (12a) se aproxima de uma estrutura de integração, como a proposta em (10a) para alguns sufixos. A referida estrutura aproxima-se da ideia defendida por Veloso e Martins (2011: 567) de que tais palavras já foram sujeitas a um processo de lexicalização.

Um outro grupo de compostos, identificado por Villalva, são os compostos morfossintáticos, que resultam de um processo híbrido de formação de palavras, podem ser gerados por três processos: adjunção, conjunção e reanálise de uma expressão sintática.

Alguns destes compostos sofreram uma transformação progressiva e gradual, que se observa da existência ou não de fronteiras de palavra, dando origem à identificação de dois estádios de lexicalização destes compostos: assim, os compostos que sofreram apenas um processo de lexicalização semântica são caracterizados como justapostos (como *pontapé*, por exemplo); os que sofreram um processo de lexicalização semântica e formal, ou seja, perderam a sua estrutura interna, denominam-se compostos aglutinados (*artimanha* é exemplo disso). A respeito dos compostos aglutinados, Vigário (2003b: 237) observa que, embora de historicamente sejam constituídos por duas palavras, apresentam-se como uma única palavra prosódica, resultado de um processo de lexicalização.

Os compostos morfossintáticos formados por adjunção são estruturas nominais, de núcleo inicial, sendo que o constituinte da esquerda apresenta flexão em género (*aluno-modelo* e *aluna-modelo*) e em número (*homem-rã* e *homens-rã*) e o da direita é um modificador nominal. Este tipo de estrutura, que envolve exclusivamente unidades lexicais, gera uma nova unidade lexical<sup>83</sup>.

Há ainda compostos morfossintáticos formados por conjunção. Estes envolvem a coordenação de nomes (*autor-compositor*) ou adjetivos (*surdo-mudo*), cujo comportamento morfológico não possibilita a identificação de nenhum dos seus constituintes como núcleo de

<sup>83</sup> A autora esclarece que a ortografia não determina a análise linguística, facto que implica a distinção entre compostos morfossintáticos e expressões sintáticas lexicalizadas (id:979).

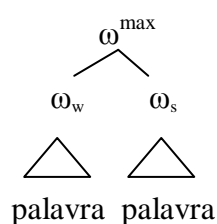
toda a estrutura, exibindo todos os constituintes valor idêntico em relação à flexão em número e ao gênero (no caso dos adjetivos)<sup>84</sup>.

Por fim, Villalva (2003: 982) integra ainda nos compostos morfossintáticos as estruturas de reanálise - equivalentes aos compostos sintáticos<sup>85</sup> em Rio-Torto e Ribeiro (2011) -, que consiste na reinterpretação de uma estrutura sintática como palavra. Essa estrutura é uma projeção máxima do verbo, constituída por uma forma verbal flexionada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e seguida de uma forma nominal ou adjetival (*abre-latas*, *tira-olhos*, *picapau*, *fala-barato*). Em geral, o constituinte da direita é um nome, flexionado normalmente no plural, sendo possível caracterizar o núcleo da projeção nominal como objeto direto do verbo e com a função de tema. A forma composta resultante deste processo é um radical nominal, que normalmente possibilita uma interpretação de instrumental, sendo masculino, ou de agentivo, sendo comum de dois. Se o constituinte da direita for um nome flexionado no singular, torna-se possível desambiguar o valor de número do composto.

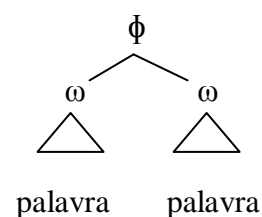
A reanálise distingue-se dos restantes compostos morfossintáticos por não poder ocupar posições sintáticas finais quando a sua posição semântica não é composicional.

Os compostos morfossintáticos apresentam configurações prosódicas diferentes: as estruturas de adjunção ou de reanálise podem ser representados como em (13), os que a estrutura de conjunção representa-se como ilustra (14):

(13)



(14)



Vigário (2003b: 238) defende que a distinção entre as duas estruturas se justifica pela aplicação da regra de apagamento da vogal final. Assim, o apagamento da vogal final do primeiro constituinte ocorreria somente se o composto apresentasse uma estrutura como a representada em (14). Assim, a ocorrência do apagamento num composto do tipo “pequeno-almoço” indicaria que os dois constituintes não formavam um Grupo de Palavra Prosódica, mas que se ligariam diretamente ao Sintagma Fonológico.

<sup>84</sup> Não se verifica, naturalmente, esta concordância quando um dos constituintes é invariável.

<sup>85</sup> Rio-Torto e Ribeiro (2011) incluem neste grupo expressões como “caminho de ferro” ou “ferro de engomar”, que Villalva (2003: 979) classifica como expressões sintáticas lexicalizadas.

### 3. Conclusão

Neste segundo capítulo analisamos algumas estruturas que, no português, indicam a inexistência de isomorfia entre a palavra morfológica e a palavra prosódica. A partir dos indicadores dos limites de palavra prosódica, analisados no capítulo I, procuramos determinar o grau de autonomia das estruturas referidas, nomeadamente dos clíticos, de alguns afixos, dos constituintes dos compostos.

Essa análise implicou a verificação da existência de estruturas acima da palavra prosódica e a subdivisão dessas estruturas em dois constituintes prosódicos: o Grupo Clítico - constituído pela palavra prosódica e pelos seus clíticos (Nespor e Vogel, 1986) - e o Grupo de Palavra Prosódica - construído por mais de uma palavra prosódica, sendo que uma domina a(s) outra(s) (Vigário, 2007).

No primeiro grupo incluímos as estruturas formadas por clítico e palavra lexical que correspondem a uma única palavra prosódica – a estrutura apresenta um único acento. Atendendo a que quer o clítico quer as palavras lexicais podem pertencer a diferentes categorias gramaticais, fizemos uma análise das subclasses dos clíticos e da relação que estabelecem com o respetivo hospedeiro, pertencentes a diferentes classes.

A inserção deste grupo na estrutura prosódica tem sido polémica, mas alguns autores nomeiam processos fonológicos que o motivam, nomeadamente: **insensibilidade do clítico à restrição das três janelas; a mobilidade (no caso dos clíticos pronominais) na frase; a sensibilidade às regras pós-lexicais.**

No segundo grupo foram incluídas estruturas que agrupam mais de uma palavra prosódica, conforme sugerido em Vigário (2007), nomeadamente: estruturas mesoclíticas, palavras derivadas com sufixos que formam domínios de acento lexical independentes da sua base, palavras derivadas com prefixos acentuados, compostos morfológicos, compostos morfossintáticos.

Atendendo a que as combinações de afixo e palavra lexical e entre palavras ou radicais implicam diferentes estruturas prosódicas, procedemos a uma distinção dos diferentes afixos e da relação prosódica que estabelecem com a base e distinguimos diferentes compostos, sublinhando igualmente a relação prosódica entre os seus constituintes. Destacamos os afixos que constituem domínios prosódicos independentes e os compostos – alguns morfológicos e os morfossintáticos – que apresentam mais do que uma palavra prosódica. Relativamente aos

compostos, queremos sublinhar a possibilidade de sofrerem um processo de lexicalização, tornando-se numa palavra prosódica simples.

Tal como no Grupo Clítico, também o Grupo de Palavra Prosódica é motivado pela ocorrência, no seu interior, dos seguintes processos fonológicos específicos: **presença de diferentes níveis de acento; bloqueio de processos fonológicos de apagamento de vogal; apagamento sob identidade; truncação.**

As estruturas analisadas mostram que não existe isomorfia entre a palavra morfológica e a palavra prosódica. Assim, analisamos estruturas em que a palavra morfológica é menor que a prosódica – Grupo Clítico – e estruturas em que a morfológica é maior que prosódica – Grupo de Palavra Prosódica.

## **II. PARTE**

### **ESTUDO EXPERIMENTAL**



# **III. CAPÍTULO**

## **METODOLOGIA**





## **0. Introdução**

Constatamos, nos capítulos anteriores, que a noção de palavra é descrita na literatura como uma das noções mais acessíveis aos falantes (Booij, 2007). De acordo com Ullmann (1951: 23), um falante, desconhecedor de qualquer teoria linguística, tem, no entanto, uma consciência intuitiva do que é a palavra na sua língua.

No entanto, no plano fônico, a palavra perde, muitas vezes, parte da sua identidade. Assim, no discurso normal, há palavras que se concatenam com outras, mantendo ou não parte da sua independência. A mesma palavra pode ainda realizar-se foneticamente de modo diferente de acordo com o contexto em que se insere. Outras vezes, assistimos a fenómenos de ressilabificação. Estes fenómenos revelam que a palavra não é uma unidade fonética da fala, no entanto, o falante de uma língua parece reter a sua identidade. Os limites de uma palavra são subtilmente indicados por determinados fenómenos, que foram estudados nos capítulos anteriores.

Neste estudo experimental procuramos analisar como crianças, falantes nativas do português, em idade pré-escolar, segmentavam algumas frases e, a partir dessa segmentação, verificar a noção de palavra que possuem. Nesse sentido, analisaremos algumas das estruturas mais problemáticas do português, nomeadamente os clíticos e sua relação com o hospedeiro, as palavras funcionais, os afixos e os compostos, que foram analisadas no capítulo II. Nesta análise teremos igualmente em consideração outras características da língua analisadas no capítulo I.

## **1. Objetivos do estudo**

Partindo do pressuposto chomskiano de que a linguagem é uma capacidade inata ao ser humano, que lhe permite não só gerar uma série infinita de estruturas linguísticas, como também elaborar juízos de valor acerca da sua gramaticalidade (Chomsky, 1999), consideramos que existe uma noção intuitiva de “palavra”.

Neste estudo procuramos investigar essa noção de “palavra” que uma criança, falante da língua portuguesa como língua mãe, tem, antes de iniciar a aprendizagem da escrita. Reconhecemos, como já o indicamos neste trabalho, que, antes da aprendizagem da escrita, a criança já tem uma noção do constituinte fonológico em estudo – a palavra prosódica. Estudos

sobre a aprendizagem inicial da escrita indicam que essa noção intuitiva não coincide com “palavra gráfica”, delimitada por espaços em branco (Cunha, 2010).

Ao contrário do que acontece na escrita, delimitar a palavra, no discurso oral, é uma tarefa complexa, uma vez que a fala é entendida como um contínuo sonoro e as diferentes particularidades acústicas e fonológicas que identificam um segmento revelam-se insuficientes para a identificação clara dos limites da palavra (Weber, 2000). A partir da análise da literatura sobre a noção de palavra em diferentes línguas, elaboramos as seguintes hipóteses:

*Hipótese 1:* Diferentes estudos de aquisição referem que as primeiras palavras produzidas por crianças apresentam a estrutura de um pé binário, facto que sustentou a hipótese de que a palavra mínima tivesse essa estrutura. Esta ideia causa controvérsia entre os autores que estudam a língua portuguesa (Bisol, 2000; Booij, 2004). Por um lado, a restrição de minimalidade parece estar ausente nesta língua, uma vez que se registam várias palavras lexicais, constituídas por uma única sílaba aberta, não existindo processos fonológicos que o impeçam. Por outro, a raridade de palavras monossilábicas e relação entre minimalidade e número de segmentos de uma palavra – sugerida por um estudo sobre oralização de acrónimos (Veloso, 2007a) – impelem alguns autores a considerarem a existência de uma restrição de minimalidade nesta língua. Os estudos parecem contraditórios. Será a minimalidade uma condição determinante para a palavra prosódica em português europeu?

*Hipótese 2:* Um outro indicador dos limites da palavra é a silabificação (Booij, 2005:61). No entanto, nas línguas românicas como o português, registam-se dois tipos de silabificação (Vigário, 2003b: 72; Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1064) – a lexical e a pós-lexical. Tendo em consideração a silabificação pós-lexical implica uma reestruturação prosódica (Peperkamp, 2007:5), poderemos afirmar que este tipo de silabificação interfere na noção intuitiva que o falante tem de palavra?

*Hipótese 3:* Numa língua há princípios – as restrições fonotáticas - que determinam as combinações de consoantes em *clusters*, de vogais em sequências vocálicas e as possíveis combinações de vogais e consoante (Gussmann & Szymanec, 2000: 427). Vários autores defendem que a palavra prosódica é o domínio da aplicação de restrições fonotáticas

(Shipman & Zue, 1982; Booij, 1999b; Bisol, 2007). A segmentação efetuada pelas crianças que participaram no nosso estudo respeitará as restrições fonotáticas da língua portuguesa?

*Hipótese 4:* Vários autores estabelecem uma relação estreita entre o acento e a palavra (Anderson, 1965; Bauer, 2000; Bisol, 2004 e 2005a), sendo que a palavra prosódica apresenta um único acento principal (Mateus, 2004). Coincidem as segmentações efetuadas pelas crianças com unidades acentuais?

*Hipótese 5:* As características do clítico e do seu hospedeiro implicam diferentes tipos de relações, que motivaram propostas de unidades acima da palavra prosódica, como o grupo clítico (Bisol, 2000; Vigário, 2003b) ou o grupo de palavra prosódica (Vigário, 2007). Considerando a segmentação efetuada pelas crianças, encontramos indícios desses constituintes?

*Hipótese 6:* Há afixos que apresentam uma estrutura semelhante à das palavras fonológicas, isto é, respeitam a estrutura silábica e são acentuados. Muitos autores (Mattoso Câmara, 1970; Andrade, 1994; Villalva, 1998; Booij, 1999, 2001 e 2007; Hacken, 2000; Schwinfelt, 2000 e 2007; Mateus, Frota e Vigário, 2003; Vigário, 2003b; Aronoff e Fudeman, 2005; Laeuffer, 2005) consideram que são palavras fonológicas. Dadas as características nomeadas, são esses afixos percecionados como uma estrutura autónoma, indiciando a existência de uma estrutura acima da palavra prosódica, conforme proposto por Vigário (2007)?

*Hipótese 7:* Os compostos morfossintáticos sofreram apenas um processo de lexicalização semântica apresentam dois acentos; por seu turno, alguns compostos morfológicos lexicalizados podem apresentar dois radicais e apenas um acento (Vigário, 2003b). Atendendo a que o acento é um indicador de palavra, os compostos mencionados serão percecionados de forma diferente, implicando igualmente estruturas prosódicas diferentes (Vigário, 2007)?

## 2. Metodologia

### *População*

A população presente no estudo é composta por 46 crianças que, no ano letivo de 2010/11, frequentavam o ensino pré-escolar, em dois infantários, um da rede pública e outro uma instituição cooperativa, situados em duas localidades diferentes do concelho de Valongo.

Tendo em conta o objeto em estudo – palavra prosódica – optou-se por selecionar sujeitos em idade pré-escolar. Vários estudos que indicam a palavra como o último conceito a adquirir (Bialystok, 1986: 13), por isso estabeleceu-se para cinco anos a idade dos sujeitos deste estudo, por ser essa a idade anterior ao ingresso no ensino básico. Todas as crianças do estudo nasceram no ano civil de 2005 ou em dezembro de 2004, apresentando à data de recolha dos dados a idade indicada.

Os sujeitos frequentam escolas da mesma área Valongo, mas frequentam estabelecimentos de ensino diferentes: a E.B. 1 / J. I. de Susão, integrado no *Agrupamento Vertical Vallis Longus*, e o *Infantário Jardim da Joana*. No primeiro caso trata-se de um estabelecimento de ensino público e o segundo é uma instituição cooperativa. A seleção das escolas foi efetuada tendo como base dois critérios: a localização em Valongo e a disponibilidade demonstrada para participarem no estudo.

Todos os sujeitos frequentam o infantário há pelo menos um ano e residem no concelho de Valongo. Os sujeitos foram distribuídos por três grupos, de acordo com as turmas em que se encontravam integrados. Dentro de cada turma foram selecionados todos os sujeitos que obedeciam ao critério da idade e não apresentavam dificuldades no desenvolvimento cognitivo ou no domínio da linguagem.

Devido a estes fatores não foi possível constituir grupos homogêneos no que respeita ao sexo. A repartição dos sujeitos da amostra pelos sexos masculino e feminino, no total da população e tendo em conta cada instituição e cada grupo constituído, é a que consta no Quadro 2.

	Escolas			Total
	E.B. 1 / J. I. DE SUSÃO		JARDIM DA JOANA	
	Grupo 1	Grupo 2		
Crianças do sexo masculino	5	7	6	18
Crianças do sexo feminino	9	15	4	28
Total	14	22	10	46

**Quadro 2 - Distribuição da população do estudo**

Este estudo pressupõe que a amostra é homogénea, ou seja, que não se registam diferenças nos resultados motivadas pela variável sexo e tipo de escola. No entanto, e atendendo a que a constituição dos grupos não é uniforme quer quanto ao número de crianças, quer quanto à sua distribuição por sexo, procedeu-se a uma análise dos resultados obtidos por sexo e por tipo de escola para cada teste, que se apresenta nos Anexo B e Anexo C.

### *Procedimento*

Os dados foram recolhidos junto da população entre dezembro de 2010 e fevereiro de 2011. Em relação aos dois primeiros grupos, a recolha, determinada pela disponibilidade das educadoras, foi realizada entre dezembro e fevereiro, à segunda-feira, entre as 13:30 e as 15:30. Já em relação ao terceiro grupo, a recolha foi realizada em dois dias, em fevereiro.

Em primeiro lugar, a criança era questionada acerca do conceito de palavra e era-lhe pedido que indicasse uma qualquer palavra. Depois, e antes da sessão de teste propriamente dita, o experimentador verifica se a criança compreendeu a tarefa pretendida. Esse primeiro teste consistia na apresentação de três frases, constituídas apenas por duas ou três palavras simples, as quais não incluíam nenhum dos elementos em análise, e na sua segmentação<sup>86</sup>.

Após este esclarecimento, era solicitado à criança que escutasse umas frases, previamente gravadas<sup>87</sup>, e que as segmentasse em palavras. Após a primeira escuta, a criança repetia a frase, de forma a que o investigador se certificasse de que a criança compreendia corretamente o que era proferido. Depois da segunda escuta, era-lhe solicitado que segmentasse a frase. Por vezes, era necessária uma terceira escuta, porque a criança se esquecia da frase.

As gravações foram realizadas com um *Digital Voice Tracer Philips LFH0662*, com microfone incorporado, que permitiu uma recolha de qualidade fidedigna. As gravações foram armazenadas em ficheiros, sendo depois transferidas para o computador. Posteriormente, procedeu-se à audição repetida das gravações, de modo a esclarecer todas as dúvidas referentes à segmentação.

---

<sup>86</sup> Eram proferidas frases simples, do género: *Comes muito bem; Brincas muito*.

<sup>87</sup> As frases foram gravadas em formato digital, a partir da produção realizada por um sujeito masculino de 54 anos, com o 12º ano.

### *Material linguístico*

Inicialmente, foi elaborado um teste constituído por 36 frases, mas após a aplicação do teste a três crianças concluiu-se que o mesmo era demasiados extenso e havia dificuldades na compreensão de algumas frases. Este pré-teste determinou a redução do número de frases e a eliminação das que apresentavam material linguístico que se revelou não ser do conhecimento da criança.

Em consequência, foram seleccionadas 25 frases, sendo testado em cada uma mais do que um elemento. As frases seleccionadas foram as seguintes:

- F1. Eu vou passear.**
- F2. Rui, come muitas cenourinhas.**
- F3. A Joana gosta de feijõezinhos.**
- F4. Ela deu-me o livro.**
- F5. Ele não te deu chocolate.**
- F6. Tenho um novo passatempo.**
- F7. Telmo comeu rapidamente.**
- F8. Aqueles limõezinhos estão verdes.**
- F9. Eu trago o guarda-chuva.**
- F10. O guarda-noturno está cansado.**
- F11. Pinta com as aguarelas.**
- F12. Ele tem dois cãesinhos.**
- F13. Fui ao supermercado.**
- F14. Saí de manhã.**
- F15. Arruma rapidamente os brinquedos.**
- F16. Ele veio depressa.**
- F17. Ela tem pressa.**
- F18. O professor dá-nos chocolate.**
- F19. A mãezinha chegou.**
- F20. Ela comprar-te-á um livro.**
- F21. Fiz um cafezinho.**
- F22. Comprei-te amores-perfeitos.**
- F23. Não vos contei a história.**

#### **F24. Li-vos o livrito.**

#### **F25. Três ladrõezinhos roubaram o carro.**

A partir do material linguístico, pretendeu-se analisar as sequências que as crianças consideravam ser uma palavra prosódica e que não coincidiam com a correspondente palavra gráfica. Nesse sentido foram selecionadas três situações, onde não se verifica a referida isomorfia, nomeadamente na associação entre clítico e palavra; entre base e afixos; entre palavras. Cada uma das situações enunciadas apresenta diferentes realizações linguísticas, encontrando-se por isso subdivididas neste estudo, como seguidamente se explica.

Os clíticos, como indicamos no capítulo anterior, exibem características das palavras independentes e características dos afixos, em especial dos flexionais. A sua dependência fonológica em relação a um hospedeiro induziu muitos autores a considerarem que o clítico não é uma palavra prosódica, uma vez que não obedece às restrições de palavra mínima e não possui acento. O clítico associa-se, por isso, à palavra precedente ou posterior.

Neste estudo, analisamos a associação do clítico, sob a forma de artigos, pronomes pessoais e preposições, a diferentes categorias gramaticais – nome ou adjetivo e verbo. A associação entre o clítico e a palavra apresenta características específicas segundo a categoria gramatical de cada um dos elementos. Por exemplo, a gramática do português não permite que o clítico surja posposto ao nome, mas, em relação ao verbo, o clítico pode surgir posposto, anteposto ou mesoposto.

Além dos clíticos, decidimos incluir neste grupo a análise do comportamento de palavras funcionais, de forma a verificarmos o estatuto prosódico das mesmas.

Para a realização deste estudo, foram consideradas as seguintes variantes:

- a) Clítico (artigo) e nome ou adjetivo - como em C1F3<sup>88</sup>;
- b) Clítico (preposição) e nome ou adjetivo - como em BF3;
- c) Palavras funcionais (pronome com função de sujeito) e verbo - como em DF1;
- d) Verbo e clítico (pronome com função de complemento) - como em E1F4;
- e) Verbo no futuro do indicativo e clítico (pronome com função de complemento) - como em E2F20;
- f) Clítico (pronome com função de complemento) e verbo - como em FF23;
- g) Verbo e clítico (preposição) - como em GF14.

---

<sup>88</sup> Os códigos assinalados como exemplo, neste subcapítulo, têm como referência a Tabela 1 do Anexo I.

A segunda associação nomeada – entre base e afixo – tem igualmente sido motivo de alguma controvérsia, uma vez que há afixos que se juntam à base para formar uma nova palavra, mas outros mantêm alguma independência, apresentando características próprias da palavra prosódica – respeitam a restrição de minimalidade e as restrições fonotáticas da língua, apresentam acentuação própria. Neste estudo abordaremos os dois tipos de afixos, ilustrados a partir dos exemplos seguintes:

- a) Sufixos *-inho* e *-ito* - como em JF24;
- b) Sufixos *-zinho* e *-mente* - como em H1F15;
- c) Prefixo *super-* - como em MF13.

Os afixos assinalados em a) unem-se a um radical enquanto que os assinalados em b) e c) se unem a palavras. Esta diferença comporta consequências no que se refere, por exemplo, à acentuação das palavras ou à silabificação e faz com que os dois tipos de afixos tenham classificações diferentes - afixos primários, que formam uma palavra prosódica com o morfema precedente, e afixos secundários, que constituem uma palavra prosódica por si só (Kiparsky, 1983; Booij, 2001: 340).

Por último, analisaremos a associação entre palavras – compostos morfossintáticos – e entre radicais – compostos morfológicos. Assim, no grupo dos compostos, também encontramos situações diferentes. A associação entre palavras podem implicar a ocorrência de um processo de lexicalização semântica – nos compostos morfossintáticos deste estudo – ou a um processo de lexicalização semântica e formal – no composto morfológico aqui analisado. Assim, acrescentaremos ainda à nossa análise as seguintes estruturas:

- a) Compostos morfossintáticos - como em LF22;
- b) Compostos morfológicos<sup>89</sup> - como em NF11.

Os grupos foram inicialmente constituídos tendo por motivação apenas dados linguísticos, tendo sido designados por uma letra do alfabeto, como se indicada na tabela seguinte:

---

<sup>89</sup> A forma “aguarela” é um empréstimo da língua italiana. Na língua italiana, “aguarela” é composta por dois radicais, mas perde a composicionalidade original na língua importadora – o português.



<b>Grupo</b>	<b>Dados em estudo</b>
Grupo A	Associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de não início de frase
Grupo B	Associação entre clítico (preposição) e nome ou adjetivo, em posição de não início de frase
Grupo C	Associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de início de frase
Grupo D	Associação entre palavras funcionais (pronome sujeito) e verbo
Grupo E	Associação entre clítico (pronome complemento indireto, posposto) e verbo
Grupo F	Associação entre clítico (pronome complemento indireto, anteposto) e verbo
Grupo G	Associação entre clítico (preposição simples ou contraída) e verbo
Grupo H	Identificação do sufixo <i>-ativo</i> como palavra
Grupo I	Identificação do sufixo <i>-mente</i> como palavra
Grupo J	Identificação dos sufixos diminutivos <i>-inho</i> , <i>-ito</i> como parte integrante de uma palavra
Grupo L	Segmentação dos compostos morfossintáticos
Grupo M	Identificação do prefixo <i>super-</i> como palavra
Grupo N	Segmentação do composto morfológico

**Quadro 3 - Dados em estudo nos diferentes grupos**

Em todos os grupos, à exceção do Grupo J, é analisada a possibilidade de não haver isomorfia entre palavra morfológica e palavra prosódica. Nas construções com clíticos, a palavra prosódica é, segundo a literatura, maior do que a palavra morfológica. Nas outras situações analisadas, à exceção do Grupo N, tende a ocorrer o inverso.

No entanto, uma primeira análise dos dados motivou algumas alterações.

### *Metodologia estatística*

Após a constituição dos grupos, foi realizada uma análise de homogeneidade dos desempenhos nos testes dentro de cada grupo. Essa análise permitiu observar que, nos grupos A, C e H, havia testes do mesmo grupo, em que era notório que os alunos tinham desempenho diferente.

Em relação ao grupo A, os dados pareciam indicar a existência de dois grupos: A1 e A2. Essa divisão pode ser motivada por um fenómeno linguístico – a ressilabificação – que analisaremos no próximo capítulo.

A motivação para o reajustamento realizado nos grupos C e H é influenciada pela natureza da palavra e será analisada no próximo capítulo.

A subdivisão de E permite destacar uma estrutura linguística que causa dificuldades no processo de aprendizagem da língua e que será enunciada como E2.

Os dados relativos ao grupo J são apresentados em quadro próprio, uma vez que se analisa a existência de isomorfia entre a palavra prosódica e a morfológica.

Estas observações implicaram a reformulação de grupos de análise iniciais, que passaram a ter a seguinte constituição:

Grupo A1 – associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de não início de frase:

F6. Tenho um novo passatempo.

F9. Eu trago o guarda-chuva.

F20. Ela comprar-te-á um livro.

F23. Não vos contei a história.

F24. Li-vos o livrito.

F25. Três ladrõezinhos roubaram o carro.

Grupo A2 – associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de não início de frase:

F4. Ela deu-me o livro.

F11. Pinta com as aguarelas.

F15. Arruma rapidamente os brinquedos.

F21. Fiz um cafezinho.

Grupo B – associação entre clítico (preposição) e nome ou adjetivo, em posição de não início de frase:

F3. A Joana gosta de feijõezinhos.

F13. Fui ao supermercado.

F14. Saí de manhã.

Grupo C1 - associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de início de frase:

F3. A Joana gosta de feijõezinhos.

F10. O guarda-noturno está cansado.

F18. O professor dá-nos chocolate.

Grupo C2 - associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de início de frase:

F19. A mãezinha chegou.

Grupo D - associação entre palavras funcionais (pronome sujeito) e verbo:

F1. Eu vou passear.

F9. Eu trago o guarda-chuva.

F12. Ele tem dois cãezinhos.

F16. Ele veio depressa.

F17. Ela tem pressa.

Grupo E1 - associação entre clítico (pronome complemento indireto, posposto) e verbo:

F4. Ela deu-me o livro.

F18. O professor dá-nos chocolate.

F22. Comprei-te amores-perfeitos.

F24. Li-vos o livrito.

Grupo E2 - associação entre clítico (pronome complemento indireto, posposto) e verbo no futuro:

F20. Ela comprar-te-á um livro.

Grupo F - associação entre clítico (pronome complemento indireto, anteposto) e verbo:

F5. Ele não te deu chocolate.

F23. Não vos contei a história.

Grupo G - associação entre clítico (preposição simples ou contraída) e verbo:

F3. A Joana gosta de feijõezinhos.

F11. Pinta com as aguarelas.

F13. Fui ao supermercado.

F14. Saí de manhã.

Grupo H1 – identificação do sufixo z-avaliativo como palavra:

F3. A Joana gosta de feijõezinhos.

F8. Aqueles limõezinhos estão verdes.

F12. Ele tem dois cãezinhos.

F19. A mãezinha chegou.

F25. Três ladrõezinhos roubaram o carro.

Grupo H2 – identificação do sufixo z-avaliativo como palavra:

F21. Fiz um cafezinho.

Grupo I – identificação do sufixo *-mente* como palavra:

F7. Telmo comeu rapidamente.

F15. Arruma rapidamente os brinquedos.

Grupo J – identificação dos sufixos diminutivos *-inho*, *-ito* como parte integrante de uma palavra:

F2. Rui, come muitas cenourinhas.

F24. Li-vos o livrito.

Grupo L – segmentação dos compostos morfossintáticos:

F6. Tenho um novo passatempo.

F9. Eu trago o guarda-chuva.

F10. O guarda-noturno está cansado.

F22. Comprei-te amores-perfeitos.

Grupo M – identificação do prefixo *super-* como palavra:

F13. Fui ao supermercado.

Grupo N – segmentação do composto morfológico:

F11. Pinta com as aguarelas.

Ao longo deste trabalho, os dados referentes aos grupos e ao material linguístico em estudo serão identificados a partir da letra atribuída ao grupo e a numeração da frase, conforme o exemplo:

A1F11 – este item refere-se à associação entre o clítico (artigo) e o nome ou adjetivo, em posição de não início de frase, que ocorre na frase 11 (Anexo A1).
---

Após a recolha de dados, procedeu-se à sua análise estatística. Num primeiro momento, os dados foram analisados, tendo como pressuposto que a amostra é homogénea, ou seja, que os resultados não diferem de acordo com o sexo dos sujeitos ou o estabelecimento de ensino de onde provêm. Num segundo momento, os dados foram analisados, tendo em conta a variável estabelecimento de ensino e sexo, através do programa SPSS, para determinar se essas variáveis influenciam o desempenho das crianças.



## **IV. CAPÍTULO**

## **RESULTADOS**





## 0. Introdução

Nesta secção apresentaremos os resultados do desempenho dos sujeitos nos diferentes grupos.

Neste estudo assumimos que a amostra é homogénea, considerando que o facto de haver diferente número de crianças do sexo feminino e do sexo masculino, bem como a desigualdade de número de elementos de cada turma ou estabelecimento de ensino (um público e outro privado) não interfere nos resultados.

No entanto, de modo a confirmarmos a homogeneidade da amostra, investigamos se as variáveis nomeadas interferiam nos desempenhos. Assim, consideramos duas amostras independentes, distribuídas por sexo, e três amostras independentes, distribuídas de acordo com o estabelecimento de ensino. Para testar esta segunda variável, procedeu-se à distribuição das crianças por três amostras, dado que, além de procederem de escolas diferentes, estavam inseridas em turmas diferentes, conforme descrito no Quadro 2.

Para determinar se existiam diferenças estatísticas significativas entre as variáveis, utilizamos o teste t-Student para amostras independentes, testando-se a igualdade das variâncias populacionais. Para testar a homogeneidade de variâncias e assumindo o nível de significância de 5 %, utilizou-se o teste de Levene.

Os resultados dos referidos testes são apresentados nos Anexos B e C. Em relação à variável sexo, como ficou confirmado pelos resultados, esta parece não interferir na percepção que as crianças têm em relação ao objeto de estudo. Já em relação à variável tipo de escola, registamos diferenças estatísticas significativas em dois grupos – B e N, em relação à Escola Privada e à Escola Pública 1. Assim, os testes confirmaram tratar-se de um grupo homogéneo.

## 1. Apresentação de Resultados

As figuras assinalam o desempenho dos sujeitos nos diferentes testes. As linhas horizontais delimitam o intervalo dos valores admissíveis para a proporção, ou seja, o intervalo entre zero e um. A linha tracejada indica o efeito aleatório<sup>90</sup>.

O primeiro estudo visou investigar a existência de homogeneidade nos diferentes grupos, apresentada nas primeiras figuras, que representam intervalos de confiança (95%)

---

<sup>90</sup> O valor aleatório corresponde às mesmas probabilidades de ocorrência de uma dada situação. Por exemplo, se atirmos uma moeda ao ar, o valor 0,50 corresponde a ter as mesmas probabilidades de ocorrer cara ou coroa.

sobre a proporção de sucesso nas respostas, para cada estudo e distinguindo grupos. Cada ponto assinalado representa a proporção de sujeitos da amostra que segmentaram as estruturas de acordo com o esperado. O intervalo desenhado à volta representa um intervalo de valores possíveis para a mesma proporção, mas estimado para a população em estudo com 0,95 de confiança. Dentro de um mesmo grupo, é esperada semelhança entre as respostas, uma vez que as perguntas foram desenhadas para testar a mesma capacidade. Essa semelhança corresponderá igualmente a intervalos de confiança (IC) sobrepostos. Assim, um grupo é considerado homogéneo se não existirem respostas, cujo desempenho dos alunos tenha sido diferente das restantes.

Após esse primeiro estudo, constituíram-se os grupos. Para esta segunda análise, são apresentadas figuras que representam intervalos de confiança (95%) sobre a média das proporções de sucesso num grupo de respostas obtidas para cada sujeito. A proporção de sucesso num grupo de respostas para um sujeito corresponde à proporção de respostas corretas que esse sujeito indicou nesse grupo de respostas. Por exemplo, se um sujeito acerta cinco respostas no grupo A1, que é constituído por seis questões, a proporção de sucesso desse sujeito é de 5/6.

Seguidamente, procedeu-se à comparação estatística das médias dos desempenhos globais por grupo, efetuada através de um procedimento de comparações múltiplas e tendo em consideração o facto de a amostra ter sido recolhida com medições repetidas. O procedimento referido inclui uma correção dos valores de significância associados às comparações das médias de cada par de grupos em estudo e que tem em conta o número de comparações efetuadas – correção de Bonferroni.

A comparação entre estes intervalos de confiança (95%) sobre a média das proporções de sucesso num grupo de respostas obtidas para cada sujeito é análoga à primeira, ou seja, dois ICs não sobrepostos são indicativos de diferenças nas médias dos desempenhos globais dos dois grupos.

### **1.1. Análise da associação entre clítico e palavra**

A literatura sublinha a dependência fonológica do clítico, mas essa relação parece poder ser influenciada por outros elementos, tais como a categoria gramatical dos dois elementos (clítico e palavra) e pelo seu posicionamento na frase. Essas foram as variáveis testadas, apresentando-se, seguidamente, os resultados para cada uma delas.

### 1.1.1. Associação entre clítico e nome

Consideramos que, em português, existem clíticos que tipicamente se associam a nomes ou adjetivos e outros que tipicamente se associam ao verbo.

#### 1.1.1.1. Análise do desempenho dos grupos

Começaremos por apresentar os dados referentes aos grupos A, B e C, nos quais se analisa o comportamento das crianças em relação à associação entre o clítico e o nome ou adjetivo.

No quadro 4 são apresentados os valores absolutos e as respectivas percentagens para cada teste. Esses mesmos resultados estão ilustrados na figura 1, a partir da qual podemos verificar se os diferentes testes são homogêneos, ou seja, podem constituir um grupo.

A primeira análise estatística indicou a inexistência de homogeneidade entre resultados obtidos nos diferentes testes, no grupo A, pelo que se reanalisou o grupo e procedeu-se a um reagrupamento dos diferentes itens. A diferença entre os diferentes testes é facilmente constatável quer a partir dos valores assinalados para os dois subgrupos quer pela ausência de sobreposição de intervalos.

GRUPO	Frase-Teste	N=46	%
A1	A1F6	39	85
	A1F9	42	91
	A1F20	40	87
	A1F23	42	91
	A1F24	37	80
	A1F25	43	93
A2	A2F4	29	63
	A2F11	30	65
	A2F15	32	70
	A2F21	29	63
B	BF3	26	57
	BF13	30	65
	BF14	37	80
C1	C1F3	40	87
	C1F10	41	89
	C1F18	35	76
C2	C2F19	20	43

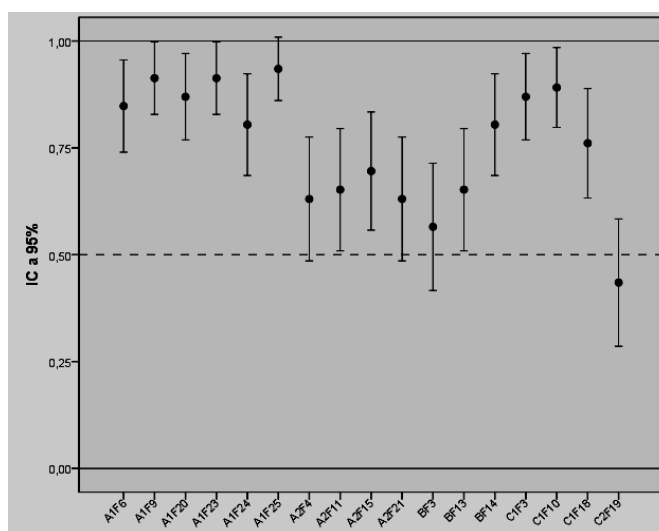


Figura 1 - Intervalos de Confiança para os diferentes testes dos grupos A1, A2, B, C1 e C2.

Quadro 4 - Valores absolutos e respetiva percentagem para os grupos A1, A2, B, C1 e C2.

Grupos A1 e A2 - associação entre o clítico, com a categoria gramatical de artigo, e o nome, em posição de não início de frase (*Li-vos o livrito*)  
 Grupo B - associação entre clítico, com a categoria gramatical de preposição, e o nome (*Sai de manhã*)  
 Grupos C1 e C2 - associação entre clítico, com a categoria gramatical de artigo, e nome, em contexto de início de frase (*O professor dá-nos chocolate*)

A figura 1 apresenta uma sobreposição dos intervalos de resposta quer no grupo A1, quer no grupo A2. Neste contexto gramatical, todas as respostas apresentam valores elevados de sucesso e os resultados indiciam a homogeneidade de respostas no interior de cada grupo, uma vez que se regista uma sobreposição de intervalos de confiança.

A mesma sobreposição de intervalos se registada no conjunto de testes agrupados em B, o que atesta a homogeneidade no interior do grupo.

No grupo C, a primeira análise indiciou a não homogeneidade de respostas ao teste, pelo que se procedeu a uma subdivisão do grupo em C1 e C2.

### 1.1.1.2. Comparação entre o desempenho dos grupos

A partir dos grupos indicados pretende analisar-se a associação do clítico ao nome, tendo em consideração a categoria gramatical do clítico e a sua posição no interior da frase.

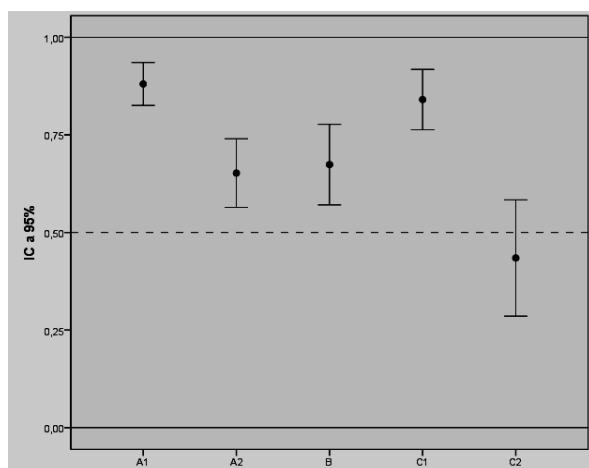


Figura 2 -Intervalos de Confiança para o desempenho global por grupo (A1, A2, B, C1 e C2).

GRUPO	% <sup>91</sup>
A1	87.5
A2	65.3
B	67.3
C1	84
C2	43

Quadro 5 – Percentagem média para os grupos A1, A2, B, C1 e C2.

<sup>91</sup> Os valores apresentados nestes quadros correspondem à média dos testes de cada grupo, arredondada a uma casa decimal, sem levar em consideração o intervalo de confiança.

Variável	Média	Margem de Erro (ME)	Intervalo de Confiança - 95% (IC)	
			Valor inferior	Valor superior
A1	,880	,027	,826	,935
A2	,652	,044	,564	,740
B	,674	,051	,571	,777
C1	,841	,038	,763	,918
C2	,435	,074	,286	,584

**Quadro 6 - Análise de resultados referentes aos grupos A1, A2, B, C1 e C2**

A figura 2 apresenta uma coincidência de intervalos apenas entre alguns grupos, como, por exemplo, entre A1 e C1 ou A2, B e C1.

O quadro 5 representa os valores globais registados em cada grupo. Uma primeira observação dos dados permite destacar os valores elevados nos grupos A1 e C1. Estes valores contrastam com os referentes ao grupo C2, que analisa uma situação específica da associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo, em posição de início de frase.

Além disso, os valores das médias dos grupos A1, A2, B e C1 indicam tendência para a associação entre clítico e nome ou adjetivo, nos contextos em análise. Tal facto é corroborado pela localização dos ICs acima da linha dos 0,50, como observamos na figura 2. Já em relação a C2 não é possível, em relação à amostra, concluir a tendência para a associação em análise.

A comparação entre os diferentes grupos (Anexo A2) permite inferir se há respostas diferentes ou coincidentes, tendo em conta a categoria gramatical do clítico ou a posição do grupo em análise na frase.

A partir da análise do Anexo A2, poderemos constatar diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) entre os resultados de alguns grupos.

A diferença estatística entre os grupos A1 e A2 e entre C1 e C2 ( $p \approx 0$ ) já havia sido constatada num primeiro momento de análise, tendo motivado a subdivisão efetuada. Registam-se ainda diferenças estatísticas entre A1 e B ( $p \approx 0$ ) e entre B e C1 ( $p \approx 0,015$ ), onde a variável é a categoria gramatical do clítico; entre A1 e C2 ( $p \approx 0$ ) e entre A2 e C1 ( $p \approx 0,002$ ), sendo a variável o posicionamento do grupo na frase.

Como já foi referido, os dados indicam que há uma tendência para percecionar a associação entre clítico (artigo ou preposição) e nome como unidade. Além disso, é possível verificar que a perceção da associação entre clítico e nome / adjetivo varia conforme a classe gramatical do clítico e a posição do grupo na frase. É ainda importante referir que outros fatores parecem influir nessa perceção, esses serão objeto de análise no capítulo seguinte.

## 1.1.2. Associação entre clítico e verbo

### 1.1.2.1. Análise do desempenho dos grupos

Passaremos agora a apresentar os dados referentes aos grupos D, E, F e G, nos quais se analisa o comportamento das crianças em relação à associação entre a palavra gramatical ou o clítico e o verbo. Neste grupo, tal como no anterior, distinguimos a relação existente entre verbo e clíticos de diferentes categorias gramaticais e a posição do clítico em relação ao verbo.

GRUPO	Frase-Teste	N=46	%
D	DF1	9	20
	DF9	16	35
	DF12	8	17
	DF16	3	7
	DF17	1	2
E1	E1F4	44	96
	E1F18	42	91
	E1F22	43	93
	E1F24	45	98
E2	E2F20	22	48
F	FF5	22	48
	FF23	20	43
G	GF3	0	0
	GF11	0	0
	GF13	0	0
	GF14	0	0

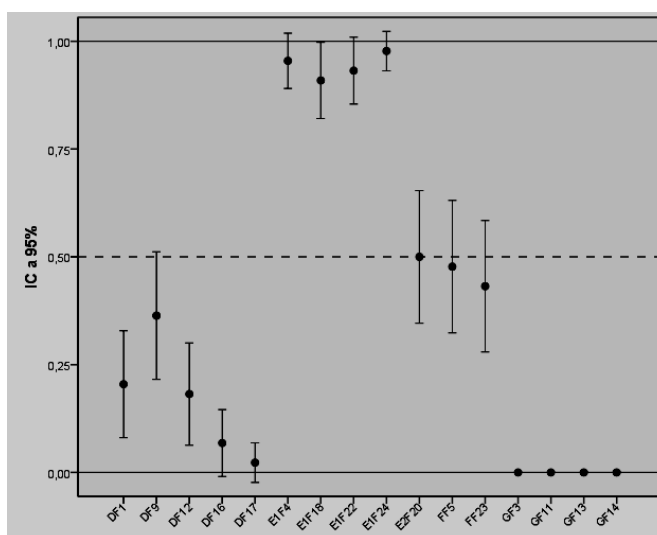


Figura 3 - Intervalos de Confiança para os diferentes testes dos grupos D, E1, E2, F e G.

Quadro 7 - Valores absolutos e respetiva percentagem para os grupos D, E1, E2, F e G.

Grupo D- associação entre palavra gramatical, com a categoria de pronome com função de sujeito, e o verbo (*Eu vou passear*)  
 Grupo E1 - associação entre verbo e clítico, com a categoria gramatical de pronome com a função de complemento (*Ele deu-me o livro*)  
 Grupo E2 – percepção da mesóclise (*Ela comprar-te-á um livro*)  
 Grupos F - associação entre clítico, com a categoria gramatical de pronome com a função de complemento e verbo (*Ele não te deu chocolate*)  
 Grupo G - a associação entre verbo e clítico, com a categoria gramatical de preposição (*Sai de manhã*)

No grupo D, apesar dos resultados apresentarem diferenças, não foi necessário proceder-se a um reagrupamento dos itens, uma vez que havia coincidência entre os intervalos de confiança.

A sobreposição de intervalos registada na figura 3 atesta a homogeneidade no interior dos grupos E1, F e G.

No contexto gramatical estudado, apenas os valores dos testes agrupados em E1 indiciam tendência para a associação em estudo.

### 1.1.2.2. Comparação entre o desempenho dos grupos

Como já referimos, os grupos indicados testam a associação do clítico ao verbo, tendo em consideração a categoria gramatical do clítico e a sua posição em relação ao verbo.

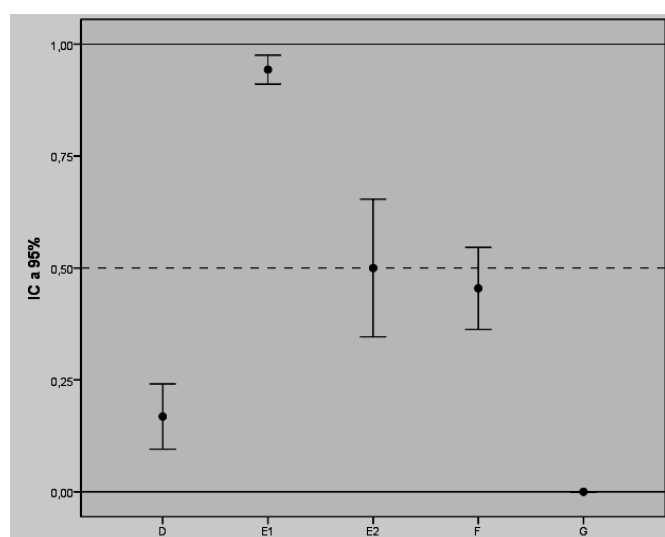


Figura 4 - Intervalos de Confiança para o desempenho global por grupo (D, E1, E2, F e G).

GRUPO	%
D	16.2
E1	94.5
E2	48
F	45.5
G	0

Quadro 8 - Percentagem média para os grupos D, E1, E2, F e G

Variável	Média	Margem de Erro	Intervalo de Confiança - 95%	
			Valor inferior	Valor superior
D	,168	,036	,095	,241
E1	,943	,016	,911	,975
E2	,500	,076	,346	,654
F	,455	,045	,363	,546
G	,000	,000	,000	,000

Quadro 9 - Análise de resultados referentes aos grupos D, E1, E2, F e G.

A análise da figura 4 confirma a tendência para a associação entre clítico e verbo (E1), no contexto gramatical em análise, uma vez que os ICs se situam acima do valor de 0,50. No

que se refere ao grupo G, os resultados permitem concluir que não há tendência para a associação entre palavra gramatical (pronome pessoal, com função de sujeito) e o verbo. Em relação aos restantes grupos (D, E2, F), a amostra não permite concluir a tendência para a associação em estudo.

A análise da figura ilustra o desempenho global por grupo de respostas, permitindo-nos constatar que apenas se regista coincidência de intervalos de confiança entre os grupos E2 e F, indiciando que a mesóclise motiva o mesmo comportamento nos sujeitos que a anteposição do pronome pessoal.

Uma leitura global do Quadro 5 permite ainda destacar os valores elevados registados no grupo E1, que contrastam com os valores registados nos restantes grupos.

A partir da análise do Anexo A3, poderemos constatar diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) entre quase todas as comparações estabelecidas, ou seja, os resultados sugerem que a alteração das variáveis dependentes produz alteração nos comportamentos. A exceção diz respeito à relação entre os grupos E2 e F ( $p \approx 1$ ), que se distinguem pela posição do clítico em relação ao hospedeiro (mesóclise em E2 e próclise em F).

A leitura dos dados indica que a associação entre verbo e clítico depende da classe gramatical deste. Além disso, quando o clítico é um pronome pessoal, a sua associação com o verbo depende da sua posição em relação ao verbo. Os dados apenas permitem constatar essa tendência para associação quando o clítico se encontra posposto, como ocorre em E1.

É igualmente importante sublinhar que não se regista tendência para a associação entre palavra gramatical e verbo, como se verifica pelos valores obtidos no grupo D.

## **2. Análise da associação entre afixo e palavra, entre radicais ou entre palavras**

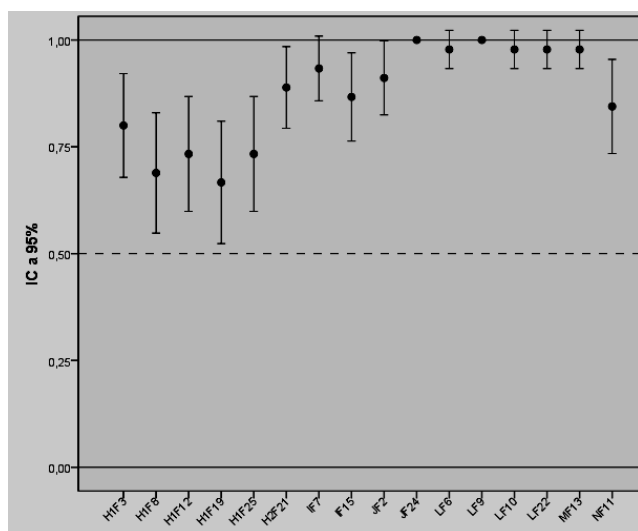
### **2.1. Análise do desempenho dos grupos**

Seguidamente, apresentaremos os dados referentes aos grupos H, I, L e M, nos quais ocorrem estruturas linguísticas, onde a palavra prosódica tende a ser menor do que a palavra morfológica. Os grupos J e N apresentam estruturas semelhantes às testadas nos grupos anteriores, mas em que se registam diferenças na organização das estruturas. Os resultados desta análise são ilustrados na figura 5.



GRUPO	TESTE	N=46	%
J	JF2	41	89
	JF24	46	100

**Quadro 10 - Valores absolutos e respetiva percentagem para o grupo J**



**Figura 5 - Intervalos de Confiança para os diferentes testes dos grupos H1, H2, I, J, L, M e N.**

GRUPO	Frase-Teste	N=46	%
H1	H1F3	37	80
	H1F8	31	67
	H1F12	34	74
	H1F19	31	67
	H1F25	31	67
H2	H21	40	87
I	IF7	43	93
	IF15	40	87
L	LF6	45	98
	LF9	46	100
	LF10	45	98
	LF22	45	98
M	MF13	45	98
N	NF11	39	85

**Quadro 11 - Valores absolutos e respetiva percentagem para os grupos H1, H2, I, L, M e N.**

Grupos H1 e H2 - associação entre base e afixo (*Fiz um cafezinho*)  
Grupo I - associação entre base e afixo (*Telmo comeu rapidamente*)  
Grupo J – associação entre base e afixo (*Li-vos o livrito*)  
Grupos L – segmentação de compostos (*Tenho um novo passatempo*)  
Grupo M - a associação entre prefixo e base (*Fui ao supermercado*)  
Grupo N – segmentação de compostos (*Pinta com as aguarelas*)

A figura 5 apresenta uma sobreposição dos intervalos de resposta nos grupos H1, I, J e L e os intervalos de respostas dos grupos H2, M e N.

Em relação ao grupo H, procedeu-se à sua subdivisão por haver dúvidas acerca da convergência dos valores de H21 com os dos restantes testes do mesmo grupo. Nos testes registados como H1, os intervalos de resposta sobrepõe-se. Nos grupos I, J e L regista-se uma sobreposição de intervalos, o que indica a homogeneidade de respostas.

Além da homogeneidade dos testes no interior de cada grupo, os resultados permitem constatar a tendência para a perceção dos afixos *-zinho* (H1 e H2), *-mente* (I) e *super-* (M) como unidades independentes. Em relação ao grupo J, verifica-se a tendência para a perceção

dos sufixos como parte integrante da base. Os resultados mostram ainda tendência para segmentação dos compostos (L e N).

## 2.2. Comparação entre o desempenho dos grupos

Os grupos em análise testam a associação entre diferentes estruturas, tendo em consideração a existência ou inexistência de isomorfia entre palavra morfológica e palavra prosódica. Quando não existe isomorfia, poderemos encontrar duas situações: a palavra morfológica é maior do que a fonológica (como ocorre nos grupos H ou L) ou a palavra prosódica é maior do que a morfológica (como ocorre em N).

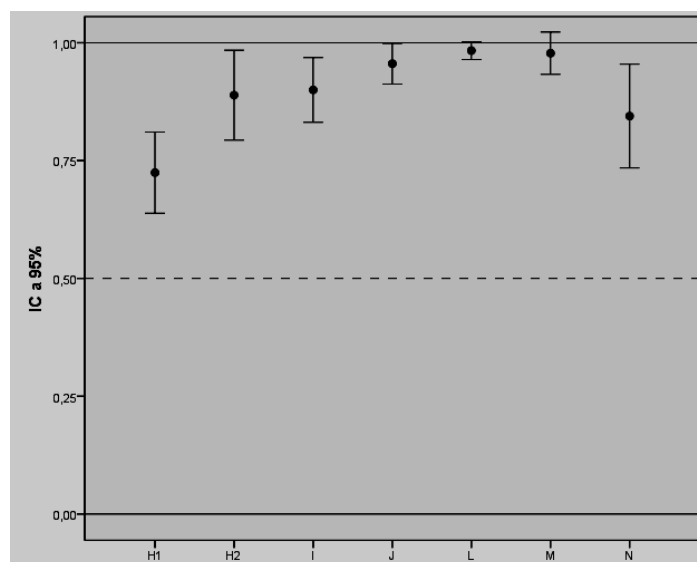


Figura 6 - Intervalos de Confiança para o desempenho global por grupo (H1, H2, I, J, L, M e N).

GRUPO	%
H1	71
H2	87
I	90
L	98.5
M	98
N	85

Quadro 13 - Percentagem média para os grupos H1, H2, I, L, M e N.

Variável	Média	Margem de Erro	Intervalo de Confiança 95%	
			Valor inferior	Valor superior
H1	,724	,043	,638	,811
H2	,889	,047	,793	,984
I	,900	,034	,831	,969
L	,983	,009	,964	1,002
M	,978	,022	,933	1,023
N	,844	,055	,734	,955

Quadro 12 - Análise da existência de isomorfia entre palavra morfológica e palavra prosódica (grupos H1, H2, I, L, M e N).

GRUPO	%
J	94.5

**Quadro 14 - Percentagem média para o grupo J**

Variável	Média	Margem de Erro	Intervalo de Confiança 95%	
			Valor inferior	Valor superior
J	,956	,021	,912	,999

**Quadro 15 - Análise da inexistência de isomorfia entre palavra morfológica e palavra prosódica (grupo J).**

A figura 6 ilustra o desempenho global por grupo de respostas, permitindo-nos constatar que não há coincidência de intervalos de confiança entre os grupos H1 e I; H1 e J; H1 e L; H1 e M. Além disso, os ICs de todos os grupos de análise situam-se acima do valor 0,50, indicando a tendência para a não segmentação da palavra morfológica no grupo J e para a sua segmentação nos restantes grupos.

Uma leitura global dos Quadros 8 e 9 permite destacar os valores elevados registados em todos os grupos. Destaca-se H1 que, apesar da média elevada registada, é inferior à dos restantes grupos.

Da leitura dos quadros destaca-se o facto de o sufixo *-zinho* (H1) ter apresentado valores inferiores aos de estruturas consideradas equivalentes como o sufixo *-mente* (I), os compostos (L) ou o prefixo *-super* (M). Foi igualmente inesperado o resultado registado no grupo N, que indica a tendência para a segmentação de um composto morfológico.

Em seguida, efetuou-se a comparação estatística dos desempenhos globais por grupo (Anexo A4). A sua análise revela diferenças estatisticamente significativas nas comparações estabelecidas entre os grupos H1 e I ( $p \approx 0,012$ ), H1 e J ( $p \approx 0,001$ ), H1 e L ( $p \approx 0$ ), e entre H1 e M ( $p \approx 0$ ). Todas as restantes comparações não revelam, em relação à amostra, a existência de diferenças estatisticamente significativas. Assim, a leitura dos resultados indica que há equivalência entre os resultados obtidos para os grupos H2, I, L e M, o que indicia que os afixos aqui estudados são percecionados de modo idêntico aos compostos, pelos sujeitos da experiência. Em relação ao grupo J, os resultados registados denotam tendência para a não identificação dos sufixos em estudo como unidades independentes, como era esperado.

### 3. Síntese dos Resultados

Em seguida, apresentamos uma síntese dos resultados registrados em cada grupo.

ASSOCIAÇÃO EM ESTUDO			RESULTADOS
CLÍTICO E PALAVRA	CLÍTICO E NOME	Artigo e nome ou adjetivo, em não início de frase (A1)	Percecionado como unidade  A classe gramatical do clítico e a sua posição na frase influenciam os resultados
		Artigo e nome ou adjetivo, em não início de frase (A2)	
		Preposição e nome ou adjetivo, em não início de frase (B)	
		Artigo e nome ou adjetivo, em início de frase (C1)	
		Artigo e nome ou adjetivo, em início de frase (C2)	Não é possível concluir que é percecionado como unidade
	CLÍTICO E VERBO	Verbo e pronome, posposto (E1)	Percecionado como unidade
		Verbo e pronome pessoal, posposto (mesóclise) (E2)	Não é possível concluir que é percecionado como unidade
		Verbo e pronome pessoal, anteposto (F)	
Verbo e preposição (G)		Não é percecionado como unidade	
Palavra gramatical e verbo (D)		Não é possível concluir que é percecionado como unidade	
AFIXO E PALAVRA	Sufixo z-avaliativo (H1)		Perceção do afixo como elemento independente
	Sufixo z-avaliativo (H2)		
	Sufixo <i>–mente</i> (I)		
	Prefixo <i>super-</i> (M)		
	Sufixos diminutivos <i>–inho</i> e <i>–ito</i> (J)		Perceção do afixo como elemento dependente
Palavra e palavra (L)		Segmentação do composto nos componentes	
Radical e radical (N)		Segmentação do composto em diferentes unidades	

Quadro 16 - Síntese dos resultados por grupo.

## **V. CAPÍTULO**

# **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**



## 0. Introdução

Neste trabalho, procurámos analisar o conceito de palavra prosódica em sujeitos em idade pré-escolar. Para analisar esse conceito, seleccionámos três situações: associação entre clítico ou palavra funcional e palavra lexical; a associação entre base e afixos; a associação entre palavras. As situações indicadas implicam subdivisões que dependem, como explicamos, da constituição das palavras envolvidas, da classe gramatical a que pertencem e da sua localização na frase. Atendendo a estas características, constituímos os grupos enunciados no quadro 3.

Uma primeira análise estatística revelou, no entanto, a inexistência de homogeneidade em alguns dos grupos constituídos. Essa constatação implicou uma análise dos indicadores de limite de palavra, que enunciámos no capítulo I, e identificámos aqueles que, em cada situação, pareciam influenciar a segmentação efetuada. Essa identificação levou, por sua vez, à reestruturação dos grupos, enunciada igualmente no capítulo III.

Neste capítulo, procuraremos manter a organização que vem sendo seguida neste trabalho. Assim, começaremos por analisar os dados referentes à associação entre clítico ou palavra gramatical e palavra lexical; seguidamente, analisaremos a associação entre base e afixos; por fim, a associação entre palavras. Em cada momento, explicaremos a subdivisão dos grupos. Para finalizar, procederemos a uma breve análise dos dados de acordo com as variáveis sexo e estabelecimento de ensino. Esta análise será breve, uma vez que o estudo pressupõe a homogeneidade do grupo de sujeitos, o que indicia que as variáveis em questão não influenciam o desempenho esperado.

Ao longo da nossa análise estabeleceremos, por vezes, comparações com dados de textos escritos. Entendemos que, na fase de aprendizagem da escrita, a noção de “palavra escrita” é ainda instável para a criança (Ferreiro e Pontecorvo, 1996: 45), ou seja, não há correspondência termo a termo entre palavras gráficas e palavras orais. Outro dado interessante destas experiências é o facto de as crianças demonstrarem maior facilidade na identificação de nomes, verbos e adjetivos do que na identificação de artigos, conjunções ou preposições como unidades linguísticas (ibidem). Ainda de acordo com as autoras (ibidem), era de esperar uma maior tendência para a hipossegmentação - falta de espaço entre fronteiras vocabulares - do que para a hipersegmentação - alocação de espaço no interior da palavra<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> Adotamos, neste estudo, a definição dos conceitos dada por Cunha (2010a).

Estes dois conceitos surgem associados a dados de escrita inicial. Em virtude dos resultados inesperados obtidos no nosso estudo e da associação dos mesmos a fatores prosódicos, adotaremos a mesma designação para os dados com características semelhantes aos registados por Cunha (2010a).

## **1. Análise dos dados por grupo**

### **1.1. Associação entre clítico e palavra prosódica**

Indicámos no capítulo anterior que a constituição dos grupos de análise se efetuou de acordo com as características gramaticais dos mesmos. Assim, começamos por distinguir dois grupos: os clíticos e as palavras funcionais. A distinção entre estes grupos tem por objetivo verificar se, como afirma Vigário (2003b: 179-180), as palavras gramaticais selecionadas (grupo D) – *eu* e *ele* – apresentam um comportamento diferente dos clíticos.

A segunda divisão diz respeito à categoria morfológica dos clíticos – as preposições e os artigos (grupos A, B, C, G), como proclíticos, e os pronomes pessoais (grupos E, F), como enclíticos. A subdivisão deste grupo de acordo com o critério referido é motivada pela análise de Zwicky (1977), que distingue clíticos simples de clíticos especiais. Vigário (2003b: 129) sublinha a particularidade dos clíticos especiais no português europeu de selecionarem um hospedeiro de uma categoria morfossintática específica – o verbo. De acordo com a autora, os clíticos especiais distinguem-se dos restantes clíticos por serem tão seletivos quanto os afixos. Procuramos verificar, neste estudo, se essa característica influencia a segmentação que a criança efetua. Estes seis grupos visam analisar não só a associação entre clítico e palavra lexical, mas igualmente observar se essa relação é influenciada pela categoria morfológica dos dois elementos e pela função sintática que desempenham na frase.

#### **1.1.1. Associação entre clítico e nome ou adjetivo**

Tal como advoga a literatura (Mattoso Câmara Jr., 1998; Vigário, 2003b; Bisol, 2005b), os resultados revelam uma tendência para a associação entre o clítico e a palavra lexical como unidade fonológica. Começamos por verificar que os valores das médias dos grupos em análise indicam essa tendência, salvo em relação ao grupo C2, grupo em que a localização do IC se encontra abaixo da linha dos 0,50 (fig. 2).



No entanto, os resultados permitem igualmente verificar que essa relação depende do contexto linguístico específico, tendo esse facto motivado neste estudo a segmentação dos grupos A e C, como enunciámos no capítulo anterior. Procederemos, agora, a uma análise mais pormenorizada dos elementos que motivaram a subdivisão dos grupos.

Assim, no grupo A, observámos que em F4, F11, F15 e F21 a associação entre clítico e nome não era tão recorrente como nas restantes situações. Uma análise do contexto linguístico em que ocorre a sequência em estudo revelou a existência de outros fenómenos fonológicos que justificariam a não associação entre os elementos.

Em F4, o contexto linguístico proporciona a ressilabificação, alterando, desta forma, a segmentação da frase. A segmentação preferencial é a seguinte: *Ela / deu-me o / livro*. Entre o pronome pessoal e o artigo definido ocorre a contração das duas formas linguísticas.

Brisolara (2008: 144), analisando as sequências de pronome pessoal (me, te, se) ou preposição (de) e artigo, refere que, embora a tendência seja para a formação de um ditongo, pode ocorrer o apagamento da vogal /e/, em posição de final de palavra, sendo esta um clítico, quando a palavra seguinte se inicia por uma vogal diferente. Em relação ao português europeu, constata-se que a vogal não-recuada final dos enclíticos pronominais é elidida obrigatoriamente como sucede em fim de palavra prosódica (Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1065). Essa elisão é, de acordo com Santamaría Busto (2007: 961), um fenómeno frequente nas línguas românicas, pois, ao evitar a separação fonética de vogais sucessivas, agiliza o fluxo da fala e evita esforços articulatórios na produção da mensagem<sup>93</sup>. Essas características linguísticas explicam, pois, a segmentação verificada neste estudo, indiciando que o pronome “me” forma com o verbo que o antecede uma palavra prosódica, ou seja, comporta-se como sílaba postónica, aplicando-se, por isso, a regra de elisão da vogal [i], que apenas ocorre em final de palavra prosódica.

A referida contração afeta, naturalmente, a associação desse clítico ao nome, porque da contração resulta um pronome pessoal, com função sintática de complemento indireto, que se associa ao verbo que o precede. A posição enclítica é a mais natural para este tipo de pronomes (Duarte, Matos e Faria, 1995: 134; Cunha, 2010a: 91), os quais são incorporados no hospedeiro (Vigário, 2003b: 325). Poderíamos concluir, a partir deste dado, que os

---

<sup>93</sup> Pensado (1999: 4455) defende que, historicamente, a sequência de duas vogais idênticas, em qualquer situação, implicava a contração. No espanhol atual, através da fronteira de palavra, a sequência de vogais idênticas conserva-se em posição tónica, mas reduz-se em posição átona.

conhecimentos sintáticos estariam a influenciar a segmentação. Além disso, esta associação parece mostrar já alguma tendência para a formação de um pé troqueu silábico (*deu-mo*).

Em relação a F11, constatamos que as crianças tendem a contrair a sequência de dois clíticos, neste caso a preposição *com* e o artigo *a*. Essa contração, aparentemente inesperada, dado que *com* termina em som nasal, formando uma sílaba pesada, ou seja, um pé métrico, foi já assinalada em estudos anteriores. Vigário (2003b: 307) inclui “*com*” no grupo das palavras muito frequentes do português, as quais estão sujeitas a fenómenos de redução como o apagamento de segmentos, a semivocalização, a monotonguização. A mesma autora sublinha, no entanto, que a redução da preposição referida implica uma desnasalização, a qual apenas ocorre quando a preposição é seguida por artigo definido ou indefinido. Essa é a situação que se verifica no nosso estudo.

Na preposição referida, o apagamento da consoante<sup>94</sup> viabiliza o encontro de vogais e a consequente contração, neste caso, em ditongo. Formar-se-ia, neste caso, a sequência “*co’as*” [kwɐʃ], ou, mais simplificado, [kɐʃ], ou seja, resultaria num pé métrico, constituído por uma sílaba pesada, ou num pé degenerado, de uma sílaba simples. A primeira sequência indicia a preferência pela constituição de um pé trocaico. Já a segunda reforça a ideia defendida por Collischonn (2005: 141) de que o português admite pés degenerados. A redução referida – qualquer que seja a forma preferida – transforma a preposição num clítico, uma vez que nos dois casos há uma redução da vogal, processo indicador da ausência de acento (Vigário, 2003b: 175).

Apesar de registarmos a tendência para a clara de associação entre a preposição e o artigo ou a preposição, o artigo e o nome, não é possível a partir dos dados que dispomos indicar qual a sequência – [kwɐʃ] ou [kɐʃ] – preferida pelas crianças que participaram neste estudo. Contudo, podemos indicar que dezassete crianças (37 %) identificaram a sequência como unidade, ou seja, como palavra. Na realidade, qualquer uma das sequências respeita a estrutura de palavra mínima, uma vez que são bimoraicas. Este dado pode ainda indiciar que a preposição “*com*”, quando reduzida, tem o estatuto de um clítico e, como tal, estaríamos perante uma sequência de clíticos, cujo grupo não pode ser desfeito nem a ordem dos clíticos alterada, propriedades que indiciam que uma sequência de clíticos deve ser analisada como uma unidade autónoma (Luís, 2001: 169).

---

<sup>94</sup> Veloso (2008), que realça o reduzido número de consoantes permitidas em coda, assinala a tendência histórica para o apagamento de consoantes nessa posição.

A ressilabificação ocorre igualmente em F15, entre duas vogais não acentuadas, a primeira faz parte de uma palavra morfológica (*rapidamente*) e a segunda é um clítico (*o*). O segmento final da palavra morfológica referida é [i], ou seja, estamos perante uma vogal átona, que tem uma realização fonética assistemática e facultativa<sup>95</sup>. No caso em análise, o segmento referido, sendo átono, é suprimido e, para manter a boa formação silábica, o falante associa a consoante final, que devido às restrições fonotáticas<sup>96</sup> da língua não pode ocorrer nessa posição, à vogal seguinte (neste caso, um clítico). As restrições fonotáticas da língua e a boa formação silábica sobrepõem-se, desta forma, à associação do clítico ao nome, que formam um constituinte sintático, o que fazia prever a sua associação.

Por fim, a associação entre artigo e nome, em F21, é impedida por um processo de ressilabificação pós-lexical, muito comum nas línguas românicas. Não se trata no caso de uma reestruturação da sequência impelida pela restrição de palavra mínima, que, como constatamos, nem sempre é respeitada no português. Além disso, a forma verbal isolada respeita já, de acordo com Veloso (2007a), a palavra mínima no português, uma vez que apresenta três segmentos. Neste caso, a ressilabificação pode ser explicada pela tendência universal de uma sequência C e V ser silabificada como CV, ou seja, ser tautossilábica. Mesmo quando os segmentos C e V estão, originalmente, ligados a sílabas diferentes, eles acabam por formar uma nova sílaba, de modo a satisfazer essa tendência universal (Collischonn, 2005: 128). Assim, a preferência por uma estrutura silábica mais comum transforma, pós-lexicalmente, as palavras (*fi.zum*) e afeta a dependência esperada entre clítico e nome. Essa estrutura é reforçada pela alteração da consoante final [ʃ] por [z], realização dessa mesma consoante quando se encontra antes de vogal (Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1047).

A forma resultante – *fizum* – respeita igualmente a restrição de palavra mínima, uma vez que é formada uma palavra dissilábica. Esta associação destaca igualmente o estatuto de adjunto que o proclítico apresenta, mantendo uma relação menos estreita com o hospedeiro que os enclíticos (Vigário, 2003b: 325).

A subdivisão do grupo C foi motivada pela forma *mãezinha*. Atendendo estes resultados contrastam com outros que envolvem o mesmo contexto, entendemos que a motivação para esta segmentação não é linguística, mas depende de um contexto e de um significado social da

---

<sup>95</sup> Veloso (2005: 629) advoga a existência de um segmento teórico /i/, que ocorreria nos clíticos e no final de palavras morfológicas, uma vez que este não parece resultar, nos casos referidos, da elevação e centralização do /e/ ou do /ɛ/.

<sup>96</sup> Como indicamos no Capítulo I, de acordo com Mateus (2003:995), em final de palavra só podem ocorrer as consoantes [r], [ʃ] e [ɫ].

forma *mãezinha*. Desde muito cedo que algumas palavras se tornam familiares à criança e ganham, por esse facto, uma identidade. É essa identidade que nos parece estar na origem da individualização desta palavra.

Analizados os resultados mais inesperados, observemos agora o quadro 4, onde se registam os dados da associação entre clítico e nome. Estes resultados revelam que a tendência de associação é mais significativa quando o clítico é um artigo (A1 e C1), independentemente da posição que ocupa na frase, do que quando é uma preposição (B).

Esta tendência de associação de clítico ao nome ou adjetivo era já esperada, tendo em conta que os artigos são proclíticos, associando-se ao hospedeiro à sua direita (Vigário, 2003b: 196).

Começámos por sublinhar que a associação entre clítico e nome pode ser alterada por processo de ressilabificação, motivado pela contração ou ditongação de vogais. Estes fenómenos fonológicos ocorrem em contextos específicos e alteram a percepção de palavra. Estranhamente, não ocorreu a ressilabificação em AF6 nem em AF9. As sequências em análise – *tenho um* e *trago o* – indiciam que a contração de vogais parece ser evitada nas sequências verbo e artigo, ocorrendo frequentemente entre clíticos, nomeadamente entre preposição e artigo ou entre pronome pessoal, com função de complemento e artigo.

A ausência de ressilabificação pode ser explicada se atendermos à classe gramatical do clítico. Tendo em conta que, neste caso, o clítico é um artigo e, em português, os artigos serem sempre proclíticos e formarem um constituinte sintático com o hospedeiro que o segue, que pertence à classe gramatical do nome ou à do adjetivo, não seria de esperar que o artigo estivesse incorporado na palavra precedente, como indica Vigário (id.: 188). No entanto, numa sequência idêntica – em F21 – ocorreu o processo referido. A justificação encontrada parece, por isso, insuficiente.

Na realidade, as formas verbais agora em análise apresentam já a estrutura silábica mais regular – CVCV. Tendo em conta que o peso silábico não influencia os verbos (Wetzels, 2006: 54), estamos perante um troqueu silábico. Acresce ainda o facto de a não ressilabificação, nestes casos, respeitar as regras de atribuição de acento nos verbos, segundo a qual a raiz do verbo, no presente do indicativo, é sempre a cabeça do pé, facto que uma contração das vogais indicadas contradiria (Wetzels, id.: 45; Pereira, 1999:91).

Será ainda importante referir que a ressilabificação está dependente de outro processo fonológico – o apagamento ou a semivocalização da vogal final do verbo (vogal alta arredondada), que é um processo opcional (Vigário, 2003b: 108). Naturalmente, esse processo

não ocorreu nos exemplos aqui assinalados e, em F21, como já indicámos, o processo que ocorre é outro, em virtude da forma verbal terminar em consoante.

Neste estudo, não distinguimos artigo definido de artigo indefinido, incluindo este último como o fazem Vigário (id.: 179) e Bisol (2005b) no grupo dos clíticos, pois consideram que o artigo indefinido, apesar de não sofrer redução vocálica, é destituído de acento. Na realidade, os nossos dados revelam a mesma tendência para a associação, independentemente da subclasse do artigo. Podemos verificar isso mesmo se atendermos aos valores registados para o artigo definido (A1F9, A1F23, A1F24, A1F25) e para o artigo indefinido (A1F6, A1F20), no Quadro 4. Esse facto é igualmente comprovado estatisticamente, uma vez que foi possível agrupar estes testes no mesmo grupo.

Outro dado a realçar é o facto de a posição na frase (início *versus* não início) não influenciar a perceção da sequência em análise, indiciando que a associação entre clítico e hospedeiro, nestes casos, não se relaciona com a posição que ocupa na frase.

No entanto, esta constatação não se verifica entre os grupos A1 e C2 e os grupos A2 e C1, demonstrando, como já referimos, que a associação em análise é alterada pela possibilidade de ressilabificação motivada pela ocorrência de fenómenos fonológicos como a crase ou a sinérese. Isto significa, no entanto, que são fatores fonológicos e não sintáticos que motivam segmentações diferentes.

Os resultados verificados no grupo B (associação entre preposição e nome) indicam a tendência para a associação entre os constituintes em estudo, mas, atendendo à natureza proclítica das preposições, essa tendência é menor que o esperado. Estes dados parecem mostrar que, além da acentuação, a possibilidade de ressilabificação ou a ocorrência de fenómenos fonológicos contribuem para a noção de palavra prosódica. Se é verdade que a preposição “*de*” e a contração “*ao*” não nos colocam dúvidas quanto ao seu estatuto de clítico, não há, nestes casos, encontros vocálicos, que facilitariam a ressilabificação, com a ocorrência de contração ou ditongação (Cf. Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1064).

Observemos com atenção as sequências em análise:

*de feijõezinhos*

*ao supermercado*

*de manhã*

Na primeira sequência surgem diferentes segmentações, conforme se enunciam em seguida:

(15)

- a. defeijão#zinhos – 1<sup>97</sup>
- b. defei#jõe#zinhos - 3
- c. defei#jõezinhos – 4
- d. de#fei#jõezinhos – 1
- e. de#fei#jõe#zinhos – 1

As segmentações indicadas em (15) merecem-nos algumas reflexões. Apesar de diferentes estudos sublinharem que o português europeu não é uma língua rítmica, as segmentações enunciadas parecem justificar-se apenas por questões rítmicas. Assim, segmentações como *defei* parecem mostrar a tendência para a formação de um pé iambico. Já o isolamento das sílabas *jõe* e *fei* origina a formação de um troqueu moraico, indiciando assim a importância do peso silábico no português europeu. Por outro lado, estes dados podem reforçar a ideia de que a restrição de minimalidade, em português europeu, depende do número de segmentos da palavra. Assim, a palavra lexical mínima apresentaria, no mínimo, três segmentos ou duas sílabas (Veloso, 2007a). A segmentação em *jõezinhos*, contudo, provoca alguma estranheza.

Embora com menor incidência, observamos segmentações semelhantes na sequência *de manhã*, como a seguir se enumeram:

(16)

- a. de#ma#nhã – 4
- b. dema#nhã – 2

Estes dados parecem, pelo contrário, indiciar que o peso silábico não influencia a segmentação, uma vez que se isolam sílabas simples inacentuadas, como verificamos em 16a. As duas primeiras sílabas em 16a não apresentam sequer três segmentos. Convém, no entanto, salientar que essas sílabas correspondem a clíticos possíveis na língua (*de*- preposição e *ma* – contração de pronomes pessoais). Assim, os dados indiciam, como já o referiu Booij (2004:76), que apenas um número limitado de palavras lexicais parece desrespeitar a restrição de palavra mínima.

---

<sup>97</sup> Os números apresentados depois das segmentações, neste capítulo referem-se à totalidade de ocorrências do mesmo tipo registadas; o símbolo # representa a identificação de cada um dos segmentos como palavra prosódica.

Em 16b, encontramos uma estrutura dissilábica com duas sílabas átonas. Esta é uma estrutura possível para os clíticos, como acontece com *para* ou *cada*, identificados como clíticos dissilábicos (Vigário, 2003b: 179).

Um aspeto interessante que sobressai destes dados, também observado por Cunha (2010a:55), é que, primeiro, a criança parece efetuar uma hipossegmentação, unindo o clítico ao nome, e depois uma hipersegmentação, que pode implicar uma silabificação ou a constituição de um pé métrico. Esse procedimento justificaria segmentações como *defei* e *dema*.

A terceira associação estudada diz respeito ao clítico *ao*, contração entre a preposição e o artigo definido. Vigário (id.: 308) inclui esta contração no grupo de palavras muito frequentes da língua portuguesa e destaca o seu comportamento particular. Neste caso, é sublinhada a tendência do falante para a monotonguização, evitando o núcleo complexo que o clítico apresenta. Assim, em vez de produzir o ditongo [aw], o falante tem tendência a reduzi-lo para [ɔ], alterando a estrutura silábica de VG para V. Esta simplificação parece favorecer a associação do clítico ao nome que o segue, mas o nosso estudo não permite estabelecer a existência de uma correlação entre os dois processos.

Torna-se igualmente importante destacar que as sequências nomeadas se encontram no final de um enunciado, posição que favorece o aparecimento das formas reduzidas dos clíticos (Vigário, id.: 309), tal como verificamos neste estudo.

Este processo comum de simplificação do ditongo no registo oral pode justificar o facto de não se observarem diferenças significativas em virtude da preposição ser constituída por uma sílaba leve (como em F3 e F14) ou por uma pesada (como em F13). Embora não tenhamos realizado um teste estatístico específico para o comprovar, poderemos afirmar essa aproximação, atendendo ao facto de se encontrarem no mesmo grupo.

A menor associação entre clítico com classe gramatical de preposição e nome não resulta do facto de a preposição se associar ao verbo que a precede. Na realidade, os dados demonstram precisamente que há uma clara tendência para a não associação entre estas duas últimas classes, como teremos oportunidade de constatar na secção seguinte. Essa tendência pode ser, neste caso, motivada pela função sintática dos dois constituintes, como analisaremos mais adiante. Aliás, as preposições em análise são o núcleo sintático de um sintagma – o sintagma preposicional, o qual pode ser deslocado ou destacado por processos de topicalização (Brito, Duarte e Matos, 2003: 393), sendo por isso esperado que o nome, dependente sintaticamente da preposição, se associasse à mesma.

Os dados mostram que há maior tendência na associação entre o artigo e o nome do que entre a preposição e o nome. Esta tendência é natural se atendermos à relação gramatical entre os constituintes: o artigo concorda em género e número com o nome; já entre a preposição e o nome não se verifica uma relação gramatical tão estreita. Na realidade, o artigo é sempre proclítico, associando-se à palavra seguinte (Vigário, 2003b: 188), mas, tal como a preposição, não se incorpora nessa palavra, criando uma estrutura de adjunção.

A análise dos dados, neste grupo, permite constar algumas características interessantes:

- a ressilabificação e outros fenómenos fonológicos influenciam a segmentação do contínuo sonoro;
- parece existir uma tendência para a formação de pés trocaicos;
- existe uma relação gramatical estreita entre alguns constituintes que parece igualmente determinar a segmentação.

### **1.1.2. Associação entre clítico ou palavra gramatical e verbo**

A associação entre clítico e verbo merece-nos uma particular atenção. Os clíticos que poderemos associar ao verbo pertencem às classes gramaticais dos pronomes pessoais e das preposições. Se em relação às preposições apenas constatamos a possibilidade de posposição ao verbo, já no que respeita aos pronomes a variedade é mais acentuada. Incluímos, igualmente, nesta análise a associação entre palavra gramatical e verbo, de modo a comparar o comportamento da palavra gramatical com o dos dois tipos de clíticos em estudo.

Já referimos, no capítulo III, no ponto 2.3.1., a não tendência para a associação entre verbo e preposição. Esses resultados podem ser explicados pela ocorrência de outros fenómenos fonológicos ou pela natureza dos constituintes sintáticos. Em relação aos dados de F3, F13 e F14, verificamos que, quando a preposição não é associada ao nome, é percebida como um constituinte prosódico independente.

No caso de F11, há uma tendência para a contração entre a preposição *com* e o artigo *as*, formando assim um constituinte independente. No nosso estudo, dezassete crianças (correspondendo a cerca de 37% da amostra) consideraram a referida contração como um elemento independente.

Outros elementos podem ainda explicar a segmentação verificada. Na realidade, as preposições em análise são o núcleo sintático de um sintagma – o sintagma preposicional, o



qual pode ser deslocado ou destacado por processos de topicalização (Brito, 2003: 393), sendo por isso esperada a sua dissociação do verbo.

Os dados do nosso estudo não indicam que as palavras gramaticais formem uma unidade prosódica com o verbo, como constatamos pelos resultados registados para o grupo D. Tal como indicamos no Capítulo II, as palavras selecionadas não podem ser consideradas clíticos, uma vez que apresentam vogais plenas e não sofrem qualquer processo de redução vocálica (Vigário, 2003b: 180), apresentam, assim, um estatuto de palavra prosódica, constituída por uma sílaba pesada (*eu*) ou duas sílabas leves (*ele*, *ela*). Além disso, a não associação entre estes dois constituintes pode também ser justificada sintaticamente, dado que se assumem como os dois constituintes imediatos da frase básica do português: sujeito e predicado (Brito, Duarte e Matos, 2003: 436). Também neste caso, a sintaxe parece influenciar a segmentação da frase.

Outra observação que nos parece interessante, apesar de não ser estatisticamente relevante, é que a não tendência de associação entre os pronomes referidos e o verbo é maior para a forma *ela* do que para a forma *ele*, quando o contexto sintático e fonológico é o mesmo, como ocorre em F12 e F17.

Parece-nos ainda relevante referir que, apesar de reduzida, a associação entre palavra gramatical e verbo é maior do que a registada entre verbo e clítico, quando este é uma preposição. Não encontramos para estes dados nem justificação fonológica nem sintática.

Analisaremos agora a tendência de associação entre verbo e pronome, com função sintática de complemento indireto. Esta só é constatada quando o pronome se encontra posposto ao verbo. Quer os dados referentes à anteposição do pronome quer os referentes à mesóclise não permitem concluir a tendência para a associação. Para Rosa (2002:43), uma sequência como as registadas em E1 seria apenas uma palavra, uma vez que o pronome equivale a uma sílaba átona em relação ao verbo. Esta perspetiva pode ser ainda reforçada pela segmentação registada em F4. A incorporação do artigo definido no pronome pessoal só se verifica por este último se comportar como uma sílaba átona final de uma palavra prosódica (Vigário, id.:187).

Desta forma, a associação entre verbo e pronome, com função de complemento indireto, parece depender da posição que ocupa em relação ao seu hospedeiro<sup>98</sup>. Rosa (2002: 79) explica que, no português europeu, os clíticos de acusativo são sempre fonologicamente

---

<sup>98</sup> Nespor e Vogel (1986: 151) e Fragosó (2009: 5) defendem, pelo contrário, que no que concerne ao grupo clítico que os constituintes sintáticos não permitem sempre prever o hospedeiro fonológico que será selecionado pelo clítico.

enclíticos, a despeito de qual seja a palavra precedente. Esse facto explicaria a diferença registada nos resultados entre E1 e F, ou seja, os resultados demonstram que apenas podemos concluir que há tendência para a associação entre verbo e pronome, com função sintática de complemento indireto, quando os pronomes são enclíticos.

Estes dados parecem indicar, como já constatará Cunha (2010a: 91), que a posição enclítica do pronome é a forma preferencial de uso no português europeu. Em nenhum dos casos essas hipossegmentações infringem a regra das três janelas para o acento principal no português, ou seja, quando o clítico é unido à palavra de conteúdo ou forma pés binários, como em *apanhala* (paroxítona), ou forma, no máximo, pés ternários, como em *chamome* (proparoxítona). Esses dados parecem ter como motivação o efeito de direccionalidade, cuja consequência, no Português Europeu, é a integração de sílabas átonas para a esquerda (ênclise).

Uma nova leitura dos registos permitiu uma observação que, não sendo objeto deste estudo, vem ao encontro das conclusões de Rosa (2002) e de Cunha (2010a): alguns dos sujeitos deste estudo preferiram associar o pronome à palavra que o antecedia (no caso era o advérbio de negação). Assim, encontramos sujeitos que percecionam como unidade sequências como as apresentadas em (17), que ocorrem na segmentação de F5 e F23, respetivamente:

(17)

- a. não te - 7
- b. não vos - 10

Mais uma vez, esta hipossegmentação parece indiciar a preferência por uma estrutura rítmica, com a constituição de troqueus silábicos. Estes dados assemelham-se ao que Cunha (2010a: 142) denominou “dato singular”. A anteposição do pronome ao verbo constitui uma irregularidade, daí que, nesses casos, seja mais frequente que o pronome não se associe ao verbo, mas à palavra que o antecede, criando um troqueu silábico.

Outro resultado inesperado foi a alteração da posição do pronome. Alguns dos sujeitos ao reproduzirem e segmentarem a F23 alteraram a ordem dos constituintes, unindo o pronome ao verbo como em (18):

(18)

conteivos: 2

Esta alteração vem reforçar a ideia de que esta é a posição mais natural destes clíticos - pronomes pessoais com a função de complemento indireto (Duarte, Matos e Faria, 1995: 134; Rosa, 2002:79). Vem igualmente ao encontro dos dados analisados por Cunha (2010a: 91), sublinhando, assim, mais uma vez o efeito de direccionalidade, cuja consequência parece ser a integração de sílabas átonas para a esquerda, ou seja, a ênclise.

Ao contrário do que verificamos em relação aos artigos, a ressilabificação não interfere na segmentação, ou seja, apesar de em F4 e em F22, haver a possibilidade de ressilabificação, esta não altera a tendência de associação entre verbo e clítico, pois como já referimos, o resultado gramatical da contração seria sempre um pronome com função de complemento indireto, que é tendencialmente um enclítico.

Em relação à mesóclise, o nosso estudo não permite concluir que existe uma tendência para a perceção dessa estrutura como unidade. Na realidade, os sujeitos do nosso estudo apresentaram dificuldades na compreensão e reprodução de F20, o que demonstra a complexidade da estrutura. Alguns sujeitos que optaram pela segmentação da unidade procederam à silabificação, outros optaram por alterar a estrutura para uma perifrástica do tipo *vai-te comprar*, outros alteraram o tempo verbal. Há, no entanto, alguns que isolaram duas unidades acentuais, mas associaram o clítico à segunda unidade, conforme (19):

(19)

comprar#teá - 5

Esta segmentação apresenta uma estrutura prosódica diferente da que constatamos até aqui, uma vez que opta pela associação do pronome ao hospedeiro da direita, contrariamente ao proposto por Vigário (2003b: 247). Essa diferença poderá explicar-se, mais uma vez, pela ressilabificação e pela restrição de minimalidade, ou seja, o pronome ao ligar-se ao hospedeiro da direita forma com este uma sequência de glide e vogal que, em português europeu, pode ser percecionado como hiato formando uma palavra dissilábica ou como ditongo formando uma sílaba pesada, ou seja, uma palavra bimoraica. As duas sequências respeitam a restrição de minimalidade.

Todas estas constatações confirmam as conclusões de outros estudos com crianças mais jovens e que sublinham a estabilização tardia da colocação dos clíticos no português europeu, que se deve à complexidade dos clíticos, resultante da alternância entre próclise e ênclise (Duarte, Matos e Faria, 1995).

Assim, da análise destes resultados, sobressaem dois dados essenciais:

- apenas se regista a tendência para associação entre verbo e clítico, quando este desempenha a função sintática de complemento indireto e se apresenta em posição proclítica;
- há uma relação entre o efeito de direccionalidade e a colocação dos clíticos, com a categoria gramatical de pronome pessoal e a função sintática de complemento indireto.

## **1.2. Associação entre afixo e palavra, entre palavras ou entre radicais**

### **1.2.1. Associação entre afixo e palavra**

Defendemos, no segundo capítulo, que os afixos eram formas dependentes no domínio morfológico e prosódico. No entanto, a literatura distingue, normalmente, diferentes tipos de afixos. No estudo experimental analisamos afixos que se associam a um radical, com o qual constituem uma unidade, e afixos que se associam a uma palavra, em relação à qual preservam uma independência.

Começaremos por analisar os diferentes afixos, apresentados nos grupos H, I, J e M. A nossa análise visava distinguir o comportamento das crianças face aos dois tipos de afixos referidos no parágrafo anterior. Pretendíamos igualmente verificar se a percepção do afixo como elemento independente dependeria da posição que este ocupava na estrutura da palavra lexical. Atendendo a que prefixos e sufixos apresentam características semelhantes, diferindo apenas em relação à posição ocupada na estrutura da palavra (Schwindt, 2000:17), seria natural que fossem percebidos da mesma forma pelos sujeitos falantes.

Começaremos por analisar os dados agrupados em H. Uma primeira análise dos dados motivou, como já referimos, uma subdivisão deste grupo, que resulta da natureza da palavra primitiva. Assim, em H1 as palavras apresentam ditongo nasal e em H2 esse facto não ocorre. Os nossos resultados mostram que o sufixo “-zinho” apresenta uma menor independência em relação à base, quando esta é uma palavra terminada em ditongo nasal. Estes resultados vêm contrariar a tendência esperada, uma vez que as palavras em H1 apresentam duas marcas de plural, além da acentuação, facto que indicava uma marcação da fronteira de palavra mais

definida (Andrade, 1994: 46; Lee, 1999; Mateus e Andrade, 2000: 103; Faggion, 2006; Rio-Torto, 2006; Villalva, 2008:167-8; Bisol, 2010:83).

A estranheza dos resultados impeliu-nos a uma análise mais cuidada da segmentação efetuada e permitiu-nos constatar as seguintes ocorrências:

(20)

- a. defei#jõe#zinhos: 3
- b. defei#jõezinhos: 3
- c. fei#jõezinhos: 1
- d. fei#jõe#zinhos: 1
- e. defeijão#zinhos: 1

(21)

- a. limãozinhos: 1
- b. limão#zinhos: 10
- c. li#mãozinhos: 1
- d. li#mão#zinhos: 2
- e. limõe#zinhos: 4
- f. li#mõe#zinhos: 5
- g. li#mõezinhos: 2

(22)

- a. cãozinhos: 2
- b. cão#zinhos: 5

(23)

- a. la#drõe#zinhos: 6
- b. la#drõezinhos: 1
- c. ladrão#zinhos: 2

Como poderemos observar (em 20e, 21a, 21b, 21c, 21d, 22a, 22b e 23c), as crianças não reproduzem as duas marcas do plural, o que indicia que não está ainda interiorizada a dupla flexão do plural que as formas apresentam. Esta constatação ajuda a explicar que a

segmentação seja neste grupo inferior à do grupo H2, mas não justifica todo o tipo de segmentações registradas.

Um outro aspeto parece sobressair destes dados: o grande número de segmentações em monossílabos pesados, ou seja, em pés trocaicos (*jõe, fei, mão, mõe, drõe, cão*). Esta foi igualmente uma observação registada por Cunha (2010a: 56), para quem esse é um efeito da influência da sílaba tónica na preservação do pé binário e no isolamento de sílabas pesadas. Alguns destes monossílabos, como *mão* e *cão*, são palavras familiares à criança, mas a maioria não é uma palavra lexical, no entanto, respeitam a condição de minimalidade, uma vez que possuem três segmentos (Velo, 2007a) e constituem um pé trocaico.

Outra observação interessante é a formação de pés trocaicos em sequências como: *jõezinhos; mãozinhos; mõezechinhos; drõezechinhos*. Esta formação vem ao encontro da hierarquia de restrições propostas por Abaurre e Galves (1998), segundo a qual a formação de pés trocaicos<sup>99</sup> seria mais importante do que a integridade da palavra prosódica.

Este tipo de segmentações encontramos igualmente no grupo H2, como o comprovam os seguintes dados:

(24)

- a. umca#fé#zinho – 7
- b. um#ca#fé#zinho – 8
- c. umca#fézinho – 5

Mais uma vez, verificamos a tendência para a formação de pés trocaicos. Além disso, estes dados parecem confirmar a teoria de Rosa (ibidem), de acordo com a qual a sílaba pré-tónica tende a integrar-se no esquema acentual precedente, com o qual formaria um grupo rítmico de acento inicial (como em 24a e 24c). Há ainda a possibilidade de essa sílaba constituir um pé degenerado se ocorrer no fim de um enunciado, como acontece em relação aos nossos dados (24b).

A nossa intenção ao constituir o grupo H era analisar a percepção que os sujeitos tinham em relação à forma *-zinho*. Pretendíamos igualmente comparar esses dados com a percepção das mesmas crianças em relação a outros sufixos diminutivos, que se agregam ao radical de uma palavra, nomeadamente *-inho* e *-ito* (Grupo J). Tal como esperado, a maioria

---

<sup>99</sup> De acordo com as autoras, a restrição de pé trocaico se refere apenas à localização da cabeça do pé à esquerda, não levando em consideração o número de sílabas (Abaurre e Galves, 1998).

das crianças não segmentou as palavras. Estes sufixos, como indicamos no Capítulo II, agregam-se a um radical e atraem para si o acento, formando uma única palavra prosódica. No entanto, ocorreram algumas segmentações que merecem a nossa reflexão:

(25)

- a. ce # nou # rinhas - 2
- b. cenou#rinhas - 5
- c. ce #nourinhas - 2
- d. li # vrito – 2

Mais uma vez, é curioso observar que as segmentações respeitam, na sua maioria, o pé trocaico. Em 25d, poderemos ainda registar que a segmentação separa uma palavra lexical (*li*) de uma palavra prosódica (*vrito*), sendo este um tipo de segmentação também encontrado por Cunha (2010).

Outro sufixo analisado neste trabalho foi *-mente* (Grupo I). Este sufixo, como vimos no Capítulo II, é muito produtivo e apresenta características da palavra prosódica em português: respeita as restrições fonotáticas, é acentuado, é dissílabo, agrega-se à palavra e não ao radical. Quando se associa ao adjetivo, não há redução vocálica, mantendo-se os dois acentos.

Dadas as características indicadas, era esperado que os sujeitos identificassem o sufixo como vocábulo fonológico, o que se verificou. É curioso registar que há diferenças estatísticas entre este grupo e o grupo H1, quando era esperado que ambos os sufixos fossem percecionados da mesma forma. Neste grupo não se registam segmentações inesperadas, o que pode proceder da localização do acento secundário, ou seja, não há choque de acentos. A segmentação observada em “*rápida # mente*” respeita não só a palavra prosódica como o pé trocaico (ver nota 99).

Outro indicador de que *-mente* é percecionado como palavra prosódica é a aplicação da regra de elisão do /e/. Em F15, como já indicamos, a vogal recuada é elidida (Vigário, 2003b: 187).

Além dos sufixos, procuramos igualmente perceber como é percecionado o prefixo (Grupo M). O selecionado foi *super-*, que apresenta várias características que o poderiam identificar como palavra: respeita as restrições fonotáticas da língua, é dissilábico, é acentuado. Quando se une a uma outra palavra, não há ressilabificação e ocorre a

neutralização do grau de altura das vogais não-altas em sílabas átonas finais fechadas por /r/ (Vigário, 2003b: 230). Além disso, o prefixo nomeado forma um pé métrico e apresenta um acento primário, dois requisitos que lhe possibilitam a atribuição do estatuto de palavra (Schwindt, 2000: 103). Os nossos resultados indicam claramente que as crianças percecionam o referido prefixo como palavra.

No mesmo grupo, apesar de não ser esse o principal objetivo deste trabalho, verificamos algumas hipersegmentações no que respeita à palavra *mercado*, como seguidamente se indicam:

(26)

a. mer#cado: 5

b. merca#do: 1

A hipersegmentação registada em 11a. remete, mais uma vez, para a preferência por pés trocaicos.

Assim, a análise efetuada permite-nos destacar os seguintes dados:

- os afixos *-zinho*, *-mente* e *super-* são percecionados como elementos independentes;
- há alguma tendência, inesperada no nosso estudo, para a segmentação em pés métricos.

### 1.2.2. Associação entre radicais ou entre palavras

Neste item incluem-se os grupos L e N. No primeiro grupo nomeado incluem-se apenas compostos morfossintáticos, que sofreram apenas um processo de lexicalização semântica. No grupo N, encontramos um composto morfológico, constituído dois radicais numa língua de empréstimo – neste caso, o italiano - e que entra já como composto na língua importadora – o português-, onde perde a composicionalidade original.

Por os grupos incluírem radicais ou palavras, a análise foi realizada da mesma forma, ou seja, assinalou-se a segmentação como comportamento esperado. No entanto, tendo em conta que o composto morfológico aqui analisado perdeu a composicionalidade original, era possível que no grupo N as crianças não identificassem os constituintes do composto e, consequentemente, o percecionassem como uma unidade.

Em relação ao grupo L, os nossos resultados indicam, claramente, que as crianças identificam os dois constituintes. Uma observação mais atenta da estrutura das palavras ajuda



a explicar os resultados. Na realidade, as estruturas selecionadas apresentam características muito semelhantes: apresentam acentuação grave e são quase todas dissilábicas, constituindo assim pés trocaicos com cabeça à esquerda.

Esta regularidade não impede, no entanto, que haja algumas segmentações inesperadas. Assim, no composto *guarda-noturno*, registamos a seguinte hipersegmentação:

(27)

no#turno: 3

A hipersegmentação registada demonstra, mais uma vez, a preferência pelo pé trocaico. Além disso, revela a consciência da criança de que há em *no* uma acentuação secundária, marcada pela inexistência de redução vocálica.

Os resultados mais surpreendentes registaram-se no grupo N, tendo-se registado as hipersegmentações indicadas em (28):

(28)

a. agua#relas: 37

b. agu#a#relas: 2

c. agua#re#las: 2

As hipersegmentações em (28) permitem verificar que há uma tendência para a criança identificar um vocábulo muito comum no vocabulário corrente: *água*. No entanto, da segmentação resulta igualmente a forma *relas*, que não constitui uma palavra lexical. Assim, esta segmentação parece, mais uma vez, motivada pela acentuação secundária da palavra, marcada igualmente pela inexistência de redução vocálica. Mais uma vez, se regista a tendência para a segmentação em pés trocaicos, mostrando que, na hierarquia das restrições, a formação de pé trocaico precede a integridade da palavra morfológica (Abaurre e Galves, 1998).

Nestes grupos, a análise efetuada permite-nos constatar os seguintes dados:

- há uma identificação das unidades que formam os compostos morfossintáticos;
- há alguma tendência, inesperada no nosso estudo, para a segmentação em pés métricos.

### 1.3. Outras hipersegmentações

Já analisamos, neste trabalho, algumas segmentações não convencionais, que se encontravam relacionadas com os vocábulos escolhidos para análise. Essas segmentações inesperadas motivaram uma releitura dos dados, que permitiu confirmar algumas interpretações assumidas, como a tendência para a segmentação em pés trocaicos.

Observemos, agora, outras hipersegmentações:

(29)

- a. passe#ar: 2
- b. choco#late: 21 (F5), 14 (F21)
- c. brin#quedos: 2
- d. de#pressa: 15
- e. com#preite: 1

Estes dados permitem diferentes observações. Em primeiro lugar, registemos que as hipersegmentações podem ser agrupadas de acordo com duas categorias definidas por Cunha (2010a):

- a) palavra prosódica + palavra prosódica: 29a, 29b, 29c;
- b) palavra gramatical + palavra prosódica: 29d, 29e.

Na primeira categoria, encontramos pés troqueus silábicos, com proeminência à esquerda (*passe*, *choco*, *late*, *quedos*), e pés bimoraicos (*ar*, *brin*). Na segunda categoria, a palavra gramatical pode apresentar-se como uma sílaba átona (*de*) ou como um pé degenerado (*com*), já a palavra prosódica volta a ter a forma de um pé trocaico.

Estes resultados voltam a confirmar a tendência que temos registado: na hierarquia das restrições, a formação de pé trocaico precede a integridade da palavra morfológica (Abaurre e Galves, 1998).

## **CONCLUSÕES**



O objetivo principal do nosso trabalho foi demonstrar a existência de um conceito intuitivo de palavra prosódica, o qual é anterior e independente da escrita. Como verificamos no nosso estudo, esse conceito é igualmente independente de algumas variáveis sociais - sexo e estabelecimento de ensino (ver Anexos B e C).

O conceito de palavra prosódica refere-se, como já o afirmamos, a uma divisão espontânea na cadeia de emissão vocal, que resulta numa sequência de sons, organizados hierarquicamente, de acordo com princípios e regras que os identificam como uma unidade.

Assim, o nosso primeiro objetivo foi procurar determinar esses princípios e regras que permitem identificar uma determinada sequência como palavra. Com este objetivo articulamos um segundo, que consistia em verificar a universalidade dos indicadores selecionados para um grupo de línguas estudado (português, espanhol, francês, inglês e alemão).

Um estudo aprofundado da literatura permitiu-nos determinar cinco indicadores dos limites de palavra prosódica: a condição de minimalidade, a silabificação, as restrições fonotáticas, o acento, algumas regras e processos fonológicos. Em conjunto, estes indicadores contribuem para a definição da palavra prosódica nas línguas em estudo.

Apesar de inicialmente termos distribuído as línguas em estudo por dois grupos – línguas românicas e línguas germânicas -, verificamos que, no que concerne ao objeto de estudo deste trabalho, essa divisão parece pouco pertinente, como facilmente se conclui a partir do Quadro 1. Na realidade, as características da palavra prosódica parecem resultar, antes de mais, das particularidades de cada língua.

Em relação ao português, a literatura indicava um conjunto de características que destacamos no Capítulo I e que verificamos em estruturas específicas no Capítulo II. A partir dessas características, pretendemos verificar que o conceito de palavra existe numa criança, com cinco anos, antes de esta iniciar a aprendizagem da escrita. No nosso estudo experimental testamos diferentes estruturas e os resultados gerais foram assinalados no Quadro 16 e procuramos encontrar resposta para as hipóteses colocadas no ponto 1 do Capítulo III, que exporemos de seguida.

*Hipótese 1: Será a minimalidade uma condição determinante para a palavra prosódica em português europeu?*

Um dos pressupostos da literatura é a inexistência da restrição de minimalidade em português (Vigário, 2003b; Bisol, 2000; Collinschön, 2005). O nosso estudo demonstra, no

entanto, que existe uma restrição de minimalidade. Sistemáticamente, a segmentação efetuada pelos sujeitos do nosso estudo respeita a condição de minimalidade, mostrando preferência pela segmentação em pés troqueus, como registamos no Anexo A5 – moraicos (como *brin* ou *preite*) ou silábicos (como *sado* ou *relas*). Há, no entanto, algumas segmentações que não respeitam a estrutura referida. Embora a maioria dessas segmentações correspondam a clíticos (*ce*, *no*, *do*), há algumas que apresentam acento (*li* e *fê*).

Assim, os resultados obtidos aproximam-se da opinião de Booij (2004: 176), ou seja, **há uma restrição de minimalidade em palavras prosódicas, que é, no entanto, violado por um número limitado de palavras lexicais.**

*Hipótese 2: Tendo em consideração que a silabificação pós-lexical implica uma reestruturação prosódica (Peperkamp, 2007:5), poderemos afirmar que este tipo de silabificação interfere na noção intuitiva que o falante tem de palavra?*

A palavra prosódica, em português, é domínio da silabificação. Esta é também a conclusão do nosso estudo, uma vez que todas as segmentações registadas respeitam o algoritmo de silabificação proposto por Mateus e Andrade (2000) e exposto no ponto 2.2. do Capítulo I.

É igualmente possível, em português, as consoantes em coda ocorrerem como ataque da palavra seguinte, ou seja, haver ressilabificação (Vigário, 2003b: 72; Mateus, Frota e Vigário, 2003: 1064). Essa possibilidade motivou, como referimos, a divisão do Grupo A. Em A2, a associação entre clítico e nome foi menos recorrente do que em A1 (como se observa na Figura 2 e no Quadro 5), dado que o contexto linguístico facilitava a ressilabificação. **A ressilabificação surge aqui como um fator que influencia a estrutura prosódica das palavras** (Peperkamp, 2007: 5).

*Hipótese 3: A segmentação efetuada pelas crianças que participaram no nosso estudo respeitará as restrições fonotáticas da língua portuguesa?*

No Anexo A5, encontram-se registadas segmentações inesperadas. A sua análise revela que a maioria das sequências registadas é permitida em português europeu. Não encontramos palavras iniciadas por [ɲ] ou [ʎ]. Encontramos, no entanto, uma sequência iniciada por [r], que, de acordo com Vigário (2003b: 160), pode ocorrer como resultado de um processo de ressilabificação. No caso em análise no Grupo N, no entanto, não se trate do resultado direto

de uma ressilabificação, a sequência *relas* é motivada pela estrutura rítmica da palavra *aguarelas*, que provoca esta segmentação.

Podemos, por isso, concluir que **a palavra prosódica em português europeu respeita as restrições fonotáticas da língua.**

*Hipótese 4: Coincidem as segmentações efetuadas pelas crianças com unidades acentuais?*

A tendência verificada é para uma segmentação que respeita as unidades acentuais. Assim, em todos os grupos de análise, a segmentação feita resulta numa unidade acentuada.

Registamos, por regra, a associação entre um elemento não acentuado (clítico) com um elemento acentuado (nome ou verbo), como o comprovam os resultados obtidos nos grupos A1, A2, B, C1, E1. Mesmo quando a associação em análise não é conclusiva, os resultados mostram que se mantém a tendência para perceção como unidade uma sequência de elementos acentuados e não acentuados, como se verifica em F, pela associação entre advérbio (elemento acentuado) e pronome pessoal átono (clítico). Relembramos, a este respeito a perceção das sequências *não te* (17a) e *não vos* (17b) como unidade, sendo que a primeira é uma palavra acentuada.

A não associação registada em D entre palavra gramatical e verbo pode ser justificada precisamente pela presença de acento em ambos os constituintes. Os pronomes pessoais em análise apresentam vogais plenas (*eu* e *ele*) e não há contexto linguístico que facilite a ressilabificação ou a ocorrência de processos de redução vocálica.

As segmentações realizadas nos restantes grupos de análise resultam em constituintes acentuados, ou seja, os sujeitos dividiram as estruturas de acordo com a acentuação. Não encontramos sequências com dois acentos nas segmentações efetuados pelos sujeitos do nosso estudo. Mesmo o resultado inesperado no Grupo N advém da não realização da redução vocálica em *aguarela* ([a]guar[ɛ]la), o que leva os sujeitos a percecionarem a existência de dois acentos.

Assim, concluímos que **os sujeitos do nosso estudo segmentam, por norma, os enunciados escutados em sequências acentuadas**, havendo algumas exceções, que identificam segmentos que correspondem a clíticos. Essa segmentação não corresponde sempre a palavras fonológicas. Muitas das segmentações correspondem a pés métricos, na sua maioria trocaicos – observem-se as segmentações assinaladas no Anexo A5 -, o que indicia, contrariamente ao que refere a literatura, que **há influências rítmicas no Português Europeu**. A esse respeito merece-nos especial observação a segmentação de palavras

fonológicas com três ou quatro sílabas, como as que se registam no nosso estudo – *cenourinhas, mercado, chocolate, brinquedos, livrito*. Essa segmentação resulta, maioritariamente, em pés trocaicos, sublinhando, mais uma vez, a influência do ritmo. Este é um assunto que necessita de um estudo mais aprofundado, uma vez que a literatura veicula a ideia de que o pé métrico não é domínio de fenómenos prosódicos específicos em português europeu (Vigário, 2003b:183). No entanto, algumas das segmentações efetuadas e assinaladas no ponto 1.2.1., do IV. Capítulo, mostram a preferência por uma segmentação em pés trocaicos, conforme indicado por Abaurre e Galves (1998).

*Hipótese 5: Existe uma relação específica entre clítico e hospedeiro que motive constituintes acima da palavra prosódica?*

Atendendo a que os clíticos pertencem a diferentes classes gramaticais e que essa distribuição influencia a seleção de um hospedeiro, organizamos diferentes grupos, que nos permitissem analisar as diferentes relações, conforme indicado no Quadro 3, no ponto 2 do III. Capítulo.

Os nossos dados indicam claramente a existência de uma associação entre clítico (artigo) e nome ou adjetivo. Essa associação pode, no entanto, ser alterada pela ressilabificação e outros processos fonológicos, factos que motivam a subdivisão do Grupo A. Assim, os testes AF4, AF11, AF15 e AF21 revelaram valores menores de associação entre clítico e nome, os quais foram motivados pela possibilidade de ressilabificação, integrando-se o clítico na palavra anterior ou formando com esta um pé dissilábico, como explicamos no ponto 1.1.1. do IV. Capítulo.

A relação entre clítico (artigo) e hospedeiro não é influenciada pela subclasse dos artigos nem pela posição do grupo na frase, sendo apenas afetada pela possibilidade de ressilabificação. Esta constatação permite-nos classificar os artigos indefinidos como clíticos, de acordo com a proposta de Vigário (2003b: 179) e Bisol (2005b).

Já a associação entre clítico (preposição) e nome obedeceu, primordialmente e contrariamente ao esperado, à formação de pés troqueus, ou seja, a associação em estudo parece ser influenciada por questões rítmicas, como constatamos nos exemplos de (15) e (16), do IV. Capítulo.

Assim, os dados permitem concluir que **entre o clítico (artigo ou preposição) e o hospedeiro (nome ou adjetivo) há uma relação de adjunção, que pode ser alterada pela possibilidade de ressilabificação ou por questões rítmicas.**



Estudamos ainda a associação entre verbo e clítico (com função de complemento indireto, em posição anteposta e posposta). Da nossa análise sobressaem duas particularidades: só há a percepção da sequência referida como unidade quando o clítico se encontra posposto; o clítico nomeado agrega-se ao hospedeiro anterior, independentemente da classe gramatical deste. Assim, concluímos que **o clítico (com função de complemento indireto) é sempre enclítico, funcionando como uma sílaba átona final em relação ao hospedeiro** (Vigário, 2003b:187); essa relação é influenciada por **um efeito de direcionalidade, que implica a integração de sílabas átonas para a esquerda** (Rosa, 2002; Cunha 2010a). Estas conclusões mostram que **existe uma relação de incorporação entre os dois constituintes** (Vigário, 2003b: 192).

Além da ênclise e da próclise, o português também admite a mesóclise. O nosso estudo não permite concluir que há a percepção da mesóclise como unidade nem como uma estrutura específica. Na realidade, os sujeitos do nosso estudo demonstraram dificuldades na reprodução da estrutura e, conseqüentemente, na segmentação da frase onde esta se incluía. Assim, os resultados mostram, antes de mais, a complexidade da estrutura em análise, que motivaria, segundo alguns autores (Duarte, Matos e Faria, 1995), a estabilização tardia da colocação dos clíticos em português europeu.

Apesar de inconclusivos em relação à preferência por uma estrutura, os resultados mostram diferenças em relação à percepção da estrutura enclítica, o que indicia que estamos perante estruturas prosódicas diferentes, conforme propusemos no II. Capítulo. **A associação entre clítico e hospedeiro, pelas características indicadas no ponto 1.4. do II. Capítulo, motiva a sua inclusão num nível prosódico acima da palavra - o Grupo Clítico; já a mesóclise, pela presença de dois acentos, ou seja, duas palavras prosódicas, justifica a sua inclusão num nível prosódico diferente – o Grupo de Palavra Prosódica.**

*Hipótese 6: Dadas as características nomeadas, são os afixos percecionados como uma estrutura autónoma, indiciando a existência de uma estrutura acima da palavra prosódica, conforme proposto por Vigário (2007)?*

Vários autores defendem a existência de dois tipos de afixos: os que se comportam, no domínio prosódico, como elementos independentes e são assim percecionados pelas crianças, e os que se associam à palavra prosódica, numa estrutura de incorporação ou de adjunção. Afixos como *-zinho*, *-mente* e *super-*, denominados por alguns linguistas (Hacken, 2000: 335) como pseudoafixos, são assumidos como palavras pelos sujeitos do nosso estudo ao

contrário do que sucede com os afixos *-inho* e *-ito*. Assim, podemos concluir que a base e sufixos como *-inho* e *-ito* formam uma palavra prosódica, com um único acento, e apresentam uma estrutura prosódica de incorporação, proposta por Vigário (2003b: 165) e esquematizada no ponto 2.1.1.2. do II. Capítulo.

Diferente é a relação estabelecida entre os afixos *-zinho*, *-mente* e *super-* e base. Estes afixos foram percecionados como palavras prosódicas pelos sujeitos do nosso estudo. Como observamos nos pontos 2.1., 2.2.1. e 2.2.2. do II. Capítulo, estes afixos respeitam todas as características de palavra prosódica: são dissilábicos, constituem domínios de silabificação próprios, respeitas as restrições fonotáticas da língua, apresentam acento. Além disso, a ocorrência da neutralização do grau de altura das vogais não-altas em sílabas átonas finais fechadas por [r] corrobora o estatuto de palavra prosódica do prefixo *super-*. Esta autonomia é ainda reforçada por não se registarem diferenças estatísticas entre os afixos nomeados e os compostos morfossintáticos, conforme se pode comprovar pela leitura da figura 6 e do quadro 10, apresentados no ponto 3.2.2. do IV. Capítulo.

**Apesar da autonomia prosódica dos afixos, estes apresentam um nível de proeminência diferente da base, o que impede que afixo e base fossem dominados diretamente pelo Sintagma Fonológico, motivando a sua inserção num nível prosódico inferior ao nomeado: o Grupo de Palavra Prosódica** (Vigário, 2007: 680).

Os resultados revelaram-se inesperados no que respeita à perceção da autonomia do afixo *-zinho*, o que motivou, como já referimos no III. Capítulo, a subdivisão do grupo H. A distinção no grupo referido é motivada pela base: em H1, o segmento final da base é ditongo nasal e, em H2, é uma vogal média baixa acentuada. A dupla marcação de plural registada em H1 não constituiu motivo para uma maior individualização do afixo em relação à base. A análise cuidada dos resultados mostrou que a segmentação das estruturas agrupadas em H1 foi motivada por questões de natureza rítmica, conforme se pode verificar nos exemplos indicados em (20), (21), (22) e (23). Assim, além de, na reprodução das estruturas, os sujeitos não assinalarem a dupla marcação do plural, observamos que a segmentação efetuada parece ser, mais uma vez, motivada por questões rítmicas: **as segmentações tendem a respeitar o pé trocaico em detrimento da integridade da palavra prosódica**, como já havia sido proposto por Abaurre e Galves (1998).

Uma análise de outras segmentações registadas na associação entre base e afixo corrobora a importância dada pelos sujeitos do nosso estudo ao pé métrico. As segmentações

inesperadas assinaladas em (25) e (26), relativas às sequências entre base e os afixos, quer no Grupo J quer no Grupo M, revelam a mesma tendência para o isolamento de pés trocaicos.

*Hipótese 7: Atendendo a que o acento é um indicador de palavra, os compostos morfossintáticos serão percecionados de forma diferente dos compostos morfológicos, constituídos por dois radicais, implicando igualmente estruturas prosódicas diferentes (Vigário, 2007)?*

A presença de dois acentos nos compostos morfossintáticos que constituem o Grupo L indiciava a segmentação do constituinte em duas palavras prosódicas, tal como o confirmaram os resultados do nosso estudo. Verificamos que quase a totalidade dos sujeitos do nosso estudo reconhecem a existência de duas palavras prosódicas nos compostos em estudo. Esse reconhecimento está em consonância com a estrutura prosódica proposta para os compostos morfossintáticos.

Apesar dos compostos em estudo implicarem duas estruturas prosódicas diferentes não se registou qualquer diferença na perceção das crianças. Esse facto pode ser explicado por não haver contexto linguístico para a aplicação das regras de apagamento de vogais referidas no ponto 2.3.2. do II. Capítulo.

**A presença de dois acentos motivou a segmentação dos compostos referidos e, dado que a maioria desses compostos é constituída por um verbo e um nome consideramos que os mesmos se inserem no Grupo de Palavra Prosódica.**

Em relação ao composto *amores-perfeitos*, a sua constituição (nome e adjetivo) motiva, de acordo com Vigário (2003b: 239), um comportamento diferente, sendo de esperar que os seus constituintes sejam dominados diretamente pelo sintagma fonológico. No entanto, a ausência de um encontro de vogais impede-nos de verificar a regra de apagamento nomeada pela autora. Além disso, não observamos qualquer diferença na perceção das crianças em relação ao mesmo, como se comprova pela sua inserção no mesmo grupo dos restantes compostos.

Além dos compostos assinalados, foi ainda analisado um composto morfológico que sofreu um processo de lexicalização semântica e lexical, ou seja, perdeu a sua composicionalidade e apresenta um único acento. Era, assim, esperado que os sujeitos deste estudo o percecionassem como uma palavra simples. No entanto, os sujeitos optaram pela segmentação do vocábulo *aguarelas* em dois constituintes – *água* e *relas*. Na realidade, observamos que os sujeitos do nosso estudo, ao reproduzirem o vocábulo, não efetuavam a

redução vocálica e, conseqüentemente, procediam à sua divisão em unidades acentuais, registada em (28). Essa divisão coincide, mais uma vez, com o pé trocaico.

Esta segmentação em pés trocaicos ocorreu igualmente no segundo constituinte de *guarda-noturno*, como indicamos em (27).

A partir da análise dos nossos dados, podemos mais uma vez, sublinhar **a tendência para a segmentação em pés trocaicos**.

Estes últimos dados impeliram-nos a uma análise de todas as segmentações inesperadas, apresentadas no Anexo A5. Os resultados indicam a preferência por pés troqueus, embora se registem igualmente segmentações em pés degenerados e iambos. **Se algumas dessas segmentações podem ser motivadas por associação a palavras morfológicas, a sua maioria, no entanto, não tem essa motivação, o que indicia a importância do pé métrico no português europeu.** Atendendo a que os estudos consultados indicam que o pé métrico não é relevante em português europeu, entendemos que poderá estar a verificar-se uma alteração na língua portuguesa no que respeita ao ritmo.

Como conclusão final, pretendemos sublinhar que encontramos evidências em português europeu para a existência dos seguintes constituintes prosódicos: **a palavra prosódica; o Grupo Clítico e o Grupo de Palavra Prosódica**.

A despeito de a literatura não assinalar a existência de uma restrição de minimalidade no português europeu, o nosso estudo demonstrou que as crianças recorrem, muitas vezes, a uma segmentação das sequências em pés trocaicos, que não coincidem com a estrutura morfológica da palavra. Essa segmentação foi observada em todas as estruturas, com três ou mais sílabas, onde encontramos um acento secundário, conforme assinalamos no ponto 1.3. do IV. Capítulo. Esta tendência necessita, no entanto, de um estudo específico, no intuito de aprofundar a importância do pé métrico e do acento secundário rítmico em português europeu.

A preferência por formação de pés trocaicos revelou igualmente o efeito de direccionalidade, que consiste na integração de sílabas átonas para a esquerda. Este efeito sublinha, uma vez mais, a influência do ritmo em português europeu.

Assim, parece emergir uma dúvida deste trabalho: estaremos a assistir a uma alteração do ritmo no português europeu? Esta será uma questão a explorar em trabalhos futuros.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



ABAURRE, M. B. M. & GALVES, C. M. C. (1998) - “As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista”, in *D.E.L.T.A.*, n. 14 (2)

ADDA-DECKER, M.; NEMOTO, R.; DURAN, J. (2009) - “Stratégies de démarcation du mot en français : une étude expérimentale sur grand corpus”, in O. CROUZET ; A. TIFRIT ; J.-P. ANGOUJARD (Orgs.) - *Actes des Proceedings of JEL'2009/JEG' 2009. 6.èmes Journées d'Etudes Linguistiques / 2.ème Journées d'Etudes Gallèses*, Nantes, Université de Nantes, 91-96

ALARCOS LLORACH, Emilio (1971) - *Fonologia española*, Madrid, Editorial Gredos

ALMEIDA, Maria Elisete (2005) - “A dupla tendência do português para a oxitonização e a monossilabação em comparação com o francês” in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Vilela*, Vol. II, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto

ANDERSON, James M. (1965) - “The Demarcativ Function”, in *Lingua 13*, Amsterdam, North-Holland Publishing Co.

ANDERSON, Stephen R. (2005) - *Aspects of the Theory of Clitics*, Oxford, Oxford University Press

ANDRADE, Ernesto d' (1994) - *Temas de Fonologia*, Lisboa, Ed. Colibri

ANDRADE, Ernesto d' (1996) - “A fonologia pós-SPE” in I. H. FARIA et al. (orgs.) - *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 201-211

ANDRADE, Ernesto d' & Bernard LAKS (1991) – “Na crista da onda: o acento de palavra em português”, in *Atas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 15-26

ARONOFF, Mark (1985) - *Word Formation in Generative Grammar*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press

ARONOFF, Mark; FUEDEMAN, Kirsten (2005) - *What is morphology?*, Malden, Blackwell

BALLY, Charles (1965) - *Linguistique générale et linguistique française*, 4e ed. rev. cor., Berne, Francke

BARBOSA, Jerónimo Soares (2004) Gramática filosófica da língua portuguesa (1822). Edição fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa.

BARBOSA, Jorge Morais (1965) - *Études de phonologie portugaise*, Lisboa, Bertrand

BARBOSA, Jorge Morais (1994) - *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina

BARRIE, Michael (2000) - *Clitic Placement and Verb Movement in European Portuguese. A Thesis Submitted to the Faculty of Graduate Studies in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of MASTER OF ARTS*, Department of Linguistics University of Manitoba Winnipeg, Manitoba, in <http://hdl.handle.net/1993/2464> (consultado em 07/04/2012)

BAUER, Laurie (2000) – “Word”, in *Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-Formation*, Vol. I, New York, Walter de Gruyter

BIALYSTOK, Ellen (1986) – “Children’s Concept of Word”, in *Journal of Psycholinguistic Research*, Vol. 15, nº 1, pp. 13-31

BISOL, Leda (2000) - “O clítico e o seu estatuto prosódico”, in *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte, UFMG, v. 9, pp 5-30

BISOL, Leda (2004) – “Mattoso Câmara Jr. e a Palavra Prosódica”, in *D.E.L.T.A.*, nº 20, pp 59-70

BISOL, Leda (2005a) – “Os constituintes prosódicos”, in *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*, 4ª edição, Porto Alegre, EDIPUCRS



BISOL, Leda (2005b) - “O clítico e seu hospedeiro”, in *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.141, pp.163-184

BISOL , Leda (2007) – “A Pesquisa em Fonologia”, in Vera T. AGUIAR e Vera W. PEREIRA (org.) - *Pesquisa em Letras*, Porto Alegre, in <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/> (acedido em 16/01/10)

BISOL, Leda (2010) – “O diminutivo e suas demandas”, in *DELTA* [online], 2010, vol.26, n.1, pp. 58-85, in <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502010000100003> (acedido em 16/01/10)

BLOOMFIELD, Leonard (1970) - *Le Langage*, Paris, Payot

BODMER, Frederick (1960) - *O Homem e as Línguas*, Porto Alegre, Editora Globo

BOOIJ, G. E. (1984) - “Principles and parameters in prosodic phonology”, in Brian Butterworth, Bernard Comrie & Östen Dalh (ed.) - *Explanations for Language Universals*, Berlin, Walter de Gruyter & Co, pp. 249-280

BOOIJ, G. (1999a) - *The Phonology of Dutch*, New York, Oxford University Press

BOOIJ, G. (1999b) - “The role of the prosodic word in phonotactic generalizations”, in T. Alan Hall & Ursula Kleinhenz (eds.) - *Studies on The Phonological Word*, Amsterdam, Benjamins, pp. 47-72

BOOIJ, G. (2001) - “Morphology and phonology”, in Mark Aronoff & Janie Rees-Miller (ed.) - *The handbook of linguistics*, Oxford, Blackwell

BOOIJ, G. (2004) – “The morphology-phonology interface in European Portuguese. Review article of M. Vigário, *The Prosodic Word in European Portuguese*”, in *Journal of Portuguese Linguistics*. 3(1), pp. 175-182.

BOOIJ, G. (2005) - “Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology”, in W.U. Dressler, D. Kastovsky and F. Rainer (ed.) - *Demarcation in Morphology*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, pp. 109-132

BOOIJ, G. (2007) - *The Grammar of Word – An Introduction to Morphology*, New York, Oxford University Press

BORBA, Francisco da Silva (2003) - *Introdução aos Estudos Lingüísticos*, Campinas Pontes, Editores

BRACHES, Helmi (1987) - *German Word Stress and Lexical Phonology, Thesis (M.A.)*, Simon Fraser University, in <http://ir.lib.sfu.ca/handle/1892/6622>

BRISOLARA, Luciene Bassols (2008) - *Os Clíticos Pronominais do Português Brasileiro e sua Prosodização. Tese de Doutorado*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e MATOS, Gabriela (2003) – “Estrutura da frase simples e tipos de frases”, in MATEUS, Maria Helena Mira et alii (2003) - *Gramática da Língua Portuguesa*, 7ª Edição revista e ampliada, Lisboa, Caminho

CALDERONE, Basilio, CELATA, Chiara & HERREROS, Ivan (2008) – “Recovering morphology from local phonotactics constraints”, in *LabPhon 11*, Wellingt

CASAGRANDE, Jean (1984) - *The Sound System of French*, Washington, Georgetown University, in <http://books.google.pt/> (consultado em 05/09/2010)

CHAO, Yuen Ren (1968) - *Language and symbolic systems*, New York, Cambridge University Press

CHAO, Yuen Ren (1975) - *Iniciacion a la Lingüística*, Madrid, Ediciones Cátedra

CHOMSKY, Noam (1999) - *O Programa Minimalista*, Lisboa, Editorial Caminho

CHRISTOPHE, Anne; GOUT, Ariel; PEPERKAMP, Sharon; MORGAN, James (2003) – “Discovering words in the continuous speech stream: the role of prosody”, in *Journal of Phonetics*, 31, pp. 585–598

CINTRA, G. (1983) – “Mente: sufixo adverbial?”, in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol. 5, Campinas, pp. 73-83

COELHO DE CARVALHO, Joaquim José (1910) - *Prosódia e Ortografia*, Lisboa, Imprensa Nacional

COLLISCHONN, Gisela (2005) – “O acento em português”, in Leda Bisol (org) - *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*, 4ª edição, Porto Alegre, EDIPUCRS

CRUTTENDEN, Alan (1997) – *Intonation*, 2nd., Cambridge, University Press

CRUZ, M. L. Segura da (1987) – “A norma lexicológica no tratamento do “corpus” de frequência”, in M. F. Bacelar do Nascimento et al. (org.) - *Português Fundamental*, Vol. II, T. I: *Inquérito de Frequência*. Lisboa, INIC / CLUL, 311-421

CRYSMANN, Berthold (2001) – “Phonological properties of Portuguese clitics: A Declarative Approach” in *Paper presented at the 8th International Conference on Head-driven Phrase Structure Grammar (HPSG)*, August 3-5, Trondheim, Norway, in <http://www.coli.uni-saarland.de/~crysmann/papers/phonprop.pdf> (consultado em 07/04/2012)

CUNHA, A. P. N. (2004) - *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação – Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CUNHA, A. P. N. (2010a) - *As Segmentações Não-Convencionais Da Escrita Inicial: Uma Discussão Sobre O Ritmo Lingüístico Do Português Brasileiro E Europeu*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CUNHA, A. P. N. (2010b) – “As Segmentações Não-Convencionais Da Escrita em Textos de Crianças Brasileiras e Portuguesas: um estudo sobre Prosódia”, M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva (Eds.) - *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, Universidade de Évora

DAI, J. X-L. (1998) - “Syntactic, phonological and morphological words in Chinese”, in J. L. Packard (ed.) - *New approaches to Chinese word formation: morphology, phonology and lexicon in Modern and Ancient Chinese*, Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 103-134

DEMUTH, K. (2001) – “Prosodic Constraints on Morphological Development”, in Weissenborn, J., and B. Hohle (eds.) - *Approaches to Bootstrapping: Phonological, Syntactic and Neurophysiological Aspects of Early Language Acquisition*, Amsterdam, John Benjamins, Language Acquisition and Language Disorders Series, vol. 24, pp. 3-21

DUARTE, Inês, MATOS, Gabriela & FARIA, Isabel Hub (1995) - “Specificity of European Portuguese Clitics in Romance”, in Faria, Isabel e M<sup>a</sup> João Freitas (eds.) - *Studies on the Acquisition of Portuguese*, Lisboa, APL/Edições Colibri, pp. 129-154

DUARTE, Paulo M. T. (1999) – “Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português”, in *DELTA*, v.5, n.2

DUBOIS, Jean et al. (1993) - *Dicionário de Lingüística*, Direção e coordenação geral da tradução do Prof. Dr. Izidoro Blikstein, S. Paulo, Editora Cultrix

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan (1973) - *Dicionário das Ciências da Linguagem*, Edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho, Lisboa, Publicações Dom Quixote

FABB, Nigel (2001) – “Compounding”, in Spencer, Andrew & Arnold M. Zwicky (eds) - *The Handbook of Morphology*, Oxford, Blackwell Publishers, pp. 66-83.

FAGGION, Carmen Maria (2006) – “Harmonia vocálica com -inho e -zinho, uma marca dialetal específica”, in *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, Ano 4, n. 7, agosto

de 2006, Tema: Fonética e fonologia, <http://páginas.terra.com.br/educacao/revel/index.htm>  
(consultado em 05/04/10)

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. (1996) - “Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas”, in FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. G. (eds.) - *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*, São Paulo, Ática, pp. 38-77

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos (2009) – “Considerações sobre a prefixação”, in *ReVEL*, vol.7, n. 12, [www.revel.inf.br] (consultado em 05/04/10)

FIRTH, J. R. (1937) - *The tongues of men*, London, Watts & Co.

FOX, Anthony (2002) - *Prosodic features and prosodic structure: the phonology of suprasegmentals*, New York, Oxford University Press

FRAGOSO, Carina (2009) – “Sobre a universalidade do grupo clítico como domínio de regras fonológicas e seu status na Hierarquia Prosódica”, in *Letrônica*, v. 2, pp. 101-113, dezembro 2009

FRANCH, Juan Alcina & BLECUA, José Manuel (1998) - *Gramática española*, Barcelona, Ariel,

FRISCH, Stefan (2001) – “Emergent Phonotactics and Judgments of Well-Formedness”, in *Papers in Experimental and Theoretical Linguistics*, vol. 6. 2001. pp. 36-47, URL: [http://www.linguistics.ualberta.ca/pdfs/Frisch2001\(1\).pdf](http://www.linguistics.ualberta.ca/pdfs/Frisch2001(1).pdf) (Consultado em 05/04/10)

GARDE, Paul (1968) - *L'Accent*, Paris, Presses Universitaires de France

GODEFROY, Frédéric (1982) - *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IXe au XVe siècle : composé d'après dépouillement de tous les plus importants documents manuscrits ou imprimés qui se trouvent dans les grandes bibliothèques de la*

*France et de l'Europe et dans les principales archives départementales municipales, hospitalières ou privées, Genève, Slatkine*

GREVISSE, Maurice (1980) - *Le bon usage: Grammaire française avec des remarques sur la langue française d'aujourd'hui*, 11<sup>e</sup> ed. rev., Paris, Duculot

GUSSMANN, Edmund & SZYMANEK, Bogdan (2000) - "Phonotactic properties of morphological units", in *Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-Formation*, Vol. I, New York, Walter de Gruyter, pp. 427-435

GUSSMANN, Edmund (2002) - *Phonology analysis and theory*, Cambridge, Cambridge University Press

HACKEN, Pius ten (2000) – "Derivation and compounding", in *Morphologie/Morphology: Ein Internationales Handbuch Zur Flexion Und Wortbildung/ an International Handbook on Inflection and Word-Formation*, Herausgegeben Geert Booij et al., Berlin, Mouton de Gruyter, 2000-2004

HALLE, Morris & VERGNAUD, Jean-Roger (1990) - *An essay on stress*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press

HALLE, Morris, James Harris & Jean-Roger Vergnaud (1991) – "A reexamination of the stress erasure convention and Spanish stress", in *Linguistic Inquiry* 22, pp. 141-159

HALPERN, AARON L. (2001) – "Clitics", in *The handbook of morphology*, Andrew Spencer & Arnold M. Zwicky (ed.), Oxford, Blackwell

HAMMOND, Michael (1996) – "Binarity in English nouns", in *Papers from the 2nd Workshop on Germanic Phonology, Nordlyd* 24, pp. 97-110

HARRIS, James (1969) - *Spanish phonology*, Cambridge, MIT Press

HARRIS, John (2009) – “Why final obstruent devoicing is weakening”, 1. Chapter, in Nasukawa, K., Backley, P. (ed.) *Strength Relations in Phonology. Studies in Generative Grammar series*, Berlin, Mouton de Gruyter, 9-46, [http://www.phon.ucl.ac.uk/home/johnh/papers/Harris\\_FODWeak\\_19.pdf](http://www.phon.ucl.ac.uk/home/johnh/papers/Harris_FODWeak_19.pdf) (accedido em 05/04/2010)

HASPELMATH, Martin (2011) – “The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax”, in *Folia Linguistica* 45(2), pp. 31-80

HAYES, Bruce (1989) – “The Prosodic Hierarchy in Meter”, in Paul Kiparsky and Gilbert Youmans (eds.) - *Phonetics and Phonology, Volume I: Rhythm and Meter*, Orlando, Academic Press, pp. 201-260

HAYES, Bruce (1995) - *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*, Chicago, The University of Chicago Press

HUALDE, José Ignacio (2005) - *The sounds of Spanish*, Cambridge, Cambridge University Press

HUDSON, R. (2001) - “Clitics in Word Grammar”, in *UCL Working Papers in Linguistics*, 13, pp. 243–94

HUTTENLOCHER, Daniel and ZUE, Victor (1983) – “Phonotactic and Lexical Constraints in Speech Recognition”, in *Proceedings of the National Conference on Artificial Intelligence*, Washington, D.C., pp. 172-176, in <http://www.aaai.org/Papers/AAAI/1983/AAAI83-045.pdf> (consultado a 07/04/2010)

HYMAN, Lary M. (1978) – “Word Demarcation”, in Joseph H. Greenberg (ed.) – *Phonology*, vol. 2, California, Stanford University Press

INKELAS, Sharon (1990) - *Prosodic Constituency in the Lexicon*, New York, Garland Publishing

JAKOBSON, Roman (1963) - *Essais de Linguistique Général. Las Fondations du Langage*, Paris, Les Éditions de Minuit

JAKOBSON, Roman (1971) - *Selected Writings. Phonological Studies*, Paris, Mouton

JESPERSEN, Otto (1968) - *The philosophy of grammar*, London, George Allen & Unwin

JOUANNET, Francis (1985) - *Prosodologie et Phonologie non linéaire*, Paris, SELAF

KATAMBA, Francis (1989) - *An Introduction to Phonology*, New York, Longman

KEIL, Benjamin (2001) - *Syllabification and Devoicing in Dialectal German*, in [http://www.speaker-hearer.com/papers/LING\\_L542\\_German-Syllabification.pdf](http://www.speaker-hearer.com/papers/LING_L542_German-Syllabification.pdf) (consultado em 15/07/10)

KENSTOWICZ, Michael (1994) - *Phonology in Generative Grammar*, Cambridge, MA: Blackwell

KIPARSKY, Paul (1983) – “Word formation and the lexicon”, in F. Ingemann (ed.) *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, Kansas, Lawrence

KOCOUREK, Rostislav (2001) – “La Réductivisme Lexical: Remarques sur la Linguistic sans Mots”, in *Essais de Linguistique Française et Anglaise – Mots et Termes, Sens et Textes*, Paris, Éditions Peeters

KRÁMSKÝ, Jirí (1969) - *The Word as a Linguistic Unit*, Paris, Mouton

LAEUFER, Christiane (1995) – “Morphology and syllabification domains”, in *Lingua*, vol. 97, n. 2/3, pp. 101-121

LANGACKER, Ronald W. (1972) - *A linguagem e a sua estrutura*, Petrópolis, Editora Vozes Lda.



LEE, Seung-Hwa (1997) – “Sobre os compostos do PB”, in *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, in [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244501997000100002&lng=e&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501997000100002&lng=e&nrm=iso) (Acedido em 26/08/11)

LEE, Seung-Hwa (1999) – “Sobre a Formação de Diminutivo do Português Brasileiro”, in *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, pp. 113-123, in <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/lee-diminutives.pdf>. (consultado em 15/07/10)

LEHISTE, I. (1970) – *Suprasegmentals*, Cambridge, Mass.: MIT Press

LIPSKI, John M (1997) – “Spanish word stress: the interaction of moras and minimality”, in Fernando Martínez-Gil and Alfonso Morales-Front (ed.) - *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages*, Washington, Georgetown University Press

LOWENSTAMM, Jean (1999) – “The beginning of the Word”, in John R. Rennison & Klaus Kühnhammer (eds) - *Phonologica 1996: Syllables!*, The Hague: Thesus, pp. 153 – 166

LUÍS, Ana R. (2001) – “Function Words, Prosodic Structure and Morphological Dependency”, in Marjo van Koppen, Joanna Sio, Mark de Vos (eds.) - *Proceedings of Console X*, Leiden, SOLE, pp. 157-171

LUÍS, Ana R. (2004) - *Clitics as Morphology. Doctoral dissertation*, University of Essex, Colchester

LUÍS, Ana R. (2004) – “Proclitic contexts and their effect on clitic placement”, in Miriam Butt and Tracy Holloway King (eds.) - *Proceedings of the LFG-2004 Conference*. Stanford, CA: CSLI Publications, pp. 334-352 (with Ryo Otoguro)

LYCHE, C & GIRARD, F. (1995) – “Le mot retrouvé”, *Língua*, 95 (1-3), pp. 205-221

LYONS, John (1981) - *Language and Linguistics: An Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press

MARANTZ, A. (1988) – “Clitics, morphological merger and the mapping to phonological structure”, in Hammond, M. & Noonan, M. (eds.) - *Theoretical Morphology. Approaches in Modern Linguistics*, San Diego, Academic Press, pp. 253-270

MARTINET, André (1966) – “Le Mot”, in Benveniste, E. et al. (eds.), *Problèmes du langage*, Paris, Gallimard

MARTINET, André (1991) - *Elementos de Linguística Geral*, Lisboa, Livraria Sá da Costa

MATEUS, Maria Helena Mira (1975) - *Aspetos da Fonologia Portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos

MATEUS, Maria Helena Mira (1982) – “O acento da palavra em português: uma nova proposta”, in *Boletim de Filologia*, nº 28, pp. 211-229

MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira (2003) – “Fonologia”, in MATEUS, Maria Helena Mira et alii (eds.) - *Gramática da Língua Portuguesa*, 7<sup>a</sup> Edição revista e ampliada, Lisboa, Caminho

MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira (2004) - “Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos”, in *Encontro sobre o Ensino das Línguas e da Linguística APL/ESSE*, Setúbal

MATEUS, Maria Helena; D'ANDRADE, Ernesto (1998) – “The syllable structure in European Portuguese”, in *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 1, Feb. 1998, in <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244501998000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000100002&lng=en&nrm=iso)> (consultado em 26/06/12)

MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira & ANDRADE Ernesto d' (2000) - *The phonology of Portuguese*, Oxford, Oxford University Press

MATEUS, Maria Helena Mira, FROTA, Sónia & VIGÁRIO, Marina (2003) – “Prosódia”, in MATEUS, Maria Helena Mira et alii (eds.) - *Gramática da Língua Portuguesa*, 7<sup>a</sup> Edição revista e ampliada, Lisboa, Caminho

MATTHEWS, Peter H. (1974) - *Morphology: An Introduction to the Theory of Word-structure*, London, Cambridge University Press

MATTHEWS, P. H. (1991) – *Morphology*, 2. Edition, Cambridge, Cambridge University Press

MATTOSO CAMARA JR, J. (1970) - *Estrutura da Língua Portuguesa*, 363ª ed, Petrópolis, Editora Vozes

MATTOSO CÂMARA JR, J. (1972) - *The Portuguese Language*, Chicago / London, The University of Chicago Press

MATTOSO CAMARA JR, J. (1973) - *Princípios de Linguística Geral*, 4ª ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica

MATTOSO CAMARA JR, J. (1998) - *Problemas da Linguística Descritiva*, 17ª ed., Petrópolis, Editora Vozes

MATTOSO CAMARA JR, J. (2007) - *Dicionário de Linguística e Gramática referente à Língua Portuguesa*, 26ª ed., Petrópolis, Editora Vozes

MCCARTHY, John J. (1998) – “Morpheme structure constraints and paradigm occultation”, in M. Catherine Gruber, Derrick Higgins, Kenneth Olson and Tamra Wysocki (eds.), *CLS 32, Part 2: The Panels*, Chicago, Chicago Linguistic Society, pp. 123-150

MCCARTHY, John & PRINCE, Alan (2001) – “Prosodic Morphology”, in SPENCER, Andrew & ZWICKY, Arnold M. (eds.) - *The handbook of morphology*, Oxford, Blackwell

MCCARTHY, John J. & PRINCE, Alan S. (2003) – “Prosodic Morphology” in <http://people.umass.edu/jjmccart/handbook.pdf>

MONACHESI, Paola (2005) - *The verbal complex in Romance: a case study in grammatical interfaces*, Oxford Oxford University Press, in <http://www.let.uu.nl/~Paola.Monachesi/personal/papers/libro.pdf> (consultado em 16/09/11)

MORENO, Cláudio (1997) - *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*, Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)), Faculdade de Letras. PUCRS, Porto Alegre, in <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/files/Tese-Moreno.pdf> (consultado em 02/07/10).

NAKATA, Shunsuke & MEYNADIER, Yohann (2008) – “Final accent and lengthening in French”, in *Conference on Speech Prosody*, Campinas

NESPOR, Marina and VOGEL, Irene (1986) - *Prosodic Phonology*, Dordrecht, Foris Publications

NEVEU, Franck (2007) - *Dicionário de Ciências da Linguagem*, Petropolis, Editora Vozes

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1941) - *Tentativa de explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português*, Lisboa, Livraria Clássica Editora

NUNES, José Joaquim (1989) - *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*, 8ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora

PALMER, Frank (1971) – *Grammar*, Middlesex, Penguin Books

PALMER, L. R. (1936) - *An Introduction to Modern Linguistics*, London, MacMillan and Co.

PAUL, Hermann (1983) - *Princípios fundamentais da história da língua*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

PENA, Jesús (1999) – “Partes de la Morfología. Las unidades del análisis morfológico”, in BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta (eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Ed. Espasa Calpe

PENSADO, Carmen (1999) – “Morfología y fonología. Fenómenos morfofonológicos”, in BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta (eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Ed. Espasa Calpe

PEPERKAMP, S. (1996) – “On the Prosodic Representation of Clitics”, in U. Kleinhenz (ed.) *Interfaces in Phonology*, Berlin, Akademie Verlag, pp. 102-127

PEPERKAMP, S. (1997) - “Output-to-Output Identity in Word Level Phonology”, in J. Coerts and H. de Hoop (eds.) - *Linguistics in the Netherlands 1997*. Amsterdam, John Benjamins, pp. 159-170

PEPERKAMP, Sharon (1999) – “Prosodic words”, in *Glot International* 4.4, pp. 15-16.

PEPERKAMP, Sharon (2007) – “Prosodic Words”, Reprinted by the author from *GLOT International* 4.4 (1999), <http://en.scientificcommons.org/42660915> (consultado a 2/01/2010)

PEPERKAMP, S. & DUPOUX, E. (2002) – “A typological study of stress 'deafness'”, in C. Gussenhoven & N. Warner (eds.) - *Laboratory Phonology* 7, 4-1, Berlin, Mouton de Gruyter, pp. 203-240

PEPERKAMP, S., DUPOUX, E., & SEBASTIÁN-GALLÉS, N. (1999) – “Perception of stress by French, Spanish, and bilingual subjects”, in *Proceedings of Eurospeech '99*, vol. 6, pp. 2683–2686.

PEREIRA, Maria Isabel Pires (1999) - *O acento de palavra em português: uma análise métrica. Tese de Doutorado*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

PIKE, Kenneth L. and Evelyn G. Pike (1982) – *Grammatical analysis*, Revised ed. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics 53, Dallas, Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington

PIÑEROS, Carlos-Eduardo (2000) - “Foot-Sensitive Word Minimization in Spanish”, in *Probus*, Volume 12, Issue 2, Pages 291–324

PLÉNAT, Marc (1993) - "Observations sur le mot minimal français. L'oralisation des sigles". in B. Laks & M. Plénat (éds.), *De Natura Sonorum. Essais de phonologie*, Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, pp. 143-172

PLÉNAT, M. & P. Solares HUERTA (2006) - "*Domi, Seb, Flo* et toute la famille. Lettre à Jean-Pierre Maurel sur les hypocoristiques par apocope", in *Cahiers de Grammaire* 30, pp. 339-357

PLÉNAT, Marc & Michel ROCHÉ (2003) - "Prosodic constraints on suffixation in French", in Geert Booij, Janet DeCesaris, Angela Ralli & Sergio Scalise (eds.), *Topics in morphology: selected papers from the Third Mediterranean Morphology Meeting (Barcelona, September 20–22, 2001)*, Barcelona, IULA, pp. 285–299

PLÉNAT, Marc & Michel ROCHÉ (2004) - "Entre morphologie et phonologie: la suffixation décalée", in *Lexique* 16, pp. 159–198

POOLE, Stuart C. (1999) - *An Introduction to Linguistics*, Oxford, Longworth Editorial Services.

POTTER, Simeon (1957) - *Modern Linguistics*, London, Andre Deutsch Limited

POTTIER, Bernard (1977) - *Lingüística General*, Madrid, Editorial Gredos

POTTIER, Bernard, AUDUBERT, Albert e PAIS, Cidmar Teodoro (1975) - *Estruturas linguísticas do português*, 3<sup>a</sup> ed. , São Paulo, Difel

RIO-TORTO Graça (1993) - *Formação de Palavras em Português: Aspetos da construção de avaliativos. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra*, Coimbra (não publicada)

RIO-TORTO, Graça (2006) – "O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais", in ATHAYDE, Maria Francisca - *Estudos sobre léxico e gramática*, Coimbra, CIEG/FLUC

RIO-TORTO, Graça e RIBEIRO, Sílvia (2011) - *Compounding in Contemporary Portuguese*, in <http://hdl.handle.net/10316/15281> (consultado em 08/04/2012)

ROBINS, R. H. (1993) - *General Linguistics. An Introductory Survey*, 4. ed., London and New York, Longman

ROCA, I.M. (1992) – “On the sources of word prosody”, in *Phonology* n.9, Cambridge University Press, pp. 267-287

ROCA, I.M. (2006) – “The Spanish Stress Window”, in *Optimality-Theoretic Studies in Spanish Phonology*, Edited by Fernando Martínez Gil, Sonia Colina. John Benjamins Publishing Company, pp. 239-275

ROSA, Maria Carlota (2002) - *Introdução à Morfologia*, S. Paulo, Ed. Contexto

SADOCK, Jerrold (1991) - *Autolexical Syntax: A Theory of Parallel Grammatical Representations*, Chicago, University of Chicago Press, in [http://books.google.pt/books?id=BrIkI4G6oAC&printsec=frontcover&hl=ptPT&source=gb\\_s&summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=BrIkI4G6oAC&printsec=frontcover&hl=ptPT&source=gb_s&summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) (consultado em 05/10/10)

SALIDIS, J. & JOHNSON, J. S. (1997) – “The production of minimal words: a longitudinal case study of phonological development”, in *Language Acquisition* 6, 1–36

SANDMANN, Antônio José (1990) – “O que é um composto?”, in *Delta*, vol. 6, nº1, S. Paulo, EDUC, pp. 1-18

SANROMÁN, Álvaro Iriarte (2001) - *A Unidade Lexicográfica – Palavras, Colocações, Frasesmas. Pragmatemas*, Braga, Edição Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

SANTAMARÍA BUSTO, Enrique (2007) “Análisis y propuestas para la mejora de la comprensión oral del español como lengua extranjera: el fenómeno de la sinalefa”, in *Interlingüística* nº 17, pp. 961-970

SAPIR, Edward. (1921) - *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921; Bartleby.com, 2000, in [www.bartleby.com/186/](http://www.bartleby.com/186/) (consultado em 27/03/2011)

SAUSSURE, Ferdinand de (1992) - *Curso de linguística geral*, Tradução de José Victor Adragão, 6ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote.

SCHWINDT, Luiz Carlos (2000) - *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica. Tese de Doutorado em Linguística*, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SCHWINDT, Luiz Carlos (2001) – “O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical”, in *DELTA* [online], vol.17, n.2 [cited 2009-12-30], pp. 175-207. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502001000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000200001&lng=en&nrm=iso). ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-44502001000200001.

SCHWINDT, Luiz Carlos (2008) – “Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições”, in *Alfa*, São Paulo, 52 (2), pp. 391-404.

SEILER, Hansjakob (1967) – “Structure and Reconstruction in Some Uto-Aztecan Languages”, in *International Journal of American Linguistics*, Vol. 33, Nº 2 (Apr. 1967). pp. 135-147, in <http://www.jstor.org/stable/1263958> (acedido em 13/02/21010)

SELKIRK, Elisabeth (1984) - *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*, Cambridge MA, The MIT Press

SELKIRK, Elisabeth (1995) - “The prosodic structure of function words”, in *Papers in Optimality Theory*, ed. Jill Beckman, Laura Walsh Dickey, and Suzanne Urbanczyk, 439-70. Amherst, MA: GLSA Publications



SHADEMAN, Shabnam (2006) – “Is Phonotactic Knowledge Grammatical Knowledge?”, in *Proceedings of the 25<sup>th</sup> West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. Donald Baumer, David Montero, and Michael Scanlon, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. In [www.lingref.com](http://www.lingref.com), document #1470

SHEARD, J. A. (1970) - *The words we use*, New York, Frederick A. Praeger

SHEPHERD, MICHAEL ANDREW (2003) - *Constraint interactions in Spanish phonotactics: an Optimality Theory analysis of syllable-level phenomena in the Spanish language*, Thesis de MA, California State University, Northridge

SHIPMAN, D.W. & ZUE, V.W. (1982) – “Properties of large lexicons: Implications for advanced isolated word recognition systems”, in *Paper presented at the IEEE International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing*, Paris, FR. 1-4.

SILVA, Taís Bopp (2010) - *Formação de Palavras Compostas em Português Brasileiro: uma Análise de Interfaces. Tese de Doutorado*, Porto Alegre.

SPENCER, Andrew (1996) - *Phonology: theory and description*, Oxford & Cambridge, Mass Blackwell Publishing:

TEIXEIRA, J (1991) - “Palavra”, in *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 3. Lisboa: Verbo, pp.1314-1320

TENCH, Paul (1996) - *The intonation of English*. London: Cassell

TOBARRA, Luis Pérez (2005) – “El acento en español”, in *REVISTA redELE*, N°.4, Junio 2005, <http://www.educacion.es/redele/revista4/perez.shtml> (consultado em 07/05/2010)

TONELI, Priscila Marques (2009) - *A Palavra Prosódica no Português Brasileiro: o Estatuto Prosódico das Palavras Funcionais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística*. Campinas

TRANEL, Bernard (1996) – “Current issues in French Phonology: Liaison and Position Theories”, in GOLDSMITH, John A - *The Handbook of Phonological Theory*, Blackwell Publishers

TRASK, R. (1996) - *A Dictionary of Phonetics and Phonology*, London, Routledge

TROUBETZKOY, N. S. (1964) - *Principes de Phonologie*, Paris, Éditions Klincksieck

ULLMANN, Stephen (1951) - *Words and their Use*, London, Frederick Muller

VELOSO, João (2003) - *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada. In: <http://hdl.handle.net/10216/18030>

VELOSO, João (2005) – “Considerações sobre o estatuto fonológico de [i] em português”, in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Línguas e Literaturas*. II Série, Volume XXII, In Honorem Fernanda Irene Fonseca, pp. 621-632. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4748.pdf>

VELOSO, João (2007a) – “Minimal Word in Portuguese: Evidence from Speakers’ Oralization of Acronyms”, Comunicação apresentada ao 8º Congresso Internacional da *International Society of Applied Psycholinguistics*. Porto Alegre RS (Brasil), Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul. [inérita].

VELOSO, João (2007b) - “Rimes /VGNS/ en position finale de mot en portugais: Une contrainte «sensible au mot»”, in M. Iliescu, P. Danler, H. Siller (Series Editors), *XXVe CILPR 2007. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Communications. Innsbruck, 3-8 septembre 2007*, De Gruyter Ed., Vol. II, pp. 231-240

VELOSO, João. (2008) - “Coda-avoiding: Some Evidence from Portuguese”, in *Romanitas, lenguas y literaturas romances*, San Juan, Vol. 3, Nº 1

VELOSO, João (2009) – “Découpage de continuums phonétiques en mots: Critères formels vs. indices substantiels”, in: Olivier CROUZET, Ali TIFRIT & Jean-Pierre ANGOUJARD (Orgs.), *Actes des/Proceedings of JEL'2009/JEG'2009. 6.èmes Journées d'Etudes Linguistiques/2.ème Journée d'Etudes Gallèses*, Nantes, Université de Nantes, pp. 85-90

VELOSO, João (2012) - *Unidades acentuais proproparoxítonas e grupos clíticos em português*, Inédito

VELOSO, J. & MARTINS, P. T. (2010) – “Phonotactic Constraints and Word Demarcation in Romance”, Poster apresentado à CUNY *Conference on the Word in Phonology*, New York, City University [janeiro de 2010]

VELOSO, J. e MARTINS, P. T. (2011) – “Etimologia não é Morfologia: Produtividade e Composicionalidade na formação e processamento dos compostos morfológicos do português”, in *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2011, pp. 558-573

VIANA, A. R. Gonçalves (1892) - *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda

VIANA, A. R. Gonçalves (1973) – “Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne”, in *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda

VIGÁRIO, Marina (1999a) - “Cliticização no Português Europeu: uma operação pós-lexical”, in *Atas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, Lda., pp. 577-598

VIGÁRIO, Marina (1999b) - “Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation”, *Catalan Working Papers in Linguistics* 7, pp. 219-237

VIGÁRIO, Marina (2000) - “Palavra prosódica e composição no Português Europeu”, in Rui Vieira de CASTRO & Pilar BARBOSA (eds.) - *Atas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. 2, Coimbra, APL, pp. 583-602

VIGÁRIO, Marina (2003a) – “Quando meia palavra basta: Apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas”, in Ivo CASTRO & Inês DUARTE (eds.) - *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 415-435

VIGÁRIO, Marina (2003b) - *The Prosodic Word in European Portuguese*, Berlin/ New York, Mouton de Gruyter.

VIGÁRIO, M. (2007) – “O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta”, in M<sup>a</sup> LOBO e M<sup>a</sup> Antónia COUTINHO (eds.) *Textos Seleccionados - XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL/Colibri, pp. 673-688.

VIGÁRIO, Marina; FREITAS, M<sup>a</sup> João; FROTA, Sónia (2006) – “Grammar and Frequency Effects in the Acquisition of Prosodic Words in European Portuguese”, in *Language and Speech*, Vol. 49, No. 2, 175-203, in <http://las.sagepub.com/cgi/content/abstract/49/2/175> (consultado em 07/04/11)

VIGÁRIO, Marina & FROTA, Sónia (2002) - “Prosodic Word deletion in coordinate structures” in *Journal of Portuguese Linguistics*, nº 2, vol. 1, Lisboa, Edições Colibri

VILLALVA, Alina (1998) – “Identidade das estruturas morfológicas”, in *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 18-24 settembre 1995), *Sezione 2: Morfologia e sintassi delle lingue romanze*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp.861-866

VILLALVA, Alina (2000) - *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

VILLALVA, Alina (2003) – “Estrutura morfológica básica”, in MATEUS, Maria Helena Mira et alii (eds.) - *Gramática da Língua Portuguesa*, 7ª Edição revista e ampliada, Lisboa, Caminho

VILLALVA, Alina (2008) - *Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta

VILLALVA, Alina (2009) – “Palavras complexas complicadas”, in *ReVEL*, vol.7, n.12 [www.revel.inf.br.]

VIS, J. (2007) - “The phonological word in Mycenaean”, in Agathopoulou E. et al. (eds.) *Selected Papers on Theoretical and Applied Linguistics*, Thessaloniki, Monochromia publ., pp. 74-81

VITEVITCH, Michael S. and LUCE, Paul A. (1999) – “Probabilistic Phonotactics and Neighborhood Activation in Spoken Word Recognition”, in *Journal of Memory and Language*, n° 40, pp. 374-408 (in <http://www.sciencedirect.com> – consultado em 13/02/10)

VITEVITCH, M.S. & LUCE, P.A. (2004) – “A web-based interface to calculate phonotactic probability for words and nonwords in English”, in *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, n° 36, pp. 481-487

WALKER, Douglas C. (1975) – “Word Stress in French”, in *Language*, Vol. 51, No. 4 (Dec., 1975), pp. 887-900

WEBER, A. (2000a) - “Phonotactic and acoustic cues for word segmentation in English”, in B. YUAN, T. HUANG, & X. TANG (Eds.), *Proceedings of the 6th International Conference on Spoken Language Processing*, Vol. 3, pp. 782-785, Beijing, China

WEBER, A. (2000b) - *The Role of Phonotactics in the segmentation of native and non-native continuous speech*, Nijmegen, MPI for Psycholinguistics in <http://pubman.mpg.de/pubman/item/escidoc:67131:6/component/escidoc:67132/THE%20ROLE%20OF.pdf> (consultado em 06/04/2010)

WETZELS, W. Leo (2006) – “Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter”, in *Journal of Portuguese Linguistics*, v.5, n.2, p. 9-58

WHALEN, C. A. & DELL, S. G. (2006) – “Speaking Outside the Box: Learning of Non-native Phonotactic Constraints in Revealed in Speech Errors”, in R. SUN (Ed.) - *Proceedings of the Cognitive Science Society Meeting* (pp. 2371-2374), Mahwah, NJ, Erlbaum.

WIESE, Richard (1996) - *The phonology of German*, Oxford, Clarendon Press

ZWICKY, Arnold M. (1977) - *On Clitics*, Bloomington, Indiana University Linguistics Club

ZWICKY, Arnold M. and Geoffrey K. PULLUM (1983) – “Cliticization versus inflection: English n't”, in *Language* 59, pp. 502-513

ZWICKY, Arnold M. (1985) – “Clitics and Particles”, *Language* 61, No. 2 (Jun., 1985), pp. 283-305

ZWICKY, Arnold M. (1986) – “Forestress and Afterstress”, in *OSU Working Papers in Linguistics*, in <http://www.stanford.edu/~zwicky/> (consultado em 09/01/2010)

ZWICKY, Arnold M. (1994) - “Whats a clitic?” in JANSE, Mark (1994) *M Clitics: A comprehensive bibliography, 1892-1991*, Amsterdam, John Benjamins

## **ANEXOS**





## **ANEXO A**



## Anexo A1. Tabela de referência

Código	Grupo	Frase	Elementos em análise
A1F6	A1	F6	Tenho <u>um novo</u> passatempo
A1F9	A1	F9	Eu trago <u>o guarda-chuva</u> .
A1F20	A1	F20	Ela comprar-te-á <u>um livro</u> .
A1F23	A1	F23	Não vos contei <u>a história</u> .
A1F24	A1	F24	Li-vos <u>o livrito</u> .
A1F25	A1	F25	Três ladrõezinhos roubaram <u>o carro</u> .
A2F4	A2	F4	Ela deu-me <u>o livro</u> .
A2F11	A2	F11	Pinta com <u>as aguarelas</u> .
A2F15	A2	F15	Arruma rapidamente <u>os brinquedos</u> .
A2F21	A2	F21	Fiz <u>um cafezinho</u> .
BF3	B	F3	A Joana gosta <u>de feijõezinhos</u> .
BF13	B	F13	Fui <u>ao supermercado</u> .
BF14	B	F14	Saí <u>de manhã</u> .
C1F3	C1	F3	<u>A Joana</u> gosta de feijõezinhos.
C1F10	C1	F10	<u>O guarda-noturno</u> está cansado.
C1F18	C1	F18	<u>O professor</u> dá-nos chocolate.
C2F19	C2	F19	<u>A mãezinha</u> chegou.
DF1	D	F1	<u>Eu vou</u> passear.
DF9	D	F9	<u>Eu trago</u> o guarda-chuva.
DF12	D	F12	<u>Ele tem</u> dois cãesinhos.
DF16	D	F16	<u>Ele veio</u> depressa.
DF17	D	F17	<u>Ela tem</u> pressa.
E1F4	E1	F4	Ela <u>deu-me</u> o livro.
E1F18	E1	F18	O professor <u>dá-nos</u> chocolate.
E1F22	E1	F22	<u>Comprei-te</u> amores-perfeitos.
E1F24	E1	F24	<u>Li-vos</u> o livrito.
E2F20	E2	F20	Ela <u>comprar-te-á</u> um livro.
FF5	F	F5	Ele não <u>te deu</u> chocolate.
FF23	F	F23	Não <u>vos contei</u> a história.
GF3	G	F3	A Joana <u>gosta de</u> feijõezinhos.
GF11	G	F11	<u>Pinta com</u> as aguarelas.
GF13	G	F13	<u>Fui ao</u> supermercado.
GF14	G	F14	<u>Saí de</u> manhã.
H1F3	H1	F3	A Joana gosta de feijõe <u>zinhos</u> .
H1F8	H1	F8	Aqueles limõe <u>zinhos</u> estão verdes.
H1F12	H1	F12	Ele tem dois cães <u>inhos</u> .
H1F19	H1	F19	A mãe <u>zinha</u> chegou.
H1F25	H1	F25	Três ladrõe <u>zinhos</u> roubaram o carro.
H2F19	H2	F21	Fiz um cafe <u>zinho</u> .
IF7	I	F7	Telmo comeu rapida <u>mente</u> .
IF15	I	F15	Arruma rapida <u>mente</u> os brinquedos.
JF2	J	F2	Rui, come muitas cenour <u>inhas</u> .
JF24	J	F24	Li-vos o livr <u>ito</u> .
LF6	L	F6	Tenho um novo <u>passatempo</u>
LF9	L	F9	Eu trago o <u>guarda-chuva</u> .
LF10	L	F10	O <u>guarda-noturno</u> está cansado.
LF22	L	F22	Comprei-te <u>amores-perfeitos</u> .
MF13	M	F13	Fui ao <u>super</u> mercado.
NF11	N	F11	Pinta com as <u>aguarelas</u> .

**Anexo A2 - Análise comparativa de resultados referentes aos grupos A1, A2, B, C1 e C2**

Fator (i)	Fator (j)	Média das diferenças (i-j)	Erro Padrão	Valor -p	95% IC para a diferença	
					Limite inferior	Limite superior
A1	A2	,228*	,036	,000	,121	,335
	B	,207*	,040	,000	,088	,325
	C1	,040	,033	1,000	-,057	,137
	C2	,446*	,070	,000	,240	,651
A2	A1	-,228*	,036	,000	-,335	-,121
	B	-,022	,049	1,000	-,167	,123
	C1	-,188*	,046	,002	-,325	-,052
	C2	,217	,077	,072	-,010	,445
B	A1	-,207*	,040	,000	-,325	-,088
	A2	,022	,049	1,000	-,123	,167
	C1	-,167*	,049	,015	-,313	-,021
	C2	,239	,083	,062	-,007	,485
C1	A1	-,040	,033	1,000	-,137	,057
	A2	,188*	,046	,002	,052	,325
	B	,167*	,049	,015	,021	,313
	C2	,406*	,078	,000	,175	,637
C2	A1	-,446*	,070	,000	-,651	-,240
	A2	-,217	,077	,072	-,445	,010
	B	-,239	,083	,062	-,485	,007
	C1	-,406*	,078	,000	-,637	-,175

\* Diferença estatisticamente significativa.

### Anexo A3 - Análise comparativa de resultados referentes aos grupos D, E, F E G

Fator (i)	Fator (j)	Média das diferenças (i-j)	Erro Padrão	Valor -p	95% IC para a diferença	
					Limite inferior	Limite superior
D	E1	-,775*	,041	,000	-,897	-,653
	E2	-,332*	,077	,001	-,560	-,103
	F	-,286*	,059	,000	-,460	-,113
	G	,168*	,036	,000	,061	,275
E1	D	,775*	,041	,000	,653	,897
	E2	,443*	,081	,000	,203	,684
	F	,489*	,049	,000	,342	,635
	G	,943*	,016	,000	,896	,990
E2	D	,332*	,077	,001	,103	,560
	E2	-,443*	,081	,000	-,684	-,203
	F	,045	,095	1,000	-,234	,325
	G	,500*	,076	,000	,274	,726
F	D	,286*	,059	,000	,113	,460
	E1	-,489*	,049	,000	-,635	-,342
	E2	-,045	,095	1,000	-,325	,234
	G	,455*	,045	,000	,320	,589
G	D	-,168*	,036	,000	-,275	-,061
	E1	-,943*	,016	,000	-,990	-,896
	E2	-,500*	,076	,000	-,726	-,274
	F	-,455*	,045	,000	-,589	-,320

\* Diferença estatisticamente significativa.

**Anexo A4 - Análise comparativa de resultados referentes aos grupos H1, H2, I, J, L, M e N**

Fator (i)	Fator (j)	Média das diferenças (i-j)	Erro Padrão	Valor -p	95% IC para a diferença	
					Limite inferior	Limite superior
H1	H2	-,164	,067	,373	-,380	,051
	I	-,176*	,047	,012	-,328	-,023
	J	-,231*	,049	,001	-,390	-,072
	L	-,259*	,041	,000	-,391	-,127
	M	-,253*	,045	,000	-,397	-,109
	N	-,120	,056	,786	-,300	,060
H2	H1	,164	,067	,373	-,051	,380
	I	-,011	,063	1,000	-,213	,191
	J	-,067	,054	1,000	-,241	,108
	L	-,094	,049	1,000	-,253	,064
	M	-,089	,053	1,000	-,261	,083
	N	,044	,078	1,000	-,206	,295
I	H1	,176*	,047	,012	,023	,328
	H2	,011	,063	1,000	-,191	,213
	J	-,056	,040	1,000	-,183	,072
	L	-,083	,033	,306	-,189	,022
	M	-,078	,042	1,000	-,213	,057
	N	,056	,053	1,000	-,116	,227
J	H1	,231*	,049	,001	,072	,390
	H2	,067	,054	1,000	-,108	,241
	I	,056	,040	1,000	-,072	,183
	L	-,028	,024	1,000	-,106	,050
	M	-,022	,032	1,000	-,124	,080
	N	,111	,057	1,000	-,073	,295
L	H1	,259*	,041	,000	,127	,391
	H2	,094	,049	1,000	-,064	,253
	I	,083	,033	,306	-,022	,189
	J	,028	,024	1,000	-,050	,106
	M	,006	,024	1,000	-,073	,084
	N	,139	,052	,217	-,028	,306
M	H1	,253*	,045	,000	,109	,397
	H2	,089	,053	1,000	-,083	,261
	I	,078	,042	1,000	-,057	,213
	J	,022	,032	1,000	-,080	,124
	L	-,006	,024	1,000	-,084	,073
	N	,133	,060	,678	-,061	,328
N	H1	,120	,056	,786	-,060	,300
	H2	-,044	,078	1,000	-,295	,206
	I	-,056	,053	1,000	-,227	,116
	J	-,111	,057	1,000	-,295	,073
	L	-,139	,052	,217	-,306	,028
	M	-,133	,060	,678	-,328	,061

\* Diferença estatisticamente significativa.

**Anexo A5 – Quadro Síntese das segmentações inesperadas.**

<b>PÉ MÉTRICO</b>	
<b>Classificação</b>	<b>Exemplos e Número de ocorrências</b>
<b>Troqueu moraico</b>	ar (2); nou (2); nourinhas (2); jõe (4); mão (2); mãe (5); jõeinhos (4); mãoinhos (1); mãeinhos (2); can (5); fei (2); brin (2); ãote (7); ãovos (10); com (1); drõe (6); drõeinhos (1); preite (1); mer (5); cão (5)
<b>Troque silábico</b>	passa (2); rinha (8); pressa (24); choco (35); late (35); turno (3); sado (5); rela (39); cado (5); dema (2); quedos (2); vrito (2); fézino (5); umca (12)
<b>Iambo</b>	defeijão (1); defei (6); cenou (7); merca (1)
<b>Degenerado</b>	ce (4); li (2); no (3); do (1); de (24); la (7); ca (8); fé (15)

## **ANEXO B**



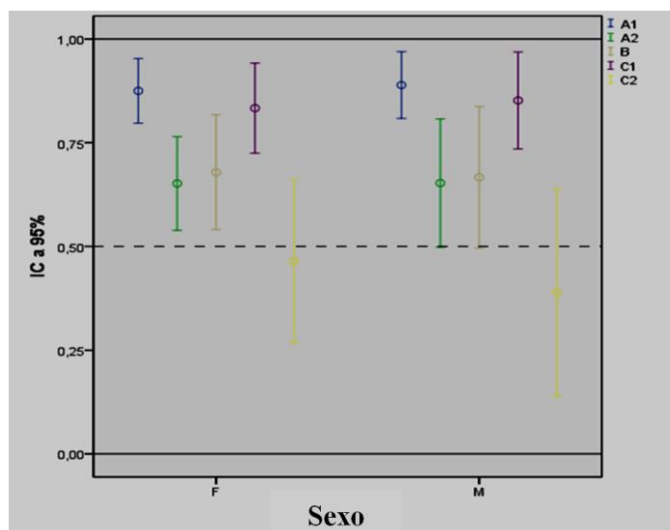


Em todos os grupos em análise (como se verifica pela leitura dos Anexos B1, B4 e B7), os intervalos das duas amostras parecem sobrepor-se, o que indica uma coincidência de respostas entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino.

Após a análise da variância, observamos os valores resultantes da aplicação do teste t para comparar as médias. Os valores produzidos para o fator sexo permitem concluir a existência de evidências estatísticas suficientes para afirmar que a diferença das médias não é significativamente diferente de zero, para um nível de significância de 0,05. Podemos assim concluir que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (feminino e masculino), ou seja, a percepção da associação entre clítico e nome ou adjetivo, nas suas diferentes variáveis, não é influenciada pela variável em análise.

A partir da leitura dos dados podemos salientar que os resultados obtidos para os diferentes grupos em análise mostram que a percepção de um segmento como palavra não depende do sexo dos sujeitos deste estudo.

**Anexo B1 – Intervalos de Confiança para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por *sexo***



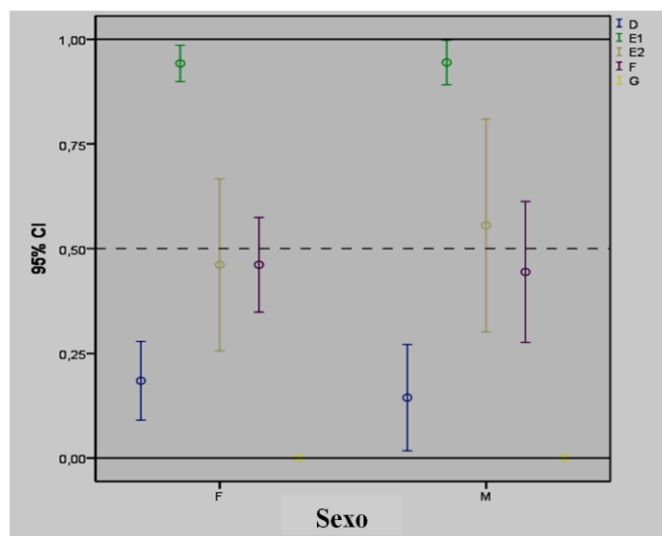
**Anexo B2 – Medidas descritivas para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por *sexo***

Sexo	N	Média	Desvio padrão	Média de erro padrão
A1 F	28	,8750	,20095	,03798
A1 M	18	,8889	,16169	,03811
A2 F	28	,6518	,29138	,05507
A2 M	18	,6528	,31082	,07326
B F	28	,6786	,35697	,06746
B M	18	,6667	,34300	,08085
C1 F	28	,8333	,27962	,05284
C1 M	18	,8519	,23493	,05537
C2 F	28	,4643	,50787	,09598
C2 M	18	,3889	,50163	,11824

### Anexo B3 – Análise do fator *sexo* para os grupos A1, A2, B, C1 e C2

		Teste de Levene		Teste t						
		Valor do teste	Valor -p	Valor do teste t	df	Valor -p sig.	Média das diferenças	Erro padrão das diferenças	95% IC para a diferença	
									Limite inferior	Limite superior
A1	Variâncias homogêneas	,038	,846	-,246	44	,807	-,01389	,05642	-,12760	,09982
	Variâncias não homogêneas			-,258	41,660	,798	-,01389	,05380	-,12249	,09471
A2	Variâncias homogêneas	,043	,836	-,011	44	,991	-,00099	,09034	-,18307	,18108
	Variâncias não homogêneas			-,011	34,668	,991	-,00099	,09165	-,18711	,18513
B	Variâncias homogêneas	1,393	,244	,112	44	,911	,01190	,10623	-,20219	,22600
	Variâncias não homogêneas			,113	37,476	,911	,01190	,10529	-,20135	,22516
C1	Variâncias homogêneas	,433	,514	-,233	44	,817	-,01852	,07953	-,17881	,14177
	Variâncias não homogêneas			-,242	40,772	,810	-,01852	,07654	-,17313	,13609
C2	Variâncias homogêneas	,958	,333	,494	44	,624	,07540	,15271	-,23236	,38316
	Variâncias não homogêneas			,495	36,741	,623	,07540	,15229	-,23324	,38404

#### Anexo B4 – Intervalos de Confiança para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por *sexo*



#### Anexo B5 – Medidas descritivas para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por *sexo*

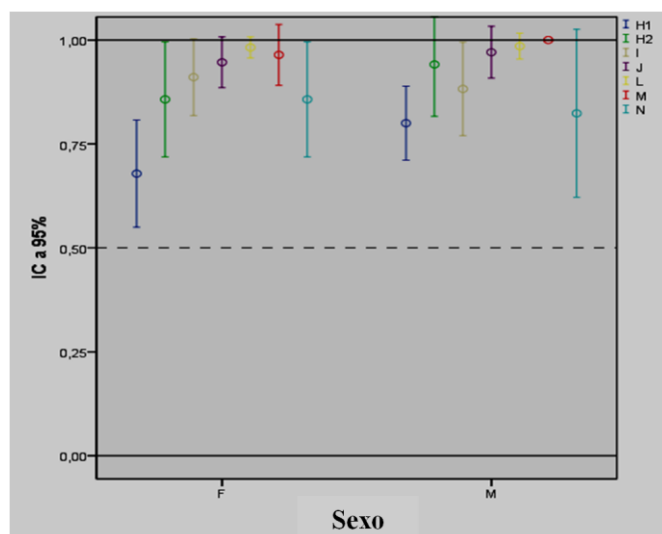
Sexo	N	Média	Desvio padrão	Média de erro padrão
D F	28	,1714	,22910	,04330
D M	18	,1444	,25489	,06008
E1 F	28	,9464	,10446	,01974
E1 M	18	,9444	,10695	,02521
E2 F	26	,4615	,50839	,09970
E2 M	18	,5556	,51131	,12052
F F	28	,4643	,30211	,05709
F M	18	,4444	,33820	,07971
G F	28	,0000	,00000 <sup>a</sup>	,00000
G M	18	,0000	,00000 <sup>a</sup>	,00000

a. o valor de t não pode ser definido por o desvio padrão dos dois grupos ser 0.

## Anexo B6 – Análise do fator *sexo* para os grupos D, E1, E2, F e G

		Teste de Levene		Teste t						
		Valor do teste	Valor -p	Valor do teste t	df	Valor -p sig.	Média das diferenças	Erro padrão das diferenças	95% IC para a diferença	
									Limite inferior	Limite superior
D	Variâncias homogêneas	,024	,877	,373	44	,711	,02698	,07232	-,11877	,17274
	Variâncias não homogêneas			,364	33,546	,718	,02698	,07405	-,12358	,17755
E1	Variâncias homogêneas	,015	,902	,062	44	,951	,00198	,03185	-,06221	,06618
	Variâncias não homogêneas			,062	35,775	,951	,00198	,03202	-,06297	,06693
E2	Variâncias homogêneas	,050	,825	-,602	42	,551	-,09402	,15625	-,40934	,22130
	Variâncias não homogêneas			-,601	36,581	,551	-,09402	,15641	-,41106	,22303
F	Variâncias homogêneas	,503	,482	,207	44	,837	,01984	,09563	-,17289	,21257
	Variâncias não homogêneas			,202	33,383	,841	,01984	,09805	-,17956	,21924

**Anexo B7 – Intervalos de Confiança para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por *sexo***



**Anexo B8 – Medidas descritivas para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por *sexo***

Sexo	N	Média	Desvio padrão	Média de erro padrão
H1 F	28	,6786	,33262	,06286
H1 M	18	,8000	,16803	,03961
H2 F	28	,8571	,35635	,06734
H2 M	17	,9412	,24254	,05882
I F	28	,9107	,23780	,04494
I M	18	,8889	,21390	,05042
J F	28	,9464	,15749	,02976
J M	18	,9444	,16169	,03811
L F	28	,9821	,06557	,01239
L M	18	,9861	,05893	,01389
M F	28	,9643	,18898	,03571
M M	18	1,0000	,00000	,00000
N F	28	,8571	,35635	,06734
N M	18	,8333	,38348	,09039

## Anexo B9 – Análise do fator *sexo* para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N

		Teste de Levene		Teste t						
		Valor do teste	Valor -p	Valor do teste t	df	Valor -p sig.	Média das diferenças	Erro padrão das diferenças	95% IC para a diferença	
									Limite inferior	Limite inferior
H1	Variâncias homogêneas	17,489	,000	-1,432	44	,159	-,12143	,08481	-,29234	,04949
	Variâncias não homogêneas			-1,634	42,144	,110	-,12143	,07430	-,27135	,02849
H2	Variâncias homogêneas	3,299	,076	-,857	43	,396	-,08403	,09802	-,28170	,11363
	Variâncias não homogêneas			-,940	42,333	,353	-,08403	,08942	-,26444	,09637
I	Variâncias homogêneas	,170	,682	,316	44	,754	,02183	,06914	-,11752	,16117
	Variâncias não homogêneas			,323	39,175	,748	,02183	,06754	-,11476	,15841
J	Variâncias homogêneas	,007	,935	,041	44	,967	,00198	,04807	-,09490	,09887
	Variâncias não homogêneas			,041	35,698	,967	,00198	,04835	-,09611	,10008
L	Variâncias homogêneas	,175	,677	-,208	44	,836	-,00397	,01906	-,04238	,03444
	Variâncias não homogêneas			-,213	39,197	,832	-,00397	,01861	-,04161	,03367
M	Variâncias homogêneas	2,751	,104	-,799	44	,429	-,03571	,04472	-,12585	,05442
	Variâncias não homogêneas			-1,000	27,000	,326	-,03571	,03571	-,10899	,03757
N	Variâncias homogêneas	,182	,672	,215	44	,831	,02381	,11090	-,19968	,24730
	Variâncias não homogêneas			,211	34,432	,834	,02381	,11272	-,20515	,25277





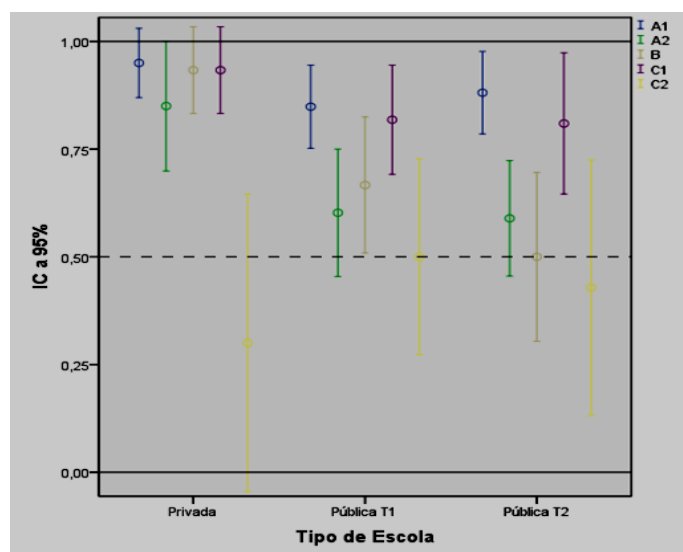
## **ANEXO C**



Em todos os grupos em análise (como se verifica pela leitura dos Anexos C1, C5 e C9), os intervalos das três amostras parecem sobrepor-se na maioria dos grupos. Constituem exceção o grupo B e o grupo N, nos quais se registam diferenças estatisticamente significativas entre o tipo de escola privada e a pública T2.

Nos restantes grupos, a análise estatística não revelou diferenças de percepção dependentes da variável *tipo de escola*.

**Anexo C1 – Intervalos de Confiança para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por *tipo de escola***



**Anexo C2 – Teste para a homogeneidade da variância**

	Teste de Levene	df1	df2	Valor -p
A1	1,201	2	43	,311
A2	3,987	2	43	,026
B	5,719	2	43	,006
C1	3,546	2	43	,038
C2	2,443	2	43	,099

**Anexo C3 – Medidas descritivas para os grupos A1, A2, B, C1 e C2, distribuídos por tipo de escola**

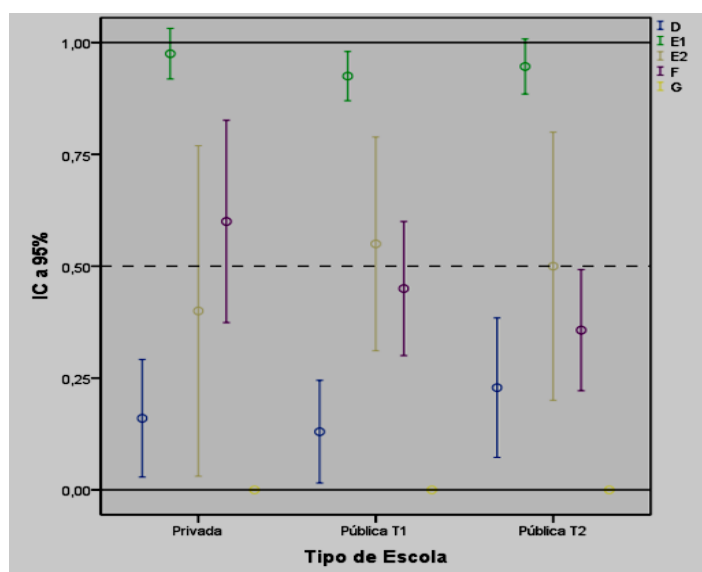
		N	Média	Desvio padrão	Erro padrão	95% IC para a Média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
A1	Privada	10	,9500	,11249	,03557	,8695	1,0305	,67	1,00
	Pública T1	22	,8485	,21767	,04641	,7520	,9450	,17	1,00
	Pública T2	14	,8810	,16575	,04430	,7853	,9767	,50	1,00
	Total	46	,8804	,18480	,02725	,8256	,9353	,17	1,00
A2	Privada	10	,8500	,21082	,06667	,6992	1,0008	,50	1,00
	Pública T1	22	,6023	,33327	,07105	,4545	,7500	,00	1,00
	Pública T2	14	,5893	,23220	,06206	,4552	,7234	,25	1,00
	Total	46	,6522	,29570	,04360	,5644	,7400	,00	1,00
B	Privada	10	,9333	,14055	,04444	,8328	1,0339	,67	1,00
	Pública T1	22	,6667	,35635	,07597	,5087	,8247	,00	1,00
	Pública T2	14	,5000	,33968	,09078	,3039	,6961	,00	1,00
	Total	46	,6739	,34776	,05127	,5706	,7772	,00	1,00
C1	Privada	10	,9333	,14055	,04444	,8328	1,0339	,67	1,00
	Pública T1	22	,8182	,28595	,06097	,6914	,9450	,00	1,00
	Pública T2	14	,8095	,28388	,07587	,6456	,9734	,33	1,00
	Total	46	,8406	,26048	,03841	,7632	,9179	,00	1,00
C2	Privada	10	,3000	,48305	,15275	-,0456	,6456	,00	1,00
	Pública T1	22	,5000	,51177	,10911	,2731	,7269	,00	1,00
	Pública T2	14	,4286	,51355	,13725	,1321	,7251	,00	1,00
	Total	46	,4348	,50121	,07390	,2859	,5836	,00	1,00

# **Anexo C4 – Análise do fator *tipo de escola* para os grupos A1, A2, B, C1 e C2**

Variável dependente	(I) Tipo de Escola	(J) Tipo de Escola	Média da diferença (I-J)	Erro padrão	Valor p	95% IC para a diferença	
						Limite inferior	Limite superior
A1	Privada	Pública T1	,10152	,07042	,470	-,0739	,2769
		Pública T2	,06905	,07645	1,000	-,1214	,2595
	Pública T1	Privada	-,10152	,07042	,470	-,2769	,0739
		Pública T2	-,03247	,06313	1,000	-,1897	,1248
	Pública T2	Privada	-,06905	,07645	1,000	-,2595	,1214
		Pública T1	,03247	,06313	1,000	-,1248	,1897
A2	Privada	Pública T1	,24773	,10777	,079	-,0207	,5162
		Pública T2	,26071	,11699	,093	-,0307	,5522
	Pública T1	Privada	-,24773	,10777	,079	-,5162	,0207
		Pública T2	,01299	,09660	1,000	-,2277	,2537
	Pública T2	Privada	-,26071	,11699	,093	-,5522	,0307
		Pública T1	-,01299	,09660	1,000	-,2537	,2277
B	Privada	Pública T1	,26667	,12123	,100	-,0353	,5687
		Pública T2	,43333	,13161	,006	,1055	,7612
	Pública T1	Privada	-,26667	,12123	,100	-,5687	,0353
		Pública T2	,16667	,10867	,397	-,1041	,4374
	Pública T2	Privada	-,43333	,13161	,006	-,7612	-,1055
		Pública T1	-,16667	,10867	,397	-,4374	,1041
C1	Privada	Pública T1	,11515	,09977	,764	-,1334	,3637
		Pública T2	,12381	,10831	,778	-,1460	,3936
	Pública T1	Privada	-,11515	,09977	,764	-,3637	,1334
		Pública T2	,00866	,08943	1,000	-,2141	,2315
	Pública T2	Privada	-,12381	,10831	,778	-,3936	,1460
		Pública T1	-,00866	,08943	1,000	-,2315	,2141
C2	Privada	Pública T1	-,20000	,19315	,919	-,6812	,2812
		Pública T2	-,12857	,20968	1,000	-,6510	,3938
	Pública T1	Privada	,20000	,19315	,919	-,2812	,6812
		Pública T2	,07143	,17314	1,000	-,3599	,5028
	Pública T2	Privada	,12857	,20968	1,000	-,3938	,6510
		Pública T1	-,07143	,17314	1,000	-,5028	,3599

\*. A média das diferenças tem um nível de significância de 0,05.

**Anexo C5 – Intervalos de Confiança para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por *tipo de escola***



**Anexo C6 – Teste para a homogeneidade da variância**

	Teste de Levene	df1	df2	Valor -p
D	,573	2	43	,568
E1	3,094	2	43	,056
E2	,346	2	41	,710
F	,236	2	43	,791
G	.	2	.	.



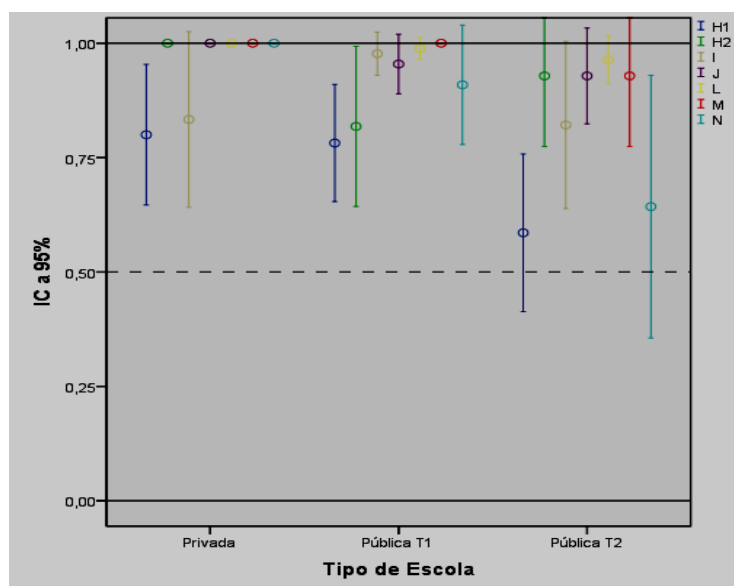
**Anexo C7 – Medidas descritivas para os grupos D, E1, E2, F e G, distribuídos por tipo de escola**

		N	Média	Desvio padrão	Erro padrão	95% IC para a Média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
D	Privada	10	,1600	,18379	,05812	,0285	,2915	,00	,40
	Pública T1	22	,1182	,23631	,05038	,0134	,2230	,00	1,00
	Pública T2	14	,2286	,27012	,07219	,0726	,3845	,00	,80
	Total	46	,1609	,23709	,03496	,0905	,2313	,00	1,00
E1	Privada	10	,9750	,07906	,02500	,9184	1,0316	,75	1,00
	Pública T1	22	,9318	,11396	,02430	,8813	,9823	,75	1,00
	Pública T2	14	,9464	,10645	,02845	,8850	1,0079	,75	1,00
	Total	46	,9457	,10426	,01537	,9147	,9766	,75	1,00
E2	Privada	10	,4000	,51640	,16330	,0306	,7694	,00	1,00
	Pública T1	20	,5500	,51042	,11413	,3111	,7889	,00	1,00
	Pública T2	14	,5000	,51887	,13868	,2004	,7996	,00	1,00
	Total	44	,5000	,50578	,07625	,3462	,6538	,00	1,00
F	Privada	10	,6000	,31623	,10000	,3738	,8262	,00	1,00
	Pública T1	22	,4545	,34188	,07289	,3030	,6061	,00	1,00
	Pública T2	14	,3571	,23440	,06265	,2218	,4925	,00	,50
	Total	46	,4565	,31316	,04617	,3635	,5495	,00	1,00
G	Privada	10	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00
	Pública T1	22	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00
	Pública T2	14	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00
	Total	46	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00

**Anexo C8 – Análise do fator *tipo de escola* para os grupos D, E1, E2, F**

		N	Média	Desvio padrão	Erro padrão	95% IC para a Média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
D	Privada	10	,1600	,18379	,05812	,0285	,2915	,00	,40
	Pública T1	22	,1182	,23631	,05038	,0134	,2230	,00	1,00
	Pública T2	14	,2286	,27012	,07219	,0726	,3845	,00	,80
	Total	46	,1609	,23709	,03496	,0905	,2313	,00	1,00
E1	Privada	10	,9750	,07906	,02500	,9184	1,0316	,75	1,00
	Pública T1	22	,9318	,11396	,02430	,8813	,9823	,75	1,00
	Pública T2	14	,9464	,10645	,02845	,8850	1,0079	,75	1,00
	Total	46	,9457	,10426	,01537	,9147	,9766	,75	1,00
E2	Privada	10	,4000	,51640	,16330	,0306	,7694	,00	1,00
	Pública T1	20	,5500	,51042	,11413	,3111	,7889	,00	1,00
	Pública T2	14	,5000	,51887	,13868	,2004	,7996	,00	1,00
	Total	44	,5000	,50578	,07625	,3462	,6538	,00	1,00
F	Privada	10	,6000	,31623	,10000	,3738	,8262	,00	1,00
	Pública T1	22	,4545	,34188	,07289	,3030	,6061	,00	1,00
	Pública T2	14	,3571	,23440	,06265	,2218	,4925	,00	,50
	Total	46	,4565	,31316	,04617	,3635	,5495	,00	1,00
G	Privada	10	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00
	Pública T1	22	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00
	Pública T2	14	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00
	Total	46	,0000	,00000	,00000	,0000	,0000	,00	,00

**Anexo C9 – Intervalos de Confiança para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por *tipo de escola***



**Anexo C10 – Teste para a homogeneidade da variância**

	Teste Levene	df1	df2	Valor -p
H1	1,589	2	43	,216
H2	6,536	2	42	,003
I	14,012	2	43	,000
J	,454	2	43	,638
L	4,988	2	43	,011
M	5,401	2	43	,008
N	19,628	2	43	,000

**Anexo C11 – Medidas descritivas para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N, distribuídos por *tipo de escola***

		N	Média	Desvio padrão	Erro padrão	95% IC para a Média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
H1	Privada	10	,8000	,18856	,05963	,6651	,9349	,40	1,00
	Pública T1	22	,7818	,28890	,06159	,6537	,9099	,00	1,00
	Pública T2	14	,5857	,29835	,07974	,4135	,7580	,00	1,00
	Total	46	,7261	,28397	,04187	,6418	,8104	,00	1,00
H2	Privada	9	1,0000	,00000	,00000	1,0000	1,0000	1,00	1,00
	Pública T1	22	,8182	,39477	,08417	,6432	,9932	,00	1,00
	Pública T2	14	,9286	,26726	,07143	,7743	1,0829	,00	1,00
	Total	45	,8889	,31782	,04738	,7934	,9844	,00	1,00
I	Privada	10	,8500	,24152	,07638	,6772	1,0228	,50	1,00
	Pública T1	22	,9773	,10660	,02273	,9300	1,0245	,50	1,00
	Pública T2	14	,8214	,31666	,08463	,6386	1,0043	,00	1,00
	Total	46	,9022	,22656	,03340	,8349	,9695	,00	1,00
J	Privada	10	,9500	,15811	,05000	,8369	1,0631	,50	1,00
	Pública T1	22	,9545	,14712	,03137	,8893	1,0198	,50	1,00
	Pública T2	14	,9286	,18157	,04853	,8237	1,0334	,50	1,00
	Total	46	,9457	,15735	,02320	,8989	,9924	,50	1,00
L	Privada	10	1,0000	,00000	,00000	1,0000	1,0000	1,00	1,00
	Pública T1	22	,9886	,05330	,01136	,9650	1,0123	,75	1,00
	Pública T2	14	,9643	,09078	,02426	,9119	1,0167	,75	1,00
	Total	46	,9837	,06241	,00920	,9652	1,0022	,75	1,00
M	Privada	10	1,0000	,00000	,00000	1,0000	1,0000	1,00	1,00
	Pública T1	22	1,0000	,00000	,00000	1,0000	1,0000	1,00	1,00
	Pública T2	14	,9286	,26726	,07143	,7743	1,0829	,00	1,00
	Total	46	,9783	,14744	,02174	,9345	1,0220	,00	1,00
N	Privada	10	1,0000	,00000	,00000	1,0000	1,0000	1,00	1,00
	Pública T1	22	,9091	,29424	,06273	,7786	1,0396	,00	1,00
	Pública T2	14	,6429	,49725	,13289	,3558	,9300	,00	1,00
	Total	46	,8478	,36316	,05354	,7400	,9557	,00	1,00

## Anexo C12 – Análise do fator *tipo de escola* para os grupos H1, H2, I, J, L, M e N

Variável Dependente	(I) Tipo de Escola	(J) Tipo de Escola	Média da diferença (I-J)	Erro padrão	Valor p	95% IC para a diferença	
						Limite inferior	Limite superior
H1	Privada	Pública T1	,01818	,10453	1,000	-,2422	,2786
		Pública T2	,21429	,11347	,197	-,0684	,4970
	Pública T1	Privada	-,01818	,10453	1,000	-,2786	,2422
		Pública T2	,19610	,09370	,127	-,0373	,4295
	Pública T2	Privada	-,21429	,11347	,197	-,4970	,0684
		Pública T1	-,19610	,09370	,127	-,4295	,0373
H2	Privada	Pública T1	,18182	,12515	,461	-,1303	,4939
		Pública T2	,07143	,13513	1,000	-,2655	,4084
	Pública T1	Privada	-,18182	,12515	,461	-,4939	,1303
		Pública T2	-,11039	,10813	,939	-,3800	,1592
	Pública T2	Privada	-,07143	,13513	1,000	-,4084	,2655
		Pública T1	,11039	,10813	,939	-,1592	,3800
I	Privada	Pública T1	-,12727	,08362	,406	-,3356	,0811
		Pública T2	,02857	,09078	1,000	-,1976	,2547
	Pública T1	Privada	,12727	,08362	,406	-,0811	,3356
		Pública T2	,15584	,07496	,131	-,0309	,3426
	Pública T2	Privada	-,02857	,09078	1,000	-,2547	,1976
		Pública T1	-,15584	,07496	,131	-,3426	,0309
J	Privada	Pública T1	-,00455	,06122	1,000	-,1571	,1480
		Pública T2	,02143	,06647	1,000	-,1442	,1870
	Pública T1	Privada	,00455	,06122	1,000	-,1480	,1571
		Pública T2	,02597	,05488	1,000	-,1108	,1627
	Pública T2	Privada	-,02143	,06647	1,000	-,1870	,1442
		Pública T1	-,02597	,05488	1,000	-,1627	,1108
L	Privada	Pública T1	,01136	,02375	1,000	-,0478	,0705
		Pública T2	,03571	,02579	,520	-,0285	,1000
	Pública T1	Privada	-,01136	,02375	1,000	-,0705	,0478
		Pública T2	,02435	,02129	,777	-,0287	,0774
	Pública T2	Privada	-,03571	,02579	,520	-,1000	,0285
		Pública T1	-,02435	,02129	,777	-,0774	,0287
M	Privada	Pública T1	,00000	,05605	1,000	-,1396	,1396
		Pública T2	,07143	,06084	,741	-,0801	,2230
	Pública T1	Privada	,00000	,05605	1,000	-,1396	,1396
		Pública T2	,07143	,05024	,487	-,0537	,1966
	Pública T2	Privada	-,07143	,06084	,741	-,2230	,0801
		Pública T1	-,07143	,05024	,487	-,1966	,0537
N	Privada	Pública T1	,09091	,13047	1,000	-,2341	,4160
		Pública T2	,35714*	,14164	,046	,0043	,7100
	Pública T1	Privada	-,09091	,13047	1,000	-,4160	,2341
		Pública T2	,26623	,11696	,084	-,0251	,5576
	Pública T2	Privada	-,35714*	,14164	,046	-,7100	-,0043
		Pública T1	-,26623	,11696	,084	-,5576	,0251

\* A média das diferenças tem um nível de significância de 0,05.

